

JEANINE CUMMINS

AUTORA *BESTSELLER* DE
TERRA AMERICANA

**UM
GOLPE
NO
CÉU**

**A HISTÓRIA REAL
DE UM CRIME**

Nunca nos ocorre que aqueles que amamos
possam ser alvo de um crime violento
— até isso acontecer.

ASA



Jeanine Cummins

UM GOLPE NO CÉU
A história real de um crime

Tradução
Luís Rodrigues dos Santos

Ficha Técnica

Título: Um Golpe no Céu
Título original: A Rip In Heaven
Autor: Jeanine Cummins
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Luís Rodrigues dos Santos
Revisão: Catarina Sacramento
ISBN: 9789892358734

Edições ASA II, S.A.
uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide - Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2004, Jeanine Cummins
© 2023, Edições ASA II, S.A.

Reservados todos os direitos incluindo o direito de reprodução total ou parcial sob qualquer forma.

Edição publicada por acordo com Berkley, uma chancela de The Penguin Publishing Group,
uma divisão da Penguin Random House LLC.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

www.leya.pt

Índice

CAPA

FICHA TÉCNICA

NOTA DA AUTORA

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

EXTRATEXTO

Para a Robin: minha amiga verdadeira, meu sangue,
aquela que me faz rir.
E para a Julie: meu sol, fonte de admiração, aquela que
desperta a minha alma.

Que Deus nos dê a força e a sabedoria
para, na narração, fazer uma nesga de justiça às vossas
vidas.

Amamos-vos sempre e sentimos a vossa falta todos os
dias.
Beijos e Revolução.

NOTA DA AUTORA

Esta é uma obra de não-ficção. Os meu material de pesquisa incluiu documentos judiciais, arquivos da polícia e meios de comunicação electrónicos e impressos, bem como entrevistas que fiz a pessoas que aparecem neste livro. Além disso, porque faço parte da história, usei as minhas memórias pessoais de certos acontecimentos.

Decidi escrever o livro do ponto de vista de uma terceira pessoa onnisciente, para que os leitores pudessem adquirir um conhecimento íntimo de cada faceta da história. Alguma suposição foi necessária ao escrever os diálogos, embora as interações sejam todas baseadas em conversas reais e contenham muitas citações diretas.

Certos familiares pediram para ser omitidos do livro por motivos pessoais, e eu respeitei esses pedidos. Tirando estas alterações, esforcei-me por manter a integridade factual e essencial tanto das pessoas como dos acontecimentos aqui relatados.

*O rio geme e suspira
Engole as minhas memórias
E cospe correntes de arrependimento
Para afogar nadadores descuidados
Sob o escudo da cebola
Ele derrama lágrimas sem sal
Uivando à lua
A ponte há muito que desabou
E agora o rio gaba-se do seu perigo
Com medo de me afogar
Eu já não atravesso para te encontrar
Fico parada em margens lamacentas a acenar
Mas não te vejo claramente
Os meus sonhos levam-me
Para as pedras e a corrente fria
E eu perdi-me
No rumor lamentoso da água
Que me embala e adormece.
Julie Kerry*

PRÓLOGO

Em 1991, eu era uma estudante do secundário com dezasseis anos a viver nos arredores da capital do país e julgava-me invencível. Julgava-me dura. Washington, D.C., era a capital do homicídio dos Estados Unidos. Aproximadamente uma em cada mil e duzentas pessoas a viver ali naquele ano foi assassinada. O nosso *mayor* estava preso depois de ele e uma prostituta serem apanhados em vídeo a fumar *crack* no quarto de um motel. Mas por trás desta cortina de corrupção, D.C. era uma cidade reluzente, caiada de branco, cujas ruas estavam repletas de museus mundialmente famosos, edifícios governamentais e autocarros cheios de turistas com *T-shirts* a condizer e discos Kodak. Esta cidade que era o meu lar florescia perante o escândalo, retirava o seu fôlego do caos.

Portanto, quando os meus pais enfiaram o meu irmão, a minha irmã e eu na carrinha da família e nos levaram para o Missouri para passar as férias da Páscoa, nós trouxemos as nossas atitudes da Costa Leste e a nossa dureza citadina, completamente imaginada, connosco. Durante dois dias, viajámos por soalheiros campos de milho americanos para ir de Maryland a St. Louis, e estávamos convencidos de que íamos morrer de uma espécie de tédio típica do Midwest ainda antes de cruzarmos o Mississípi.

A crua verdade que estávamos prestes a aprender era que, de facto, não éramos de todo miúdos duros. Na realidade, éramos adolescentes suburbanos relativamente protegidos, confortavelmente angustiados, e não fazíamos

ideia do que era ser «duro». Vivíamos no início dos anos noventa, numa altura em que a violência juvenil ainda tinha a capacidade de chocar. Mesmo na capital do homicídio do país, não havia nada que parecesse banal na violência, nada normal nos detetores de metal que começaram a instalar nas nossas escolas num esforço para reprimir essa violência. Ainda estávamos a vários anos de distância de Columbine e do tipo de terror que uma tragédia *daquela* magnitude pode inspirar.

Enquanto a minha família levava a nossa carrinha azul para oeste atravessando o coração da América, nós imaginávamos que estávamos a deixar os perigos urbanos para trás, no Leste. Nunca sonhámos com o tipo de brutalidade que estávamos prestes a encontrar, o tipo de tragédia que destruiria as nossas vidas numa única noite. D.C. não nos preparara para nada. Nada nos poderia ter preparado para isto.

O meu nome é Jeanine Cummins, mas chamam-me Tink desde o dia em que nasci, portanto é esse o nome que aparecerá nas páginas seguintes. Este livro é a história verdadeira de um crime violento. E é a história da minha família. Pela sua natureza, é ao mesmo tempo um livro de *true crime* e um livro de memórias. Passei inúmeras horas a pesquisar os factos, as provas, as transcrições, os documentos judiciais, a cobertura mediática e os testemunhos que compõem a biblioteca de dados deste caso. E fiz todos os esforços possíveis para ser justa no meu retrato destes factos. Mas não tenho, de modo algum, a pretensão de ser imparcial. Esta é a minha *família*. Há vozes de vítimas nesta história que foram ignoradas e ofuscadas por vozes mais altas, mais sensacionais, há mais de uma década. Agora é a nossa vez.

A Julie e a Robin Kerry são minhas primas. O Tom Cummins é meu irmão. Esta é a história *deles*.

CAPÍTULO 1

A frágil mesa de jogo estava tão cheia de pratos e cotovelos que Tom Cummins quase tinha medo de levar o garfo à boca para comer, medo de que mesmo o seu mais leve movimento pudesse ameaçar destruir a cena cuidadosamente disposta. À sua direita, estava sentada a delicada figura da sua prima Julie Kerry, que devorava o seu prato fumegante de frango salteado sem um único pensamento acerca da robustez da mesa trémula. À sua esquerda, as suas duas irmãs mais novas, Tink e Kathy, partilhavam o banco de órgão do avô e davam repetidamente chutos uma à outra por baixo da mesa, numa luta pelo precioso espaço para os joelhos. Ao lado delas, Robin, irmã de Julie, parecia diminuída numa grande poltrona reclinável de veludo azul, e Jamie, a irmã mais nova delas, estava empoleirada como uma ave no braço da poltrona. As cinco raparigas atacavam os seus pratos com um vigor que ameaçava a pequena e instável mesa a cada garfada, mas apenas Tom parecia preocupado.

Havia espaço que chegasse na mesa da sala de jantar para um par deles ter comido ao pé dos adultos, mas ninguém queria perder a diversão na mesa das crianças. Portanto, sacrificaram espaço de manobra e amontoaram-se juntos. Os seis primos estavam estranhamente calados, talvez por causa da boa comida que comiam, ou devido à presença inibidora de pais e avós na sala contígua. O mais provável, porém, era que as suas seis cabeças estivessem a partilhar uma leve e tácita melancolia com a ideia da

sua iminente separação. Todos sabiam que dentro de doze horas, os irmãos Cummins estariam amontoados na carrinha dos pais e a viajar para leste, de regresso a Washington, D.C., deixando St. Louis e as primas Kerry para trás.

Jamie, de nove anos, tinha acabado de comer o frango todo do seu salteado e empurrava indolentemente de um lado para o outro ervilhas-de-quebrar e brócolos com o garfo. Olhava para o prato de Robin e esperava pacientemente. Quando Robin acabou de engolir sofregamente todos os seus legumes, trocou o seu prato cheio de frango pelos legumes de Jamie e as duas irmãs continuaram a comer. Tink e Kathy reprimiram uma risada perante este movimento. A troca de legumes e carne de Jamie e Robin ainda não perdera a novidade para elas. Era o género de comportamento que os seus rígidos pais nunca teriam permitido, e como tal, tinha aquela aura de proibição a que os adolescentes parecem achar tanta piada.

Robin, de dezanove anos, era uma vegetariana rigorosa; Jamie detestava legumes. Assim, as irmãs tinham criado este sistema infalível que nunca levantara qualquer desaprovação naquela casa inteiramente feminina – Ginna, a mãe delas, sempre encorajara as filhas a abraçarem os seus ideais individuais. Mas para Tink e Kathy, que foram criadas num lar onde o livre-pensamento e o questionamento da autoridade *não* eram hábitos ativamente cultivados, a troca de comida não podia ser mais estranha. De facto, Tink e Kathy achavam quase tudo o que dizia respeito às primas um pouco exótico. As irmãs Kerry eram o tipo de pessoas que os filhos dos Cummins *gostariam* de ser.

Tink, de dezasseis anos, idolatrava Julie, de vinte, pela sua poesia e a sua paixão. O facto de Julie ser uma brilhante jogadora de futebol só aumentava a devoção de Tink por ela; era atacante – a mesma posição em que Tink

jogava. E Kathy, que tinha quase quinze anos, idolatrava da mesma forma Robin. Kathy até experimentara ser vegetariana durante cerca de um ano, mas Tink e Tom tinham-na gozado impiedosamente, e Kay, a sua mãe, tinha explicado que, pelo menos enquanto fosse ela a preparar o jantar, Kathy teria de comer o que ela cozinhasse – e ponto final. Então Kathy obedeceu com inquietude, mas admirava a prima mais velha pela sua independência e determinação.

Tom era o único elemento masculino do grupinho, e Julie era a sua melhor amiga. Era um facto de que ele se orgulhava, porque Julie era fixe de uma forma que Tom sempre quisera ser. Ela fazia-o rir, alimentava a sua autoestima e inspirava-o. Tom era uma pessoa prática, quase pessimista por natureza. Julie ensinara-o a sonhar, a acalentar as suas ambições. Mas ele não *sabia* nada disto conscientemente; apenas gostava de como se sentia junto dela. Ela criava diversão aonde quer que fosse. Portanto, Tom e Julie eram confidentes com um laço tão forte que transbordava para as irmãs deles. Fazia com que os seis sentissem que faziam parte de uma sociedade clandestina e impenetrável. Era compreensível que o seu último jantar juntos fosse levemente sombrio e taciturno.

Depois de os seis pratos de frango salteado serem esvaziados, passados por água e arrumados no lava-louça, os seis primos retiraram-se para a sala de jogos na cave enquanto os adultos tomavam café e conversavam. Lá em baixo, na cave bafienta, Simon and Garfunkel era a música de eleição e *gin rummy* o jogo. A mesa de jogo, coberta de pano verde, estava tão cheia como a mesa de jantar deles estivera minutos antes. Mas, mais uma vez, ninguém parecia importar-se. Tink assumira o papel de *croupier*, incluindo uma viseira verde e um charuto de *pretzel* – e a parada era alta: fichas de plástico e a oportunidade de se gabarem. Finalmente, Ginna gritou do cimo das escadas dizendo que ia para casa e pediu a Julie que não deixasse

Jamie ficar acordada até muito tarde. Os jogos continuaram, e Tink rabiscou o seu nome no braço de Tom em letras maiúsculas quando devia estar a contar os pontos. Normalmente, Tom ter-lhe-ia sacudido a esferográfica da mão por estar a riscá-lo, mas naquele momento isto parecia condizer, de certo modo, com a atmosfera da tarde. Ele riu-se dela e afastou-a com um encolher de ombros quando ela tentava acrescentar um floreado ao K. Volvida cerca de uma hora, Jamie começou a ficar aborrecida, Tom cansou-se de perder e Robin estava, de qualquer modo, a ressacar de nicotina, por isso o grupo tomou a decisão coletiva de passar a festa para o jardim da frente.

Era hora do crepúsculo em Fair Acres Road. Tink e Kathy chutavam descalças uma bola de futebol na relva orvalhada enquanto os outros lutavam entre si às cavalitas uns dos outros – Julie às costas de Tom e Jamie às de Robin. A alguns metros dali, o Chevy Chevette de Julie, em tempos azul, estava estacionado no caminho de acesso, uma mancha ferrugenta na paisagem suburbana. Tinha a traseira completamente coberta de autocolantes, um dos quais proclamava: O RONALD REAGAN É UMA LÉSBICA. Gene, o pai dos Cummins, não o achava especialmente divertido.

Os seis companheiros riam e brincavam na penumbra com um abandono que os adolescentes raramente sentem à-vontade para exhibir. Como acontecia muitas vezes, Jamie, de nove anos, parecia mais madura do que todos os outros elementos do grupo. O seu humor irónico e descontração faziam-na parecer estranhamente sensata e crescida – tanto, de facto, que os seus raros momentos de infantilidade por vezes sobressaltavam os outros. Mas naquela noite, *todos* eles brincavam como crianças. Juntos, abandonavam o constrangimento e abraçavam os seus últimos vestígios de infância. Portanto, foi com o coração pesado que puseram fim à alegria quando Gene abriu a porta de rede com um rangido e apareceu no

degrau da frente. Havia malas para fazer; havia duches para tomar; havia sono para dormir. Estava na altura das despedidas.

Robin lançou tragicamente os seus braços em volta de Tink e gritou:

– Não vás. POR FAVOR, não vás!

Isto desencadeou uma torrente de sarcasmo e, pouco depois, estavam os seis a soluçar nos pescoços uns dos outros: «Vou ter saudades tuas! Adoro-te! Vou escrever-te todos os dias!» enquanto Gene revirava os olhos e abanava a cabeça. Houve um momento ou dois de autêntica seriedade e algumas lágrimas genuínas (ainda que bem escondidas) no meio da vaga de sarcasmo. E enquanto todos se preparavam para a inevitável separação, Julie e Robin sugeriram que eles podiam fazer uma viagem de verão a Washington para os visitar. Toda a gente se animou com a ideia. E assim, acompanhadas por uma abundância de sorrisos e acenos, as três irmãs treparam para o pequeno carro de Julie e partiram.

*

Gene levou os seus três filhos para dentro de casa e atribuiu-lhes diferentes tarefas em preparação para a viagem do dia seguinte. Tom esperou até ficar convencido de que as suas duas irmãs estavam fora do alcance do ouvido e depois pediu ao pai permissão para sair naquela noite. Gene abanou a cabeça; tinham uma longa viagem pela frente no dia seguinte e ele queria toda a gente na cama cedo para estarem bem descansados de manhã. A última coisa com que queria lidar durante uma viagem de carro de dois dias era um adolescente cansado e rabugento.

Tom resmungou amargamente durante alguns momentos e depois aceitou a derrota.

– Bem, tenho de telefonar à Julie de qualquer maneira para lhe dizer que não posso ir – disse, mirando o pai com

uma insolência que só um rapaz de dezanove anos conseguia alcançar.

Gene encolheu os ombros, impassível.

- Acho que é melhor ires telefonar-lhe, então - respondeu.

O plano de Tom para se esgueirar de casa e se encontrar em segredo com Julie tomou forma quase por acaso. Ele já conseguira escapulir-se uma vez naquela semana, mas estava mesmo à espera de que o pai fosse razoável desta vez. Ainda assim, Tom não ia deixar que a recusa de Gene estragasse a noite. Por isso, após alguns minutos ao telefone, ele e Julie tinham traçado os seus planos secretos.

Tom dormira a maior parte da semana na cama articulada na parte de trás da carrinha. Depois de passar uma longa noite insone no sofá de veludo azul da avó, a ouvir o pai ressonar através da parede revestida de madeira, tinha convencido os pais de que o lugar mais lógico, mais confortável, para ele dormir seria a cama da carrinha. Afinal, de que servia ter uma cama na carrinha se ninguém dormia nela? Então, durante toda aquela semana, à hora de dormir, Tom pegara numa chave de casa e numa chave da carrinha, e retirara-se para o caminho de acesso. Esta noite iria, em vez disso, simplesmente até ao fim da rua para esperar por Julie na esquina.

Quando Tom voltou a pousar cuidadosamente o auscultador no descanso do velho telefone de disco e girou no banco de bar da cave do avô Art, ficou cara a cara com a sua irmã Tink e percebeu logo que os seus planos tinham sido descobertos. Depois de vários minutos de queixas e súplicas, Tink estava prestes a perder a esperança de ser convidada a ir com eles quando Kathy saiu tranquilamente do quarto de banho, com a toalha à volta da cabeça e a escova de dentes na boca, para ver o que estava a perder. Tink pô-la a par da excitação, na

esperança de conquistar uma aliada para os seus argumentos, enquanto Tom olhava nervosamente para as escadas e lhe silvava para falar baixo. Kathy regressou ao quarto de banho para cuspir e, quando voltou, começou sistematicamente a apontar falhas ao plano. O problema mais óbvio e desencorajador era que Tink e Kathy estavam a partilhar o quarto de hóspedes, que ficava mesmo em frente ao dos avós, que tinham o sono leve. Seria quase impossível uma ou ambas saírem despercebidas. Para Tom, a tarefa seria infinitamente mais fácil. De facto, ele não teria de *sair* à socapa, só teria de se *afastar* à socapa. Por fim, a lógica irritantemente sensata de Kathy convenceu a irmã, e Tink cedeu. Além disso, não queria colar-se a eles, fungou enquanto subia as escadas, queria que a *convidassem* a ir.

Esta cena era a representação perfeita das duas irmãs Cummins e dos seus temperamentos. Tink nunca pensava nos aspetos práticos. Era a sonhadora, a comediante, a avançada-centro nas suas equipas de hóquei e futebol, alguém que procurava sempre a ribalta e normalmente a conseguia. Kathy tinha um carácter mais tímido e mais sarcástico, mas também mais corajoso. Jogava a guarda-redes em ambas as equipas e era mais realista e sensata do que a sua irmã um pouco mais velha. Tink era a agressora; Kathy era a defensora.

Portanto, as irmãs desejaram sorte ao seu irmão e voltaram às tarefas que lhes tinham sido atribuídas. Tink mais relutante, claro, amuando durante algum tempo até começar a bocejar enquanto dobrava a roupa e fazia as malas. Por fim, até começou a pensar que talvez a cama não fosse um desfecho assim tão mau para a noite. Em breve, estava tudo pronto para a viagem da manhã seguinte e as luzes da casa aconchegante começavam a apagar-se, uma a uma, à medida que os seus ocupantes iam para a cama.

Entretanto, Tom empatava no quarto de banho da cave. Escovou os dentes duas vezes. Passou fio dental. Voltou a escovar os dentes e depois olhou para o relógio. Sentou-se, nervoso, na tampa fechada da sanita, completamente vestido e à espera de que os sons de vigília parassem por cima dele. Folheou indolentemente a *Ladies' Home Journal* da mãe e tentou não fixar o olhar no relógio. Normalmente, era o último a deitar-se, portanto os pais não iriam desconfiar se o ouvissem sair para a carrinha depois de toda a gente ter ido para a cama. Ainda assim, tinha esperança de que todos estivessem a dormir antes de ser hora de sair. Quando finalmente se fartou de ler sobre «Como fazer o bolo *bundt* perfeito», fechou a revista, olhou-se uma última vez ao espelho e desligou a luz do quarto de banho.

Às onze horas, Tom fechou e trancou a porta da frente da casa de tijolo dos avós a sentir-se um bocado sorrateiro e parvo. No caminho de acesso, o forte projetor acendeu-se, iluminando todo o jardim e, pareceu a Tom, metade do bairro. Ele observou a janela do quarto onde os pais estavam a dormir. As cortinas e estores estavam bem fechados. Nada se mexia. Aproximou-se da carrinha e abriu-a, atirou a mochila lá para dentro, esperou um momento e depois bateu com a porta. Inconscientemente, susteve a respiração enquanto dobrava a esquina da carrinha e avançava, rápido e silencioso, em direção à rua. Ao chegar ao fim do caminho, levou a mão ao bolso do casaco e tirou um maço de tabaco. Parou alguns minutos e ficou ao fundo do caminho de acesso, a fumar e a observar a casa. Se alguém lá dentro estivesse desconfiado, sairia agora, dentro de um minuto ou dois. O cigarro era um bom álibi – preferia ser apanhado a fumar do que a sair à socapa. Mas nem um pio vinha de dentro de casa, por isso, a meio do cigarro, deu meia-volta e começou a andar na noite fria, a pensar em como era

ridículo que tivesse dezanove anos e ainda se sentisse tão matreiro a desobedecer ao pai.

*

Quando Tom pedira autorização ao pai para sair naquela noite, a sua intenção era ir ao Denny's – só tomar um café e conversar um bocado com Julie e Robin. Mas agora que estava na rua, percebeu que não tinha restrições de tempo. Quando Julie e Robin chegaram no carro que Tom apelidara de «Abelhão» graças ao som agudo, estilo lambreta, do motor, os três primos fizeram uma rápida conferência. A gritar por cima do zumbido sonoro do pequeno carro, tomaram a decisão coletiva de completar o único item que tinham falhado na lista de coisas a fazer daquela semana: iriam ver o poema que Julie e Robin tinham pintado a *spray* no tabuleiro da velha ponte Chain of Rocks. Iam até lá, davam um passeio ao luar, davam uma olhada rápida ao poema e *depois* iam ao Denny's tomar o tal café.

Foi relativamente fácil para Tom livrar-se da sua habitual apreensão quanto a uma ideia destas. Disse a si mesmo que a sua ansiedade era injustificada, que o Midwest era diferente da Costa Leste, que estariam perfeitamente seguros. Afinal, ele era de Washington, D.C., e St. Louis, Missouri, não estava propriamente a competir como a capital do homicídio de *lugar nenhum*. O equívoco de Tom era relativamente comum: St. Louis *tinha* de algum modo escapado à reputação que merecia. Em 1991, as pessoas ainda viam a cidade como a «porta de entrada do Oeste», uma cidade segura e acolhedora junto ao rio Mississípi. Por algum motivo, o facto de St. Louis ter a terceira taxa metropolitana de homicídio mais alta do país passara largamente despercebido na esfera da opinião pública. Decerto não era uma estatística da qual Tom, ou mesmo Julie ou Robin, tivessem qualquer conhecimento.

Portanto, a atmosfera no Abelhão era de entusiasmo e conversa viva. Julie e Robin estavam eufóricas com a perspectiva de mostrar o seu trabalho ao primo. Tom estava aliviado e algo animado com a sua segunda fuga de casa da semana. A conversa, como de costume, saltava de política para religião para sexo e para música. Os três amigos mudavam de tema com tanta frequência e facilidade como Julie mudava de faixa na I-70.

CAPÍTULO 2

Naquela noite, 4 de abril de 1991, Tom Cummins aproximava-se da fase final de uma renovação relativamente importante da sua identidade - algo bastante normal para um rapaz de dezanove anos. Estava na transição de aluno do secundário medíocre e desajeitado para jovem bombeiro/profissional dedicado. E, na sua opinião, grande parte desta mudança devia-se à rapariga que estava sentada à sua esquerda.

Antes de Julie entrar na vida dele, Tom nunca se imaginara a ter uma animada conversa intelectual com outras duas pessoas inteligentes. Em vez disso, o Tom pré-Julie teria ficado taciturno, provavelmente a revirar os olhos e a encolher os ombros em resposta a quaisquer perguntas que lhe fossem dirigidas, não porque não tivesse nada de interessante para dizer, mas porque não tinha confiança para o dizer. Era graças a Julie que agora vomitava as suas opiniões sobre tudo, desde o filme *O Clube dos Poetas Mortos* às últimas tropelias do *major* Barry. Tinha a certeza de que Julie não reparara na sua substancial mudança de personalidade porque, com ela, sempre se sentira à vontade para se expressar. Interrogava-se se ela saberia quanto o tinha ajudado a crescer.

A viagem de Tom pelo sistema de escolas públicas americano havia sido longa e árdua. Quando chegou ao secundário, já tinha em grande parte abraçado a versão de si mesmo que via através dos olhos dos seus professores: o Tom apático e indiferente. Mas ao chegar a

meio da adolescência, as suas dificuldades tornaram-se um pouco mais complicadas do que algumas notas baixas e falta de entusiasmo educativo. A adolescência parecia simplesmente não condizer com ele. Era desajeitado e tímido a maior parte do tempo; tinha vergonha de ser ligeiramente obeso. Na verdade, tinha vergonha de quase tudo. E quando a sua primeira namorada a sério o deixou para começar a andar com o melhor amigo dele, ergueu um enorme muro de indiferença.

Começou a dar-se com os *punks* da escola. Admirava as raparigas de cabeça rapada e *piercings*. Tornou-se fã dos Sex Pistols. Começou a fumar com empenho. Comprou tinta azul para o cabelo – mas não conseguiu arranjar coragem para a usar, por isso acabou por passá-la a Tink, que a usou para pintar as tranças para ser chefe de claqué. Faltava às aulas periodicamente, mas só quando sabia que podia fazê-lo sem ser castigado. Tentou tudo o que podia, na verdade, para encaixar no grupo dos párias, mas nunca conseguiu integrar-se por completo.

Não tardou muito até que Tom comesse a inventar histórias, por vezes aos amigos num esforço para parecer fixe, outras vezes aos pais para encobrir o último boletim de notas ou uma festa a que não podia ir. Estava a pisar o risco, mas parecia saber instintivamente onde ficava esse risco e não o atravessava. Sabia a diferença entre o que era desobediência adolescente normal e o que era simplesmente *mau*. Portanto, não era uma causa perdida. As suas rebeliões de adolescente pareciam seguir os mesmos padrões que a sua escolaridade tinha seguido: fazia asneiras suficientes para desiludir e preocupar constantemente os pais, mas nunca a ponto de desistirem dele. Não era mau rapaz, simplesmente não se esforçava por cumprir o seu potencial.

Para Gene, a relação com o filho era especialmente frustrante. Tal como Tom, Gene era o irmão mais velho da família. Mas ao contrário de Tom, Gene desenvolvera uma

determinação e sentido de responsabilidade muito cedo na vida. Nunca teria *sonhado* desobedecer ao pai, e esse facto dava uma acidez extra à crescente impertinência de Tom. Gene não conseguia perceber o filho, não entendia a atitude dele, e não tinha paciência para as suas irresponsabilidades e delinquências juvenis.

Uma noite, Tom chegou a casa quase uma hora mais tarde do que deveria, e, quando finalmente chegou, estava ensonado e tresandava a *schnapps* de pêssego. O pai mandou-o para a cama, concordando falar com ele de manhã. Às sete da manhã do dia seguinte, Gene entrou pela calada no quarto do filho e enfiou silenciosamente um cassette de Tchaikovski na aparelhagem dele. Pôs o volume no máximo, tocou no botão de reproduzir e arrancou a colcha da cama. Depois gritou ao filho que se recompusesse e se vestisse – com ou sem ressaca, ia passar o dia a limpar a garagem.

Quando os confrontos diários aumentavam, Tom entrava no jogo, adotando as características que os pais esperavam dele. O ciclo repetia-se constantemente: adolescente intratável, pai zangado; adolescente intratável, pai zangado. As perspectivas eram pouco animadoras. E então um dia, no segundo ano de Tom em Gaithersburg High, algo notável aconteceu.

Como parte do trabalho de Gene enquanto diácono católico, ele participava em muitos programas de apoio à comunidade. Cuidava dos doentes no hospital local e levava a comunhão aos idosos. Recentemente, fora-lhe oferecido o cargo de capelão do corpo de bombeiros local. Gene agarrou a oportunidade com todo o empenho; adorava a ideia de servir as pessoas que de modo tão nobre e corajoso se entregavam à comunidade. Então, com a sua habitual rapidez e eficiência, Gene frequentou as aulas de qualificação necessárias e iniciou um programa de voluntariado bastante extenso como capelão

oficial do corpo de bombeiros. E o trabalho trouxe um bônus inesperado: Gene impressionou o filho.

Pela primeira vez em anos, Tom permitiu que o respeito latente que nutria pelo pai viesse cautelosamente à tona dentro de si. O terreno comum que Gene tão inutilmente procurara tinha por fim, e por acaso, aparecido. Gene instalou um rádio de alerta de incêndios ao lado da mesa da cozinha e começou a andar com um rádio portátil e um *pager*. Kay odiava o barulho constante, mas tanto pai como filho ficaram imediatamente viciados. Tom tentou parecer desinteressado, mas acalentava uma suspeita silenciosa de que as novas atividades do pai roçavam o heroísmo. Tornou-se cada vez mais difícil reprimir a sua curiosidade. A certa altura, começou a fazer perguntas sobre os diferentes códigos e tons que os telefonistas usavam, sobre as diferentes áreas de cobertura, sobre as brigadas e sobre o lugar de Gene na hierarquia. Gene respondia a todas as suas perguntas com entusiasmo contido, até que um dia, com a maior descontração possível, convidou Tom para ir consigo até ao quartel de bombeiros.

Tom tinha quinze anos na altura e depois de uma visita ao Quartel 8, em Gaithersburg, soube que encontrara a sua vocação. Os pais presumiram que era uma fase, mas ficaram tão contentes com a melhoria na sua atitude que encorajaram naturalmente o interesse. No semestre seguinte, quando a escola lançou o seu currículo de disciplinas, Tom ficou em êxtase ao descobrir que estavam a oferecer um programa de trabalho e estudo em conjunto com a escola de bombeiros do condado. Tom chegou a casa tão empolgado que convenceu o pai a fazer um telefonema ao sargento naquela noite. No dia seguinte, Tom matriculou-se no programa.

Portanto, durante o décimo primeiro e décimo segundo anos, Tom ia à escola secundária de Gaithersburg de manhã e depois apanhava um autocarro para a Escola de

Bombeiros do Condado de Montgomery, onde passava as tardes em aulas. As notas dele melhoraram significativamente e na escola de bombeiros Tom formou-se com uma das melhores classificações da turma.

Como prenda de formatura, Kay e Gene ofereceram a Tom um bilhete de ida e volta para a Florida, onde passaria umas semanas do verão na casa para a qual os avós se haviam mudado depois da reforma, em Clearwater. Julie tinha acabado recentemente o seu primeiro ano de universidade e decidido passar algum tempo daquele verão na Florida, também. As duas primas não se viam há anos. Gene e Kay tinham deixado a sua terra natal, St. Louis, muitos anos antes para viajar até onde a carreira de Gene na Marinha os levasse. Muitos dos seus oito irmãos tinham feito o mesmo, espalhando-se pelo país. Mas a mãe de Julie (e a filha mais velha dos Cummins depois de Gene), Ginna, ficara em St. Louis para criar a sua família. Todavia, quando os dois primos chegaram a casa do avô Gene e da avó Maria, o laço que cresceu entre eles foi instantâneo. Tinham algumas coisas básicas em comum: ambos tinham um gosto invulgar, eclético, em música e filmes; tinham um sentido de humor semelhante, excêntrico; ambos gostavam de cerveja e eram demasiado jovens para a comprar. E embora Julie não tivesse as dificuldades escolares de Tom, ela achava que entendia o seu constrangimento, o seu sentimento de desadequação. Isto agradava a Tom e espantava-o. Se não fosse sua prima, Tom teria pensado que ela era demasiado carismática, demasiado bonita e inteligente, para perceber como era ser ele. Mas reconhecia que, à sua maneira, Julie também era muito diferente. E pela primeira vez, apercebeu-se de que ser diferente, ser um bocadinho estranho, podia ser uma coisa boa.

Os dois primos iam à praia todos os dias e tornaram-se clientes habituais num bar barato onde bebiam *cocktails* sem álcool e observavam os jogadores de voleibol. A

amizade deles evoluiu rapidamente, mudando de patamar a cada nova conversa. Partilhavam segredos íntimos e trabalhavam para o bronze. Falaram sobre poesia e Julie recitou orgulhosamente algum do seu trabalho. Tom confidenciou-lhe as suas humildes ambições de se tornar bombeiro e ela encorajou-o. Falaram sobre a sua família comum – Julie contou com detalhe uma história colorida sobre ter crescido perto dos avós deles e o resto dos primos. Tom imaginava-se algures em cada uma das cenas que ela descrevia. Descobriram mais sobre si mesmos um com o outro. A própria família de Tom tornava-se mais real para ele nas palavras de Julie e, em compensação, Tom dava-lhe uma oportunidade de desabafar. Falavam sobre todo o tipo de temas, desde religião a ecologia, de política a casamento. Eles *debatiam*. Mas nunca discutiam. Julie até disse a brincar que, no Zimbabué, era legal primos direitos casarem-se.

Na última noite que passaram juntos naquele verão, ficaram na rua até tarde e só vieram para casa quando todos já dormiam profundamente. Tom guiou silenciosamente a prima até ao pátio das traseiras e foi buscar um *tupperware* velho ao lixo para servir de cinzeiro improvisado. Sentaram-se à mesa do *deck* e competiram com o brilho dos pirilampos com os seus Marlboro Lights até encherem o *tupperware* duas vezes. Falaram sobre tudo, confidenciando os seus problemas mais sombrios um ao outro, os seus esqueletos mais assustadores. Trocaram sorrisos e lágrimas com os seus segredos. Os primeiros raios de madrugada brilhavam na superfície tranquila da piscina dos avós quando finalmente se arrastaram para dentro e adormeceram.

Na vida de Tom, aquela semana havia sido uma ponte crucial entre a adolescência e a idade adulta. Tinha sido uma continuação do seu amadurecimento e do processo de se aceitar a si mesmo enquanto pessoa. Através de Julie, a família dele ganhara uma importância naquela

semana que ficaria consigo e continuaria a crescer. Quando partiu, sentia-se um adulto, cheio de uma maturidade e perspectiva refrescantes. Mas enquanto o comboio dele seguia para norte, para longe da Florida, ele olhou para sul do seu lugar à janela e chorou como uma criança.

O que os primos tinham construído naquela semana era uma amizade que continuaria a ser uma fonte constante de força e rejuvenescimento para ambos. Começaram a trocar cartas e telefonemas regularmente. Julie encorajou e acalmou o seu primo apavorado durante a luta deste com o processo ferozmente competitivo de candidatura do corpo de bombeiros do condado e o infernal primeiro ano de serviço. Falavam sobre todos os problemas das suas jovens vidas. E embora os temas fossem comuns, não eram conversas triviais – estes pormenores eram os únicos fios que tinham para trabalhar, e com eles teceram as suas vidas. Nos seus postais e cartas, ela enviava-lhe poesia e letras de canções:

... Hoje estive a ouvir *'Til Tuesday* e não pude deixar de pensar em ti:
Adeus e desculpa, querido
Estava a contar até sempre
E nem a dez cheguei
Adeus e desculpa, querido
Quando encontrámos um golpe no céu
Devíamos ter subido...

O aniversário de Tom é a 2 de novembro, mas Julie enviou-lhe um postal no início de outubro com esta mensagem:

... Estive a ouvir New Order no outro dia, pela primeira vez em meses, e foi tão doce e bom e real como numa noite quente de junho com um amigo do qual tenho muitas saudades. Escreve-me.

Beijos e Revolução,
Jules

PS: Sei que é cedo para o teu aniversário, mas normalmente adio até ser demasiado tarde, por isso decidi enviá-lo agora enquanto estava fresco no meu pensamento.

Portanto, quando Tom olhou para a prima ao seu lado no Abelhão naquela noite de 4 de abril de 1991, sentiu um afeto e admiração imensos por ela. Era, sem dúvida, a sua pessoa favorita no mundo; sentia-se orgulhoso por conhecê-la. E agora também se sentia contente consigo mesmo. Porque, graças a Julie, estava a aprender a reconhecer os traços bons da sua personalidade. Tinha orgulho no seu trabalho. Já não se sentia envergonhado nem parvo em relação à sua inteligência – de facto, começava a gostar de expor as suas opiniões e parecer inteligente. E para cúmulo, apesar de todos os anos de discussões e o fosso de opiniões divergentes que ainda existia entre eles, os seus pais estavam finalmente, e de modo incondicional, orgulhosos dele. Tom tinha uma leve suspeita de que, de certo modo, tudo estava bem no seu mundo. A sua metamorfose aproximava-se do fim. E se tudo corresse como planeado, parecia que ia sair desse casulo outrora sufocante, desconfortável, da adolescência, como um jovem feliz e saudável.

Até aí, aquela semana em St. Louis tinha sido maravilhosa, e Julie era mesmo o remédio de que Tom precisara para manter o alento. Uma noite no início da semana, tinham bebido várias chávenas de café e, acelerados pela cafeína, tinham ido de carro até Laclede's Landing, com vista para o Arco na baixa de St. Louis, e subido para o capô do velho Chevy. Foram até ali porque era o lugar da moda na cidade – uma fila de bares onde os jovens de vinte e poucos anos paravam. Mas eles eram demasiado novos para entrar em algum lado. Portanto, em vez disso, empoleiraram-se no capô do carro, a sentir o motor quente através do fundo dos seus *jeans* e a observar, com inveja, as janelas luminosas dos *pubs*.

Inevitavelmente, Julie virou o tema da conversa para «as ramificações sociológicas de viver num país que envia de bom grado um jovem de dezoito anos para a guerra, mas não lhe serve um copo de despedida antes de enfrentar a chacina». Talvez fosse o ambiente – a injustiça de ver pessoas apenas uns anos mais velhas do que eles a beber e a divertir-se. Ou talvez fosse apenas próprio de Julie pegar em tudo o que a rodeava e transformá-lo num tema animado, interessante e importante de conversa séria. Em todo o caso, estas conversas constantes, estas discussões profundas diárias eram a essência da amizade deles. Por isso, os dois amigos enterraram-se em diálogo enquanto o Mississípi entoava a sua suave canção a cem metros dali, acompanhado pela música de uma centena de copos a tilintar por todo o Laclede's Landing.

*

Com pouco mais de um metro e cinquenta e quarenta e oito quilos de pura energia, Julie Kerry estava ocupada a desabrochar na sua maturidade ao lado do seu primo Tom. A cabeça dela estava coberta por um monte de caracóis escuros e brilhantes que pendiam sobre os seus grandes olhos cor de avelã. Esta era a sua imagem de marca e não mudara muito desde que Ginna desistira, tantos anos antes, de lhes prender em tranças. Julie fizera algumas tentativas breves na infância de domesticar os caracóis rebeldes, mas, com a idade, aprendera a viver com os seus cachos soltos (e talvez até a gostar deles).

Julie era uma líder nata, propensa mesmo desde a infância a procurar e arranjar sarilhos. Tinha um forte sentido de justiça e nunca hesitava em dizer o que pensava. Mas também era dada a períodos de silêncio pensativo. Julie era cheia de contradições inerentes, repleta de anomalias. Muitas vezes dizia: «Se não me olhar ao espelho, posso pensar que sou linda quando não sou.» Era esta modéstia que a tornava ainda mais elétrica.

Enquanto estudante de inglês na Universidade do Missouri em St. Louis, Julie vivia um verdadeiro romance com as palavras. A sua poesia era a sua paixão; ajudava-a a interpretar a sua vida, a relativizar as coisas. Escreveu um ensaio, «Vender Manhattan», para a aula de literatura ameríndia na UMSL, usando o que aprendera sobre a cultura e incorporando a sua própria ironia:

*claro que lha vendemos
maior falcatrúia do século
imagine-se os tolos
pensarem que podiam conter
a terra
segurá-la nas mãos
como moedas de ouro
pensarem que podiam gravar
os seus nomes por toda a terra
deviam ser novos
na cidade
ou turistas talvez
nós rimo-nos disto depois
surpreendidos por eles não pedirem
para comprar o céu também
nós ter-lho-íamos vendido
podíamos ter ganhado uma
fortuna*

Julie levava a sua poesia e os estudos a sério, mas os amigos, incluindo Tom, eram igualmente importantes para si. Eram um escape para ela, uma oportunidade de pôr a sua seriedade e os estudos de lado e comportar-se como uma miúda parva, por vezes.

Ao almoço, um dia em St. Louis, ela e Tom foram a uma pequena esplanada rasca com mobília de plástico, árvores em vasos e guarda-sóis sobre as mesas. Tom pediu uma

sanduíche *club* tripla com maionese extra e batata frita e Julie pediu o mesmo. Uma empregada de mesa com todos os estereótipos do Midwest serviu-os com um sorriso e um «Que vos saiba bem». Eles comeram e ficaram a ver as pessoas a passar em completa descontração.

Alguns minutos passaram à mesa em relativo silêncio, com o estalar de lábios e o sorver de Coca-Colas a sobrepor-se. Julie olhou para Tom, que estava sentado com uma batata frita numa mão e a sua enorme sanduíche na outra, e foi incapaz de conter uma gargalhada.

- O que foi? - perguntou Tom, apenas levemente defensivo.

Ela tapou a boca com uma mão, e depois pensou melhor e mostrou-lhe a sua comida mastigada. Quando recuperou a compostura, bebeu pela palhinha e pigarreou.

- Os nossos modos - brincou Julie. - Até parece que fomos criados por lobos.

Tom olhou por si abaixo, para a sua *T-shirt* manchada de suor e sandálias com mau aspeto, uma postura que provocaria arrepios a qualquer professor, a boca cheia de comida e ainda a mastigar enquanto falava. Julie, por seu lado, estava de tal modo curvada sobre o seu prato que os ombros quase tocavam a mesa. Ambos tinham devorado a maior parte da comida em menos de cinco minutos. E os seus dois cigarros tinham ardido completamente, até se desfazerem em fuligem, no pequeno cinzeiro de vidro que os permeava. Nem se tinham dado ao trabalho de os apagar quando a comida chegou. Portanto, Tom percebia o que ela queria dizer. E mostrou-lhe a sua própria comida mastigada antes de engolir.

*

Contudo, de todos os seus companheiros mais estimados, não havia ninguém cuja amizade ela valorizasse mais do que a da sua irmã Robin. Segundo Julie, ela e Robin tinham a sua quota-parte de problemas

típicos de irmãs – uma ou outra discussão sobre de quem era a vez de lavar a louça, ou quem gastara o último quadrado de papel higiênico e não substituíra o rolo. Mas o que a relação delas tinha de extraordinário era que, mesmo na fase conflituosa do final da adolescência, elas reconheciam e celebravam as suas semelhanças, os seus interesses comuns. Robin partilhava o amor de Julie por música e poesia, a sua curiosidade intelectual e a sua perspicácia. Mas era o sentido de justiça que partilhavam, o ativismo fervoroso, que distinguia a vida delas da norma. As amigas de Ginna ficavam sempre maravilhadas com a forma como as duas irmãs se davam bem, mas Ginna não as imaginava de outra forma. Julie e Robin eram melhores amigas, e passavam horas a conversar, a engendrar os seus planos para salvar o mundo.

No Natal do ano anterior, Julie tinha lido um artigo no *St. Louis-Post Dispatch* sobre as cem famílias mais carenciadas de St. Louis e decidido que precisavam de adotar uma daquelas famílias durante as festas.

– Desculpa, querida, mas o que temos mal chega para nós – respondeu Ginna quando Julie mencionou a ideia. – Acho que alguém precisa de nos adotar a *nós*.

Mas Julie e Robin não desistiram da ideia. Insistiram até a mãe ceder, mas ao mesmo tempo que concordava, Ginna perguntava-se como é que iam arranjar o dinheiro. Quando Julie chegou a casa na noite seguinte e anunciou que adotara *duas* famílias, Ginna levantou as mãos em desespero. Mas a sua ansiedade foi curta. Dentro de dias, Julie e Robin tinham falado com toda a gente que conheciam e angariado seiscentos dólares. Ginna ficou muito orgulhosa quando ajudou as filhas a entregar cinco carros de compras cheios de bens essenciais e prendas de Natal às duas famílias desfavorecidas que tinham adotado.

Robin era pequena como as irmãs, com pouco mais de um metro e cinquenta e menos de quarenta e cinco quilos. E era muito bonita, mas insurgia-se violentamente contra

tudo o que fosse «giro». Tinha maçãs do rosto altas e belas, olhos grandes e inquietos. Apesar da sua beleza natural, insistia sempre que Julie é que era «a bonita». Tinha um sorriso contagiante e o seu cabelo (pelo menos nos primeiros meses de 1991) era liso e brilhante e caía-lhe em madeixas naturalmente castanhas pelos ombros, com a exceção de uma pequena trança comprida que vinha de trás da orelha direita. Não tinha mais de três milímetros de espessura, a ponta estava pintada de preto, e dava-lhe quase pela cintura. Aquela trança era a única parte do seu cabelo que permanecia sempre inalterada. Para Robin, não era só uma trança – era uma âncora que a ligava ao seu passado e futuro.

Robin era uma caloirra de dezanove anos na Universidade do Missouri em St. Louis. Tal como fizera toda a sua vida, estava a seguir os passos de Julie – perto o suficiente para adotar as boas qualidades da irmã e longe o suficiente para ter a sua própria personalidade. Robin era inteligente e desafiadora. Observava tudo o que Julie fazia, escolhia as qualidades de que mais gostava e tornava-as suas. Julie era a sua mentora, a sua musa, mas Robin era cem por cento independente. Era a mais tímida das duas irmãs, mas o seu comportamento discreto mascarava um manancial de atividade na sua cabeça. Era espirituosa, sarcástica e arrebatada.

O quarto dela era um refúgio de expressão pessoal e arte. Exibia orgulhosamente as suas esculturas pelo quarto, e esboços de dragões e fadas enchiam-lhe as margens dos cadernos e manuais. Rodeava-se de coisas belas, coisas que refletiam a bondade abundante que via no mundo. Robin acreditava no karma e na decência intrínseca da humanidade, e estas crenças sobrepunham-se à sua tendência natural para o cinismo. «Deem-me um ponto de apoio e levantarei o mundo» era um dos provérbios que adotara da sua irmã Julie. E é

precisamente isto que ambas as irmãs gastavam o seu tempo e energia a fazer.

Como Julie, Robin era mais do que ativa na comunidade; era hiperativa. Sempre que as duas irmãs não tinham aulas, caminhavam até ao abrigo do Exército de Salvação no centro de St. Louis, onde davam explicações a alunos do primeiro ano e os ajudavam com os trabalhos de casa. Também faziam voluntariado na Amnistia Internacional e na Greenpeace.

Um ano, no início da escola primária, Robin participou na sua primeira recolha de alimentos e a experiência mudou-a. O conceito de dar comida a pessoas que não tinham dinheiro para comer fazia todo o sentido para ela. Assim, enquanto as outras crianças iam a casa procurar nas suas despensas velhas latas de feijão e as sopas de que não gostavam, Robin foi direta ao seu mealheiro. Partiu-o, levou os sete dólares em moedas de cinco, dez e vinte e cinco cêntimos a Ginna e pediu uma boleia até ao supermercado. Pelo caminho, Robin pediu conselhos a Ginna sobre que comida comprar. Ginna pensou no assunto e explicou que atum e manteiga de amendoim seriam boas escolhas porque eram ricas em proteínas, e a maioria das pessoas não contribuiria com este género de artigos caros. Quando chegaram ao supermercado, Robin pegou em todas as latas de atum e frascos de manteiga de amendoim que podia comprar com os seus sete dólares. A partir desse ano, a recolha de comida anual tornou-se uma verdadeira campanha para Robin.

Mas ela não era uma idealista cega. Pelo contrário, o seu pessimismo natural foi o que realmente desencadeou o seu ativismo. Ela acreditava que tinha *responsabilidade* de intervir. O seu raciocínio era: se não fizesse um esforço para ajudar, quem o faria? Robin era uma lutadora nata – ferozmente protetora das coisas e pessoas de que gostava – e nada a podia dissuadir de defender uma causa

meritória. Acreditava que podia fazer tudo, se se esforçasse o suficiente.

Robin só tinha quinze anos quando os pais se divorciaram e Ginna voltou a trabalhar ao fim de dezoito anos em casa, a cuidar das filhas. O dinheiro era escasso e Robin estava determinada a contribuir. Por isso, começou a poupar o dinheiro que ganhava no seu emprego depois das aulas, e na manhã de Natal deu à mãe um urso de peluche com um bilhete colado na pata que dizia: «O *Urso*frutuário deste bilhete tem direito a pagar duas contas à escolha.» Robin sabia que pagar só uma dessas contas já lhe acabaria com as poupanças, mas isso não ia detê-la.

Portanto, as suas batalhas não eram estritamente teóricas – Robin reconhecia a importância da ação. Um dia, no intervalo das aulas na escola secundária de Hazelwood East, ouviu o *bully* da escola, de um metro e oitenta e tal, a ameaçar o rapaz mais pequeno da turma. Era uma interação que tinha visto inúmeras vezes, mas naquele dia decidiu que já era de mais. Não podia simplesmente ficar parada enquanto aquele palerma atormentava o pequenote dia após dia. Bateu com a porta do cacifo, aproximou-se do *bully* e deu-lhe um soco no queixo. Provavelmente não causou estrago nenhum, mas o *bully* endireitou-se, o pequenote escapou e Robin ganhou uma reputação de intrepidez.

Tal como Julie e o primo Tom, Robin encontrava-se numa encruzilhada na sua vida. Estava a transformar-se numa mulher notável, de personalidade forte e paixão. Tinha uma vida boa e feliz, e dava valor à família. Por isso, quando os primos Cummins os vieram visitar nas férias da Páscoa, passou tanto tempo quanto podia com eles. Julie e Tom foram praticamente inseparáveis naquela semana, e ela e Jamie tinham-se juntado a eles sempre que possível. Robin gostou de conhecer os primos – deram-se todos muito bem. Tink tinha um sentido de humor semelhante

ao de Julie, e Robin facilmente se ria com ela. Kathy admirava Robin, pelo que era fácil para Robin falar-lhe nas suas paixões e planos.

Portanto, esta semana em St. Louis tinha sido boa em todos os aspetos. Os filhos dos Cummins estavam a divertir-se muito em casa dos pais da mãe deles e a pôr a conversa em dia com os diversos primos de ambos os lados da grande família. Mas acima de tudo, Robin, Jamie, Tink e Kathy tinham construído as suas próprias amizades com base nas de Tom e Julie. Tom até achava as suas próprias irmãs pessoas menos irritantes, quase interessantes, quando as via pelos olhos das suas primas. Portanto, apesar da relutância de Tom em que as férias acabassem, apesar de ter de regressar ao trabalho e deixar a amiga para trás, não conseguia parar de sorrir, ali, sentado no Abelhão ao lado de Julie naquela noite do início de abril. Falaram sobre as coisas que haviam feito e visto juntos naquela semana. Como tinham deambulado pelo centro da cidade uma noite e acabado por se sentar debaixo do Arco a olhar para os barcos no Mississípi. A hora de ponta passara e o ar húmido estava a arrefecer e escurecer, enquanto a brisa do rio lhes acariciava o rosto e sacudia os caracóis de Julie em pequenos tornados. Tinham esticado as pernas por baixo do Arco e puxado folhas de relva, pensando em quão pequenos pareceriam aos turistas que ainda estavam dentro do Arco, a olhar de cima para eles. Era um daqueles raros momentos de satisfação absoluta e imediata, e ambos os amigos tinham pressentido que estavam a construir uma memória para toda a vida.

Julie tinha sorrido de puro contentamento e notado que o primo também sorria. Ela tinha respirado fundo e, embora o odor a batatas fritas do McDonald's abafasse o cheiro natural do rio, Julie imaginara que estava a inalar o sopro da sua cidade, da sua casa. Este rio magnífico era a alma da sua cidade, o rio de Mark Twain e William

Faulkner e T.S. Eliot. As suas correntes fluíam como veias pela sua consciência e como centelhas pela sua poesia.

Os dois primos tinham partilhado um cigarro e observado os barcos mais pequenos a passar no rio, ao longe. Era a noite do dia 1 de abril – havia três dias, agora – e Julie tirara um postal do interior do seu casaco de couro preto e dera-o a Tom, obrigando-o a prometer não o ler até ela o deixar em casa. Ele ficou muito comovido, mas não surpreendido com o gesto. Julie estava sempre a fazer pequenas coisas atenciosas desse género pelos amigos.

Quando Julie lhe dera o postal, Tom não podia saber o que os próximos dias lhe reservavam, nem como lhe pareceria bonito e tocante quando voltasse a lê-lo umas semanas mais tarde. Mas quando abriu o cartão antes de adormecer nessa noite, o que encontrou na frente foi isto:

*Nós não somos amantes
Por causa do amor que fazemos
Mas pelo amor que temos*

*Nós não somos amigos
Por causa das risadas que gastamos
Mas das lágrimas que guardamos*

*Eu não quero estar perto de ti
Pelos pensamentos que partilhamos
Mas pelas palavras que nunca temos de dizer*

*Eu nunca sentirei a tua falta
Por causa do que fazemos
Mas pelo que somos juntos*

Nikki Giovanni

No interior, a mensagem manuscrita de Julie dizia:

1 de abril de 1991

Tom,

Gosto muito de ti. Nunca te esqueças disto, estejas onde estiveres, por muito tempo que passe entre nós. Nunca, nem num milhão de anos, te poderia esquecer. Lembra-te de mim.

Beijos e Revolução,
Jules

Alguns quilómetros a norte do barco da McDonald's, logo depois de uma curva especialmente brusca no rio, a velha Chain of Rocks emergia da água. O majestoso Mississípi era reduzido à insignificância na presença da velha ponte. A água batia timidamente em redor dos robustos tornozelos da ponte, escondendo os destroços e o caos muito abaixo da superfície.

Talvez Julie se sentisse atraída pela velha ponte porque, tal como ela, estava mergulhada em contradições. Era um lugar aonde algumas pessoas vinham em busca de paz e serenidade e outras em busca de emoção e perigo. Era um lugar de solidão pública, de grandiosidade delapidada, de terrível beleza. Um lugar onde as palavras cuidadosamente pintadas dos seus *graffiti* estavam rodeadas de todos os lados pelas linhas emaranhadas da natureza - as árvores densas, as trepadeiras nodosas, a sinuosa margem do rio. Era um lugar que dizia muito às suas paixões, que a inspirava. Adorava aquela velha ponte com toda a alma e coração, e a poetisa em si reconhecia que naquele preciso momento, provavelmente representava mais para si do que nunca. Porque ela estava numa ponte na sua própria vida. Estava a atravessar da infância para a idade adulta, a construir o seu futuro e a escolher as suas batalhas. Queria partilhar este lugar especial e todos os seus significados com o primo antes de a semana deles acabar.

Julie parou o seu pequeno carro azul em Riverview Drive. Conseguiu o que queria: ela e Robin estavam ali para mostrar a Tom a velha ponte querida e o poema delas.

CAPÍTULO 3

Ainda nessa tarde, a sessenta e cinco quilómetros de distância da cidade, em Wentzville, Missouri, Marlin Gray, de vinte e três anos, tinha entrado para o lugar do condutor do Chevrolet Citation da sua namorada. Com um metro e noventa e três e mais de noventa quilos, enchia todo o assento do condutor do pequeno carro branco. Tinha pele macia, de um castanho intenso, olhos grandes e dentes brancos e direitos. Um maxilar forte e queixo bem definido acabavam o efeito aristocrático. Gray era uma estampa.

No lugar ao lado, Daniel Winfrey, de quinze anos, podia ser o seu negativo. Winfrey era um miúdo desajeitado e magricela que ainda não se desenvolvera completamente. De facto, com cerca de um metro e setenta e cinquenta e cinco quilos, mal começara a tarefa. Tinha pele clara, cabelo louro-sujo pelos ombros e acne. Apesar da atual inépcia adolescente, não era um rapaz mal-parecido.

Winfrey tinha-se mudado com o pai, Donald Winfrey, para Linda Lane, em Wentzville, apenas três semanas antes. Andava no nono ano na escola secundária de Wentzville e era um aluno entre o médio e o medíocre, mas o seu pior problema na escola era faltar às aulas. Toda a gente o descrevia como um rapaz educado e respeitoso tanto em casa como na escola, mas aborrecia-se facilmente; era o tipo de pessoa que podia ser convencida a experimentar quase tudo uma vez.

Winfrey e Gray não se conheciam há muito tempo – só umas semanas, na verdade – mas falavam e riam como

velhos amigos. Talvez a atração inicial de Winfrey por Gray tivesse alguma coisa que ver com o facto de o seu amigo mais velho poder e querer fornecer álcool e drogas. Mas além disso, Gray sempre tivera facilidade em iniciar e manter relações, e a sua florescente amizade com Winfrey não era exceção. Afinal, Gray tinha as qualidades de um líder e era a alma da festa aonde quer que fosse. As raparigas riam das suas piadas e os rapazes pediam-lhe conselhos.

Porém, havia muitas coisas que Daniel Winfrey não sabia sobre o seu novo companheiro – coisas que Gray tentava ao máximo esconder de toda a gente, incluindo de si mesmo. Com a idade de Winfrey, Gray também fora baixo e desajeitado, por isso tinha desenvolvido uma astúcia que compensava esta desvantagem de tamanho. Essa astúcia, combinada com o facto de ser o querido benjamim de seis filhos – o bebé da família – significava que estava habituado a levar a sua avante.

Aos dezoito anos, Gray já tinha começado a construir, na sua própria cabeça, uma imagem de si mesmo de que gostava. Sempre que essa imagem não correspondia bem à realidade, Gray simplesmente alterava a realidade a seu agrado. E era assustadoramente bom neste engano. Era um homem dotado em muitos aspetos: extremamente inteligente, eloquente, persuasivo, carismático e engraçado, com muito jeito para lidar com pessoas – um *performer* nato. E toda a gente em seu redor acreditava no número. Para os amigos, Gray não era apenas um membro ocasional, de fim de semana, das Reservas do Exército, era um soldado que servira heroicamente o seu país. E não era um informador que entregou um amigo para salvar a própria pele, mas antes um agente antidroga que trabalhava com uma unidade especial antigangues e ajudava a montar ciladas e a limpar as nossas ruas.

Eva, a sua namorada, era uma rapariga bonita – alta, elegante e despretensiosa, com cabelo castanho comprido

e brilhante e um rosto muito pálido. Era uma das admiradoras mais fervorosas de Gray. Também era o seu sustento. Os interesses variados de Gray não incluíam nada que valesse um salário. Contentava-se em passar tempo com os amigos, passear no carro de Eva enquanto ela trabalhava, ou relaxar na casa do amigo onde o casal vivia atualmente.

Na noite do dia 4 de abril, Gray deixou Eva em casa de uma amiga, em Wentzville, dizendo-lhe que ia fazer alguns recados rápidos e viria buscá-la dentro de uma hora ou duas. Na verdade, Gray não tinha nada de importante na sua agenda. Tinha alguns amigos para ver, mas na realidade só queria algumas horas sozinho com o carro, para se descontraí e dar uma volta. Quando viu Winfrey na rua pouco depois de deixar Eva, convidou o amigo a entrar e os dois partiram.

Era um dia sem nuvens, mais quente do que o habitual para o início de abril, o tipo de tempo em que as pessoas finalmente tiram os casacos de inverno para ir em busca de aventuras primaveris. Gray e Winfrey estavam aborrecidos com a rotina de Wentzville, com as suas namoradas e a mesma cena de sempre. Queriam fazer algo diferente, por isso baixaram completamente os vidros do Citation e puseram-se em andamento. Quando Gray parou numa bomba de gasolina para comprar cigarros, Winfrey ficou no carro. Era demasiado novo para comprar tabaco e não queria suscitar perguntas de trás do balcão. Winfrey andara a rondar o bairro com Gray desde que ele e o pai se tinham mudado umas semanas antes, mas esta era a primeira saída deles e Gray estava entusiasmado – não queria fazer nada que pudesse comprometer a noite. Os dois dirigiram-se para leste na I-70, com Northwoods, em St. Louis, como destino, e uma vaga ideia de encontrar Reginald Clemons, um velho amigo de Gray.

Eram quase seis quando o estranho par parou à porta da casa de Clemons. Clemons e Gray tinham-se conhecido

quando viviam no mesmo bairro, anos antes, e eram amigos desde então. Clemons era um jovem tímido e calado de dezanove anos. De estatura média e constituição elegante, tinha cabelo preto como carvão e um bigode preto bem aparado. Toda a sua aparência podia ser resumida na palavra «aprumado» – um pouco como a vida dele, na verdade.

Os pais, Vera e Reynolds Thomas, eram ambos sacerdotes ordenados numa igreja cristã chamada Life Victory Center, onde Clemons ia semanalmente quando era novo. A infância de Clemons fora estável e equilibrada; os Thomas eram pais dedicados e ativos, afetuosos mas disciplinados. A mãe casara-se com o padrasto quando Clemons tinha apenas seis anos, e Reynolds tratava as crianças como se fossem suas. A presença constante de uma figura paternal forte desde aquela tenra idade fora uma boa influência sobre Clemons.

Em resposta à educação sólida que recebia, Clemons era uma criança afável e respeitadora. Sempre tivera um fascínio por mecânica e estava sempre a dissecar coisas para ver como funcionavam, desafiando-se a si mesmo a voltar a pô-las em funcionamento. Quando tinha nove anos, tinha desmontado o relógio do padrasto e depois passara a noite toda a pé para o compor novamente. Quando Reynolds acordou de manhã, o relógio estava ali na sua mesinha de cabeceira, como novo.

Aquele interesse mecânico acompanhou Clemons ao longo de toda a sua infância, e ele aspirava ter a sua própria oficina para reparar corta-relvas, pequenos motores e motas. Mas sem emprego e sem capital, começou a trabalhar a partir de casa depois de terminar a escola técnica. Em março de 1991, encomendou cartões de visita para si: REGINALD CLEMONS: REPARAÇÃO DE PEQUENOS MOTORES.

Harold Whitener, o dono de uma pequena oficina de pneus e travões em Pine Lawn, tornou-se uma espécie de mentor para Clemons, encorajando as ambições do seu jovem amigo. Na opinião de Whitener, Clemons era um seguidor.

Um *seguidor*.

De todas as palavras e histórias que foram usadas para descrever Reginald Clemons ao longo dos anos, esta é a mais importante. É a chave para compreender a psique de Clemons e o papel que ele estava prestes a desempenhar num crime brutal e violento.

Clemons era o tipo de jovem que podia, de modo fácil e incondicional, aceitar qualquer ambiente no qual se encontrasse. Os pais de Clemons eram pessoas boas, pessoas cristãs. Davam ao filho regras, moral, princípios. E o que é que Clemons fazia? Seguia estas regras, era fiel à moral e aos princípios. Cresceu com boas pessoas, por isso era boa pessoa. Quando os amigos e vizinhos de Clemons lhe chamavam «simpático» e «calado», tinham razão. Ele era simpático porque eles eram simpáticos; era calado porque era inseguro. Preferia imitar e refletir as qualidades que o rodeavam do que escavar fundo para descobrir que qualidades tinha dentro de si próprio.

Infelizmente, a mesma característica que o levava a encarnar a bondade que o rodeava também o levava a abraçar o mal quando o encontrava. Adaptava-se ao seu ambiente. Não é um fenómeno invulgar. É por isso que os produtores de *sitcoms* incluem riso gravado nos programas de televisão. Quando as pessoas ouvem riso, riem-se.

À superfície, Clemons era provavelmente o «tipo mais simpático» dos quatro companheiros que se reuniam naquela noite, o jovem mais respeitoso, educado e bem encaminhado. Mas também era, psicologicamente, o mais assustador. E pisava uma linha muito perigosa. Rodeara-se do tipo de gente errada – gente cujas características,

quando as adotasse, como inevitavelmente faria, o podiam meter em grandes sarilhos. Gente como Antonio Richardson.

*

Antonio Richardson era o primo de dezasseis anos de Clemons e, para não dizer pior, Richardson era simplesmente uma fonte de problemas. Embora Richardson tivesse crescido muito perto de Clemons, as suas infâncias não podiam ser mais diferentes. Enquanto Clemons recebera amor, disciplina e atenção constante, Richardson crescera na miséria e ao abandono.

Richardson nasceu em setembro de 1974 de Gwendolyn Williams, de dezoito anos. Richardson foi o segundo filho de Gwendolyn, e quando tinha um ano e meio, já Gwendolyn tinha três bebés de fraldas. Gwendolyn estava especialmente despreparada para as tarefas de uma mãe solteira. Não acabara o ensino secundário e quando estava empregada (o que acontecia esporadicamente), o seu trabalho era um *part-time* no White Castle local, um restaurante de *fast-food*. Ela e os três filhos viviam num apartamento sujo, de um quarto, subsidiado pelo programa AFDC, em Edgewood Avenue. A maioria das refeições deles vinha de cupões alimentares, e à hora de deitar, todas as noites, a família partilhava duas camas e um sofá. Muitas vezes, os três rapazes eram deixados sozinhos no apartamento; Gwendolyn abandonava repetidamente os filhos durante semanas a fio.

Antes de desistir da escola, Richardson fora o pior pesadelo de todos os professores. O seu progresso académico e social era praticamente inexistente. Em 1987, quando tinha doze anos, deixou completamente de ir à escola. Não tinha interesse em aprender nada, mal sabia ler e estava farto das tentativas dos seus professores de o disciplinar. Estava a faltar às aulas há um mês (mais ou menos o mesmo tempo que o abandono mais recente

da sua mãe) quando um vizinho telefonou ao serviço de apoio à família para denunciar as condições esquálidas em que Richardson e os seus dois irmãos viviam.

Richardson voltou a ser matriculado na escola e foi suspenso pouco tempo depois por levar uma arma de brincar para a sala de aula. Os seus problemas académicos e de comportamento não melhoraram. Compareceu pela primeira vez perante o tribunal de menores aos treze anos, acusado de roubo. Ao longo dos dois anos seguintes, a vida de Richardson continuou o seu padrão triste e errático de escolaridade ocasional, abandono frequente pela mãe e sarilhos constantes. Aos quinze anos, já Richardson cultivara um problema relativamente grave de consumo de drogas e álcool. Em 1990, foi diagnosticado como dependente de álcool e começou a exhibir os sintomas de letargia, confusão, prostração e estupor que estão ligados à encefalopatia alcoólica.

Nesse ano, Richardson, então com quinze anos, desistiu permanentemente da escola e inscreveu-se no Job Corps. Um ano mais tarde, na noite de 4 de abril de 1991, o futuro de Richardson parecia tão sombrio como o seu passado, e ele também já não conseguia perceber a diferença. Passar tempo com Clemons era um conforto para ele; o seu primo mais velho e mais tranquilo era uma presença calmante para o turbulento e zangado Richardson. Para Richardson, a casa de Clemons, muito perto do apartamento exíguo e sórdido onde crescera, era como um oásis de outra galáxia.

Nessa noite, Richardson e Clemons estavam a lutar como duas crianças no chão da sala de estar, com a televisão como barulho de fundo, quando a campainha tocou. Os dois primos, como toda a gente na cidade, estavam com febre de primavera. Portanto, quando os outros dois rapazes chegaram lá a casa, foram uma distração bem-vinda. Embora Gray nunca tivesse

conhecido Richardson, encarregou-se de fazer todas as apresentações necessárias.

Os quatro rapazes tornaram-se amigos facilmente, e a sua dinâmica de grupo estabeleceu-se depressa. Exteriormente, Gray era claramente o líder entre eles. Era aquele que falava sem rodeios, aquele que todos seguiam. Mas Clemons também era uns anos mais velho do que os outros dois rapazes e transpirava uma certa autoridade serena – mais por causa da diferença de idades e do seu aspeto do que por confiança ou quaisquer capacidades reais de liderança. Autoridade era um papel a que Clemons não estava habituado, e era em grande parte fruto das imaginações dos outros. Por isso, enquanto Gray era o porta-voz, contando as suas histórias fantásticas e tramando os seus planos desvairados, os outros olhavam para a figura estável e serena de Clemons em busca de sinais de aprovação antes de responderem. No que lhes dizia respeito, os dois rapazes mais novos davam-se bem, fazendo piadas sobre raparigas e a perda de tempo que era a escola – as realidades universais da existência adolescente.

Gray sugeriu que deslocassem o seu grupo de baixo dos olhos vigilantes da família Clemons, e os outros três aceitaram prontamente. Pouco depois, Mike, amigo de Gray, e a sua mulher Chrissy receberam o grupo improvisado em sua casa; gostavam de ter companhia e tinham quase sempre a casa cheia.

Clemons descontraiu-se visivelmente à saída da casa da mãe; embora continuasse calado, quando falava a sua linguagem era claramente mais livre, menos refinada do que fora apenas minutos antes, salpicada com palavras que ele não usava em casa. Até a sua postura se alterou: agora estava afundado no sofá, com uma cerveja entre os joelhos e um braço atirado descontraidamente sobre as costas do sofá.

Enquanto viam hóquei e bebiam cerveja, Winfrey continuava a ser o mais tímido do grupo, talvez por ser o mais pequeno, o mais novo e o único rapaz branco. Apesar disso, sentia-se confortável com os novos companheiros. Pouco depois, qualquer vestígio da sua timidez anterior já o abandonara e, com a ajuda da cerveja e um pouco de marijuana, não tardou muito a estar a falar e brincar com os demais. Até se juntou a um dos outros numa partida de dardos.

Apenas Richardson parecia completamente impassível à mudança de ambiente, e isto tinha uma explicação fácil. Ele simplesmente não tinha o modo de «bom comportamento» que os outros se tinham sentido obrigados a usar na casa da família de Clemons.

Então, os quatro companheiros passaram a maior parte da noite na pequena casa confortável de Mike e Chrissy em San Diego Drive. Gray contava histórias e cantava canções que tinha inventado ou talvez tivesse ouvido em algum lado. Dançava e fazia circular mais um charro e dava o seu melhor para sacar uma risada sempre que possível. Mas às onze da noite, os anfitriões estavam a ficar cansados e começaram a mandar indiretas de que estava na altura de a festa acabar.

Gray estava relutante em abandonar já a festa – tinha outros planos. Além disso, o *stock* de cerveja e erva ainda não se esgotara, por isso sugeriu uma visita noturna à velha ponte Chain of Rocks. Os dois rapazes mais novos olharam para Clemons, que não disse nada mas acenou com a cabeça, quase impercetivelmente. E assim começava a festa.

CAPÍTULO 4

A velha ponte Chain of Rocks abriu pela primeira vez em 1929. Servindo de travessia sobre o rio Mississípi, fazia parte da lendária Route 66. De início, pertencia a uma empresa privada e funcionava como ponte com portagem com uma tarifa de travessia de cinco cêntimos, mas mais tarde foi comprada pelo município de Madison, no Illinois. A velha ponte é uma visão peculiar - as suas quinze secções estendem-se por mais de um quilómetro e meio, mas só tem sete metros de largura, com uma curiosa curva de vinte e dois graus a meio. Em 1968, a «nova» ponte Chain of Rocks foi inaugurada, paralela à velha estrutura - uma travessia sobre o rio com a largura de uma estrada moderna, e gratuita. O município de Madison não tinha alternativa senão fechar a velha ponte.

Embora nunca fosse oficialmente considerada um monumento, a velha ponte Chain of Rocks era amplamente reconhecida como tal, e o município de Madison não queria mandá-la deitar abaixo. Um par de décadas passaram enquanto a velha ponte se mantinha a cruzar silenciosamente o Mississípi e a ganhar ferrugem. De vez em quando, algum político apresentava uma ideia para renovar a velha estrutura ou demoli-la por uma questão de segurança, mas o custo de qualquer melhoria era sempre proibitivo. O afeto local pela antiga ponte, aliado ao enorme custo de demoli-la, mantinham-na de pé. Em 1991, a ponte, embora estruturalmente sã, estava num terrível estado de degradação, e tornara-se um poiso local

favorito para adolescentes e artistas de *graffiti* de ambas as margens.

*

- Estou ansiosa por que vejas o poema - sussurrou Julie, empolgada, enquanto punha as chaves no bolso do casaco e saltitava levemente de pé em pé. Os seus olhos brilhavam ao luar e as suas covinhas pareciam aprofundar-se com as sombras.

- E agora, senhoras e senhores - anunciou Robin na sua melhor voz de apresentadora de concurso televisivo -, apresento-vos uma poetisa com grande reconhecimento local e um talento inédito. Uma poetisa cujas obras foram publicadas em inúmeras revistas literárias com críticas elogiosas de toda a academia. A minha irmã, a brilhante JULIE KERRY! Algumas palavras, por favor, Miss Kerry.

Julie fez uma vénia profunda pela cintura.

- Ora, obrigada por essa apresentação comovente, querida - disse num tom lento e arrastado, arrefecendo-se com um leque invisível. - Só quero dizer, a todos os meus admiradores, que de todas as minhas obras famosas, a peça que estão prestes a ver é sem dúvida a minha favorita, o meu maior triunfo, a minha *pièce de résistance*...

- Tu és uma bela peça, és - respondeu Tom. - Podemos só ir lá dar uma olhada e ir embora daqui? Este lugar é sinistro. Como é que se entra, já agora?

Já não havia trânsito na estrada e o silêncio era absoluto enquanto Tom observava o arvoredor. Continuava a não encontrar nenhuma prova visível do rio, mas achava que podia senti-lo pela humidade no ar.

- Está bem - cedeu Julie, sem se deixar intimidar pela falta de entusiasmo de Tom. Foi em passos largos até à vedação de arame e rapidamente encontrou o lugar por onde entrara muitas vezes. Havia um buraco grande, um pedaço inteiro da vedação cortado pelo qual os três

passaram facilmente. Do outro lado, Julie levou-os em fila indiana por um caminho muito batido entre as árvores em direção ao lugar onde o seu poema brilhava, as suas grandes letras brancas luminosas sobre o betão escuro do tabuleiro da velha ponte. Ela lembrou as palavras já conhecidas na sua cabeça, repetindo algumas das expressões com lábios sussurrantes enquanto pisava a leve vegetação rasteira.

Entraram na clareira de repente e a lua abriu-se por cima deles, iluminando o betão rachado e partido que se estendia como os ossos decadentes de gigantes entre eles e a ponte abandonada. Tom parou de repente, o que fez com que Robin esbarrasse nas suas costas. Queria avançar, mas sentia-se preso, hipnotizado pela velha ponte ameaçadora que se erguia diante de si. A enorme estrutura de aço estava coberta de folhas, e a vegetação perto da base era densa e pouco convidativa. Algumas trepadeiras enormes pendiam do cimo do esqueleto da ponte, e moviam-se e balançavam de forma sinistra na escuridão.

- O que se passa? Não estás com medo, pois não? - brincou Julie.

- Claro que não. Vamos - respondeu Tom, encontrando o seu machismo.

O Mississípi já não era silencioso quando os três companheiros se aproximaram da ponte. Fazia a sua música corrida enquanto eles avançavam, e Tom descontraiu-se um pouco, saboreando a conversa e a caminhada. As duas irmãs e o primo riam e brincavam enquanto iam avançando juntos, agora os três lado a lado ao luar, passando um novo cigarro entre si.

*

A menos de dois quilómetros dali, Gray, Clemons, Richardson e Winfrey aproximavam-se do extremo da ponte do lado do Illinois. Tinham percorrido toda a

extensão da velha estrutura, parando de vez em quando para examinar os *graffiti*. Gray estava especialmente intenso, quase tonto, como uma criança em ponto grande – St. Louis era o seu recreio e esta velha ponte o seu parque infantil. Quando se aproximavam do lado do Illinois, repararam numa fogueira na margem, em baixo, e perceberam quanto se tinham afastado. Alguém sugeriu que voltassem para trás, por isso deram meia-volta e foram em direção ao lado do Missouri, em direção a Julie e Robin e Tom.

Quando os pequenos botins pretos de Robin deram os seus primeiros passos retumbantes na velha ponte Chain of Rocks alguns minutos antes da meia-noite do dia 4 de abril de 1991, foram acompanhados à direita pelas pequenas botas da sua irmã Julie e à esquerda pelos velhos ténis de basquetebol Nike do seu primo Tom. Durante alguns minutos, os únicos sons que pairavam no ar noturno eram os seus próprios passos e o eco baixo do trânsito da ponte paralela, que conseguiam ver – bem iluminada, duzentos e cinquenta metros a norte de onde agora caminhavam. Tom voltara a ficar nervoso quando Julie o avisou para ter cuidado com os poços de visita destapados na superfície da estrada dilacerada.

– Não queremos que caias – brincou ela, e Tom tentou acompanhá-la num sorriso.

Os olhos dele trabalhavam a todo o gás, constantemente a examinar o chão diante de si antes de cada passo cuidadoso. Rogava pragas entre dentes e desejou em voz alta que tivessem trazido uma lanterna. Julie e Robin, porém, estavam habituadas a andar ali, e a sua coragem e passos eram inquebrantáveis. Portanto, elas gastavam as suas energias a procurar *graffiti* novos e interessantes nas superfícies visíveis.

Para Julie, esta ponte era uma espécie de coleção eclética de filosofias, um manual para a vida. E a melhor parte, achava, era que todos podiam acrescentar as suas

ideias, pelo que era um guia de sabedoria coletiva em constante mutação e atualização. Havia tanto a aprender e absorver aqui, e ela sentia-se tão honrada, tão empoderada por ter acrescentado um pedaço da sua própria poesia à coleção. Tinha uma ideia aproximada do local do poema, mas nunca o medira exatamente, por isso, quando se aproximavam da zona, os três abrandaram o ritmo de calmo para quase parado. Tom desejou outra vez ter uma lanterna enquanto os três companheiros sacavam todos os seus isqueiros Bic de bolsos interiores e se debruçavam para o chão com as suas pequenas chamas a bruxulear na brisa do rio. Perscrutaram os desenhos amontoados, sobrepostos, em busca das palavras de Julie, com Tom e Julie a darem passos pequenos, cada um com uma mão num joelho e um isqueiro ao alto. Robin pôs-se de gatas e avançou ao lado deles, estudando cuidadosamente os desenhos, enfeitiçada pelos pormenores, pintados a *spray*, da ponte.

Foi Julie quem detetou o primeiro vestígio do poema – o símbolo da paz que usava sempre quando assinava o seu trabalho brilhava-lhes como um sorriso, num branco luminoso. Sorriu abertamente sem dizer nada, chamando a atenção de Tom com uma cotovelada. Julie puxou-lhe pela manga e Robin pôs-se em pé à pressa para se juntar a eles, acendendo outro cigarro para assinalar a ocasião. Depois, os três amigos marcharam sóbria e silenciosamente pela extensão do poema branco-vivo, lendo à luz das estrelas e dos três isqueiros.

Era um poema inspirado em Spike Lee sobre a universalidade da humanidade, um apelo à compreensão e ao fim do racismo. Era o alerta de Julie e Robin para a sua – muitas vezes apática, algumas ignorante – geração de pares. Tom tinha um nó na garganta quando acabou de ler e Julie, percebendo o sentimento do primo, soltou um enorme grito de alegria e lançou os braços sobre a água, girando, abraçando o mundo. Julie sabia que o poema não

era o seu melhor num sentido literário, que não era muito intelectual. Mas era um poema que representava muito intimamente a sua filosofia de vida. A sua simplicidade, a sua acessibilidade, faziam parte da sua beleza. A ideia era a inclusão, e ninguém que lesse este poema podia ignorar esse conceito. Ela sabia que Tom o *percebia* mesmo, e sentia-se exultante.

Os três primos juntaram-se ali na ponte com as palavras de Julie sob os seus pés e o amplo céu de St. Louis por cima deles. Julie estava num dos seus humores poéticos e falou num tom sonhador sobre a ponte, não como uma travessia entre duas massas de terra, mas antes como uma comunhão de terra, água e céu, e como um lugar de profunda paz e contemplação. A lua pairava baixa no céu sobre o Illinois – uma meia-lua, laranja-avermelhada. Um lua de outono, comentou Tom, e que estranho que estivesse tão baixa e tão laranja naquela altura do ano.

Robin foi a primeira a ouvir as vozes a aproximarem-se e mandou calar a irmã e o primo. Os três pararam de repente e deslocaram-se instintivamente para as sombras da ponte. Julie e Robin nunca tinham tido problemas por estar ali, mas legalmente *estavam* a invadir propriedade alheia e nenhum deles tinha a mínima vontade de passar uma noite na cadeia. O coração de Tom acelerou enquanto pensava na possibilidade de os pais descobrirem que tinha saído de casa à socapa. Um momento mais tarde, Winfrey e Richardson surgiram, seguidos de perto por Clemons e Gray. Os três primos ficaram algo aliviados ao verem os quatro desconhecidos, mas, ainda assim, mantiveram-se imóveis e em silêncio. Estes quatro rapazes claramente não eram da polícia – eram só adolescentes como eles, a aproveitar o ar fresco e a noite. Quando se aproximaram, o mais alto, Gray, estendeu a mão para Julie e sorriu.

Depressa travaram conhecimento. Gray apresentou-se como Marlin, de Wentzville. Perguntou aos três primos de onde eram. Tom respondeu «Maryland» e as duas irmãs

disseram «North County». Gray recomendou que continuassem em direção ao centro da ponte, e Richardson comentou que os *graffiti* eram incríveis ali. Alguém tinha pintado um dragão incrivelmente realista mesmo no centro da ponte. As orelhas de Robin arrebitaram-se quando ouviu isto e ela acenou com a cabeça, entusiasmada, à irmã. Winfrey e Richardson cravaram cigarros às raparigas enquanto os dois grupos conversavam. Quando Gray perguntou se já tinham estado debaixo da ponte, os três primos trocaram olhares de perplexidade. Depois explicou que era possível descer pelos poços de visita destapados e andar pelo tabuleiro inferior da ponte.

- Querem juntar-se a nós lá em baixo e fazer uma festa?
- Gray sorriu. - É mesmo fixe. - Virou-se para Tom enquanto explicava mais. - Podes ir lá abaixo com a tua mulher e ficar completamente sozinho a ver o rio passar - acabou com uma piscadela cúmplice.

- Acho que não - respondeu Julie pelo grupo. - Obrigada, de qualquer maneira.

Gray encolheu os ombros. Tom e as primas foram simpáticos com os quatro rapazes - não tinham motivo para não o ser. Mas não estavam interessados em passar o resto da noite com eles, e não ficaram muito impressionados com a ideia de diversão de Gray. Gray pressentiu que não tinha conquistado completamente os três desconhecidos, por isso, quando a conversa começou a esmorecer, fez uma última tentativa de captar o interesse deles. Num rápido movimento atlético, trepou o parapeito da ponte e saltou para o outro lado. Julie e Robin foram ambas a correr até ao parapeito e debruçaram-se. Gray estava parado, em pé, algumas dezenas de centímetros abaixo. Ele acenou do pilar de betão antes de desaparecer debaixo do gradeado da ponte e surgir um instante mais tarde de um dos poços abertos ali ao lado. Clemons repetiu a façanha de Gray,

desaparecendo no lado da ponte e depois espetando a cabeça através do tabuleiro alguns momentos mais tarde, como uma toupeira.

Julie e Robin riram-se contra vontade, mais por alívio do que por diversão, mas Tom ficou calado, a revirar os olhos. Trocaram mais alguns gracejos antes de os rapazes dizerem que se iam embora e os dois grupos se separarem amigavelmente, apertando a mão antes de virarem costas uns aos outros. Richardson gritou por cima do ombro para dizer que tinha perdido uma lanterna – se encontrassem uma, era dele.

Assim que os rapazes deixaram de poder ouvi-los, Robin murmurou num tom sarcástico que ele provavelmente tinha perdido a lanterna enquanto estava ocupado a trepar a estrutura da ponte como um maluco. Eles riram-se e Tom acrescentou:

– Se acham que vou trepar ali acima para a procurar, estão muito enganados. – Ninguém questionou a estranha suposição de Richardson de que eles poderiam, de alguma forma, devolver-lhe a lanterna perdida. Talvez não pensassem que iam realmente encontrá-la, ou talvez fosse só um daqueles pormenores que não pareciam importantes na altura.

*

Os quatro rapazes dirigiram-se à margem do Missouri enquanto as irmãs Kerry e o primo se despediam e seguiam na direção oposta. Os homens abrandaram o ritmo quando se aproximavam do fim da ponte e as suas vozes suavizaram-se enquanto falavam uns com os outros em tons conspiratórios.

– Vamos voltar para trás e roubá-los – sugeriu alguém na escuridão.

– Sim. – Gray acenou a cabeça, sorrindo e esfregando as mãos. – Estou com vontade de magoar alguém – disse.

E foi tão fácil quanto isto. Numa questão de momentos, os quatro estavam decididos. Os quatro caminhos distintos que os tinham levado até este momento nas suas vidas tinham-se juntado e entrelaçado num instante, com um aceno de cabeça no ar húmido do rio. Sem olhar para a frente, nem para trás. A decisão que o filho do padre, o rufia, o animador e o miúdo tomaram coletivamente naquele momento iria alterar o rumo da vida deles e de outros para sempre. O momento depressa passou e eles avançaram com o seu plano, completamente despreocupados com os horrores que estavam prestes a provocar.

Gray levou a mão ao bolso e tirou um punhado de preservativos. Deu um a Clemons e outro a Richardson. Depois virou-se para Winfrey, oferecendo o preservativo ao relutante rapaz de quinze anos. Winfrey abanou a cabeça timidamente. Concordara com o roubo e talvez um pequeno confronto, mas a sua adrenalina não o levava mais longe do que isso. Mas Gray não era do tipo de tolerar discórdia, e o seu olhar fulminante induziu Winfrey a aceitar o preservativo embalado quando este lhe foi enfiado na mão. Winfrey meteu-o, hesitante, no bolso e respirou fundo antes de o quarteto partir em perseguição das futuras vítimas.

*

Cerca de quinze a vinte minutos mais tarde, os três primos aproximavam-se do extremo oposto da ponte. Só perceberam quanto tinham andado quando viram a fogueira na margem. Juntaram-se no lado norte da ponte e alinharam-se silenciosamente junto ao parapeito, sem falar – só a observar a fogueira e a água lá em baixo. O lado do Illinois da ponte não era longe de onde estavam, uma mancha escura, coberta com a mesma vegetação pouco convidativa da ponta ocidental. As duas bocas da velha ponte, oriente e ocidente, eram como um par de

cerca-livros góticos, diferentes em pequenos aspectos decorativos, mas idênticas na sua arrepiante inospitalidade.

Tom contentava-se em parar aqui, em não ir mais longe na direção do portal escancarado na negra margem oriental. Concentrou-se na fogueira, em baixo, e nas silhuetas animadas das pessoas que se reuniam à sua volta. Ele, Julie e Robin passaram alguns minutos em silêncio, a contemplar a paisagem.

Havia um silêncio sereno na ponte, onde os três amigos estavam a saborear o murmúrio baixo do Mississípi muito abaixo deles. Portanto, sobressaltaram-se quando, mais uma vez, ouviram vozes e passos a aproximarem-se. Robin pôs-se em sentido e todos viraram os rostos para ocidente, em direção ao Missouri, esperando ansiosamente que as pessoas ligadas àquelas vozes aparecessem. Estava enevoadado no tabuleiro da velha ponte, mas não era um nevoeiro normal – por cima das cabeças deles, as estrelas cintilavam intensamente no céu sem nuvens. Esta névoa parecia ameaçadora, elevando-se do rio abaixo deles, colando-se-lhes em volta dos calcanhares e rareando à medida que subia, o que tornava a visibilidade ao nível dos olhos turva. Robin voltou os seus olhos para Julie, fitando a irmã, pouco mais velha, em busca de apoio.

– Vamos meter-nos em sarilhos – sussurrou Robin, agarrando o braço da irmã. – Desta vez é a polícia.

Sem uma palavra, Julie tirou o cigarro já aceso de entre os dedos de Tom e deu uma longa passa enquanto esperavam. Na sua cabeça, Julie já estava a praticar o seu discurso de «não sabia que isto era propriedade alheia», incluindo as pestanas a bater. Mas nunca fora muito boa a bajular, e esperava que houvesse outra solução.

Quando os rostos de Gray e dos seus três companheiros surgiram entre a névoa noturna, os três primos soltaram um suspiro de alívio audível. Tom até começava a sentir-se

um pouco fortalecido pelo ciclo de preocupação desnecessária e alívio súbito.

- São só aqueles quatro tipos que encontramos há pouco - disse Julie, dando uma palmada no braço da irmã.

- Credo, pregaste-me um susto de morte, Robin.

Robin também riu, então, o mesmo riso retinente da irmã, e os três companheiros relaxaram todos as suas posturas. Quando os quatro rapazes se aproximavam, Antonio Richardson saltou para a beira do parapeito e içou-se sobre a força dos seus braços, gritando uma saudação amigável às pessoas reunidas na fogueira, em baixo. Houve uma breve e agradável conversa entre a margem e a ponte. Os campistas fizeram um convite ao grupo, agora bastante grande, reunido na ponte. Tom, Robin e Julie sabiam que deviam estar incluídos no convite, mas continuavam a sentir-se meros observadores.

- Já descemos - gritou Richardson. - Têm sacos-cama que cheguem para todos?

Alguém na fogueira disse que sim e Richardson riu-se, afastando-se do parapeito e voltando a juntar-se aos seus amigos.

Quando Tom, Robin e Julie se viraram para oeste para regressar ao Abelhão e à margem do Missouri, os seus quatro novos companheiros puseram-se ao lado deles, conversando amigavelmente. Nenhum dos quatro rapazes explicou porque é que ainda estavam na ponte, porque é que não tinham ido embora há meia hora como haviam dito ser sua intenção. Mas os três primos não estavam nervosos. Todas as suas interações até agora tinham sido calmas e amigáveis.

Só quando os dois grupos se aproximaram do centro da velha ponte, onde a estrutura fazia uma curva acentuada muito acima do rio, é que Julie se começou a sentir inquieta, a reparar verdadeiramente, pela primeira vez, no isolamento da situação deles. Os quatro rapazes estavam a ficar mais calados e Julie reparara no silêncio crescente.

Tirou um Marlboro Lights do seu maço e acendeu-o, com o brilho laranja do isqueiro que protegia com as mãos a iluminar-lhe momentaneamente o rosto. A certa altura durante a caminhada, Clemons e Winfrey tinham-se chegado habilmente à frente do grupo e Gray e Richardson tinham-se deixado ficar na retaguarda.

Enquanto Julie tinha as mãos em concha sobre o rosto para acender o cigarro, sussurrou ao primo:

- Não estou a gostar disto, Tom. Acho que estes tipos nos estão a seguir ou algo do género.

Robin caminhava mesmo à frente deles, um pouco à esquerda, com as mãos enterradas nos bolsos do seu velho *blazer* castanho enquanto examinava os *graffiti* o melhor que podia na luz ténue. A mente de Tom começou a acelerar e ele estava a tentar não entrar em pânico. Não vira mais carros no sítio onde tinham estacionado, em Riverview Drive. Talvez estes tipos estivessem à espera para lhes roubar o carro e os deixar ali desamparados.

- O que queres fazer? - sussurrou Julie.

Mas Tom não via nenhuma escapatória. Conseguirem os três fugir a correr parecia impraticável. Abanou a cabeça.

- Não sei - respondeu. - Continuar a andar, suponho, ficar alerta.

Na esperança de que se sentissem mais seguros em grupo, Julie chamou Robin até si e disse-lhe alguma coisa muito baixo ao ouvido. Robin fitou a irmã com grandes olhos assustados e fez um aceno de cabeça em silêncio. Alguns passos atrás deles, Gray notou o diálogo furtivo e pressentiu que era o momento de agir.

A crescente sensação de medo dos primos não os preparara para a violência chocante do ataque quando este começou. Num instante, uma mão pesada caiu sobre o ombro de Tom e aquela voz, aquela que tinham ficado tão aliviados por ouvir do lado do Illinois da ponte, disse em tons subitamente ameaçadores:

- Anda cá. Preciso de falar contigo um segundo.

A mão rodou Tom e ele deu por si a olhar para o rosto trocista de Gray, que tinha mais quinze centímetros do que ele. Gray puxou-lhe o braço, levando Tom para trás, em direção ao lado do Illinois, separando-o das primas, que, percebia agora, também estavam a ser agarradas.

Julie perdeu o equilíbrio quando um dos rapazes a agarrou por trás pelos braços, e o cigarro caiu-lhe da mão num arco violento, deixando uma chuva de faúlhas cor de laranja no seu rasto. Julie e Robin estavam a ser arrastadas, a lutar e gritar, para longe do primo Tom. Robin pontapeava o seu atacante, atrás dela, mas não conseguia atingi-lo. O mundo virou-se de lado quando Tom deu por si com a cara no betão, o rosto esmagado contra o tabuleiro frio da ponte, com um sapato na curva do pescoço.

- Pá, hoje não é o teu dia - disse a voz, embora Tom já não conseguisse ver a cara a quem pertencia. - Estás metido em sarilhos. Grandes sarilhos.

O rapaz mandou Tom ficar completamente quieto, disse que lhe daria logo um tiro se mexesse a cabeça ou tentasse olhar em volta. A boca de Tom estava ligeiramente aberta, mas ele não conseguia falar. Obrigou-se a ficar completamente imóvel, embora o coração lhe martelasse na garganta esmagada. Um momento mais tarde, o pé foi cautelosamente retirado do seu pescoço e Tom esforçou-se por respirar fundo e continuar quieto.

Outra voz juntou-se àquela que agora pairava sobre ele. Ao longe, Tom conseguia ouvir os gritos cada vez mais distantes de Julie e Robin, que estavam a ser levadas. Ambas gritaram «Para!» e «Deixa-me em paz, por favor não me magoes». Tom ficou horrorizado quando percebeu o que estava a acontecer às primas. Levantou a cabeça mesmo a tempo de ver uma silhueta a obrigar Julie a deitar-se no tabuleiro da ponte. O pé de Gray voltou de imediato ao pescoço de Tom.

- Dou-te um tiro, cabrão! - ameaçou Gray outra vez, empurrando de novo o rosto de Tom contra o chão. - Voltas a mexer a cabeça e juro que te dou um tiro, ó gordo.

Alguns minutos mais tarde, Tom sentiu a bota a soltar-lhe o pescoço, e em resposta deixou os músculos relaxar, obrigando-se a ficar quieto. Enquanto estava estendido na ponte com o gigante Gray a erguer-se sobre ele, Tom esforçava-se por se manter calmo. *Mantém-te calmo e pensa*, dizia a si mesmo. Sempre acreditara que quando as pessoas davam por si em situações destas, a sua única esperança de sobrevivência era o raciocínio calmo e inteligente. Mas agora percebia como isto era difícil. Não conseguia pensar - mal podia aceitar a realidade do que lhe estava a acontecer. Apenas as pedrinhas cravadas na sua face o convenciam de que não estava nas garras de um pesadelo.

Um dos outros rapazes veio guardá-lo nessa altura, enquanto Gray se dirigia às raparigas. Tom começou a chorar quando ouviu Julie continuar a debater-se e gritar. Robin ficara estranhamente calada.

- Queres morrer? - ouviu um dos rapazes perguntar a Julie. - Tira as calças, senão eu atiro-te desta ponte abaixo. Um. Dois. Três.

Tom ouviu a primas soluçar e os seus próprios ombros também começaram a tremer. Quem viera render Gray do seu serviço de guarda aproximava-se agora do rosto de Tom, tão perto que Tom podia sentir o bafo quente e o cuspido enquanto a voz falava consigo.

- Nunca tive o prazer de matar ninguém - disse.

Enquanto o ataque continuava, Tom tentou concentrar-se nos sons da água, ou no trânsito na ponte adjacente, qualquer coisa para bloquear os sons abafados da tortura das primas. O vigia dele mudou outra vez e agora o recém-chegado era Winfrey, fácil de reconhecer porque era o único rapaz branco do grupo. Pôs-se à vontade,

sentando-se no fundo das costas de Tom e perguntando logo se ele tinha dinheiro. Tom respondeu que sim e Winfrey mandou-o esvaziar os bolsos muito lentamente. Tom tirou o pouco dinheiro que tinha de um dos bolsos do casaco de esqui em *nylon* e as chaves da casa do avô de outro. Winfrey mandou-o pôr as coisas no chão à frente dele e Tom obedeceu. Do seu poleiro nas costas de Tom, Winfrey podia facilmente sentir o volume no bolso de trás dos *jeans* de Tom e decidiu pegar-lhe na carteira. Ao abri-la, Winfrey entrou em pânico.

- O que raio é este distintivo, pá? - perguntou.

- Sou bombeiro - respondeu Tom, o mais calmo possível. - Sou bombeiro. Não sou polícia.

Isto pareceu pacificar Winfrey, que tirou o distintivo da carteira de Tom e o examinou ao luar antes de o enfiar no seu próprio bolso. Também guardou a carta de condução de Tom e várias fotos antes de voltar a enfiar-lhe a carteira, agora vazia, nos *jeans*. Winfrey parecia estar a gostar do seu papel de sentinela, saboreando o medo óbvio que estava a causar.

- Sabes - refletiu em voz alta, ao levantar-se do seu assento nas costas de Tom para esticar as pernas. - Ainda bem que os meus amigos não são maricas, senão provavelmente também te comiam a ti.

E depois riu-se, quase como se estivesse à espera de que Tom se risse com ele da piada engraçada que tinha feito.

Tom cerrou os dentes e os punhos, mas ficou calado. Não ia morder o isco, não ia reconhecer o comentário monstruoso com uma resposta. Mas apesar da sua determinação em ficar calado, a bÍlis subiu-lhe à garganta e o seu estômago deu um espasmo violento. Por um momento, pensou que ia vomitar - ali mesmo, onde estava, deitado com a cara encostada ao tabuleiro frio da ponte e com o pé de Winfrey nas suas costas. Mas Tom

lembrou-se da ameaça da arma e ficou paralisado na ponte, imóvel.

Mais alguns minutos passaram, até que Tom ouviu vozes, distantes mas claras, a discutir quem matar primeiro. Ouviu passos quando Clemons se aproximou e lhe deu um pontapé forte nas costelas, sem aviso. Winfrey, agora parado em pé ali perto, riu-se ao ver Tom contorcer-se e engasgar-se.

Clemons, encorajado pelo público, anunciou:

- Pá, isto não magoou - e voltou a pontapeá-lo, com mais força. Mais quatro ou cinco pontapés e Tom deixou de reagir. Sabia que aquilo não era nada comparado com o que Julie e Robin tinham acabado de sofrer. Clemons parecia estar a ficar irritado com a falta de uma reação adequada da sua vítima. Por isso, parou de dar pontapés e, em vez disso, pôs o pé na nuca de Tom, esmagando-lhe a cara e os lábios contra o betão.

- Acabei de comer a tua namorada - disse então, tentando uma abordagem mais calculada à sua tortura. - O que achas disto?

O comentário era cruel, pensado para infligir o máximo de dor, e funcionou. O estômago de Tom agitou-se dentro dele outra vez. Mas recusou-se a dar a Clemons a satisfação que ele procurava.

- Elas são minhas primas - respondeu estoicamente, sem vergonha das lágrimas que agora lhe corriam pelo rosto.

- Ah, vocês são primos - disse Clemons em tom arrastado, rindo. Tirando o pé da nuca de Tom, deu à vítima mais um pontapé, para jogar pelo seguro, e ordenou:

- Levanta-te.

Clemons e Winfrey puseram Tom de pé e levaram-no, dobrado pela cintura, em direção ao sítio onde vira pela última vez as primas. Há algum tempo que Tom não ouvia um pio de Julie e Robin, e temia agora o pior. Os dois

homens levaram-no cerca de quinze metros pela ponte, em direção ao lado do Missouri, e depois pararam abruptamente. Por causa da sua postura curvada, Tom via claramente que estavam perto de um dos poços abertos. O *graffiti* que antecedia o poço era um jogo da macaca, com o buraco negro e escancarado como o último espaço do jogo. Tendo em conta os ataques, o tom infantil, desadequado, do desenho impressionou Tom amargamente e inundou-o de toda uma nova vaga de terror e dor. Ainda não via sinal das primas.

Um dos homens que agora guardavam Tom deu-lhe um pontapé no pé e perguntou-lhe que ténis tinha calçados.

- Nike Air - respondeu Tom.
- De que tamanho?
- Quarenta e quatro.
- És um gordo rico e vais morrer.

Sentiu de imediato mãos a agarrarem-lhe a nuca, a puxarem-lhe a gola do casaco por cima da cabeça e a obrigarem-no a deitar-se de novo no tabuleiro da ponte. Tom encolheu-se e todo o corpo lhe tremia, à espera de uma bala, à espera do estrondo sonoro que assinalaria a sua morte. Mas não houve nenhum estrondo e num instante ele estava deitado de barriga para baixo outra vez. Uma das mãos estava na parte de trás da sua cabeça, agora coberta.

- Sabes que mais? - declarou uma voz sem rosto. - Gosto de ti. Vou deixar-te viver. Acho que te vou deixar viver.

Tom mal conseguia ouvir a voz e as suas promessas açucaradas sobre o martelar do seu próprio coração e o fluxo do seu próprio sangue nos ouvidos. Mas agora havia outra voz e eles estavam a discutir. Um argumentava que tinham claramente de matá-lo e o outro dizia que já prometera ao ricoço que o deixava viver. Tom pensou nos dezoito dólares que tinha dado a Winfrey e em quem seria este miúdo rico de quem estavam a falar.

A discussão continuava por cima dele e então a voz de Winfrey estava ali de novo, mais perto e mais clara, dirigida a Tom.

- Então, este tipo de coisas acontece em D.C.?

Amigável. Tom quase podia jurar que, à sua maneira pervertida, aquele rapaz só estava a fazer conversa com ele. O rapaz que acabara de ajudar a violar as primas dele. O rapaz que acabara de o roubar e estava prestes a participar no seu homicídio queria ter uma conversa amigável primeiro.

- Este tipo de coisas não me acontece a mim - respondeu Tom. Foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

- Este tipo de coisas nunca me acontece a *mim* - respondeu Winfrey, sardónico. - Pois agora estás em St. Louis. Bem-vindo à cidade. - E Tom ouviu o rapaz a rir-se.

A discussão sobre a morte de Tom continuava ali perto, mas ele não estava a ouvir. Então, de súbito, fez-se silêncio, e era muito mais sonoro e assustador do que a discussão tinha sido. Um braço pesado na parte de trás do ombro dele e um ou dois dos quatro homens manobraram Tom para o poço de visita aberto, com o seu louco jogo da macaca. Tom conseguia ver alguma coisa por uma fresta no casaco e agora estava sentado, com os pés a balouçar dentro do poço, enquanto uma das vozes o mandava descer para o tabuleiro inferior. Ao descer para a galeria, Tom conseguiu distinguir as pequenas e trémulas figuras de Julie e Robin, despidas e deitadas lado a lado no tabuleiro inferior, abaixo do poço. Lágrimas de alívio saltaram-lhe aos olhos e o nó na garganta de imediato se tornou enorme e constritivo, afetando-lhe a respiração entrecortada. Uma das vozes ordenou a Tom que se deitasse ao lado das primas e ele assim fez, grato por se reencontrar com elas.

Havia luz suficiente, à justa, para ver e Tom conseguiu distinguir a figura de Julie estendida à direita da sua irmã Robin, ambas deitadas de costas com os olhos fechados.

Julie estava a entoar num tom suave, quase inaudível, uma corrente contínua de palavras serenas e reconfortantes para a irmã. Uma canção de embalar para Robin.

- Em breve tudo isto vai acabar - dizia repetidamente. - Vai ficar tudo bem.

Entretanto, algumas dezenas de centímetros acima das cabeças deles, os quatro agressores estavam a discutir o que fazer a seguir com as suas vítimas. Os três primos não ouviam a conversa abafada por cima deles - estavam demasiado anestesiados e destroçados para estarem verdadeiramente alerta. Tom estava deitado de barriga para baixo com o braço direito ao longo do flanco direito do corpo franzino de Robin. Ela tremia e Tom estava cheio de uma raiva fervilhante, impotente.

- Não te preocupes, Robin, em breve tudo isto vai acabar - Julie não parava de repetir. - Vai correr tudo bem.

E Tom encontrou conforto nas palavras encorajadoras de Julie, embora fossem destinadas à sua irmã. Três ou quatro minutos passaram assim, antes de as vozes murmurantes por cima deles pararem. Clemons e Richardson apareceram na sombra, caindo do poço e pousando com baques similares, ecoantes, na galeria, perto de onde as primas estavam deitadas juntas.

- Levantem-se - ordenou um deles.

Tom e Julie levantaram-se os dois lentamente. Entre eles, Robin ficou deitada de costas, impassível: hirta de medo e repugnância. Não se mexeu. Os rapazes mantinham-se a alguma distância, envoltos na escuridão sombria da ponte.

- Vamos. Para o betão - ordenou Clemons. Robin parecia não ouvir. Era como se os seus ouvidos se tivessem desligado, como se a sua mente estivesse relutante em ser cúmplice de qualquer nova vitimização do seu corpo.

Tom estava agora no betão, e a sua mente estava entorpecida. Sentia os pensamentos densos e pesados enquanto observava a água castanho-viva a correr rápido debaixo de si. Não lhe parecia assim tão longe – parecia-lhe ser possível sobreviver àquela distância, e pela primeira vez desde o início deste horrível suplício, começou a sentir que o fim estava à vista. Ouviu os dois homens lá em cima, ainda a gritarem a Robin que se levantasse, e virou-se para a ir buscar, determinado a ajudá-la a suportar estes últimos minutos terríveis até tudo acabar. Mas mesmo ao virar-se, sentiu-se lento, como se estivesse preso num daqueles sonhos horríveis em que tentamos gritar mas não conseguimos, tentamos fugir mas não conseguimos.

Enquanto Tom olhava para a galeria, Clemons agarrou no corpo franzino de Robin e atirou-a literalmente para o pilar, para o lado do primo. Parecia minúscula, quase diáfana, quando o seu corpo caiu no betão, junto do primo, e ela se levantou com dificuldade. Cambaleou em direção a Tom e recuperou tenuemente o equilíbrio ao lado dele no pilar. Toda a sua roupa tinha desaparecido e ela estava descalça, mas nem parecia consciente destes factos. Pôs ambos os braços à volta do cotovelo esquerdo do primo e encostou-se a ele para se aquecer, reconfortar, em busca de um alívio momentâneo do seu terror.

Tom enlaçou os braços à volta dela e deu o seu melhor para a proteger com o seu corpo. Robin olhou com ar desanimado para os seus dedinhos dos pés sobre o betão áspero do pilar ao luar frio de abril. Os cortes e arranhões nos pobres pés maltratados eram o menor dos seus males.

Atrás dela, Julie desceu ao pilar sem nada a cobri-la exceto a camisa xadrez verde de flanela que usara o dia todo. Envelhecera décadas desde o jantar de família, breves horas antes, e Tom ficou espantado com essa mudança. Automaticamente, Julie passou para o lado da irmã, aninhando-se nela, tentando protegê-la e consolá-la.

Os três primos alinharam-se assim e esperaram, ofegantes, impotentes, que a sua sentença fosse proferida das sombras. Tom era o que estava mais afastado, sobre a água, com Robin a seu lado, e depois Julie mais perto da galeria. Clemons mantinha-se a salvo nas sombras do tabuleiro inferior, e Richardson aventurava-se no pilar apenas o suficiente para marcar presença. Com uma mão, continuava agarrado ao tabuleiro inferior de aço da ponte.

Os três primos seguravam-se uns aos outros e sussurravam brandamente, mas nenhuma palavra era trocada entre eles, apenas os sons quase inaudíveis da ternura. Foi a voz de Richardson que lhes berrou para pararem de tocar uns nos outros e se virarem para a frente. O roubo deste último pequeno conforto foi quase insuportável para Robin, e o seu corpo pareceu desmoronar-se sob o peso do desespero quando largou o braço direito de Julie e o esquerdo de Tom.

- E afastem-se uns dos outros! - acrescentou Richardson.

Os três primos assim fizeram. E foi então que aconteceu.

Apesar da brutalidade da última hora, a estocada da mão foi um choque para os três. O terror no rosto de Julie quando caiu a pique da beira do precipício foi uma visão terrível. Robin viu-se incapaz sequer de gritar quando viu, absolutamente horrorizada, a sua irmã a cair. Tom soltou um arquejo sufocado e virou-se para Richardson, que, sem um momento de hesitação, bateu violentamente nas costas de Robin e a fez cambalear para a frente. Aos gritos, ela seguiu a irmã até à água lamacenta lá em baixo.

A boca de Tom mantinha-se aberta em silêncio enquanto ele olhava para a expressão presunçosa de Richardson. Os olhos de Tom fixaram-se no rosto impiedoso que lhe sorria ao luar, a ameaça da arma ainda a brilhar naqueles olhos

frios e implacáveis. Tom estava estupefacto, confuso, apavorado.

Richardson contorceu o rosto numa expressão desdenhosa ao falar:

- Salta, ou...

Tom não esperou pela segunda opção, a arma. Não perdeu um segundo. Não respondeu, nem sequer respirou. Avançou sem um som em direção à água, para o ar, caindo, à espera de uma bala na nuca.

CAPÍTULO 5

O rio Mississípi é o quarto rio mais comprido do mundo. Enquanto bacia hidrográfica, drena cerca de quarenta e um por cento dos Estados Unidos continentais, e ainda duas províncias canadianas, o que equivale a aproximadamente três milhões de quilómetros quadrados. A cada segundo, o poderoso rio cospe sessenta e cinco mil metros cúbicos de água para o golfo do México, carregando cento e cinquenta e nove toneladas de sedimento consigo todos os anos. Em St. Louis, o nome da velha ponte, Chain of Rocks¹, refere-se a uma linha real de pedregulhos enormes que se erguem do leito do rio, sacudindo a água impetuosa num frenesim tumultuoso. A lenda local afirma que, em períodos secos, os ameríndios costumavam atravessar o rio saltando de pedra em pedra. Hoje, essa mesma cadeia de rochedos torna o trecho do rio de St. Louis um dos mais mortíferos do Mississípi. Em 1991, era sabido entre os locais, incluindo Julie e Robin Kerry, que a ponte Chain of Rocks era uma garantia de sucesso para os suicidas locais.

Claro que Tom Cummins, o turista de Washington, D.C., não sabia isto quando saltou desvairadamente de um pilar de betão, a sacudir braços e pernas, no lado norte da ponte Chain of Rocks. Depois de saltar e muito antes de chegar à água, teve tempo suficiente para formar o pensamento: *Meu Deus, isto é uma queda grande*. E depois, um momento mais tarde: *Merda, ainda estou a cair, ainda não cheguei à água*.

Quando finalmente chegou à água, entrou de pés e logo mergulhou fundo no rio, precipitando-se para o leito a uma velocidade espantosa. Debaixo de água, abriu os olhos e viu o ténue brilho verde da superfície, que parecia quilómetros acima da sua cabeça. Começou a nadar, puxando a água por cima da cabeça e dando aos pés com toda a força, esforçando-se por chegar ao ar lá em cima. Quando rompeu a superfície, passou um momento só a respirar, enchendo os pulmões doridos.

A primeira coisa que viu enquanto lutava para se manter à tona foi a ponte gigantesca e ameaçadora sobre si. O rio era rápido, movia-se com muito mais força do que ele esperara, e enquanto Tom se esforçava para tirar o casaco, percebeu que a corrente já o levava por baixo da ponte e que estava a olhar para ela do lado sul. Era verdadeiramente enorme, aquela ponte, e a realidade da distância que caíra encorajava-o e ao mesmo tempo enchia-o de medo. Nunca teria sido capaz de saltar se soubesse a altura a que estava. Teriam tido de lhe dar um tiro.

Havia detritos por toda a parte na água e, agora que ele se orientara e se assegurara de que tinha sobrevivido, Tom começou a vasculhar a água em busca das primas. Troncos e ramos moviam-se em seu redor a uma velocidade assustadora, e na obscuridade, enquanto subia e descia na corrente rápida, pareceu-lhe ver Robin escassos metros à sua esquerda. A corrente cresceu entre eles e quando voltou a olhar para o lugar onde a vira, ela, ou o tronco que se parecia com ela, desaparecera. Julie surgiu por trás dele, então, cerca de três ou quatro metros à sua direita, e ele viu-a claramente, apesar do choque da água áspera à volta do seu rosto. Tom gritou-lhe, recebendo uma golada fria de água do rio pelos seus esforços, mas ela ouviu-o e virou o rosto branco como a lua para si, aterrorizada na água espumosa.

- Meu Deus, onde está a Robin? - gritou.

Mas Tom não lhe podia responder. Os seus esforços para galgar a água estavam a tornar-se uma batalha perdida. A corrente era demasiado forte para ele. Tinha de tirar os ténis. Tentou descalçá-los com os pés e não conseguiu. Quando usou os braços, começou a afundar-se. Teve um momento de extremo e absoluto pânico, convencido de que a morte seria afinal o resultado do que lhes acontecera naquela noite. Gritou enquanto se afundava e a água lhe envolvia a cabeça como um capuz macio. Cerca de meio metro abaixo da superfície, desistiu dos ténis e voltou a estender-se para a luz. Respirava mais calmamente agora, como se os poucos momentos de pânico tivessem sido exatamente o escape emocional de que precisava para encontrar a força para continuar. A sua mente ficou entorpecida – não havia muito espaço para uma linha de pensamento racional ali no rio. Tinha de contar com o corpo para fazer o trabalho de sobrevivência, e precisava de cada grama da sua força física só para se manter à tona.

Apercebeu-se vagamente da presença de Julie a dois ou três metros dali, e nesse mesmo nível de pensamento subconsciente, supôs que também Robin estivesse algures ali perto, a lutar tremendamente contra a forte corrente, oculta pela distância ou os detritos. Esforçou-se para se pôr de costas e deixou que a corrente o levasse enquanto remava para trás desastradamente, embatendo cegamente nos detritos enquanto abria caminho através da água. Toda a sua concentração estava em manter-se à tona. Ainda nem sequer considerara chegar à margem. Entre o bater constante da água nos seus ouvidos, ouviu a voz de Julie, a gritar mas não histérica. Encorajou-o. Ouvia a sua própria voz a responder-lhe.

– Temos de *nadar, nadar, nadar, nadar, nadar, nadar!* – bradou, numa voz que soava estranha e distante aos seus próprios ouvidos. Entre ele e a margem do Missouri, logo a seguir a onde achava que Julie estava, viu uma das

torres de toma de água que pertenciam à St. Louis Waterworks. Não sabia o que era, mas era uma estrutura grande, estável e bem iluminada, e na cabeça dele, simbolizava segurança. – Nada em direção às luzes, Julie! *Nada, nada, nada, nada, nada!*

– Estou a afogar-me, Tom! – Julie gritou a sua resposta com uma histeria cada vez maior.

Tom levantou a cabeça da água o melhor que podia e gritou-lhe:

– Não nos vamos afogar. *Tu não te vais afogar.* Vamos chegar à margem. *Nada, Julie!*

E ela nadou. Depois disto, Tom deu o seu melhor para se manter de olho nela, perscrutando constantemente a água, em busca de Julie, naqueles momentos em que ele se elevava no lado alto da instável corrente. Ela ainda estava a debater-se, aproximando-se dele enquanto avançavam rapidamente com o poderoso rio. Aproximava-se cada vez mais com o passar dos minutos, mas eles não desperdiçaram a sua energia a falar, uma vez que os seus corpos exigiam cada grama de força para a sua batalha com a água. Só estavam subliminarmente conscientes da presença um do outro. E então Tom levantou a cabeça e viu-a mais perto do que nunca, a aproximar-se a uma velocidade assustadora. No breve vislumbre que teve dos seus olhos, viu fadiga absoluta. Julie Kerry não queria morrer, mas o seu corpo estava a desligar-se. Batido pela exaustão, o choque e o trauma, o seu corpo frágil estava a desistir, recusando-se a nadar mais.

Fazendo um último esforço valente para se manter à superfície, ela esticou-se para o primo Tom, enlaçando o pescoço dele com o forte aperto dos seus pequenos braços. Ambos se afundaram. Desceram rapidamente, com o peso de dois corpos entrelaçados, imóveis. Num instante estavam um ou dois metros abaixo da superfície e Tom ficara sem ar. Não tinha tomado bem fôlego antes de submergir e precisava de fazê-lo agora. Quase o fez antes

de perceber que não podia. Sabia que se estava a afogar, mas Julie continuava agarrada a ele, com os bracinhos tensos de esforço e medo.

Tom enfiou as mãos por baixo da curva dos cotovelos de Julie, que se espetavam ao lado dos ombros dele. Num movimento rápido, endireitou os braços, empurrando Julie para cima, sobre a sua cabeça, em direção à superfície, e libertando-se ao mesmo tempo. Ambos vieram à tona.

- *Temos de continuar a nadar* - gritou sobre o barulho da água. - *Nada, Julie!*

E mais uma vez, ela nadou. A corrente tinha criado alguma distância entre os dois primos mal voltaram a emergir, mas Tom sabia que ela ainda estava perto e tentou mantê-la debaixo de vista o mais possível. Pôs-se de novo de costas, observando a água para acompanhar o custoso avanço de Julie sempre que a corrente o elevava o suficiente para conseguir ver. Ela estava claramente exausta, mas continuava a remar com a corrente. Apesar do peso crescente dos seus membros e do nebuloso turbilhão de pensamentos, a voz de Tom ainda soava forte, e ele ouvia-a como se estivesse fora de si mesmo, a encorajar Julie a nadar. Mas mesmo enquanto incentivava a prima, os próprios pés de Tom tornavam-se mais pesados nos seus ténis ensopados enquanto ele deslizava pelo poderoso rio como um boneco de trapos na corrente. Cerca de dois ou três minutos mais tarde, quando Tom veio à tona e vasculhou o lugar que Julie ocupara na água, ela tinha desaparecido. Ficou logo histérico. Agitou-se e esbracejou desvairadamente na água, a gritar o nome dela, com as lágrimas a juntarem-se à humidade do rio no rosto dele.

- *Julie!* - gritou. - *Ajudem-nos. Ajudem-nos. Alguém nos ajude, por favor.*

O cérebro de Tom ainda se recusava a acreditar que qualquer das suas primas se tivesse afogado. Nem o considerava uma possibilidade. *Só estamos separados,*

dizia constantemente a si mesmo. *É natural que nos separemos na turbulência desta água.* E, portanto, dava voltas e voltas na água, na esperança desesperada de tornar a ver Julie. Mas soluçava enquanto rodava, e a cada momento que passava sem ver a amiga, o seu coração e a sua esperança desciam em direção ao fundo daquele rio. Tom parou de nadar. Flutuou de costas, entregando-se aos soluços e à histeria.

- Não consigo fazer isto - disse em voz alta, e reparou pela primeira vez no frio que sentia. Tremeu na água gélida e todo o corpo lhe doía, rígido com o frio e o medo.
- *Não consigo fazer isto, raios!* - disse outra vez.

Estava exausto e apavorado e pronto para desistir. E enquanto flutuava com a corrente, com o corpo maltratado e a cabeça preparada para se submeter ao rio, começou a experimentar as estranhas imagens intermitentes que eram a sua vida. A água cobria-lhe a cara e Tom estava a descer lentamente, cada vez mais, mas na sua cabeça, rápidos e distintos, via os instantâneos que, combinados, constituíam a sua vida. Primeiro, os colegas do seu turno no trabalho, em frente ao quartel dos bombeiros num dia de sol, a lavar à mangueirada os grandes camiões e a rir entre si. A seguir, a família a fazer um churrasco no jardim das traseiras, *Blarney*, o cão, a farejar na esperança de migalhas. Depois, Julie a fazer cócegas a Jamie no chão da sala de estar, cadernos e manuais abandonados no sofá por trás delas. Tom estava nitidamente ausente de todas estas imagens, e isto alimentou-o. Adorava a sua vida. Adorava a família e os amigos e não estava pronto para morrer. As pontas dos seus dedos romperam a superfície com o primeiro movimento. Não tinha afundado muito, e agora sentia um novo ímpeto de adrenalina. Ia sobreviver.

Pela primeira vez, então, Tom estudou realmente a sua posição na água. Ainda se encontrava muito mais perto da margem do Missouri, mas parecia a quilómetros de

distância, e a ponte estava rapidamente a desaparecer da sua visão. Começou a nadar de costas. Nadou assim pelo que pareceu anos. A espaços de minutos, olhava em direção à margem e tornava a perder a esperança. Parecia não estar a progredir. Tinha a certeza de que a margem estava mais longe agora do que estivera antes, e desistia. Então os instantâneos voltavam a si e ele chapinhava e esbracejava de novo, determinado a chegar à margem.

Quando finalmente alcançou a linha da costa, quase uma hora depois de entrar na água, deu por si perante um novo obstáculo. A margem só tinha cerca de metro e meio, mas era quase uma subida vertical da água e Tom ergueu os olhos para ela com renovado desespero. Os detritos tinham-se acumulado num emaranhado confuso junto à margem e Tom teve de abrir caminho entre a viscosa madeira flutuante antes de enfrentar a sua batalha escorregadia e íngreme com a margem. Lutou com raízes e canas, voltando a cair na água sempre que se agarrava a algo solto. Só após vinte minutos e várias tentativas falhadas, conseguiu finalmente transpor a margem escorregadia. Quando chegou ao cimo da colina lamacenta, deitou-se de barriga para baixo com a cara pousada na sujidade e chorou. Era a mais pura e genuína exaustão que alguma vez sentira e entregou-se a ela completamente. Quando o cérebro voltou a funcionar depois daqueles poucos momentos em branco, os seus primeiros pensamentos foram Julie e Robin.

Tenho de ir buscar ajuda, pensou. E olhou para trás de si com um tremor, para a margem íngreme e a água veloz mais além. *Tenho de ir buscar ajuda para elas rápido*.

E Tom pôs-se a custo em pé e começou a avançar por entre as árvores. Tinha partido a anca direita na queda, o seu corpo estava pisado e maltratado, e ele estava em choque, mas Tom não sabia de nada disto. E no relativo conforto de caminhar em terra seca, deixou de sentir qualquer dor ou preocupação com o seu corpo. Caminhou

rapidamente por entre o denso arvoredor, mantendo-se de costas para o rio e dirigindo-se a onde achava que podia encontrar uma estrada. Os seus olhos estavam bem habituados à luz por esta altura, mas os braços cansados pendiam-lhe molemente ao lado do corpo, de modo que enquanto andava, os ramos batiam e arranhavam-lhe o rosto molhado e lamacento.

Saiu do arvoredor ao fim de menos de cem metros e deu por si num campo. Havia armazéns perto, e um lago. Contornou o lago e descobriu uns carris de comboio com uma vedação de um dos lados. Seguiu os carris durante vários minutos, até dar por si de novo em Riverview Drive, à entrada da unidade da St. Louis Waterworks. Havia luzes na estrada, mas não pessoas nem carros. Tom coxeou pela estrada, ansioso por encontrar pessoas e ajuda. Vários minutos passaram, bem como alguns carros. Os condutores, assustados, ignoravam o rapaz enlameado e desesperado quando este agitava os braços freneticamente, saltando e gritando-lhes que parassem. Quando um camião surgiu na estrada, à frente, Tom pôs-se no meio da estrada, fechou os olhos e ergueu as mãos no ar. O camionista abrandou até parar, piscando os olhos com curiosidade para o adolescente coberto de lama iluminado pelos seus faróis. Tom aproximou-se, agradecido, da janela do condutor e esticou o pescoço para o homem que estava lá dentro. A cabeça dele andou à roda, a transbordar de pensamentos e palavras. Percebeu que não fazia ideia do que dizer àquele homem.

- Precisamos de ajuda - começou simplesmente numa voz sufocada e torturada. - Eles violaram as minhas primas. Atiraram-nos da ponte. Por favor, elas precisam de ajuda. Nós precisamos de ajuda.

O homem estava com um ar perplexo e tinha a boca aberta, de confusão ou talvez ceticismo.

- Está bem, espera aqui, vou chamar a polícia - disse.

Tom agradeceu-lhe e foi até à berma da estrada esperar pela ajuda. Enquanto os faróis traseiros do camião desapareciam de vista e Tom dava por si de novo sozinho no luar silencioso, percebeu de repente que estava em Riverview Drive. Que estava parado como um alvo na berma de Riverview Drive, a curta distância do sítio onde aqueles quatro homens provavelmente tinham estacionado o carro. Eles podiam passar ali a qualquer momento, ver que a obra deles estava incompleta, e liquidá-lo com aquela bala que lhe tinham prometido antes. De facto, se não tivesse tido sorte, podia ter-lhes feito sinal inadvertidamente. A sua respiração acelerou com a paranoia e Tom retirou-se nas sombras da vedação, observando a estrada e encolhendo-se com desalento de quaisquer faróis que passassem. Começou a procurar em seu redor um lugar mais escondido no qual se recolher até a polícia chegar. A erva estava comprida e húmida de orvalho, mas Tom já estava encharcado e grato pelo esconderijo, ainda que insuficiente. Agachou-se na erva alta por baixo de um sinal de STOP gigante que fora fixado na vedação. Estava a vários metros da estrada bem iluminada e sentia-se agora mais seguro, escondido nas sombras da orla da vedação.

Vários minutos e carros passaram enquanto estava ali escondido, e começou a interrogar-se se o camionista o teria deixado ficar mal, se teria simplesmente continuado a andar em direção a Tulsa ou Albuquerque ou onde quer que fosse. Portanto, ficou atento a outro camião. Quando viu um a chegar, saiu a correr do seu esconderijo entre a erva e lançou o corpo para o feixe dos faróis que se acercavam. Repetiu a sua história incrível a este segundo motorista sobressaltado e o homem respondeu de modo amável, perguntando a Tom se queria entrar, viajar com ele até um telefone. Tom explicou que já estava à espera da polícia e que achava que não devia sair dali, por isso o motorista disse que iria direto a um telefone e ligava por

ele. Tom agradeceu-lhe e voltou à vedação, encontrando o ponto achatado que o seu peso já formara na erva molhada e agachando-se ali mais uma vez.

*

Depois de garantir que Robin, Julie e Tom tinham todos mergulhado no Mississípi, presumivelmente ao encontro da morte, Richardson voltou a juntar-se a Clemons na galeria e os dois treparam pelo poço até ao tabuleiro da ponte. Aí, encontraram Gray e Winfrey, que estavam à espera deles.

- Eu empurrei-os com força - anunciou Richardson alegremente, e olhou para Gray em busca de um gesto de congratulação. Gray sorriu e acenou com a cabeça, dando uma palmadinha a Richardson nas costas, como se isto fosse um ritual de passagem que Richardson cumprira.

- Aquilo foi mesmo corajoso da tua parte, Tony - disse Gray ao rapaz mais novo, que lhe sorriu. - Vamos embora daqui, então.

Gray sugeriu que fossem de carro até Alton, Illinois, e subissem ao rochedo gigante a que os locais chamavam «a Cadeira», onde se podiam sentar e olhar para o rio durante algum tempo. Ainda tinham um charro e o tempo, embora fresco, estava confortável o suficiente. Gray tinha abandonado Eva: ela estava a contar com uma boleia para casa há horas. Sabia que teria problemas com ela quando finalmente fosse para casa, e essa ideia estava agora a transformar-se em medo.

Winfrey entrou em pânico enquanto os outros falavam descontraidamente sobre o que fazer a seguir com a noite deles. Não acreditara *verdadeiramente* que os seus novos amigos tencionassem matar aquelas três pessoas. Tinha participado nas violações montando guarda e segurando as raparigas, tapando-lhes a boca e os olhos enquanto elas gritavam. Até tinha gostado do fluxo de adrenalina, a pura malvadez e a energia de toda a situação. Mas, dizia a si

mesmo, ele *tinha* sido o único dos quatro que recusara violar fisicamente as raparigas, um facto que mais tarde realçaria à sua namorada. Não foi tanto por um sentido de bondade ou medo que ele se refreou, mas antes porque parecia possuir um supressor subconsciente e inato dentro de si que não lhe permitia violar. Um supressor que a maioria das pessoas normais deve ter, pensou, enquanto tentava não considerar quão perigosos os seus companheiros deviam ser, para lhes faltar esta característica humana básica. E agora que o ato estava de facto consumado, Winfrey começava a sentir uma boa dose de pânico. Por isso, enquanto os outros falavam em ir à Cadeira, Winfrey começava a preocupar-se com «ir à cadeira» num sentido diferente. Não estava muito preocupado com Julie e Robin, que naquele momento se afogavam na água, lá em baixo, mas começava sim a preocupar-se com a sua própria culpabilidade na situação. Em suma, começou a passar-se.

- Eu não estou envolvido nisto - dizia uma e outra vez. - Eu não estou envolvido nisto, eu não fiz isto.

Mas os outros só se riram dele e em breve estavam os quatro a correr pela ponte em direção ao lado do Missouri, em direção aos carros deles, estimulados pela adrenalina que lhes enchia as veias e o sentido de autopreservação que os impelia a todos a fugir rapidamente do local dos seus crimes violentos. Na estrada, pararam para comprar cigarros, gasolina e sanduíches. Richardson pagou tudo com o dinheiro que tinham roubado a Julie e Robin. Atirou um maço de tabaco a Winfrey e depois distribuiu as sanduíches. Winfrey sentou-se no lugar do passageiro do carro de Gray e acendeu imediatamente o primeiro de uma série de cigarros com as mãos a tremer, e continuou a balbuciar: «Eu não estou envolvido nisto.» O estômago embrulhou-se-lhe um pouco enquanto observava os outros, sentados na capota dos carros, a comer as suas sanduíches de

fambre e a conversar. Quando acabaram de comer, foram os quatro até Alton, subiram à Cadeira, e acenderam o charro deles. Do seu ponto de observação, bem alto no rochedo enorme ao luar, conseguiam ver a forte corrente do Mississípi.

- Eles nunca vão chegar à margem - declarou Clemons em voz baixa enquanto fumava o charro. Não havia a menor emoção na sua voz.

- Sim, de certeza que não vão conseguir - concordou Gray. Depois, virando-se para Winfrey, acrescentou: - Vês, Danny? Devias ter dado uma queca. Não temos com que nos preocupar.

Winfrey foi invadido por uma sensação de poder doentia, misturada com alívio, ao pensar que as suas três vítimas estariam todas bem mortas por essa altura.

*

Por volta das duas da manhã, ainda em Riverview Drive, os agentes da polícia Sam Brooks e Don Sanders estavam a caminho da estação de tratamento de águas. Tinham a sirene desligada e os faróis baixos. Estavam a responder a duas chamadas estranhas mas relativamente rotineiras de camionistas em relação a um homem suspeito em Riverview Drive que contava uma história desvairada sobre a velha ponte Chain of Rocks. Quando apontaram o carro em direção à vedação da St. Louis Waterworks, Tom Cummins saiu cautelosamente do seu esconderijo nas ervas para os raios dos seus faróis. Os polícias ficaram imediatamente alarmados com o estado de Tom.

A lama cobria-lhe os ombros e derramava-se sobre a parte da frente da sua *T-shirt* e *jeans*. Os ténis ensopados estavam cobertos de sedimentos secos, e as suas mãos enrugadas da água e a tremer. Tinha os olhos vidrados e aproximou-se dos agentes num passo trôpego, visivelmente a coxear. O jovem estava claramente transtornado, e tentou convencer os agentes de que era

urgente pedir ajuda para resgatar as primas. Momentos depois, Tom começou a tremer violentamente e os dentes rangiam-lhe de modo audível enquanto Brooks e Sanders o ajudavam a entrar para o banco de trás do carro, lhe ligavam o aquecimento e pediam reforços via rádio. Pelos factos apressados que tinham recolhido até então, determinaram que isto era a coisa mais importante que alguma vez acontecera na ronda deles.

Pouco depois de chegarem ao local, juntou-se a Brooks e Sanders aquilo que pareceu a Tom metade do Departamento de Polícia de St. Louis. Os dois polícias tentaram pôr Tom confortável na parte de trás do seu carro-patrulha e depois levaram-no de volta à ponte, onde já começava a haver uma grande atividade. Tom sentiu uma relutância inesperada, uma renovação do seu terror, quando o carro no qual viajava se aproximou da ponte pela segunda vez naquela noite. Sabia que não devia ter medo: quando lá chegaram, já estavam ali reunidos, à entrada da ponte, muitos carros da polícia, uma equipa de salvamento e uma ambulância. Mas não conseguia acalmar o medo inexplicável que sentia enquanto os agentes abrandavam o carro-patrulha até pararem em Riverview Drive. O que estava ao lado do condutor virou-se para Tom.

– Estás bem? – perguntou.

Quando Tom respondeu com um aceno de cabeça, um arrepio espalhou-se-lhe pelo corpo deixando-o de novo a tremer e a bater o dente. O agente saiu rapidamente do carro-patrulha e dirigiu-se em passo apressado à ambulância que estava ali perto. Regressou uns momentos mais tarde com uma manta de lã grossa. Abriu a porta de trás do carro e embrulhou Tom no cobertor cinzento, apertando-lho à volta dos ombros e prendendo-lho debaixo do queixo. Este simples gesto de bondade levou lágrimas aos olhos de Tom e ele encolheu-se contra o assento, envergonhado. O pequeno ato de compaixão daquele

agente aguçou intensamente a sua dor. O contraste entre tal bondade e as crueldades que vira naquela noite solidificaram o seu trauma – tornaram o seu horror mais real e atroz. Tom obrigou-se a respirar, apesar do nó apertado que tinha na garganta.

– Temos de continuar à procura – disse em voz baixa para ninguém em particular, olhando lá para fora pela janela mais distante do carro-patrulha.

Os dois agentes lançaram olhares preocupados um ao outro. Não tinham a certeza se ele estava a falar das primas ou dos seus atacantes, mas nesta altura as hipóteses de encontrar tanto umas como os outros pareciam bastante escassas.

1 Literalmente, «cadeia de rochas». (*N. do T.*)

CAPÍTULO 6

Tink e Kathy Cummins dormiam profundamente, enfiadas confortavelmente em camas idênticas no quarto das traseiras de casa dos avós em Fair Acres Road, ainda a digerir o seu salteado de frango enquanto sonhavam. As fortes pancadas na porta principal da pequena casa não as despertaram completamente. Só quando ouviram as vozes estranhas na sala de estar é que ambas se sentaram direitas nas suas camas, com os corações a martelar. A palavra «incidente» apanhara-as a ambas a dormir e acordara-as com uma violenta bofetada de consciência. Tink lançou um olhar desvairado a Kathy enquanto ambas saltavam da cama em simultâneo. Kathy olhou para o relógio: eram 5h32. Tink pegou nos calções que tinha atirado para o chão ao lado da cama algumas horas antes, puxou-os rapidamente sobre as ancas e seguiu a irmã até à sala de estar.

As salas da frente da casa estavam cheias de gente. Dois polícias corpulentos estavam parados na entrada, o avô Art ao lado deles com a mão ainda na maçaneta. A avó Polly encontrava-se atrás da sua poltrona azul favorita, com as mãos a torcer inconscientemente as costas do estofado de veludo. Kay e Gene afastavam o sono dos olhos com pestanejos e colocavam aos agentes as perguntas que podiam na sua sonolenta confusão.

- Desculpem, agora não podemos responder a mais perguntas. Precisamos mesmo que se vistam e venham connosco. Houve algum tipo de incidente na ponte Chain of Rocks - explicou de novo o mais alto dos dois agentes. -

E o vosso filho Tom esteve envolvido. É mesmo tudo o que sabemos.

- Isso é impossível - começou a dizer Gene. - O meu filho está a dormir na carrinha... - Mas a voz dele esmoreceu. A sua boca fechou-se com um estalido enquanto o seu cérebro despertava e começava finalmente a assimilar os factos limitados que lhe estavam a ser apresentados.

- Um incidente - repetiu ele. Depois, virando-se para a mulher:

- É melhor vestirmo-nos.

O sangue de Tink gelou e a sala começou a girar debaixo dos seus pés. Um *incidente*. E ela soubera que eles iam à ponte. Devia tê-los denunciado.

- Eles estão bem? - perguntou Kathy, alarmada, mas mais sensata do que a irmã mais velha. - O Tom está bem?

- Lamento mesmo não ter mais respostas para vos dar - respondeu o agente. - Só vos posso dizer que ele e as duas primas estiveram envolvidos em algum tipo de incidente na ponte.

Gene parou de repente e virou-se para encarar o agente de novo.

- As primas? - perguntou, e olhou para as filhas, que o fitavam com ar culpado.

- A Julie e a Robin - respondeu Tink.

- Foi um acidente de carro? - perguntou-lhes Gene.

- Não foi um acidente de carro, Mr. Cummins. Não sei bem o que o incidente implicou - respondeu o agente. - Mas tanto quanto sei, acho que o vosso filho está bem, só não tenho pormenores. Ele estava com duas das primas, é tudo o que sei. Tenho a certeza de que vão descobrir tudo o que precisam de saber quando vos levamos à ponte.

Gene disse aos agentes que conhecia bem a velha ponte e que não precisariam de escolta para lá chegar. Ao saírem, os dois agentes inclinaram o chapéu ao avô Art, que lhes agradeceu e fechou a porta.

- Eu vou convosco - declarou Tink suavemente e virou-se para ir buscar os sapatos.

- Não - respondeu o pai rapidamente. - Vocês as duas vão esperar aqui e preparar-se para a viagem de regresso a casa enquanto a vossa mãe e eu tratamos disto. Partimos daqui a duas horas, e quando voltarmos aqui com o Tom, quero que estejam prontas para ir embora.

Gene não fazia ideia absolutamente nenhuma do que esperar quando chegasse à ponte, mas sabia que a polícia não batia à porta de ninguém com *boas* notícias às cinco da manhã. Portanto, fosse o que fosse que teria de encarar na ponte, queria manter as filhas a uma distância confortável.

Por instantes, Tink começou a argumentar, mas era evidente pelo tom do pai que esta decisão não estava aberta a discussão. Ela atravessou a sala e deixou-se cair no sofá comprido com um ruído surdo. Cruzou os braços diante de si e franziu o sobrolho. No espaço de minutos, Gene e Kay estavam vestidos e prontos para sair.

O avô Art estava à espera deles junto à porta da rua, já vestido, com os sapatos e o casaco postos.

- Vocês os dois estão prontos para ir? - perguntou, inclinando-se para a maçaneta.

- Oh, pai, tu não tens de vir - respondeu Kay. - Nós safamo-nos sozinhos. Sabemos onde fica.

- Nem pensar - insistiu o pai dela. - Aqueles miúdos meteram-se em algum tipo de sarilho e precisam de nós. Eu posso ajudar. Conheço aquele rio e conheço aquela ponte como a palma da minha mão.

Kay olhou para o marido e depois outra vez para o pai. Estava comovida com o seu desejo de ajudar. Ele estivera doente naquele último ano e fora recentemente tratado a um cancro do cólon; Kay estava preocupada com ele. Fora esse o motivo daquelas férias, na verdade. Visitar o pai, que estava mal de saúde. Estava cheia de medo do que pudessem encontrar quando chegassem à ponte e não

queria expor o pai a nada que pudesse chocá-lo. Mas ali estava ele, completamente despreocupado com o seu próprio bem-estar, determinado a ser um esteio para ela e a sua família. Olhou para as duas filhas, que estavam sentadas, imóveis, no sofá. Aproximou-se do pai, pousou-lhe a mão no cotovelo e sussurrou-lhe ao ouvido:

- Pai, acho que agora as meninas precisam de ti aqui - disse.

O avô Art olhou para as duas netas e acenou com a cabeça em silêncio.

- Se precisarmos de ti, eu ligo-te - disse ela. - Prometo.

O pai voltou a acenar em concordância e virou-se para tirar o casaco. Kay deu-lhe um beijo na face e agradeceu-lhe enquanto ele abafava a gratidão dela com um resmungo e se despedia com um aceno de mão. Ela abriu a porta da frente para o pátio ainda escuro e saiu. Gene seguiu-a, mas virou-se ao chegar à porta.

- Estou a falar a sério, preparem-se as duas para ir embora - avisou as filhas. Mas acrescentou num tom mais suave: - Sei que estão preocupadas. Eu telefono para vos pôr ao corrente assim que percebermos o que se está a passar. - Olhou para os dois rostos amuados das filhas adolescentes e depois saiu atrás da mulher, fechando a porta.

- Não acredito que eles não nos deixaram ir - resmungou Tink quando a porta se fechou com um estalido. Sentiu a irmã a assentir com a cabeça a seu lado, mas não houve qualquer resposta audível. Tink olhou para Kathy, a sua irmã mais nova, arquirrival e defensora mais acérrima, e viu que o rosto dela estava corado, e que os seus olhos e lábios se crispavam. Ela estava apavorada.

- Kathy? - disse Tink, quando as primeiras lágrimas começaram a deslizar silenciosamente pelo rosto da irmã.
- Vai correr tudo bem - prometeu. - Elas vão ficar bem.

Nesse momento, pela primeira vez em todos os seus anos juntas, Tink esticou-se e pôs o braço com força à

volta dos ombros palpitantes de Kathy. Não estava habituada a ser a consoladora: não sabia se tinha força para isso. Mas de momento parecia não ter grande alternativa. Kathy caiu nos braços dela e as duas irmãs soluçaram, tristemente, juntas.

*

Na casa dos Kerry em Petite Drive, Ginna estava à janela da frente na sala de estar, a olhar para a rua escura. Estava preocupada e com uma expressão de pânico nos olhos. Com uma mão, brincava distraidamente com as cortinas e na outra balançava as chaves do carro. Estava completamente vestida e a mala pendia-lhe frouxamente do ombro. Fisicamente, estava imóvel, mas a sua mente corria de modo febril. *Tinha* de ir à ponte – era tudo o que os polícias lhe tinham conseguido dizer. Tinham usado as palavras «incidente» e «Julie e Robin» e «envolvido», mas não tinham sido capazes de responder a nenhuma das suas perguntas. Telefonara imediatamente a alguém para vir tomar conta de Jamie. Quando os faróis se aproximaram e depois se apagaram, Ginna abriu a porta e saiu para o ar frio da madrugada de abril.

*

Pouco depois de Tom chegar à ponte, os polícias tinham-no transferido do banco de trás do seu carro-patrulha para o maior conforto de uma ambulância. Lá dentro, tirou a roupa molhada, que foi rapidamente recolhida pela polícia como prova, e embrulhou-se num dos grandes casacos amarelos dos bombeiros, com a manta sobre os joelhos. O cheiro universal a fumo de madeira do casaco fez-lhe lembrar o trabalho e a casa; reconfortou-o. Mas apesar deste pequeno consolo, Tom estava a ficar mais desesperado e abatido a cada minuto. Tinham passado horas desde que chegara à margem e continuava a não haver sinal de Julie nem Robin.

A ponte era uma confusão de gente e atividade. A névoa que pairava no ar era iluminada de vermelho e azul pelas luzes de todos os veículos de emergência que tinham ocorrido ao local. Equipas de televisão batiam à porta de trás da ambulância onde Tom se encontrava sentado a morder o lábio. Quando olhou para fora, viu o cabelo volumoso e bem cuidado, o batom e os fatos garridos dos jornalistas. Os homens e mulheres com uniformes da polícia e dos bombeiros, os inspetores à paisana, os paramédicos, os fotógrafos do local do crime e até os eficientes mas mal vestidos operadores de câmara pareciam estar a desempenhar um papel importante aqui, a fazer algo útil. Mas os jornalistas pareciam inconvenientes e pouco saudáveis na luz do início da manhã e a presença deles fez Tom estremecer. As únicas imagens que obteriam para os seus noticiários da manhã seria uma imagem de *zoom* dele a uma distância de cem metros quando um dos paramédicos abriu a porta de trás da ambulância para ver como estava. Tom estava curvado sobre o colo, com os cotovelos pousados nos joelhos e a agarrar o cabelo sujo com as mãos.

*

Quando Gene e Kay chegaram à ponte Chain of Rocks, algures entre as cinco e meia e as seis, foram recebidos por cerca de duas dezenas de polícias e todo o aparato do local de um crime. Gene não era uma pessoa dada ao pânico. Era, afinal, um homem da Marinha, veterano do Vietname, piloto, bombeiro, paramédico e pai de três adolescentes. Estava habituado ao campo de batalha. Ainda assim, todas as situações difíceis por que passara nos seus quarenta e seis anos esmaeciam em comparação com este momento horrível na vida dele. Gene estacionou a grande carrinha azul e estudou o local rapidamente antes de ele e Kay saírem e se aproximarem do agente

fardado mais graduado que viram. Gene estendeu a mão ao tenente para se apresentar.

- Olá, sou o Gene Cummins, pai do Tom. Pode dizer-me o que se está a passar, por favor? Onde está o meu filho?

O agente levantou os olhos do seu caderno de espiral e apertou a mão de Gene.

- Mr. Eugene Cummins? - perguntou o agente.

- Sim.

- De Gaithersburg, Maryland?

- Sim, pode dizer-me o que se está a passar, por favor?

- Tem um filho chamado Thomas Patrick Cummins?

- Sim, ele está aqui? Onde está?

- Ele tem dezanove anos?

- Sim...

Gene olhou em volta enquanto o agente falava, o que não era de todo próprio dele. Sempre fora ensinado a ter a cabeça levantada e olhar uma pessoa nos olhos quando ele ou ela estava a falar consigo. Era mal-educado olhar em volta durante uma conversa e Gene sempre fora um homem honrado, um homem com modos impecáveis. Mas os seus instintos paternais estavam a sobrepor-se ao seu sentido de decoro, agora, enquanto avaliava a cena e continuava a não ver o filho.

- Esteve de férias aqui em St. Louis esta semana, Mr. Cummins? A visitar família, não é verdade?

- Sim, é verdade. Onde está o meu filho, por favor?

Kay estava calada ao lado do marido, a ver a cena desenrolar-se como se estivesse fora de si mesma, uma observadora invisível. Não conseguia intervir. Mal era capaz de acompanhar a torrente de perguntas sem resposta.

- O seu filho já aí vem, Mr. Cummins. O senhor tem duas sobrinhas chamadas Julie e Robin?

- Sim, elas também estão aqui? Estão com o Tom? - Gene continuava a fazer as perguntas lógicas, embora o

agente, até ao momento, parecesse não querer ou não poder ouvi-las.

- Pode dizer-me os nomes completos e a idade delas, por favor? - perguntou o agente.

Desta vez, Gene não respondeu: estava calado, distraído, a examinar a cena em seu redor com cada vez mais determinação, em busca de pistas do paradeiro do filho. Kay respondeu por ele.

- Julie Ann Kerry e Robin Ann Kerry. A Julie tem vinte anos e a Robin dezanove. Posso dar-lhe as datas de nascimento exatas, se quiser, mas *onde é que elas estão?* Onde estão as nossas crianças? - perguntou.

- O seu filho já aí vem, Mrs. Cummins. Reconhece aquele carro azul do outro lado da rua? - perguntou, apontando com a esferográfica para o sítio onde o pequeno Abelhão de Julie se encontrava, abandonado na madrugada húmida e enevoadada. Kay virou-se para olhar na direção que a caneta apontava, sobre o seu ombro.

- Sim - respondeu. - É o carro da minha sobrinha, o carro da Julie.

Sentia a língua espessa na boca ao falar e a confusão estava pior do que nunca. Não tinham obtido respostas desde que tinham chegado, apenas perguntas mais estranhas e assustadoras. Os olhos dela e do marido estavam ambos a examinar o local, à procura de Tom e das meninas. Não havia sinal deles. A paciência de Gene passou de escassa a inexistente e ele voltou a pousar o olhar no agente que os encarava.

- *Onde está o meu filho?* - perguntou Gene. - *O Tom está vivo?*

- Sim, Mr. Cummins, o vosso filho está vivo - respondeu o agente, levantando finalmente os olhos do seu caderno.

Gene começou a respirar de novo, e o seu coração bateu com renovado vigor.

- O Tom está vivo. Pelo menos sabemos que está vivo - sussurrou para si ou para Kay, cujos dedos e rosto

estavam rapidamente a empalidecer num tom bastante doentio.

- Onde é que ele está? - indagou então, no mesmo tom persistente.

- Neste momento, acho que ele está na parte de trás de uma ambulância, a ser levado até ao local de um crime, um ou dois quilómetros a jusante. Parece que foi testemunha de um incidente - respondeu o agente.

- Que tipo de incidente? *O que* se está a passar aqui exatamente? - perguntou ainda Gene.

O agente pigarreou e guardou de novo a esferográfica no bolso do lenço. Folheou o caderno para trás algumas páginas e voltou a pigarrear antes de começar a ler. As palavras voaram-lhe da boca a uma velocidade tremenda e Kay agarrou o braço do marido para se equilibrar enquanto ouvia. Não se conseguia concentrar nas palavras: apanhava apenas algumas, espaçadas, e estas caíam-lhe nos ouvidos como o estalido entrecortado de munições.

- Aproximadamente... chegaram à ponte... abordados... quatro homens... manietados... espancados...

Com as palavras «violação de grupo», a mão de Kay voou-lhe para a boca. Sentiu um aperto no estômago e teve a certeza de que ia vomitar, mas nada saiu. Só a torrente contínua, nauseante, de palavras do agente diante deles, que estava a fazer o seu trabalho.

- Atirados... água... o Tom... à margem...

- O Tom chegou à margem. - Kay agarrou-se a esta expressão, interrompendo. - O Tom chegou à margem, o Tom chegou à margem. E as meninas? Onde estão a Julie e a Robin?

O agente parou de ler e fechou o caderno. Respirou fundo, parando um momento.

- Estamos à procura delas, minha senhora - respondeu.

- Até agora não, hum... as suas sobrinhas estão desaparecidas.

- Oh, meu Deus - disse Kay em voz baixa, com lágrimas a brotar silenciosamente nos olhos.

- Vamos intensificar a busca quando o sol nascer e provavelmente teremos mais sorte nessa altura - explicou o agente.

Agora que via o puro horror destas pessoas, que as via desencadear a sua angústia diante de si, parecia querer dizer algo para os reconfortar.

- Tem estado demasiado escuro - continuou. - Mas com a luz do dia teremos certamente mais sorte.

Foi pouco convincente. Ele próprio não acreditava nas suas palavras. Por um breve momento, Gene ficou sem palavras. O seu rosto esvaiu-se de cor e a voz emudeceu, enquanto a sua mente interpretava o facto de que, embora Tom tivesse chegado à margem, segundo este agente, quatro ou cinco *horas* antes, Julie e Robin ainda estavam «desaparecidas». Atingiu-o como um golpe inesperado: as suas duas sobrinhas, as duas filhas bonitas e alegres da sua irmã, estavam mortas.

*

A hora seguinte passou numa névoa de agitação pulsante, onírica, para Kay e Gene. Um dos agentes pediu a Gene para ver o seu distintivo de bombeiro. Gene não percebeu como este desconhecido sabia sequer que ele era bombeiro. Ter-se-ia apresentado como tal? Não se lembrava.

- O seu distintivo é igual ao que o seu filho tinha com ele, Mr. Cummins? - perguntou o tenente.

Tinha. Porque é que tudo era dito no passado aqui? Gene ainda não vira o filho.

- Sim, é muito semelhante àquele que o Tom traz - respondeu Gene. - Só que o dele não diz CAPELÃO. Tirando isso, é basicamente igual.

- Importa-se que lhe dê uma vista de olhos? - perguntou o agente.

Gene tirou a volumosa carteira do seu lugar permanente no bolso de trás dos *jeans* e abriu-a com uma mão, exibindo o seu reluzente distintivo de bombeiro. Parecia uma promessa na luz oblíqua da manhã. O tenente chamou rapidamente um fotógrafo policial, que se pôs ao lado de Gene, a agitar o gigantesco *flash* da sua câmara na cara dele. Tirou várias fotos ao distintivo de diferentes ângulos enquanto Gene o segurava com o braço estendido para escapar ao *flash* monstruoso. Gene era agora um interveniente ativo na recolha de provas.

Outro agente aproximou-se de Kay e apresentou um molho de chaves num saco de plástico, como se tudo isto fizesse parte de um truque de magia elaborado. Perguntou-lhe se era capaz de as identificar. Eram as chaves da casa dos pais dela, onde Kay e a sua família estavam hospedados, em Fair Acres Road.

- Como é que as conseguiu? - perguntou a medo, segura de que não queria ouvir a resposta.

- Encontrámo-las na ponte, perto de onde os miúdos foram empurrados - respondeu.

- Empurrados - repetiu ela, incapaz de compreender as palavras.

Quando Ginna chegou, pouco tempo depois, Kay foi a primeira pessoa que viu. Foi a correr até à cunhada e começou logo a falar. Tinha uma dúzia de perguntas e Kay percebeu que não era capaz de responder a nenhuma delas.

- Não sei, não sei, não sei - ouviu-se dizer a Ginna.

E desejou de todo o coração que realmente não soubesse.

*

Quando a ambulância finalmente chegou ao local, esmagando a gravilha sob os seus grandes pneus, Gene e Kay puseram-se na porta de trás num instante. Esperaram impacientemente, reprimindo a vontade de rodar os

grandes puxadores de metal das portas duplas, abri-las de par em par e entrar. Não tiveram de esperar muito. Quando a porta se abriu, depararam com o rosto atormentado do seu filho mais velho, sentado de ombros caídos numa maca lá dentro. Tom olhou uma vez para os pais e sucumbiu à comoção. Soluçou intensamente e tapou a cara, tremendo. Num instante, Kay e Gene estavam dentro da ambulância junto dele, a abraçá-lo com ternura, um de cada lado, e a tentar em vão reconfortá-lo.

Tom precisou de vários minutos para contar aos pais os factos mais básicos do seu suplício. Enrolava e desenrolava os lamacentos dedos dos pés enquanto falava e a mãe olhava para eles e para a terra incrustada nas orelhas do filho. Queria levá-lo para casa e lavá-lo como fizera quando era um bebé recém-nascido. Estava sempre a abraçá-lo enquanto ele falava e a afagar-lhe o cabelo quando se ia abaixo e lhe soluçava ao ombro. Gene e Kay mal podiam imaginar o horror daquela experiência, aquilo que Julie e Robin tinham sofrido, aquilo a que Tom assistira e sobrevivera.

- Mãe - disse Tom ao concluir o seu relato, a abanar a cabeça e a olhar, como se em transe, para o espaço vazio diante de si -, aqueles quatro homens deviam ser executados pelo que fizeram. - Falava suavemente, sem qualquer malícia, numa voz mais magoada e assustada do que zangada. - Eles eram tão maus, eram o *rosto* do mal. Merecem mesmo morrer.

As lágrimas começaram a secar no seu rosto sujo e Tom calou-se, então, depois de ter relatado toda a história de terror, de forma abreviada, aos pais. Ficaram em silêncio durante uns minutos, enquanto os pais afagavam e a reconfortavam o filho. Alguém bateu à porta da ambulância e Tom sobressaltou-se com o som. Gene estendeu o braço para a porta e rodou o puxador. A sua irmã Ginna estava ali fora num estado atordoado de suspensão ofegante, a proteger os olhos da luz cada vez

mais clara do dia e a espreitar com um ar expectante para dentro da ambulância. O rosto de Ginna esmoreceu quando viu Tom sentado lá dentro sem as suas filhas, mas esforçou-se por recompor as feições numa aparência de normalidade.

- Não sei o que se está a passar - disse Ginna num tom débil, escolhendo cuidadosamente cada palavra. - Parece que ninguém me consegue dar respostas.

A mente dela ainda não lhe permitia suspeitar o pior. Claro que a polícia lhe dissera que Julie e Robin ainda não tinham aparecido, mas aninhara-se no seu coração uma qualquer esperança impossível de que estivessem enganados, de que abrisse aquela porta da ambulância e as suas filhas estivessem sentadas ali dentro com Tom, a beber café e a aquecer-se.

- Importas-te que eu e o Tom conversemos sozinhos uns minutos? - perguntou a Kay.

- Claro que não - respondeu Kay, e passou por cima das pernas esticadas do filho, beijando-o. Agarrou-lhe a mão e fitou-o brevemente nos olhos, na esperança de transmitir todo o seu amor maternal com aquele olhar momentâneo. Ela e Gene saíram da ambulância e Ginna entrou para os substituir. Sentou-se ao lado de Tom, e Gene fechou as portas para lhes dar alguma privacidade. Ele e Kay tentaram não pensar no que Tom tinha a dizer a Ginna naquele momento, que as suas filhas, ambas as suas bonitas filhas, tinham sido *magoadas* da pior maneira que a filha de alguém pode ser magoada. Kay tentou não olhar para as contorções angustiantes que o rosto de Tom estava a fazer enquanto Gene fechava as pesadas portas duplas.

Gene já tinha posto a sua mala na carrinha na noite anterior, deixando de fora apenas o seu *kit* de barbear e a roupa que escolhera para a viagem até casa. Lembrou-se disto naquele momento e voltou então à carrinha com Kay para buscar roupa seca para Tom. Regressaram à

ambulância com uns *jeans* tão grandes que teriam de ser subidos com fita adesiva e uma camisa xadrez que Tom normalmente nem teria usado para dormir.

Ginna vinha a sair da carrinha quando eles chegavam. O seu rosto estava pálido e vazio. Não chorava. Estava completamente inexpressiva. Passou pelo irmão e respetiva mulher sem parecer reconhecê-los, como se a sua cabeça, por compaixão e necessidade, se tivesse desligado.

Quando Kay a chamou, ela virou-se, sem ver, para a mulher do irmão. Mas passado um momento, continuou a andar em direção ao carro, determinada a chegar a casa rapidamente para poder pegar em roupa limpa e seca para as suas filhas desaparecidas.

Quando Tom acabou de vestir a roupa e os sapatos secos e demasiado grandes do pai, já um par de agentes à paisana se tinha aproximado da ambulância e apresentado como os inspetores da brigada de homicídios Gary Stittum e Raymond Ghrist. Estavam a pedir a Tom que os acompanhasse até à ponte e lhes mostrasse onde tudo tinha acontecido. Tom acenou que sim avidamente.

- Faço tudo o que puder para ajudar - disse.

- Só se eu o acompanhar - interpôs Gene.

Ao longo da hora seguinte, Tom andou de um lado para o outro sobre o tabuleiro da ponte, apontando locais relevantes e relatando a sua história outra vez. Havia agora marcadores por toda a ponte, a cercar o que pareceram a Tom inúmeras provas: um rótulo de cerveja, uns trocos, uma beata, o papel de embrulho de um caramelo e, a mais incriminatória, o invólucro de um preservativo rasgado.

Os inspetores ouviram atentamente, a acenar com a cabeça e a incitar Tom, enquanto tomavam apontamentos nos seus pequenos blocos de espiral. Gene desempenhava o papel de observador silencioso, mantendo-se muito perto do filho em todos os momentos. Os inspetores

mostraram respeito; pareciam compreensivos e amigáveis. Deram várias vezes a entender que Gene só estava no local do crime por cortesia profissional, uma vez que ele e o filho eram ambos bombeiros. Gene acenou em agradecimento.

Quando o grupo regressou à margem do Missouri, foram buscar café à carrinha de apoio que tinha sido montada e depois juntaram-se a Kay, que esperava impaciente perto da carrinha. Claramente não estava feliz por ter sido deixada para trás, por ter sido separada do filho estando ele ainda tão frágil, tão traumatizado. Estendeu os braços para ele quando se aproximaram.

- Tom, gostávamos que viesses à esquadra connosco prestar um depoimento, para nos ajudar na investigação - sugeriu Stittum enquanto dava um gole de café fumegante.

Tom acenou com a cabeça e curvou os dedos de ambas as mãos em volta do copo descartável com que se aquecia. Estava determinado a fazer tudo o que pudesse para ajudar a apanhar os monstros que tinham feito aquelas coisas horríveis.

- Acho que vamos levá-lo a casa primeiro - interrompeu Gene. - Deixá-lo pelo menos tomar um duche e vestir uma roupa que lhe sirva. Ele passou por muito.

Tom abanou a cabeça.

- Eu quero ficar a ajudar, pai - manteve. - Quero estar onde acharem que posso ser mais útil.

- Nós podemos levar-te lá depois - disse Kay. - Não queres descansar um bocado e limpar-te? Vais ser-lhes mais útil se estiveres descansado.

A tomada de decisões da família foi abruptamente interrompida por um dos inspetores.

- Mr. Cummins, Mrs. Cummins - anunciou Ghrist -, os senhores podem ir para casa descansar se quiserem. Façam o que tiverem de fazer. Mas o vosso filho tem de vir connosco.

Quando os rostos dos Cummins expressaram o seu alarme perante tais palavras, Ghrist continuou:

- Só não queremos contaminar-lhe a memória tirando-o do local agora. Se for exposto ao seu ambiente familiar normal, pode começar a bloquear detalhes importantes.

Kay olhou atentamente para o rosto do filho e Tom fez-lhe um aceno com a cabeça.

- Eu *quero* ajudar - garantiu a ambos os pais.

Eles acenaram em assentimento.

- Então não o vão deter? - perguntou Gene, exigindo perfeita clareza antes de concordar.

- Oh, nem pensar, nada disso - respondeu o inspetor.

- Já vou ter convosco, então - disse Gene. - Vou passar em casa e trazer roupa lavada para ti e depois vou ter contigo à esquadra.

Tom acenou em concordância e os pais abraçaram-no por um momento antes de se virarem para a carrinha.

*

Em Fair Acres Road, as irmãs Cummins davam o seu melhor, ainda que a contragosto, para seguir as instruções do pai. Quando o telefone tocou por volta das sete da manhã, ambas deixaram o que estavam a fazer e correram para a cozinha. A avó Polly já tinha atendido e estava a emitir uma série de «hum, hum» enquanto elas esperavam com os rostos ansiosos apontados para ela. Após uma breve conversa, pousou o auscultador suavemente sem uma despedida formal.

- Bem, os vossos pais vêm a caminho de casa - anunciou, ainda com a mão pousada no telefone.

- E o Tom? - perguntou Kathy rapidamente.

- Ele tem de ir à esquadra da polícia - começou a avó. - Precisam que preste um depoimento.

- Que tipo de depoimento? - interrompeu Tink. - E a Julie e a Robin?

A avó fitou-as com olhos chorosos e arregalados e mordeu o lábio inferior.

- Bem, é sobre isso que é o depoimento. Eles não sabem onde a Julie e a Robin estão neste momento. O Tom vai ajudar a polícia a encontrá-las - explicou.

Tink agarrou-se ao balcão para se firmar enquanto a avó lhe massajava suavemente o ombro e se esticava para abraçar Kathy ao mesmo tempo. Isto não estava certo. Algo estava muito, muito mal. Como é que as meninas podiam estar *desaparecidas*? Julie e Robin tinham acabado de jantar com elas umas horas antes. À mesa de jogo, Tink sentara-se ao lado de Julie e admirara o gêmeo musculado, de futebolista, da sua prima mais velha.

- Mas ela ainda agora estava aqui. Elas ainda agora estavam aqui - murmurou Tink, agitando as mãos diante de si. - Como podem estar desaparecidas?

A imediatez de uma memória tão palpável, a perna de Julie ao lado dela à mesa, não permitia a Tink aceitar a palavra «desaparecidas». Dera um abraço de despedida à sua prima Robin poucas horas antes. Tinham partilhado lágrimas sarcásticas e a trança de Robin roçara-lhe o pescoço enquanto se abraçavam e riam. O medo espalhou-se sobre a cozinha soalheira como uma sombra. Isto ia ser muito pior do que qualquer uma delas inicialmente imaginara.

- Não se preocupem, agora - disse a avó Polly. - Tenho a certeza de que vai correr tudo bem. Porque é que não vão tomar os vossos duches e eu faço o pequeno-almoço? Tenho a certeza de que os vossos pais vão explicar tudo um bocado melhor quando chegarem. - Afagou ambas as netas e estas acenaram com a cabeça, taciturnas.

- Eu vou primeiro - disse Tink suavemente à sua irmã.

Kathy continuava calada, a olhar para o balcão de fórmica como se pudesse encontrar respostas ali, como se fosse uma bola de cristal. Tink desceu pesadamente as escadas da cave, abriu a porta do grande quarto de banho

remodelado e entrou. Puxou o fio que pendia da parede e uma lâmpada acendeu-se sobre o reflexo do seu rosto infeliz no espelho limpo do quarto de banho. Esta divisão era tão grande que Tink achou que devia ter sido um antigo quarto de hóspedes transformado em quarto de banho – e que na sua vida anterior o duche havia sido um armário.

Estremeceu e esfregou a pele de galinha enquanto se despia no brilho laranja da lâmpada descoberta. Deixou a roupa num monte amarrotado sobre o tapete amarelo felpudo junto ao lavatório e virou-se para o duche. O cheiro húmido e bafiento da cave permeava tudo ali, cobrindo até o perfume almiscarado a frutos vermelhos do seu champô e amaciador. Tink ouviu a água escorrer-lhe pelo corpo abaixo e salpicar o chão sob os seus pés frios e gorgolejar enquanto descia o esgoto ecoante por baixo de si. Ajoelhou-se no chão frio de pedra e tombou a cabeça na corrente de água tépida, embalando-se e soluçando pelas suas primas desaparecidas.

*

Gene e Kay Cummins chegaram à casa de Fair Acres Road por volta das sete e meia e foram recebidos por uma rajada de perguntas temerosas. Enfrentaram as dúvidas das filhas com um silêncio solene e atordoado. Tink e Kathy repararam nisso e suspenderam o seu interrogatório em simultâneo com um desejo subconsciente de adiar o conhecimento inevitável. A informação por que tinham esperado com tanta impaciência toda a manhã de repente parecia menos atraente. Percebiam pelos rostos dos pais que este conhecimento não ia aliviar-lhes os medos – ia apenas confirmá-los.

Gene estava invulgarmente calado, e lançou-se no que tinha a fazer com determinação. O seu objetivo atual era pegar em roupa limpa para Tom e chegar à esquadra de

polícia o mais cedo possível. A sogra estava a fazer ovos mexidos no fogão, na cozinha, e o aroma insinuava-se nas divisões do andar de cima da casa. Chegou até ele, na saleta, onde estava debruçado sobre a mochila do filho, à procura de um conjunto completo de roupa.

- Porque é que não comes uns ovos antes de ires, querido? - disse a sogra uns minutos mais tarde, sorrindo-lhe com bonomia, com a espátula que segurava a pairar sobre a frigideira de gosma amarela fumegante. - Vais precisar de conservar as forças.

- Só café - resmungou Gene, entrando a passos largos na cozinha e abrindo um armário para pegar numa caneca de tamanho razoável.

Polly voltou a olhar para os ovos na frigideira e mexeu-os silenciosamente. Gene engoliu o café em breves goladas impetuosas, deu meia-volta e dirigiu-se para a porta de casa.

Passou pelas duas filhas, que estavam sentadas em silêncio no sofá azul, a olhar com uma expressão vazia para a televisão. O irmão delas estava ali no ecrã, uma imagem de algumas horas antes, antes de ter vestido a roupa larga de Gene. Nas notícias, ainda estava envolto no casaco de bombeiro amarelo-vivo. Tinha o cabelo espetado de viés e olhava furiosamente para a câmara, virando depois a cara com uma expressão de repugnância perante a intrusão. A jornalista estava a dizer alguma coisa sobre duas raparigas desaparecidas e viu-se uma imagem rápida de Ginna, com ar muito perturbado, a torcer as mãos.

Gene curvou-se, beijou as filhas no alto da cabeça e depois saiu apressado de casa. Kay fechou a porta quando ele partiu e foi sentar-se com as filhas, para responder às perguntas que elas já não queriam fazer.

A avó Polly ainda estava debruçada sobre os ovos quentes na cozinha e lançou um olhar preocupado ao avô Art, sentado à mesa da cozinha com o seu jornal matinal. Para bem de todos, tentava manter uma aparência de

normalidade. Depois de mais de cinquenta anos de casamento, Polly sabia que ele também estava assustado, mas manteria uma fachada calma, lendo e andando pela casa, na esperança de que a sua calma passasse para os outros.

O vapor dos ovos subia para o rosto da avó Polly e ela ouviu a voz baixa da filha a murmurar a Tink e Kathy na sala ao lado. No momento seguinte, as duas raparigas romperam nos horríveis sons de uma histeria angustiada e a voz da mãe continuou, suave e baixa, a tentar reconfortá-las. Os gritos tornaram-se cada vez mais altos e mais terríveis durante vários minutos, mas lentamente o silêncio caiu. Ouviram-se passos leves no corredor alcatifado quando Tink passou a correr pela cozinha e entrou no quarto de banho para vomitar.

Violação em grupo era um facto muito difícil de encarar para duas raparigas de catorze e dezasseis anos.

CAPÍTULO 7

O Dr. Richard Ofshe, professor galardoado com um Pulitzer na Universidade da Califórnia, em Berkeley, é um dos maiores especialistas dos EUA no campo da psicologia social. Os seus interesses de investigação incluem o controlo social coercivo e os interrogatórios policiais. Foi certificado como perito em relação a interrogatórios policiais em mais de vinte e cinco ações cíveis e processos-crime. Num artigo de 1992 intitulado «Coercive Persuasion and Attitude Change», publicado na *Encyclopedia of Sociology*, disse:

Os programas de persuasão coerciva aparecem sob diversas formas na sociedade contemporânea. Dependem da participação inicial voluntária dos alvos. Normalmente, esta participação é obtida porque o alvo presume que há um objetivo comum que o/a une à organização ou que o envolvimento trará algum benefício.

Na manhã do dia 5 de abril de 1991, Tom Cummins, na sua modéstia, encaixava tão bem na categoria de «alvo» de Ofshe como no banco de trás do carro-patrulha não identificado. Tom presumia certamente que os seus objetivos de encontrar Julie e Robin e deter os seus atacantes o unia em propósito com os inspetores Stittum e Ghrist.

Os dois inspetores, por sua vez, estavam a fazer tudo o que podiam para acalantar tais sentimentos. A ajuda dele era inestimável, estavam sempre a dizer. Com a ajuda dele, os três – os dois polícias e o jovem bombeiro corajoso – iam encontrar Julie e Robin. E todo o pessoal fardado de St. Louis estava a apoiá-los. Eles unir-se-iam num esforço fraternal entre departamentos: a polícia a encabeçar o exame e a investigação e o corpo de bombeiros a liderar a busca física. Era muito bom que Tom fosse bombeiro, Stittum e Ghrist insistiam. A sua experiência prática em situações traumáticas era invulgar entre a população geral e eles tinham a certeza de que seria inestimável para a investigação.

Portanto, Tom começou a sentir-se um pouco melhor enquanto conversava com os dois inspetores. Encontravam-se presos no trânsito de hora de ponta a caminho da esquadra da polícia e Tom estava ansioso por avançar, por chegar ao centro. Começava a acreditar que talvez tivesse mesmo algo a oferecer, talvez não fosse *completamente* impotente e inútil. Talvez, se fosse corajoso e incansável e perspicaz, talvez se fizesse tudo exatamente como devia, tudo o que lhe pedissem, talvez então eles encontrassem Julie e Robin. Não havia duas ilhas naquele trecho do Mississípi? Ou não podiam as raparigas estar agarradas a detritos algures ao longo da orla do rio, agora, incapazes de subir a margem íngreme e escorregadia como Tom fizera? Pela primeira vez em horas, a exaustão e o cansaço de Tom foram derrotados por um pequeno vislumbre de esperança.

O inspetor sentado ao lado do condutor virou-se para encarar Tom enquanto falavam, e o que seguia no lugar do condutor estava sempre a olhar para ele pelo espelho retrovisor. Fizeram-lhe perguntas sobre as suas férias naquela semana, sobre passar tempo com Julie, sobre a sua família. Tom contou-lhes que o pai estivera na Marinha e que tinham mudado muito de casa, que ele e

Julie só se tinham tornado bons amigos no último ano, mais ou menos. Eles encorajaram-no a falar sobre ela e ele fê-lo sem reserva, com a candura que Julie o ajudara a nutrir em si mesmo. E em consonância com a sua nova disposição, falou sobre ela com a leveza do tempo presente.

Quando Tom se calou, falaram mais com ele sobre o seu trabalho como bombeiro novato. Perguntaram-lhe em que tipo de quartel trabalhava e como eram os seus colegas. Fizeram-lhe perguntas sobre o departamento de polícia em Washington. Quão estreita era a colaboração deles com o corpo de bombeiros? Tom tinha muitos amigos na polícia?

- Vamos fazer tudo o que pudermos para encontrar as tuas primas e apanhar aqueles sacanas - garantiu Stittum a Tom durante uma pausa na conversa. - Sentimo-nos muito mal em relação a isto tudo. E tu és praticamente um dos nossos. - Abanou a cabeça ao dizer isto e voltou a virar-se para o para-brisas.

Tom olhou pela janela para os passageiros nos carros parados ao lado deles e afundou-se, constrangido, no assento ao fazê-lo, puxando a gola da camisa de flanela do pai para cima, rente ao pescoço. A linguagem do Midwest não era totalmente desconhecida de Tom, mas muitas vezes ainda dava por si perplexo com a estranheza de uma expressão ou uma pronúncia. As palavras do inspetor, «praticamente um dos nossos», chocalharam estranhamente na cabeça de Tom, e o vinil do assento guinchou sob o movimento das suas nádegas a deslizarem nos *jeans* demasiado grandes.

O inspetor que não conduzia voltara agora a sua atenção para o rádio, ligando-o e saltando sensatamente a estação de notícias em busca de música. Não estava a dar grande coisa a não ser conversa de hora de ponta, por isso depressa se aborreceu e tornou a desligar o rádio.

Tom olhou para o colo e percebeu que o seu indicador direito estava preso dentro do punho da manga esquerda, a esfregar repetidamente o tecido. Era um hábito reconfortante que tivera desde pequeno. A mãe costumava gozar com ele por isso. «Assedar», chamava-lhe ela. «Se continuas a assedar essa fronha, vai desaparecer», brincava quando o apanhava em flagrante. Mas tornara-se um hábito tão enraizado que normalmente não se apercebia de que estava a fazê-lo. Ficou envergonhado quando deu por si a assedar o punho da camisa, e parou imediatamente, sacudindo a mão para fora da manga e em direção ao rosto. Depois, passado um momento, encostou de novo o dedo ao tecido suave e recomeçou a esfregar, na esperança de conter as lágrimas que inexplicavelmente lhe tinham assomado aos olhos.

*

Enquanto o irmão delas estava sentado na parte de trás de um carro-patrulha a caminho da esquadra da polícia, Tink e Kathy Cummins regressavam a casa depois de passearem o cão pelo bairro dos avós. Tink tinha atado o lenço vermelho que Julie lhe dera na noite anterior à volta do pulso direito e enrolara a trela de *Blarney* à volta do esquerdo. Não sabia por que motivo usava o lenço assim. Normalmente usava-os no cabelo. Mas este tinha o cheiro de Julie e ela queria mantê-lo. O telefone estava a tocar quando entraram e, como de costume, a avó Polly foi atender. Kathy afundou-se no sofá azul e estava a tirar os sapatos quando a avó apareceu à entrada da cozinha.

- Meninas - disse às duas. - A Jamie está ao telefone. Qual de vocês quer atender?

Kathy encolheu os ombros e fez um aceno de cabeça à irmã.

- Eu atendo - disse Tink enquanto se dobrava para soltar *Blarney* da trela.

Jamie estava a ter uma manhã infernal. Queria saber se Kathy e Tink não queriam ir lá a casa fazer-lhe companhia.

- Estamos aí daqui a dez minutos - disse Tink, com um ar de autoridade na voz que era novo para si.

Kathy transmitiu a notícia à mãe pela porta do quarto de banho da cave. Kay abriu a porta com uma toalha bem presa por baixo dos braços e seguiu rapidamente a filha mais nova pelas escadas acima até à cozinha agora ensolarada.

- Nós nem temos o carro aqui, meninas - disse às filhas, que estavam ambas determinadas a ir ter com Jamie imediatamente. - E temos um milhão de telefonemas para fazer a tias e tios, antes que todos vejam isto nas notícias...

- Há um telefone em casa da tia Ginna - declarou Kathy em tom objetivo. Já voltara a calçar os sapatos.

- E claro que podem levar o meu carro - acrescentou o avô Art.

Kay fechou a boca e ergueu os olhos para o teto, pesando as opções. Passou uma mão pelo cabelo ensopado, sacudindo pesadas gotas de água dos caracóis pretos para os ladrilhos do chão da cozinha da sua mãe.

- Sim, está bem - decidiu. - Provavelmente vai fazer-vos bem estarem juntas agora. Mas deixem-me pelo menos vestir-me. Não posso ir assim. - Em breve, estavam a caminho.

Petite Drive estava tranquila, quase com um ar abandonado, quando o elemento feminino da família Cummins parou no caminho de acesso de Ginna. Eram quase oito horas e a maioria dos seus residentes estava a trabalhar ou na escola. Tink e Kathy saíram do carro antes de Kay ter sequer conseguido travá-lo e, depois de baterem levemente à porta de casa, elas abriram-na e entraram. Jamie estava sentada de pernas cruzadas no chão em frente à grande televisão da sala de estar.

Segurava o comando da Nintendo com ambas as mãos e tinha os olhos colados no ecrã à sua frente.

- Olá - disse às primas, sem as encarar.

- Olá para ti também - responderam ambas. Kathy deixou uma frincha da porta aberta para a mãe e sentou-se no chão ao lado de Jamie enquanto Tink se deixava cair no sofá baixo e confortável por trás delas.

*

Quando chegaram à esquadra da polícia, Stittum, Ghrist e Tom caminharam ombro a ombro pelo longo corredor de linóleo e alguém carregou no botão 4 do velho elevador vacilante. Uma vez lá em cima, na sala da brigada de homicídios, os dois inspetores ofereceram a Tom mais café, que ele aceitou de bom grado.

Passados alguns minutos, Gene chegou, e Tom foi conduzido ao quarto de banho, onde rapidamente vestiu a roupa lavada que o pai trouxera e borrifou água na cara. Os olhos começavam a arder-lhe da falta de sono e sentia a língua áspera com água do rio e café. Desejou ter pedido ao pai para lhe trazer uma escova de dentes. Nem sequer se deu ao trabalho de se ver ao espelho antes de, já de botões apertados e fecho-éclair puxado na sua nova roupa, abrir de rompante a porta do quarto de banho e regressar ao pequeno grupo. Estavam reunidos a uma secretária desarrumada a falar em tom sério quando ele se aproximou a passos largos. A sua nova roupa parecia tê-lo dotado de uma energia e determinação renovadas.

- Vamos a isto - disse.

Gene não poderia estar na sala durante o interrogatório, mas os inspetores deixaram-no dar uma breve vista de olhos e garantir que não havia nada de invulgar. Mais uma vez, realçaram que não se tratava de uma cortesia que normalmente permitissem ao familiar de uma testemunha; era o estatuto de Gene como bombeiro que os motivava a endereçar-lhe o convite. Um dos

inspetores disse a Tom que se pusesse à vontade e que voltariam em breve para fazer o interrogatório. Depois deixaram-no sozinho.

Quando a porta se fechou com um estalido, Tom deixou-se cair na cadeira dura de metal à mesa vazia da sala e permitiu que a acumulação de lágrimas lhe caísse silenciosamente dos olhos. Era o seu primeiro momento sozinho e em repouso desde que se agachara, ofegante e apavorado, por baixo do sinal de STOP na St. Louis Waterworks algumas horas sombrias antes. Abriu os braços sobre a mesa diante de si e examinou-os. Tink escrevera o nome dela em letras maiúsculas, a tinta azul, no antebraço dele na noite anterior – durante a partida de póquer – e ainda ali estava. Ficou surpreendido por não ter saído com a água, e a visão da tinta ali deixou-o atordoadado. O seu lábio inferior tremia enquanto tocava nas letras TINK no seu braço. Com um repente que quase o deixou tonto, apercebeu-se da mudança drástica que a sua vida estava a sofrer. Ainda horas antes estivera sentado ao pé das suas irmãs e primas; tinham estado a jogar jogos e a arrelhar-se uns aos outros. E agora tinha de repelir as imagens do que Julie e Robin haviam sofrido naquela ponte. Tinha de afugentar o facto de ainda estarem desaparecidas, de poderem não ter sobrevivido àquele tormento. Pousou a cabeça na mesa e lutou contra esses pensamentos. Numa questão de segundos, estava a dormir profundamente, com a cabeça aninhada na curva dos seus cotovelos dobrados e os tornozelos lassamente cruzados debaixo da mesa.

Quando Stittum e Ghrist regressaram à sala entre quarenta e cinco minutos a uma hora depois, Tom acordou com um sobressalto. Levantou a cabeça de repente, confuso. Um momento mais tarde, a expressão de angústia voltou a si ao lembrar-se de onde estava e porque se encontrava ali. O seu sono tinha sido

afortunadamente negro e sem sonhos – o sono de pura exaustão física e emocional.

Os inspetores sentaram-se em frente a Tom e um deles pousou um pequeno gravador portátil na mesa vazia entre eles. Tom mirou-o com desconfiança, sem saber bem por que razão a sua presença o deixava desconfortável. Abanou a cabeça, tentando limpar as teias de aranha que lhe tinham acompanhado o sono. Soltou os braços entorpecidos da sua posição de repouso e ergueu as mãos para esfregar a cara e o cabelo. Depois de um bom bocejo e algumas espreguiçadelas, Tom estava a acordar, mas continuava calado, olhando com expectativa para os inspetores em busca de orientação. Sentia-se confortável com estes polícias. Achava que eram bons tipos, tipos inteligentes – e eram claramente o único caminho para a possibilidade de encontrar as suas primas.

– Precisas de alguma coisa antes de começarmos? – perguntou um deles a Tom. – Mais café, outra ida ao quarto de banho?

– Não, estou bem – disse Tom, antes de respirar fundo.

– Está bem. Não há motivo para estares nervoso – explicou o inspetor. – Isto é absolutamente, cem por cento, rotina. Fazemos isto com potenciais testemunhas de homicídio sempre que possível. Vai ser uma grande ajuda para a investigação, por isso responde só às perguntas tão claramente quanto te conseguires lembrar, e se a qualquer altura começares a sentir-te desconfortável ou precisares de uma pausa, diz-me.

Tom inclinou a cabeça, tentando ignorar a palavra «homicídio».

– Agora, vou ter de te ler os teus direitos, a Advertência de Miranda, quando a fita começar a rolar – explicou ainda. – Não fiques assustado. Não quer dizer que estejas detido, não quer dizer que sejas suspeito, não quer dizer que te vamos prender. É simplesmente a lei que protege qualquer pessoa que esteja a prestar um depoimento

gravado. Mais uma vez, cem por cento rotina, como se eu tivesse de te dizer isto tudo. Tenho a certeza de que já conheces o procedimento. Só quero tranquilizar-te. Sei que foi uma noite horrível.

Tom voltou a acenar com a cabeça e sentiu-se um pouco parvo por estar a repetir este gesto tantas vezes.

- Então vamos lá - disse.

A transcrição daquele depoimento gravado começa assim:

P: Hoje é dia 5 de abril de 1991, eu sou o inspetor Raymond Ghrist, G-H-R-I-S-T. Na sala comigo, e nós estamos na sala de interrogatório número dois do departamento de homicídios, está o inspetor Gary Stittum, S-T-I-T-T-U-M, sentado à minha frente está Thomas Cummins, para efeitos desta gravação são agora 9h02, e neste momento, Thomas, nós falámos antes de esta gravação começar, e eu disse-lhe que ia informá-lo dos seus direitos.

R: Sim, senhor.

P: Muito bem, quero informá-lo de que tem o direito de continuar em silêncio, de que tudo o que nos diga pode e será usado em tribunal. Compreende?

R: Sim, senhor.

P: Muito bem. Tem direito a um advogado, compreende?

R: Sim, senhor.

P: Se não puder contratar um advogado, este ser-lhe-á nomeado. Compreende?

R: Sim, senhor.

P: Compreende que este advogado lhe será nomeado sem qualquer custo?

R: Sim, senhor.

P: Muito bem. Se consentir agora falar connosco, com o inspetor Stittum e comigo nesta sala, sem mais

ninguém presente, pode parar de responder às perguntas a qualquer altura. Compreende?

R: Sim, senhor.

P: E, a qualquer altura durante esta conversa, se achar que pode precisar de um advogado, pode pedi-lo. Compreende?

R: Sim, senhor.

P: Muito bem, está disposto a prestar-nos um depoimento sobre um incidente que ocorreu entre o final do dia 4 de abril e as primeiras horas da manhã do dia 5 de abril?

R: Sim, senhor.

Era desconcertante para Tom, ouvir aquelas palavras que ouvira tantas vezes antes, na televisão, no cinema, e até no seu trabalho. Foram proferidas num tom muito diferente daquele em que as ouvira antes: um tom sereno, compreensivo e prestável. Ainda assim, as palavras em si eram alarmantes. Ele respirou fundo e começou a sua história outra vez.

Os inspetores interrompiam-no de vez em quando para lhe pedirem mais explicações ou esclarecimentos de certos pontos, mas de uma maneira geral, era a voz de Tom que enchia a cassete áudio – a voz abatida e infeliz de Tom, a relatar os acontecimentos da noite em todo o seu horror àqueles dois desconhecidos que lhe acenavam e o incitavam do outro lado da mesa. Começou por lhes falar em Julie, por tentar explicar a proximidade da amizade deles, como era boa e pouco convencional. «Um laço muito forte entre nós», foi como Tom a definiu. Com esta descrição, os dois inspetores ergueram as sobrancelhas um para o outro, mas Tom não reparou. A pergunta seguinte de Ghrist sobressaltou-o.

P: Mas nunca teve intimidade física com ela?

R: Não, senhor.

Tom respondeu com ênfase, um pouco confuso com a pergunta.

P: Nunca teve relações sexuais com ela em momento algum?

R: Não. De forma alguma.

Tom ficou um pouco irritado, para não dizer algo enojado, com a sugestão, mas pô-la de parte. Tinham-lhe explicado antes de o interrogatório começar que podiam ter de lhe fazer algumas perguntas desconfortáveis. Garantiram-lhe que isto era apenas para excluir todas as possibilidades. Afinal, este depoimento seria o início do registo oficial da polícia para o caso. Além disso, pensou Tom, estes tipos eram profissionais – sabiam o que estavam a fazer. Pensando melhor, imaginou que o inspetor Ghrist provavelmente já *tinha* encontrado primos direitos que estavam envolvidos sexualmente. Provavelmente fora por isso que perguntara. Mesmo assim, era nojento.

Tom continuou o seu depoimento com tanto cuidado e minúcia quanto podia no seu crescente estado de exaustão. Deu voltas à cabeça para se lembrar de todos os detalhes que podia, estremecendo com os mais repugnantes fisicamente, mas prosseguindo de qualquer modo.

*

No exterior da sala de homicídios, num gabinete próximo, Gene Cummins instalava-se para esperar pelo filho. Ainda tinha a cabeça ligeiramente a andar à roda, mas os agentes da polícia estavam a ser muito atenciosos consigo, pelo que, apesar do horror da situação, pelo

menos estava a ser bem tratado. Tinham-no sentado à secretária vazia de alguém e permitido que usasse o telefone ali. Estava a beber a sua quarta chávena de café naquela manhã e a sofrer com a decisão de ligar ou não para a Florida e falar com os pais, ou esperar por notícias mais definitivas antes de os alarmar. Era, afinal, o irmão mais velho e insistira em ser ele a fazer aquela chamada. Tinha uma relação muito especial com o pai, e se Gene pai tinha mesmo de ouvir uma notícia terrível como esta sobre os seus netos, Gene filho achava que era mais do que justo que viesse do seu filho mais velho. Toda a família concordara sem reservas – ninguém queria fazer aquele telefonema. Enquanto estava sentado a pensar nisto, um agente que passava comentou que ele devia ser masoquista.

– Esse café da polícia é nojento. Mais valia beber um balde de alcatrão.

– De todo – respondeu Gene. – Se quer alcatrão, devia experimentar o café da Marinha um dia destes.

Gene sorriu para si mesmo enquanto bebia o café. Estava a lembrar-se de um número que costumava fazer para os filhos quando eram mais novos. Eles estavam sentados à volta da mesa de pequeno-almoço, com a cabeça curvada sobre as taças dos cereais e as mochilas pousadas ao lado das cadeiras, quando ele entrava. Vinha de óculos postos, acabado de sair da cama, de *boxers* e *T-shirt*, e os seus três filhos ouviam-no a chegar. Todos pousavam as colheres e esperavam ansiosamente pela cómica chegada do pai à cozinha. Ele arrastava-se de olhos fechados em direção ao sítio no balcão onde o aguardava a sua cafeteira, com temporizador, com café aquecido. Tirava a caneca habitual do lugar habitual e deitava ali o café, ainda de olhos bem fechados. Só quando bebia aquele primeiro gole ruidoso de café simples, sem açúcar, é que abanava a cabeça vigorosamente e abria os olhos como se o próprio café o

tivesse acordado. A primeira vez que fizera isto, fora quase real, mas os seus três filhos tinham desatado a rir. Ele gostava tanto daquilo – o som dos filhos a rirem – que o número matinal do café se tornara um ritual em casa deles. Um ritual que se desvanecera nos últimos anos. Eles estavam a crescer muito rápido.

Agora, ao trazer os pensamentos de volta ao presente, a sua mente foi inundada de dor por Ginna, e Gene abanou a cabeça, incapaz de imaginar o que ela estaria a sofrer. Pousou a caneca na secretária diante de si, entrelaçou as mãos e curvou a cabeça por um momento, agradecendo a Deus pela sua família, e rezando desesperadamente pelo regresso seguro de Julie e Robin.

*

Na sala ao lado, Tom sentia-se relativamente confiante de que o interrogatório estava a correr bem. Depois de ultrapassar o breve choque de lhe perguntarem sobre uma relação sexual com Julie, entrou num bom ritmo e respondeu a todas as perguntas dos inspetores com determinação. Estava surpreendido e um pouco impressionado com a robustez da sua própria memória, na verdade, especialmente porque já estava acordado há mais de vinte e quatro horas.

No entanto, por muito que tentasse, não lhe ocorria nenhum nome. Sabia que tinham sido trocados durante a conversa inicial com os quatro rapazes, mas Tom não os considerara de todo importantes na altura e, por conseguinte, tinham entrado por um ouvido e saído por outro.

Contudo, lembrava-se de que o mais alto dos quatro agressores dissera que era de Wentzville. Tom ficou muito satisfeito por se lembrar deste pormenor. Apenas retivera o nome da vila, explicou aos inspetores, porque a sua tia Lisa e a família dela viviam ali. Tinham ido lá almoçar no dia anterior. Na opinião de Tom, Wentzville era uma vila

pequena e esta devia ser uma informação muito importante. Que golpe de sorte era que o nome lhe tivesse ficado na memória, pensava.

A relação de Tom com Ghrist e Stittum manteve-se amigável e profissional ao longo de todo o interrogatório. Continuou a chamar-lhes «senhor». Um hábito antiquado, sem dúvida, mas que lhe fora instilado de forma eficaz e irreversível pelo pai.

Criminal Interrogations and Confessions, de Fred Edward Inbau, John E. Reid e Joseph P. Buckley, é o principal manual deste país para realizar interrogatórios policiais. Foi o manual mais citado no famoso parecer do presidente Warren sobre o caso *Miranda* no Supremo Tribunal de Justiça. E segundo este manual, os inspetores são avisados de que: «Qualquer suspeito que seja demasiado educado, a ponto de tratar repetidamente o interrogador por “senhor”, pode estar a tentar lisonjear o interrogador para conquistar a sua confiança.»

Mas mesmo que Tom estivesse a par deste facto, provavelmente não teria feito muito para mudar o seu comportamento, porque não se via como um suspeito. Era claramente uma vítima neste caso – qualquer um percebia isto. Estava um frangalho emocional. Os seus lábios e mãos tremiam enquanto falava e tinha de respirar fundo para completar as frases mais difíceis. Estava traumatizado, sujo e exausto. A ideia de que Stittum e Ghrist pudessem de facto desconfiar de que *ele* fosse culpado de qualquer crime nem sequer lhe passara pela cabeça. Por isso, não ficou muito chocado com as últimas perguntas do interrogatório. A transcrição indica que foi Ghrist quem acabou a sessão assim:

P: Muito bem. Agora, vou fazer-lhe mais duas perguntas, e vamos fazer um intervalo. Fez alguma coisa àquelas duas raparigas?

R: Não, senhor. Não fiz.

P: Muito bem. Com isto, estou a perguntar se fez algum mal àquelas duas raparigas?

Tom abanou a cabeça com firmeza. Estas perguntas não eram acusatórias. E o tom e modo de Ghrist ainda eram manifestamente compreensivos. Os inspetores só estavam a registar o depoimento dele. Isto era tudo um procedimento habitual, como eles tinham explicado e explicado e explicado.

R: Não, senhor. Não fiz.

P: Muito bem. Teve em algum momento relações sexuais com alguma daquelas raparigas hoje à noite?

R: Não, senhor. Não tive.

P: Nunca teve?

R: Não, senhor. Não tive.

P: Muito bem. Estaria disposto a dar-nos algumas amostras para comparação mais tarde? Com isto, quero dizer cabelo, saliva, etc.?

R: Sim, senhor.

P: Porque, como dissemos agora e explicámos antes, sabe, estamos a tentar descobrir o que aconteceu. Não temos nenhum conhecimento sobre si até hoje.

R: Sim, senhor.

P: E está a contar-nos uma história que nós estamos a tentar confirmar.

R: Sim, senhor.

P: Compreende?

R: Sim, senhor, compreendo.

A transcrição da cassete indica que o interrogatório terminou às 10h30. Tom fora interrogado durante uma hora e meia. Quando os inspetores desligaram o gravador, Tom soltou um suspiro profundo. Sentia-se bem em

relação à sua participação. Tinha a certeza de que se lembrara de pormenores úteis. Os dois inspetores sorriram e espreguiçaram-se.

- Ouve, isto foi fantástico, muito obrigado pela tua ajuda, pá - disse Stittum, esticando-se sobre a pequena mesa para apertar a mão a Tom.

- Se não te importares de ficar aqui uns minutos, vamos falar com o nosso chefe e já voltamos.

Tom assentiu e tentou conter um bocejo enquanto os dois inspetores se levantavam para sair.

Um deles riu-se da incapacidade de Tom de reprimir o bocejo.

- Parece que precisas de mais um café. Ou um refrigerante, talvez? - perguntou Stittum.

Tom abanou a cabeça em resposta.

- Estou bem - disse.

E, segundos depois da partida deles, estava a dormir na mesa outra vez.

*

Passava pouco das dez e Jacquie Sweet, de vinte e seis anos, a mais nova dos outros seis irmãos de Gene e Ginna, estava debruçada sobre a sua secretária completamente atulhada na sala de composição do *Columbia Daily Tribune*, do Missouri. O prazo diário de fecho da edição era às 11h48 e o ambiente estava tenso, como de costume. Quando o único telefone da sala tocou, Jacquie nem reparou até alguém gritar o nome dela. Suspirou, maldisposta, agarrou na sua garrafa aberta de Mountain Dew e dirigiu-se à secretária do telefone.

- Jacquie Sweet - disse na sua voz de por-que-raio-me-estás-a-incomodar-não-sabes-que-estou-na-hora-de-fecho-do-jornal.

- Jack? É a Sheila - disse a voz da irmã pelo telefone.

Jacquie largou a caneta e tirou os óculos. O rosto dela esvaiu-se imediatamente de cor e o seu estômago revirou-se. Os irmãos nunca lhe telefonavam para o trabalho.

- O que se passa, Sheila? Aconteceu alguma coisa ao pai? - perguntou Jacquie. Esfregou a testa com a mão que segurava os óculos e estes bateram-lhe na cara.

- Não, não. O pai está bem - respondeu Sheila. - Jack, acho que é melhor sentares-te para ouvires isto.

Quando Sheila acabou de relatar o que conseguiu reconstituir do horror da manhã, Jacquie tremia silenciosamente, enquanto os colegas se moviam em seu redor. A sala parecia estar a girar numa cor nauseante quando Sheila finalmente rompeu em soluços e passou o telefone à cunhada delas, Kay.

- Jack, quero que me ouças com atenção - começou Kay.
- Eu sei que isto é muita coisa para absorver. Não te faças já à estrada. Tens de te recompor um bocado antes de te enfiar no carro. Podes ter de ficar aqui vários dias. Vai a casa primeiro buscar alguma roupa. Arranja alguém para

te tomar conta dos cães. O teu marido consegue fugir ao trabalho?

Jacquie assentiu.

- Hum, hum.

- Ainda bem. Trá-lo - disse Kay. - Vais precisar - disse Kay. - Vais precisar dele. E não te dês ao trabalho de telefonar a ninguém. A Sheila e eu estamos em casa da Ginna e estamos a fazer todos os telefonemas a partir de lá. Ah, e ainda não contamos aos teus pais. Vamos deixá-los para o fim. Esperamos já ter boas notícias nessa altura.

Jacquie voltou a acenar, e bebeu um gole do seu Mountain Dew, aclarando o nó na garganta para conseguir falar. Despediu-se da cunhada e desligou. Por um momento, ficou paralisada na cadeira, incapaz de se mexer. Os colegas tinham deixado de reparar no estranho telefonema e estavam absorvidos no trabalho a toda a sua volta. Levantou-se, vacilante, e procurou cegamente um cigarro na mesa antes de as suas pernas encontrarem a força para a levar até à porta. A viagem de duas horas até St. Louis podia ser a mais longa da sua vida.

*

Quando a porta da sala de interrogatório número dois se abriu de novo, quase quarenta e cinco minutos depois de Stittum e Ghrist saírem, Tom ainda dormia profundamente sobre a mesa. Uma poça de saliva acumulava-se ao lado da sua cara suja. Acordou com um solavanco quando a porta se fechou com estrondo. Quando ergueu o olhar, ficou sobressaltado por ver que os dois inspetores que tinham entrado não eram Stittum e Ghrist.

- Inspetor Richard Trevor - disse um dos dois homens, e estendeu a mão ao sonolento Tom.

Tom lutou contra outro bocejo e repeliu a vontade de esfregar os olhos em vez de apertar a mão ao homem.

- Este é o meu colega, o inspetor John Walsh.

Tom cumprimentou o segundo homem e começou a questionar porque é que nenhum dos inspetores aqui parecia inspetor. Não sabia qual *devia* ser a aparência de um inspetor, exatamente, mas estes tipos pareciam todos dentistas ou engenheiros informáticos ou algo do género.

- Sei que estiveste a falar com o Gary e o Ray. Eles tiveram de ir para casa, o turno deles acabou há horas. Por isso, espero que não te importes que nós intervenhamos. Vamos assumir o controlo das coisas a partir daqui, e gostávamos de rever alguns dos detalhes do teu depoimento contigo, outra vez. Vamos fazer uma segunda gravação. Nada de mais, não vai ser tão longa como a primeira. Só queremos confirmar e esclarecer alguns pormenores, uma vez que não estávamos aqui quando fizeste a primeira.

Tom assentiu e esfregou a cara com ambas as mãos.

- Está bem, claro. Sem problema - respondeu, ainda a tentar sacudir o sono.

Às 11h25, Tom deu início ao seu segundo depoimento gravado. Contou a sua história outra vez «do princípio», como o inspetor Trevor disse. De uma maneira geral, foi o mesmo interrogatório do primeiro depoimento gravado. Quando acabaram o interrogatório, Trevor agradeceu mais uma vez a Tom pela sua ajuda e falaram sobre o que aconteceria a seguir:

P: Agradecemos a sua ajuda.

R: Ajudo de todas as formas que puder. De todas as formas.

P: O que eu gostava de fazer é... Lembra-se destas pessoas?

Trevor referia-se aos quatro agressores. Tom estremeceu e disse que sim com a cabeça, consciente de

que nunca esqueceria um único detalhe de qualquer daqueles quatro rostos, por muito que quisesse.

P: Gostávamos que fizesse um retrato falado. Sabe, juntar-se a um dos nossos desenhadores e fazer isso. O que eu vou fazer é, tal como fizemos antes, simplesmente eliminar tudo o que pudermos agora.

R: Hum, hum.

P: Pedimos ao artista, sabe, para fazer um pequeno esboço. Tem algum problema com isso?

R: Não.

P: Está bem.

R: Como é que acha que eles vão fazer o retrato?

Tom começou a ficar entusiasmado com a perspetiva de ajudar de uma forma mais concreta. A sua frustração por estar a contar a mesma história uma e outra vez começava a deixá-lo impaciente. Um retrato falado seria, sem dúvida, um passo em frente, iria introduzir novas possibilidades. O humor de Tom melhorou muito ligeiramente perante esta ideia.

P: Eu não sei como eles trabalham. São todos diferentes. Há mais alguma coisa que tenhamos esquecido e que queira dizer?

R: Não. Só... não.

P: Quero dizer, há alguma coisa que tenha acontecido que ninguém lhe perguntou?

Tom pensou muito bem antes de responder a esta última pergunta.

R: Não, porque eu... eu... tentei mesmo falar de todos os detalhes.

A transcrição do segundo depoimento gravado de Tom mostra que o interrogatório terminou às 12h40. Mais uma vez, os inspetores agradeceram a cooperação e garantiram-lhe que a sua ajuda era mesmo essencial para a investigação deles.

- Há pouco falei em eliminar as tuas amostras das provas - disse Trevor a Tom depois de pararem o gravador. - Percebes o que isso quer dizer?

- Acho que sim - respondeu Tom.

- Basicamente, nós recolhemos todas as tuas amostras, cabelo, sangue, impressões digitais, etc., para podermos excluí-las como provas do local do crime - explicou de novo.

Tom acenou com a cabeça.

- Sim, eu percebo.

- Estás pronto para fazer isso, então? - perguntou Trevor.

- Claro - respondeu Tom num tom levemente sarcástico -, não tenho mais nada para fazer agora.

- Está bem. - O inspetor sorriu. - Vamos levar-te lá acima, então.

*

Eva *não* estava contente com Marlin Gray. Ficara bastante chateada por ele a ter deixado à sua espera toda a noite e depois só chegar a casa às cinco da manhã do dia seguinte. Quando se levantaram, muito depois das onze de sexta-feira de manhã, ele disse-lhe que se tinha metido numa luta na ponte Chain of Rocks. Tinha ganhado um relógio na confusão, explicou orgulhosamente, antes de atirar o Swatch de Tom para a colcha, ao lado dela. Ela pegou nele e examinou-o sem grande interesse antes de decidir pousá-lo.

- Não é desculpa, sabes? - repreendeu, enquanto saía da cama e começava a procurar alguma coisa para vestir.

- Estava preocupada contigo.

Gray sorriu e fez-lhe os seus melhores olhos de cachorrinho.

- Vá lá, amor - murmurou. - Não quero discutir contigo. Agora estou aqui e está tudo bem. - Puxou-a de volta para a cama, para um beijo demorado.

- Está bem - cedeu ela, sorrindo-lhe alegremente quando o beijo acabou. - Mas *não* voltes a fazer isso.

Ele inclinou-se para outro beijo, mas ela esgueirou-se e pôs-se em pé.

- Hoje não há tempo para isso - soltou. - Anda, levanta-te. Temos coisas para fazer.

Mas Gray não se levantou. Recostou-se na almofada e observou Eva enquanto ela andava pelo quarto, a apanhar as roupas deles para lavar. Usou o relógio durante uns minutos, mas tirou-o antes de entrar no duche. Depois de comerem alguma coisa rápida, Gray e Eva foram de carro até casa de um amigo, Gray já com o seu relógio novo. Eva arrastava o pesado saco de roupa suja atrás de si enquanto subiam lentamente o caminho. Eva estava agradecida por Robert Troncalli e a sua mulher Kendra os deixarem usar a máquina de lavar e secar. Caso contrário, teria de passar a sua tarde de folga numa lavandaria automática. Este arranjo era perfeito. Eva podia pôr a roupa a lavar e depois os dois casais podiam sentar-se a conversar ou ver televisão enquanto esperavam.

Troncalli estava sentado a ver as notícias do meio-dia quando o casal entrou, e Kendra andava pela cozinha, a bater com pratos e talheres enquanto trabalhava. Eva foi direta à lavandaria, enquanto Gray se sentava na poltrona reclinável.

- Olá - disse Troncalli em saudação depois Gray se instalar na sua poltrona.

- Olá - respondeu Gray.

- Viste aquela merda na televisão? - perguntou Troncalli.

- O quê?

- Duas raparigas foram mortas na ponte Chain of Rocks ontem à noite - respondeu Troncalli. - E aparentemente o primo estava com elas, mas sobreviveu.

Gray levantou uma sobrancelha, surpreendido mas despreocupado. Respirou fundo e voltou a recostar-se na poltrona.

- Sim - disse, a sorrir -, fui eu.

Troncalli lançou um olhar ao seu amigo sorridente. Estava habituado aos comentários disparatados de Gray, ao seu sentido de humor retorcido e ao seu desejo de atenção.

- Marlin - começou com leve irritação, como se estivesse a avisar uma criança pequena para voltar a pôr a bolacha proibida no frasco -, não devias dizer esse género de coisas. Qualquer dia, alguém te ouve e leva a coisa a mal.

- Oh, relaxa - brincou Gray.

Mas quando as imagens de Tom Cummins passaram, Marlin Gray, levemente nervoso, tirou o seu recém-adquirido Swatch verde do pulso e enterrou-o bem fundo nas almofadas da poltrona de Troncalli.

*

Primeiro, tiraram as impressões digitais a Tom e depois deixaram-no usar o quarto de banho e lavar-se um pouco antes de regressar à sala da brigada de homicídios. Quando já estava novamente sentado na sala de interrogatório número dois, uma inspetora do laboratório médico-legal apareceu com um pente e um saco de plástico. Estava a pentear-lhe o cabelo e Tom tentava manter-se acordado quando o rosto de Gene surgiu na janelinha gradeada da única porta da sala.

O rosto de Tom alegrou-se quando viu o pai. Até àquele dia, seria impensável que o rosto do pai o pudesse alguma vez animar. Gene sorriu ao filho enquanto abria a porta da pequena sala.

- Como é que te estás a aguentar? - perguntou, sentando-se em frente ao filho numa das cadeiras que tinham estado ocupadas por um inspetor. - Tens fome? - acrescentou, e passou a Tom uma ementa de papel de uma loja de sanduíches do outro lado da rua.

- Estou esfomeado - respondeu Tom, olhando para as opções. - Acho que quero uma sanduíche de atum - disse, devolvendo cuidadosamente a ementa ao pai.

Estava a tentar ficar quieto por a mulher lhe estar a pentear o cabelo. Cerrou os lábios enquanto olhava para o pai, mas não lhe ocorria mais nada para lhe dizer. *As nossas vidas mudaram para sempre? Obrigado por estares aqui comigo? Porque é que eu não estou morto? Não fiz o suficiente para ajudar as primas?* Nenhum destes pensamentos conseguiu chegar-lhe aos lábios e ainda bem, porque nenhum deles poderia sequer começar a expressar a enormidade do que sentia. Pela primeira vez na presença do pai, Tom sentiu-se um homem. Era um sentimento que procurara durante toda a adolescência e agora que estava aqui, só queria era voltar a sentir-se um rapaz. A responsabilidade do que lhe acontecera nas últimas doze horas, e o que agora seria esperado dele no futuro, pousou sobre Tom como o peso do mundo.

- Atum será, então - disse Gene. Esticou-se e apertou brevemente a mão do filho antes de sair da sala.

As sanduíches chegaram em menos de meia hora, e Tom e Gene comeram-nas juntos, lado a lado, na sala de interrogatório número dois, na companhia de mais um inspetor. Não houve muita conversa na pequena mesa. Ambos os homens estavam demasiado exaustos e famintos para conversar. Quando acabaram, Trevor e Walsh regressaram à salinha para apresentar a sugestão de um teste de polígrafo. Tom brincou com o papel de embrulho amarfanhado da sua sanduíche de atum enquanto os inspetores explicavam a importância deste tipo de teste a Tom e ao pai, e porque seria útil.

- Mais uma vez, quero reforçar a ambos que isto é prática corrente, completamente rotina - disse o inspetor.
- Servirá para nos ajudar a estabelecer o facto de que Tom é uma testemunha credível, mais nada.

Gene parecia hesitante, por isso o inspetor focou os seus argumentos nele.

- Ouça, Mr. Cummins - disse -, eu sei que o seu filho está exausto e que vocês estão ansiosos por ir para casa, isso é completamente compreensível. Nós só queremos ter a certeza absoluta de que ele não se esqueceu de nada nem confundiu nenhum dos detalhes. Assim que o tirarem daqui, assim que chegar a casa e estiver de novo no seu ambiente familiar, as memórias do acontecimento serão contaminadas. Ele até pode começar a bloquear alguns dos momentos mais traumáticos, e esses são provavelmente os pormenores mais importantes. Temos mesmo de estabelecer a credibilidade dele enquanto tudo isto ainda está fresco na cabeça dele. Não vai demorar muito e é a última coisa que lhe vamos pedir para fazer hoje, depois será livre de o levar para casa. Podemos deixar os retratos falados para amanhã. O que dizem?

Gene olhou para o filho e começou a abanar a cabeça.

- Pai - interrompeu Tom. - Não tenho nenhum problema com isto. Quero fazer o que puder para ajudar e não tenho motivos para não fazer o teste. Não tenho nada a esconder. Quero fazê-lo.

- Bem, se tens a certeza - respondeu Gene cautelosamente.

- Tenho a certeza - disse Tom.

*

Quando Jacquie chegou a casa de Ginna em Petite Drive, todos os irmãos tinham sido avisados, e aqueles que não tinham chegado já estavam a caminho de St. Louis. A casinha já estava apinhada.

Ginna chegara a casa a meio da manhã e enfiara dois pares de *jeans*, dois pares de sapatos, duas camisolas e quatro meias de lã numa mochila antes de regressar imediatamente à velha ponte Chain of Rocks. Chegou a casa com a mochila ainda cheia ao início da tarde e descobriu que a sua casa se estava a encher de irmãos e irmãs solidárias. Os irmãos Cummins nunca tinham sido conhecidos por se darem muito bem. Havia muito amor na família, mas quando há oito irmãos debaixo de um teto, é quase certo que as personalidades choquem. Naquele dia, porém, apesar da intensidade emocional na casa, ou talvez por causa dela, não houve ressentimentos. Toda a gente recebeu uma tarefa, e todos trabalharam bem juntos.

Kay e Sheila estavam incumbidas do telefone, ambas a fazer e receber os telefonemas difíceis. Tink e Kathy foram encarregadas de manter Jamie ocupada, o que, convenientemente, também mantinha as duas irmãs ocupadas. Uma das irmãs de Ginna ficou perto dela, a fazer-lhe companhia e a ajudá-la a vasculhar as fotos da família. A polícia tinha pedido fotos recentes de Julie e Robin para ajudar na busca.

Jacquie foi nomeada para tratar da primeira ida às compras. Pegou numa das crianças e saiu para o supermercado durante cerca de uma hora, regressando a casa com uma mala cheia de sacos de papel pardo. Havia tantas mãos ali que o carro foi esvaziado numa viagem.

Jamie, Tink e Kathy continuavam a monopolizar a televisão da sala de estar com a Nintendo, e ainda bem, porque as impedia de ver as notícias cada vez mais perturbantes.

Na verdade, não *havia* notícias, o que parecia não desencorajar os jornalistas, que rondavam o local do crime em número cada vez maior. O único facto óbvio era que, neste caso, não haver notícias era *má* notícia. Às duas horas daquela tarde, já haviam passado pelo menos

doze horas desde que Julie e Robin tinham desaparecido no Mississípi. E ainda não havia sinal delas.

Jacquie entrou na sala e baixou-se para massajar as costas de Tink, que estava deitada no chão com o comando do jogo nas mãos.

- A tua mãe disse-me que ainda não comeste nada hoje, Tink - disse em voz baixa. - Que tal um queque de mirtilo?

Tink abanou a cabeça.

- Não, obrigada - disse.

- Está bem, vou deixá-lo aqui, caso te apeteça quando acabares o jogo - disse Jacquie, e pousou cuidadosamente o queque na alcatifa, em frente à sobrinha.

Tink continuou a jogar, mas passado um bocado, sentiu o cheiro doce e pegajoso do queque de mirtilo. Olhou para ele, ali pousado ao seu lado, e o estômago embrulhou-se-lhe. Pôs o comando de lado, levantou-se de um salto e correu para o quarto de banho. Ficou aliviada por estar longe do cheiro intenso e açucarado do queque e ainda mais aliviada por descobrir que o quarto de banho estava milagrosamente desocupado.

Acendeu a luz, deu uma olhada ao seu reflexo pálido no espelho e depois ajoelhou-se ao lado da sanita para aliviar a torrente de bílis do seu estômago. Quando acabou, tinha suor a escorrer-lhe da linha do cabelo, e pousou a cabeça no braço direito, que ainda segurava o assento da sanita.

Normalmente, Tink tinha alguma aversão a germes, e a realidade física de que estava agora a abraçar uma sanita atingiu-a como um soco inesperado. Sentiu a porcelana fria, curvada, com a mão esquerda e de repente percebeu que isto não era um sonho. Isto não era um pesadelo. Não ia acordar. O amargor persistente na boca e a franja colada à testa com suor eram prova. Julie e Robin tinham desaparecido. Ficou no chão do quarto de banho durante quinze minutos e rompeu em soluços.

CAPÍTULO 8

A sala do polígrafo ficava noutro piso, noutra ala do edifício, e Tom foi mais uma vez separado do pai durante o interrogatório. Ficou agradavelmente surpreendido por descobrir que a nova sala era bastante mais confortável do que a sala de interrogatório número dois. A máquina de polígrafo estava montada num escritório bem decorado, numa mesa ao lado de uma cadeira de vinil almofadada com braços almofadados a condizer.

O inspetor que ia fazer o teste era amigável. Mais uma vez, estava à paisana, e Tom nem tinha a certeza se era um inspetor. Apresentou-se pelo primeiro nome em vez de *inspetor Fulano Tal*, como todos os outros tipos da brigada de homicídios pareciam gostar de se autointitular. Começou a conversa dizendo a Tom quanto lamentava tudo por que tinha passado. Havia fotos a cobrir as paredes e a secretária do amplo escritório, e o examinador fez uma pequena visita guiada a Tom, indicando as suas favoritas e dizendo-lhe o nome das suas filhas.

- Não imagino o que faria se alguma coisa lhes acontecesse - disse. - As tuas pobres primas. Lamento muito.

Tom fez um aceno com a cabeça, mas não sabia o que dizer. As condolências eram uma coisa nova para si. Ainda não sabia bem como responder.

- Aqui estamos todos no nosso barco, no verão passado. Esta foi tirada no lago das Ozarks. As miúdas adoram ir lá.

Divertimo-nos sempre muito - disse o homem com ar sonhador.

A ideia de que ainda no dia anterior Tom estava nas suas próprias férias em família, umas férias que tinham corrido mal de uma forma trágica, horrível, de repente pareceu ocorrer ao homem.

- Oh, que insensível da minha parte - começou.

Mas Tom interrompeu-o.

- Não, não há problema. Tem uma linda família - disse.

O examinador agradeceu-lhe e levou-o até à cadeira de vinil e ao aparelho na mesa. Passou os minutos seguintes a explicar a fisiologia da máquina a Tom. Um fio seria atado ao seu tronco para lhe gravar a respiração. Um segundo seria preso ao seu dedo para registar a transpiração. E finalmente, um punho à volta do braço iria medir tanto a tensão arterial como a pulsação. Qualquer flutuação importante ou rápida nestas medições iria indicar que estava a mentir. Tom disse que percebia.

- Não queremos que as perguntas em si te provoquem reação, por isso o que vamos fazer é ler a lista de perguntas juntos antes de eu fazer o teste - explicou o examinador. - Haverá dez a onze perguntas no total. Algumas delas serão muito diretas. O teu nome, idade, coisas deste género, para estabelecer um ponto de partida. E depois, intercaladas com estas perguntas, vou fazer-te perguntas mais difíceis, as coisas importantes, como: «Fizeste alguma coisa para magoar as tuas duas primas?» E quando responderes, quero que o faças devagar e calmamente. Deves manter os olhos fechados durante o exame e descontrair-te, respirar o mais fundo que puderes. Não quero que o ato físico de responder às perguntas seja registado na máquina. Responde devagar e metodicamente. Percebeste?

Tom disse que sim com a cabeça.

- Agora, antes de começarmos - continuou o examinador, ligando Tom a todos os dispositivos

adequados -, temos de calibrar o aparelho. Por outras palavras, preciso de ver como é que a máquina reage a ti especificamente quando dizes uma mentira. Portanto, eis o que vamos fazer.

Foi buscar um baralho de cartas a um canto da sua secretária arrumada e tirou as dez cartas de cima do baralho.

- Quero que escolhas uma destas cartas, olhes para ela e depois voltes a pô-la no monte. Depois vou mostrar-te cada carta individualmente e perguntar: «Foi esta?» Eu quero que respondas «Não» de todas as vezes. Assim, vou conseguir perceber que carta era a tua porque a máquina me vai indicar o momento em que estavas a mentir.

- Está bem - disse Tom. - Parece fácil.

Tom ficou absolutamente estupefacto, alguns minutos mais tarde, quando o examinador identificou corretamente a sua carta secreta. Tom não percebera nenhuma mudança física no seu corpo durante a mentira, mas o examinador tinha identificado a carta dele sem hesitação. Nunca na vida teria Tom desconfiado que um tipo honesto como este, um homem de família com um barco nas Ozarks e uma cadeira de vinil no seu escritório, pudesse marcar um baralho de cartas para dar a uma testemunha uma falsa sensação de segurança. Tom estava completamente convencido de que o polígrafo era infalível. E estava mais ávido do que nunca por começar.

Em momento algum, durante a descrição do polígrafo, disse o examinador a Tom que a taxa de precisão da máquina está entre quarenta e oito e noventa por cento, dependendo do estudo que lermos, ou que a taxa de falsos positivos pode ser tão alta como um em cada quatro. Também não disse a Tom que, entre os fatores que contribuem para a falibilidade do detetor de mentiras, a privação de sono é de longe o pior - que praticamente ninguém num estado nervoso de privação de sono poderia passar num teste de polígrafo.

Portanto, Tom fechou os olhos como lhe tinham mandado e começou a respirar profundamente, inspirando pelas narinas e expirando pela boca. A primeira coisa que notou com os olhos fechados foi que esta parte do edifício era mais silenciosa do que a movimentada e barulhenta sala da brigada de homicídios. Perguntou-se porque não reparara nisto antes. A máquina zumbia discretamente na mesa ao lado dele e o som das suas próprias respirações profundas depressa começou a conduzi-lo a um estado de semiconsciência. O volume e o carácter repentino da primeira pergunta do examinador despertaram Tom por completo.

- O teu nome é Thomas Patrick Cummins?

- Sim - balbuciou Tom.

Tudo ficou em silêncio outra vez, mas Tom conseguia ouvir a sua própria pulsação nos ouvidos. Pensou em parar o teste, dizer ao examinador que estava a dormir antes da primeira pergunta. Mas não sabia qual era o protocolo ou se seria inapropriado interromper o teste. Assim, em vez disso, tentou não se preocupar por se ter sobressaltado com aquela primeira pergunta e tentou distrair-se pensando noutras coisas. Perguntou-se se se meteria em sarilhos caso abrisse os olhos. Simplesmente não conseguia manter-se acordado de olhos fechados. Estava acordado há mais de trinta e quatro horas. O intervalo entre perguntas não podia ter durado mais de quinze ou vinte segundos, mas foi o tempo suficiente para adormecer outra vez.

- Mataste as tuas primas?

A pergunta assustou-o mesmo desta vez. E não foi apenas a reação de sobressalto de ser acordado. Havia algo no tom do interrogador. Algo acusador. Tom tentou regular a sua respiração. A palma da sua mão livre estava agora húmida de suor, reparou, e teve a certeza de que o pequeno medidor de transpiração preso ao seu dedo estava a absorver bastante líquido. Disse a si mesmo para

se descontraí, respirar fundo e responder à segunda pergunta.

- Não - foi a sua resposta.

Recuperara o controlo sobre si mesmo, sentia. *Este tipo deve saber que estou cansado*, pensou Tom. A sua cabeça tombou enquanto os segundos passavam e ele esperava pela pergunta seguinte. Num instante, estava a dormir outra vez e o teste continuou assim o tempo todo. Quando acabou e respondeu à última pergunta, Tom percebeu que tinha corrido mal mesmo antes de abrir os olhos. Olhou para o examinador do outro lado da máquina em busca de conforto.

- Bem, parece que temos um grande problema aqui - cuspiu o inspetor.

Tom abriu a boca para falar, mas não encontrou nada para dizer. Viu o examinador atirar o caderno e a caneta para a mesa e levantar-se. Ele contornou a mesa e dobrou-se até ficar a centímetros da cara de Tom. Estava corado de raiva.

- Ouviste-me bem. Eu disse que temos um grande problema aqui - gritou. - Quero que me digas a porra da verdade *imediatamente*. Podes mentir aos rapazes lá de cima quanto quiseres, mas não podes mentir à máquina, e não me podes mentir a mim, seu canalha. Eu vou arrancar-te a verdade, por isso mais vale começares a dizê-la agora.

Tom tremia de medo enquanto a máquina zumbia e arranhava um pouco mais alto na mesa ao lado dele. As lágrimas saltaram-lhe aos cantos dos olhos e todos os pensamentos de masculinidade, coragem ou utilidade se esvaíram dele. Rompeu em soluços infantis.

- Eu... eu não sei de que está a falar - suplicou. - Juro que estou a dizer a verdade. Eles magoaram-nos... eles magoaram-nos a todos... atiraram a Julie e a Robin ao rio. Eu juro. Só estava a tentar ajudar.

O inspetor sorriu a Tom com repugnância e afastou-se dos braços de vinil da cadeira, virando costas.

- Metes-me nojo - disse, e regressou ao seu lugar do outro lado da mesa. - Vamos fazer isto outra vez, seu sacana. Só que desta vez vais dizer-me a verdade.

*

Em casa de Ginna, em Petite Drive, o ambiente estava a ficar cada vez mais desesperado. Jamie, Tink e Kathy estavam com os polegares doridos de horas e horas de Nintendo e tinham decidido dar uns chutos numa bola de futebol no jardim da frente durante algum tempo. O dia ficara quente e soalheiro, mas as três primas tinham conseguido evitar completamente o exterior. De certo modo, a alegria do sol parecia iluminar ainda mais a dor delas. Uma vez lá fora, sentaram-se as três no degrau da frente, letárgicas. Tink batia a bola de futebol para cima e para baixo no cimento entre os seus joelhos.

- A Julie joga muito bem futebol, sabiam? - disse Jamie em voz baixa.

- Sim, eu sei - respondeu Tink, espremendo as lágrimas dos olhos e enlaçando o braço em volta da sua prima mais nova.

Gene estivera a ligar lá para casa periodicamente ao longo de todo o dia para informar a mulher de qualquer novidade na esquadra da polícia, mas de um modo geral, havia muito pouco a dizer. Jacquie, Sheila e Kay estavam todas sentadas à mesa da cozinha durante o último telefonema de Gene. Aparentemente, ele estava sobretudo à espera de que Tom acabasse de responder a uma lista cada vez maior de perguntas. Tom estava exausto, sem dúvida, mas estava determinado a ajudar e Gene nunca conseguiria convencê-lo a vir para casa se ele achasse que ainda podia ser útil à polícia. Kay concordou que eles deviam apoiar o filho, deixá-lo fazer o que achasse que tinha de fazer. Mas mesmo assim, estava preocupada com

ele e em parte queria insistir para que ele saísse e viesse para casa. Sheila e Jacquie trocaram olhares nervosos durante a conversa.

- Posso falar contigo sozinha um minuto? - disse Jacquie com os lábios a Sheila.

Sheila assentiu e levantou-se. Dobrou-se e abraçou Kay por um momento, beijando-lhe o cimo da cabeça antes de seguir a sua irmã mais nova e sair da sala. Encontrar um canto tranquilo na casa não era fácil nesta altura. Jacquie caminhou pelo longo corredor até ao quarto de Robin, onde esperou por Sheila e depois fechou a porta.

- O Tommy está na esquadra há muito tempo - começou Jacquie, perscrutando o rosto da irmã em busca de concordância enquanto falava. - Sheila, acho que devíamos mesmo arranjar um advogado.

- Não podia estar mais de acordo - disse Sheila. - Mas é tão constrangedor, eu não quero que a Kay e o Gene pensem que *nós* desconfiamos dele de alguma maneira. Arranjar um advogado ao Tommy pode simplesmente pôr toda a gente em pânico.

As duas irmãs mais novas de Gene e Ginna ficaram em silêncio no quartinho, de braços cruzados, rodeadas, em todas as paredes e superfícies, pelas criaturas de cerâmica e papel de Robin. Não havia mais nada a dizer. O tema que toda a gente andara a evitar tinha finalmente sido abordado.

- Acho que temos de fazer isto - resolveu Sheila.

- Temos, sim - respondeu Jacquie com firmeza.

Nesse preciso momento, o rosto de Sheila esmoreceu quando ela olhou, sobre o ombro da irmã, pela janela da frente do quarto de Robin. Jacquie virou-se de modo a ver para onde ela estava a olhar.

- Oh, meu Deus - arquejaram ambas, e antes de Jacquie poder sequer virar-se, Sheila tinha aberto a porta do quarto de rompante e ia a correr pelo corredor estreito. Saltou por cima das pessoas sentadas no chão da sala de

estar e agarrou na maçaneta da porta da frente. Saiu para o sol ofuscante e atravessou o relvado, até onde Tink, Kathy e Jamie estavam juntas, rodeadas por um jornalista e uma equipa de filmagem. A bola de futebol delas estava parada na relva a alguma distância.

- E como é que vocês se estão a aguentar? As raparigas mortas eram vossas irmãs, não é verdade? - dizia o jornalista, a abanar um microfone almofadado na cara confusa da pequena Jamie.

- Mortas? - dizia ela.

Tink estava atrás da prima com os braços nos ombros de Jamie. Estava horrorizada, mas atordoada. Não sabia o que fazer. Kathy tentava pôr o seu corpo entre os operadores de câmara e Jamie, mas eles eram insistentes e ela estava em dificuldades.

- Meninas, venham para dentro - gritou Sheila enquanto atravessava o relvado num passo furioso.

As três primas viraram-se para a tia com alívio e correram para dentro de casa.

- Que raio se passa convosco? - gritou Sheila. - Não acham que aquela menina já está a sofrer que chegue? Querem uma declaração para o vosso noticiário? Que tal isto: Ponham-se nas putas e deixem a minha família em paz!

Sheila ficou contente por os seus dois rapazes não estarem ali para a ouvir falar assim, mas este tipo de raiva era completamente novo para ela. E a acidez da sua linguagem não expressava de todo a fúria pura que realmente sentia.

- Vocês são nojentos. Não conseguiram imagens que cheguem na ponte, não há cadáveres para mostrar no noticiário das seis, por isso vêm a casa de uma menina e abordam-na no seu próprio jardim, onde ela está precisamente a tentar compreender a tragédia mais devastadora que pode acontecer a uma família. Nós

estamos a sofrer. Deixem-nos em paz. *Saiam, saiam, ponham-se nas putas e é já!*

Ela estava a gritar, agora, e a agitar os braços por cima da cabeça para a equipa de jornalistas, que se retirava rapidamente. Jacquie seguira-a até cá fora e fechara as meninas lá dentro, mas ficara no degrau da frente ao ver que Sheila não precisava de ajuda para os afugentar.

Sheila teve vontade de pegar numa pedra grande e atirá-la ao vidro de trás da carrinha branca da televisão enquanto esta fazia chiar os pneus e arrancava. Os seus ombros descaíram enquanto a carrinha se afastava e ela sentiu o cansaço emocional que se segue a uma explosão destas. A picada das lágrimas só veio quando a carrinha desapareceu de vista, mas Sheila continuava a olhar para a rua.

- Bem, não me parece que voltem aqui tão cedo - comentou Jacquie do degrau da frente.

Sheila virou-se e marchou em direção à casa, onde Jacquie abraçou a irmã mais velha e usou a manga para lhe secar as lágrimas.

- *Saiam, saiam, ponham-se nas putas e é já!* - Jacquie imitou a irmã enquanto as duas riam e choravam com as testas juntas, por um momento. - Bem, acho que encontrámos uma louca homicida, pelo menos.

- Meu Deus, Jacquie, aquilo foi horrível - respondeu Sheila. - Eu fui completamente louca?

- Foste perfeita - respondeu Jacquie. - Absolutamente perfeita. E não me parece que possam usar nenhuma daquelas imagens, estavam cheias de palavrões.

Ambas riram outra vez e passaram alguns minutos a recompor-se e a secar o rosto antes de regressarem a casa.

Lá dentro, Tink e Jamie tinham recuperado do seu encontro com a fama e estavam agora de volta à Nintendo, mesmo com os polegares doridos. Kathy estava um pouco mais abalada e procurou um canto tranquilo

onde pudesse estar sozinha e pensar um bocado. O rés do chão estava completamente cheio – havia gente em todas as divisões. Kathy passou discretamente pela cozinha e abriu a porta da cave com um rangido. Estava escuro lá em baixo. Soltou um suspiro de alívio, olhou em volta para todos os adultos a conversar certificando-se de que ninguém estava a reparar em si e depois avançou para as escadas, fechando a porta. Tateou a parede às escuras até encontrar o interruptor da luz e desceu cuidadosamente as escadas em direção ao quarto de Julie.

Julie tinha-se mudado para aquele quarto poucos meses antes. Era uma cave inacabada, e apenas o canto de Julie tinha uma bela porta de madeira nova, ladrilhos brancos e frescos no chão e pladur a cobrir as vigas e tábuas da estrutura da casa. Ela marcara logo a sua personalidade no quarto.

Kathy entrou e acendeu a luz. Sabia que Julie não se importaria que estivesse ali. Pensou em ouvir música, mas não se sentia confortável a mexer nas cassetes de Julie, por isso evitou por completo o rádio e foi deitar-se na cama. Deitou-se com as mãos entrelaçadas atrás do pescoço e as pernas esticadas, a estudar as paredes. Percebeu com um súbito mal-estar que se lembraria deste dia para o resto da sua vida. Foi invadida por um desejo de absorver todos os pormenores das suas primas. Sentou-se silenciosamente de pernas cruzadas em cima da cama e começou a tentar catalogar mentalmente e memorizar o quarto.

A secretária de Julie estava cheia com páginas e páginas de poesia, que ela partilhara orgulhosamente com Kathy e Tink quando elas ali tinham vindo no início daquela semana. Kathy levantou-se e aproximou-se da pequena secretária; queria ler alguns poemas da prima outra vez. Quando o fez, ficou espantada com a forma como o significado das palavras de Julie tinha mudado num dia:

*Ela lembra-se das mãos indesejadas
A desconhecida
A segurança que é agora uma ameaça
O céu frio, branco de neve
As suas mãos diante de si
Tornando-se as de uma velha
As folhas cobrem o jardim da frente
O vento gélido e cortante*

*Ela ama-te à sua maneira incerta
Ferozmente
Desesperadamente
Pode ser só o medo
Que se lhe cola às costas
Lhe endurece os ombros
Pode ser só a solidão
O largar da esperança*

*Mas ela pensa em ti muitas vezes
Ama-te ferozmente, duvidosamente
Pergunta-se se alguma vez voltará a ver-te,
Embora às vezes
Não suporte pensar em ti
Ela sonha com leitos de rios, rochedos e pontes
E lembra-se tristemente de uma sinfonia perdida*

Kathy estremeceu enquanto deixava que as palavras se insinuassem no seu espírito, e decidiu que um poema era o seu limite para aquele dia. Evitou ler os que estavam afixados nas paredes, pendurados ao lado dos *slogans* políticos e cartazes da Greenpeace. Os olhos dela pousaram no ponto central do quarto: o quadro de cortiça que pendia sobre a secretária arrumada, mas cheia. No meio do quadro estava um autocolante de para-choques preso com um pionés, que, em grandes letras brancas,

dizia GEORGE BUSH É UM TRAVESTI. Kathy riu-se contra vontade. Havia fiadas de contas vermelhas, laranjas e amarelas que Julie provavelmente enfiara ela própria penduradas nos dois cantos superiores do quadro. Mas no meio da confusão, aquilo que chamou a atenção de Kathy a seguir foi uma simples ficha amarela com um desenho a tinta de uma vela envolta em arame farpado.

Aquela vela era um símbolo que tinha importância para Kathy. A primeira vez que o vira fora dez anos antes, e era uma das suas memórias vívidas mais antigas. Era um belo dia de início de primavera em 1981 e o pai mandara calar furiosamente toda a família durante o noticiário da noite. A jovem Kathy voltara-se de olhos arregalados para a televisão e assistira aos manifestantes solenes e silenciosos, cada um com um grande cartaz com uma imagem daquela vela envolta em arame farpado. Na altura, não sabia o que era a Amnistia Internacional, nem o que *greve de fome* significava. Não compreendera porque é que o pai chorara e lhes dissera a todos que aquele era um dia de grande pesar para as famílias católicas e irlandesas de todo o mundo. Mas o pivô taciturno tinha noticiado que, ao fim de sessenta e seis dias de greve de fome numa prisão inglesa, Bobby Sands, o líder dos direitos civis, tinha morrido.

Ela sempre se lembrara daquele nome, Bobby Sands. Quando tinha idade suficiente, tinha-o procurado na biblioteca pública e lido sobre a vida dele. Descobrira por que motivo merecera aquela vela envolta em arame farpado. E agora, aqui, no quadro por cima da secretária de Julie, estava aquela mesma imagem forte. Kathy estabeleceu ligações na sua própria cabeça. Ainda não tinha quinze anos, mas de repente sentia-se uma mulher muito velha, curvada com o peso da sabedoria. A partir daquele dia, iria sempre associar aquela vela da Amnistia Internacional a mortes de grande importância e à dor insuportável que as acompanha.

O segundo teste de polígrafo de Tom correria tão mal como o primeiro, ou pior, se possível. Sentiu um alívio tremendo quando o examinador telefonou para a sala da brigada de homicídios a dizer aos inspetores que tinham acabado.

O sargento Michael Guzy foi o inspetor que apareceu no escritório do polígrafo alguns minutos mais tarde para levar Tom de volta para a brigada de homicídios. Tom sentiu arrepios na pele ao passar pela secretária onde o examinador o olhava furiosamente. O ódio do homem por Tom era quase palpável.

Os passos de Tom e Guzy ecoaram pelo longo corredor na direção do elevador. Tom ainda estava abalado, mas o aspeto físico do alívio começava a instalar-se nele e teve vontade de abraçar este novo inspetor por o tirar dali. Lembrou-se de Trevor dizer que ele seria livre de ir embora depois do teste e, pela primeira vez naquele dia, Tom estava de facto ansioso por ir para casa. As coisas ali estavam a ficar assustadoras, além disso, sentia que tinha feito tudo o que podia para ajudar de momento. Estava simplesmente demasiado exausto para continuar.

- Aquele tipo tratou-me muito mal - disse Tom a Guzy quando as portas do elevador se fechavam. - Não sei qual era o problema dele, mas assustou-me mesmo. Tratou-me mesmo, mesmo mal.

Tom olhou para o inspetor ao seu lado, que não disse nada, mas fez uma espécie de aceno com a cabeça. Tom interpretou-o como um gesto reconfortante. Estava muito aliviado por o estarem a afastar daquele louco e poder voltar à sala da brigada de homicídios, onde se encontrava o pai, bem como a equipa de inspetores que tinham sido tão simpáticos com ele o dia todo, tão compreensivos e prestáveis. As lágrimas ainda lhe ameaçavam os olhos, e percebeu que lhe molhavam o rosto. Começou a sentir-se

um pouco infantil e passou o resto da viagem de elevador a secar a cara com a manga e a tentar acalmar-se.

- Por aqui. - Guzy conduziu Tom para uma sala pequena com uma janela, uma secretária e duas cadeiras.

Parecia um escritório, mas não havia nenhum objeto pessoal que Tom pudesse ver. A sala era pequena, claustrofóbica, apesar da janela sem cortinas e do espelho numa parede. Tom olhou por cima do ombro para a sala da brigada de homicídios e tentou avistar o pai, mas Guzy estava a tapar a vista. Virou-se e sentou-se na cadeira dura de metal em frente à secretária.

- Parece que temos uns problemas com este polígrafo - disse o sargento.

- Sim, parece que sim - começou Tom. - Acho que talvez seja por isso que aquele tipo lá em baixo foi tão mau. Não sei o que se passou, mas eu não conseguia ficar acordado e...

- Bem, deixemo-nos de tretas - interrompeu Guzy. - O que raio fizeste àquelas duas raparigas, seu pervertido?

Tom parou de falar a meio da frase e ficou boquiaberto. Houve um momento de silêncio na pequena sala.

- Eu... eu não lhes fiz nada. Elas são minhas primas... - gaguejou.

Guzy perdeu a cabeça. Bateu com as mãos abertas na pequena mesa e saltou da sua cadeira. De súbito, o seu rosto ficou corado e uma veia latejava-lhe visivelmente na testa. Como é que ficara zangado tão rápido?, perguntou-se Tom. Todo o seu comportamento mudara. Até a aparência física pareceu alterar-se. Parecia enorme, mais pesado, e a pele parecia brilhar em tons de vermelho com a fúria.

- Estou farto do teu número de rapazinho inocente - gritou. - Ninguém acredita. És um mentiroso e todos sabemos que és um mentiroso, por isso mais vale parares com a farsa, seu pervertido.

Guzy estava do outro lado da secretária, nesse momento, de pé ao lado da cadeira de Tom, a gritar-lhe ao ouvido. Tom tinha um historial de problemas de audição. Já rebentara os tímpanos antes, pelo que se encolhia com os berros do sargento. As lágrimas vinham tão rápido que Tom nem as sentia e, depois de olhar brevemente para o rosto latejante e contorcido do seu acusador, virou-se e apontou os olhos para a janela. Estava um dia de sol lá fora e, entre a névoa das suas lágrimas, Tom viu a luz do sol a cintilar nos vidros e no cromado dos carros que passavam. Desejou estar num daqueles carros, a afastar-se dali. Com Julie. Tentou tornar-se mais pequeno na cadeira.

- Não fui eu - disse Tom debilmente entre as lágrimas. - Não seria capaz de fazer uma coisa dessas.

Em breve, Tom deixou sequer de ouvir as acusações de Guzy. A voz que lhe gritava ao lado da cabeça tornou-se uma sirene, alta e chocante, mas apenas um barulho. Todo o corpo de Tom era atormentado pelo medo, a dor e a exaustão, e as únicas palavras que conseguia juntar eram:

- Não fui eu, não fui eu, não fui eu.

*

Por volta da hora de jantar, quando Kay anunciou às duas filhas que estava na hora de voltar a casa dos pais dela, deparou com a resistência esperada de Tink e Kathy.

- Nós queremos ficar com a Jamie e os outros - afirmou Tink num tom categórico.

Mas a mãe foi igualmente categórica.

- A avó Polly e o avô Art também estão preocupados, meninas - explicou. - Também não é justo deixá-los sozinhos.

Ambas as filhas acenaram com a cabeça de modo sorumbático. Como era previsível, o seu sentimento de culpa católico vencera os seus desejos pessoais.

- Talvez possamos voltar mais tarde - disse Kay. - Além disso, precisamos de falar sobre algumas coisas.

Deixar a casa de Ginna foi um momento dramático e Kay demorou quase meia hora a arrastar as suas duas filhas para o caminho de acesso. Elas abraçaram e beijaram inúmeras vezes toda a gente que estava lá em casa e prometeram voltar assim que pudessem. Era a vez de Kathy de se sentar à frente, e pela primeira vez de que Kay se lembrava, Tink não se queixou. Abriu a porta de trás e apertou tranquilamente o cinto. Kay saiu do caminho em marcha-atrás e respirou fundo. Mudou de velocidade e avançou o mais lentamente possível. A casa dos pais ficava a cinco minutos de carro, mas ela tinha de prolongar a viagem. Havia coisas que precisava de debater com as filhas em privado. Tink inclinou-se para a frente o mais que podia com o cinto apertado quando a mãe começou a falar.

- Muito bem, meninas, eis o que vai acontecer. O vosso pai telefonou-me há bocado a dizer que pediram ao Tom para fazer um teste de polígrafo, um detetor de mentiras - explicou.

Kathy pensava que não era possível sentir-se mais atordoada ou perturbada do que já estava, mas, enquanto a mãe falava, sentiu a cabeça começar a andar à roda e agarrou-se vertiginosamente ao *tablier* diante de si.

- Porque haveriam eles de fazer isso? - perguntou Tink.

- Não sei bem, mas o teu pai achava que vinham para casa em breve. A polícia disse-lhes que o polígrafo era a última coisa que lhe iam pedir para fazer hoje. Provavelmente vem para casa algures depois do jantar. Mas tenho de vos dizer que, por precaução, a Sheila está a falar com um advogado, um tal Mr. Frank Fabbri. Provavelmente vamos contratar este homem para representar o Tom.

- Um advogado? - perguntou Kathy. - Porque é que ele havia de precisar de um advogado? Não fez nada de mal.

Isto não faz sentido.

- A não ser que pensem que ele fez alguma coisa - disse Tink, desistindo do cinto de segurança e soltando-se para pôr a cara entre a da mãe e a da irmã. - Eles não pensam isso, mãe, pois não? Não podem pensar.

Kay abanou a cabeça, mas não conseguiu responder. Ainda não tinha chorado em frente às filhas. Não podia chorar em frente às filhas. Tinha de ser forte, por elas.

- Oh, meu Deus, mãe - disse Kathy. - Não pensam, pois não?

Kay abanou a cabeça outra vez, mas o nó na sua garganta era demasiado restritivo. Não conseguia falar. As duas raparigas começaram a chorar e Tink afundou-se no assento. Kay acelerou um bocado, com vontade de sair da estrada, a precisar de chegar a casa para estacionar o carro e abraçar as filhas.

- Vai ficar tudo bem - conseguiu dizer.

Mas Tink e Kathy tinham passado o dia a ouvir aquilo e não estava tudo bem. Nada estava bem. De facto, as coisas nunca tinham estado tão *mal*. Julie e Robin tinham desaparecido e, a cada hora que passava, cada minuto que passava, parecia menos provável que voltassem. E agora Tom estava na esquadra da polícia a fazer um teste de polígrafo e a mãe a falar em advogados. Não ia ficar «tudo bem».

- Mãe, podes parar? - perguntou Tink em voz baixa do banco de trás. - Acho que vou vomitar outra vez.

*

Entretanto, num escritório adjacente à sala da brigada de homicídios, Gene estava sentado em frente a uma secretária atulhada, cara a cara com o agente mais graduado naquele dia, o tenente Steven Jacobsmeyer. Jacobsmeyer tinha chamado Gene ao seu escritório enquanto Tom estava lá em baixo a fazer o teste de polígrafo. Gene estava sentado muito direito e rígido na

cadeira, com as mãos pousadas lassamente nos joelhos. Acenava com solenidade a Jacobsmeyer enquanto o tenente falava.

- É simplesmente... impossível, Mr. Cummins. É simplesmente *demasiado fantasioso* para ser verdade. O seu filho teria de ter caído trinta metros daquela ponte. *Trinta metros*, Mr. Cummins. Não preciso de lhe dizer que é impossível ele ter caído de uma altura dessas sem sofrer ferimentos mais graves. Para não falar no facto de a guarda costeira nos dizer que a velocidade da água naquela parte do rio é de pelo menos cinco nós. O senhor é um homem da Marinha. Faça os cálculos. Ele simplesmente não podia ter sobrevivido à experiência que está a descrever. A guarda costeira também mencionou que a corrente naquele trecho do rio vai em direção à margem do Illinois. Segundo a história dele, ele saiu na margem errada.

O rosto de Gene era uma máscara de descrença. As narinas fremiam-lhe furiosamente enquanto tentava assimilar todos os factos que lhe eram atirados. Era uma pessoa com um espírito vivo - sempre fora. E só lhe faltava uma tese de doutoramento para ser engenheiro. Não, não precisava que lhe dissessem que uma queda de trinta metros provavelmente resultaria em morte, que uma queda de trinta metros teria, no mínimo dos mínimos, partido alguns ossos.

- Agora, quero deixar claro outra vez que nós não suspeitamos que o seu filho tenha ele próprio *cometido* estes crimes. Tal como o senhor, eu não acho de todo que ele seja capaz de cometer um homicídio. Mas quando revemos os factos do caso, Mr. Cummins, a nossa conclusão lógica tem de ser que algo está mal aqui. Algo não bate certo. Ele não nos está a dizer a verdade.

Jacobsmeyer tirou um clipe da sua secretária e recostou-se na cadeira giratória, a brincar com o clipe e a ver Gene debater-se com toda esta nova informação.

Jacobsmeier parou alguns momentos para deixar que tudo aquilo fosse assimilado.

- Quando falámos antes, o senhor mencionou que o seu filho tinha o hábito de mentir.

Jacobsmeier deixou esta frase pairar no ar por um momento como se estivesse à espera de que Gene chegasse a algum tipo de conclusão lógica com ela. Gene respondeu olhando para ele com ar inexpressivo.

- Mentir sobre notas escolares e festas em que os pais não estavam em casa - explicou Gene. - Foi isso que vos disse. Todos os miúdos mentem sobre este tipo de coisas de vez em quando. Isto é outro campeonato. O meu filho não é capaz disto. Ele é um rapaz educado, um bom rapaz. Eu não posso... eu não... - Gene não sabia o que mais dizer.

- Trinta metros, Mr. Cummins. Pense nisto durante uns minutos - respondeu Jacobsmeier num tom cáustico.

Agora Gene começava a ficar irritado. Não precisava de pensar nisso. Percebia as implicações. Mas isto simplesmente não era uma situação para a qual um pai pudesse estar preparado. *Está bem, então trinta metros. E depois? O meu filho é um mentiroso e um assassino? Não.* Gene abanou a cabeça.

- Não sei o que quer que eu diga - disse num tom categórico.

- Quero que diga que nos vai ajudar. Jacobsmeier olhou com ar suplicante para Gene e inclinou-se para a frente na cadeira, pousando os cotovelos no seu protetor de secretária verde-tropa. - Mr. Cummins, precisamos mesmo da sua ajuda. Precisamos de chegar à verdade aqui. Se temos alguma esperança de encontrar as raparigas, ou encontrar quaisquer possíveis atacantes, precisamos de saber tudo o que realmente se passou naquela ponte naquela noite. Talvez tudo tenha acontecido como o Tom diz que aconteceu, até ao momento em que estes rapazes os empurraram da ponte ontem à noite.

Agora imaginemos que o Tom se safou, escapou, e não sabe exatamente o que aconteceu às raparigas depois de fugir. Depois de conseguir fugir e ficar a salvo, começa a sentir-se envergonhado por ter abandonado as primas e não ter feito mais para as ajudar. Então, naturalmente, corre até à beira da água e anda por ali a chapinhar, talvez à procura das raparigas. Quando não consegue encontrá-las, sobe até à estrada em busca de ajuda e inventa esta história pelo caminho para não parecer um cobarde.

«Ou talvez seja ainda mais simples do que isso. Talvez tenha ficado tão traumatizado com o que se passou ali em cima que perdeu a memória. Não se lembra do que aconteceu e tem vergonha de nos dizer isso. Ele precisa de saber que seja qual for a verdade, não tem mal. Mas nós *precisamos* de saber a verdade.»

Gene ficou calado, mexendo os maxilares enquanto ouvia. Fitou os ladrilhos xadrez do pequeno escritório e pensou nas hipóteses de Jacobsmeyer. O tenente ficou calado alguns minutos, voltando a recostar-se e movendo o clipe para a frente e para trás entre os nós dos dedos da mão direita. Rodou muito ligeiramente na sua cadeira.

- Ele não caiu trinta metros, Mr. Cummins - disse Jacobsmeyer. - E se há alguém neste edifício neste momento que lhe pode sacar toda a verdade, é o senhor. Ele respeita-o e ouve-o. Está obviamente aterrorizado. Está exausto. Mas eu acho que ele tem uma vontade muito grande de ajudar. Provavelmente não percebe que inventar esta história para encobrir uma verdade mais embaraçosa pode destruir toda a nossa investigação. Quanto mais cedo nos disser o que realmente aconteceu, mais cedo pode levá-lo para casa e nós podemos pôr esta investigação a andar numa direção mais adequada. Nesta fase, parece-me que o senhor é a nossa única esperança de encontrar qualquer vestígio do que aconteceu àquelas meninas.

Gene ficou calado. Sentia-se desconfortável – não confiava neste homem. Gene tinha a certeza de que Jacobsmeyer desconfiava mais de Tom do que estava a dar a entender. Era verdade que qualquer destas hipóteses soava mais plausível do que a versão de Tom dos acontecimentos, mas Gene tinha quase a certeza de que Jacobsmeyer não acreditava nas suas próprias teorias. Estava simplesmente a tentar conquistar Gene, a tentar fazê-lo sentir-se confortável para que participasse no interrogatório a Tom. *Trinta metros*, pensou. *Deve haver mais pormenores nesta história do que Tom se lembrou ou nos contou.*

Olhou para Jacobsmeyer, cujo rosto era severo e paciente. Gene sabia que, se colaborasse, ficaria nas boas graças do departamento da polícia. E isto, por sua vez, dar-lhe-ia acesso ao filho e, com ele, pelo menos algum controlo sobre a situação. Estava determinado a fazer o que fosse melhor para o filho, a manter-se intimamente envolvido. Gene tirou as mãos dos joelhos e, entrelaçando os dedos, quase num gesto de oração, pousou-as no colo. Um vislumbre de aversão passou por Gene enquanto olhava para o homem sentado à sua frente, o homem que pensava que o filho dele era um assassino. *Vou provar que estás enganado*, pensou Gene.

– Eu faço-o – disse.

No artigo «Coercive Persuasion and Attitude Change», citado no início deste capítulo, Ofshe também afirma que:

Em circunstâncias invulgares, os métodos de interrogatório policial modernos podem apresentar algumas das características de um programa de lavagem cerebral [...]. Embora raramente ocorram em simultâneo, os ingredientes necessários para obter uma confissão falsa na qual o suspeito acredita

temporariamente são: suspeita policial equivocada, o uso de certos procedimentos de interrogatório comuns e algum grau de vulnerabilidade psicológica no suspeito [...]. As táticas usadas para mudar a posição do suspeito e obter uma confissão incluem manobras concebidas para intensificar sentimentos de culpa e angústia emocional [...].

Sem dúvida que as circunstâncias que rodeavam Tom Cummins na tarde do dia 5 de abril de 1991 podiam ser descritas como absolutamente invulgares. Bizarras, até. E em segundo lugar, enquanto Tom estava sentado no escritório de Guzy, a olhar com ar melancólico para o sol esvaecente da tarde, a sua vulnerabilidade psicológica, sentimentos de culpa e níveis de angústia emocional estavam muito altos. Estava acordado há mais de trinta e seis horas, mas já não se sentia cansado nem ressentido. A sua cabeça simplesmente tombava-lhe para o peito sempre que havia um momento de tranquilidade. Mas apesar do seu cansaço e extrema angústia emocional, Tom mantinha-se inflexível.

- Não fui eu - repetia para si mesmo, sozinho agora na sala silenciosa.

Em 1988, Ofshe, juntamente com o seu colega Dr. Richard A. Leo, fez outro estudo para a escola de Direito da Northwestern University. Chamava-se «The Consequences of False Confessions. Deprivations of Liberty and Miscarriages of Justice in the Age of Psychological Interrogation», e foi publicado no *Journal of Criminal Law and Criminology*. Nesse estudo, Ofshe declara que:

Por vezes, os interrogadores ficam tão determinados em resolver um caso que usam indevidamente técnicas de interrogatório psicológicas para coagir ou

convencer um suspeito a prestar um depoimento que permite ao interrogador fazer uma detenção.

Ofshe avisa ainda que:

A polícia americana é mal treinada em relação aos perigos do interrogatório e da falsa confissão. Os agentes policiais raramente são instruídos sobre como evitar arrancar confissões, como compreender o que causa falsas confissões ou como reconhecer as formas que as falsas confissões assumem ou as suas características distintivas. Em vez disso, alguns autores de manuais de interrogatório e formadores insistem na crença infundada de que os métodos psicológicos contemporâneos não levam o inocente a confessar – uma ficção tão exaustivamente contrariada por todos os estudos sobre o interrogatório policial que pode ser rotulada como um mito potencialmente mortífero.

Ao fim da tarde do dia 5 de abril, o Departamento de Polícia Metropolitana de St. Louis estava sob muita pressão da comunidade, e a vontade deles de resolver o caso era grande. Duas raparigas bonitas e talentosas estavam desaparecidas, e a polícia não tinha resposta alguma sobre os seus atacantes. Nem cadáveres tinham. Os *media* tinham devorado a história louca de Tom sobre quatro violadores/assassinos brutais e o sensacionalismo em volta do caso atingia níveis nunca antes vistos em St. Louis. Julie e Robin já estavam a ser caricaturadas como personagens absolutamente virtuosas nos *media*. Em suma, o caso estava a transformar-se num circo, e o departamento de polícia estava no centro da pista. O holofote estava ligado. Precisavam rapidamente de respostas.

Quando Guzy voltou a Tom, no pequeno escritório, vinha acompanhado de um novo inspetor. Chamava-se Christopher Pappas, mas Tom não se lembrava de como descobrira o nome do novo inspetor. Todas as delicadezas, incluindo as apresentações, tinham agora acabado: devia ter ouvido Guzy tratar o homem pelo nome.

- Já estás pronto para dizer a verdade? - perguntou Guzy.

Tom acenou que sim. Guzy estava em pé do outro lado da secretária, inclinado para Tom sobre os punhos. O novo inspetor, Pappas, estava agora atrás de Tom, que sentia as mãos dele a agarrar as costas da cadeira. Tom chegou-se um bocado para a frente.

- Muito bem. Agora. Tu não saltaste daquela ponte, pois não? - começou Guzy em voz baixa.

Tom engoliu em seco e assentiu cautelosamente.

- *Raios partam!* - Guzy explodiu e voltou a bater com as duas mãos na secretária. - Isso *não* aconteceu! É impossível teres saltado daquela ponte. Nós *sabemos* que estás a mentir. Só estás a tornar isto mais difícil para todos. A guarda costeira disse-nos que é impossível teres saído no lado do Missouri.

Pappas acrescentou um comentário por cima do ombro de Tom.

- Aposto que não sabias que há válvulas de admissão de água ali naquele trecho de rio. Terias inventado uma história melhor se soubesses isso. Se tivesses saltado da ponte onde dizes que saltaste, estarias preso algures num tubo por esta altura, puxado ali para dentro. - A proximidade da voz do homem fez Tom encolher-se, mas pelo menos não estava a gritar.

- Olhem, eu contei-vos o que aconteceu, não sei que mais...

- Cala-te - interrompeu-o Guzy. - Cala a boca, seu sacana.

- Quero ver o meu pai - afirmou Tom nessa altura.

Guzy riu. Aparentemente, conseguira encontrar humor no pedido de Tom.

- Ah, queres ver o teu papá! Que engraçado - imitou Guzy numa voz aguda e lamurienta. - Bem, infelizmente não há nada que o papá possa fazer por ti agora, meu menino. Estás lixado. Sabemos o que fizeste e não vais ver o teu querido pai nem mais ninguém da tua família doentia durante muito, muito tempo, a não ser que comeces a dizer a verdade.

Tom conteve um soluço, abanou a cabeça e ficou calado. Guzy apontou para a porta, e ele e Pappas saíram os dois sem mais conversa, deixando Tom mais uma vez sozinho. Quando a porta se abriu de novo, Pappas estava de volta, e desta vez era Jacobsmeyer quem vinha com ele. Pappas retomou imediatamente a sua posição por trás da cadeira de Tom, enquanto Jacobsmeyer se sentava na beira da pequena secretária, largando a sua pasta de modo teatral a seu lado. Sentou-se mesmo em frente a Tom na pequena secretária e inclinou-se para a cara dele enquanto falava.

- Adivinha quem está aqui - disse Jacobsmeyer a Tom.

Tom sentiu um vislumbre de esperança enquanto a sua mente girava com possibilidades. Julie e Robin? O pai dele?

Jacobsmeyer sorriu.

- Sabes os quatro tipos que dizes que violaram e mataram as tuas primas, os quatro tipos que encontraste na ponte? Bem, tivemos sorte hoje! Encontrámos dois deles. Claro que a história deles é um bocado diferente da tua e eles são *dois*. Numa situação em que temos a palavra deles contra a tua, temos de ter em conta o facto de que a tua história é, claro, fisicamente impossível. Levanta-te só um segundo, rapaz.

Tom sentia o coração a sacudir-se dentro dele, num momento a bater contra a caixa torácica e no seguinte prestes a subir-lhe pela garganta e sair pela boca. Tinha a pulsação tão forte e rápida que a sentia na pele, em todas

as extremidades. Os seus joelhos tremiam quando se pôs de pé.

- Vês aquele espelho ali? - Jacobsmeyer indicou o espelho na parede detrás dele. - Bem, não é realmente um espelho, e queria pedir-te que te pusesses ali e deixasses aqueles rapazes simpáticos do outro lado olhar bem para ti.

- Quer dizer que encontraram aqueles tipos? Eles... eles estão...

- É verdade, estão mesmo do outro lado daquele espelho. E contaram-nos o que realmente aconteceu ali. Nós sabemos que és tu o perverso que matou aquelas duas raparigas. Por isso, aproxima-te e deixa-os olhar para ti.

Os pés de Tom estavam fincados no chão e ele contorcia-se de modo histérico, recusando-se a andar em direção ao espelho.

- Não te preocupes, não te podem apanhar aqui dentro. Claro que se não começares a dizer a verdade e formos obrigados a deixar-te ir para casa, não te posso prometer que não fiquem à tua espera lá fora. E eu compreenderia perfeitamente, na verdade. Eu acho que tu és um perverso, eles acham que tu és um perverso. A única diferença é que eu não te posso fazer nada porque sou um agente da polícia.

- Não pode soltá-los! - exclamou Tom. - Se os tem, *não pode* soltá-los, tem de acreditar em mim. Eles *violaram* as minhas primas.

Tom estava a tremer diante do espelho, mas Jacobsmeyer simplesmente revirou os olhos perante o terror do rapaz. Obrigaram-no a virar-se para a esquerda e para a direita para um público inexistente antes de o deixarem voltar a sentar-se. Não estava ninguém do outro lado daquele espelho. Clemons, Richardson, Gray e Winfrey ainda andavam à solta; não houvera a mínima

perturbação nas suas rotinas diárias e estavam todos bastante ocupados a tratar das suas vidas.

- Então o que pensas agora, rapaz corajoso? Estás pronto para dizer a verdade? - perguntou Jacobsmeyer enquanto Tom tentava em vão controlar os seus tremores.

Tom disse que sim com a cabeça.

- Muito bem. Eis o que eu acho que aconteceu - começou Jacobsmeyer, abrindo a pasta na secretária, ao seu lado. - Tu foste àquela ponte ontem à noite porque querias fazer sexo com a Julie, não foste?

- Não - disse Tom, mas Jacobsmeyer continuou como se não tivesse ouvido.

- Tu foste à ponte para fazer sexo com a Julie e quando ela recusou, houve uma luta. Segundo as nossas duas testemunhas - Jacobsmeyer acompanhou a palavra «testemunhas» com um aceno floreado na direção do espelho da parede do fundo -, a Julie caiu e depois a Robin saltou para tentar salvá-la.

- Não. Não, nem pensar - começou Tom. - Aqueles tipos estão a mentir. Foram *eles*...

- Tu não querias que a Julie caísse, mas aconteceu e entraste em pânico - continuou Jacobsmeyer, aumentando o volume da voz para ser ouvido por cima dos protestos de Tom.

Tom continuou a abanar a cabeça e a murmurar as suas negações, mas Jacobsmeyer começou a enumerar diversos enredos doentios e retorcidos, todos a incriminar Tom nas mortes das suas primas. Por fim, Jacobsmeyer zangou-se e atirou a pasta para o chão.

- Sabes que mais? Temos estado a tentar ajudar-te, mas não vamos chegar a lado nenhum se te recusas a colaborar - gritou Jacobsmeyer, olhando para Tom com repugnância. - Tu enojas-me - acrescentou, saindo furiosamente da sala.

Era hora de jantar em Fair Acres Road, mas ninguém estava interessado na comida, muito menos Tink. A avó Polly estava desesperada por fazer algo útil e, como era seu hábito, procurou conforto na tentativa de alimentar a família. A sua figura diminuta desenhava-se em silhueta enquanto, parada à porta da cozinha, olhava para a sala de jantar obscurecida onde a sua filha Kay estava sentada à mesa com a cabeça pousada numa mão. Tentava pôr a mãe a par do que acontecera naquela tarde, mas não estava a conseguir construir uma sequência cronológica de acontecimentos. Cada momento desde o brusco despertar das cinco da manhã era uma espécie de névoa de atividade surreal. A avó Polly limpou as mãos ao seu avental limpo e foi abraçar a filha.

- Que tal fazermos jantar para estas meninas, querida?
- perguntou. - Elas continuam a precisar de comer.

Kay sorriu debilmente.

- Isso é ótima ideia. Mãe, ouve, não sei bem como dizer isto, mas acho que devia ser eu a fazer o jantar hoje à noite. As meninas adoram os teus cozinhados, mas estão muito transtornadas e eu quero tentar tornar tudo o mais normal possível para elas. Estou a pensar fazer alguma coisa simples e fácil, pelo menos tentar convencer as barrigas delas de que as coisas estão normais. A Tink não comeu nada o dia todo e ambas têm estado a vomitar.

- Claro, meu amor - respondeu a avó Polly, apertando as mãos da filha. - O que achares melhor. Mas só se prometeres que me deixas ajudar.

- Obrigada, mãe.

Kay entrou na sala de estar, onde o pai e as suas duas filhas estavam sentados colados à televisão. Os dois irmãos de Kay também tinham chegado e estavam a dar o seu melhor para aliviar o ambiente sem parecerem insensíveis. A tragédia familiar deles tinha sido anunciada a cada hora do dia na televisão como «notícia de última hora» com avisos de uma «emissão em direto às seis com

cobertura detalhada». Kay olhou para o relógio. Faltavam cinco minutos para as seis e toda a cidade de St. Louis estava a sustentar a respiração. Ela foi sentar-se entre as duas filhas no sofá de veludo azul, na esperança de conseguir trocar algumas palavras com elas antes do sórdido noticiário e o inevitável transtorno que se seguiria.

- Vou fazer o jantar - disse. - O que é que vos apetece?

Kathy encolheu os ombros e Tink não disse nada.

- Tink?

Ela abanou a cabeça.

- Querida, tens de comer alguma coisa. Não comeste nada o dia inteiro - disse Kay.

- Não consigo comer - respondeu a filha calmamente. - Também não tenho fome.

- Faço o que quiserem, seja o que for. É só dizerem.

Tink voltou a abanar a cabeça.

- Não consigo - disse. - Vou vomitar tudo.

- Que tal cachorros? Panquecas? Gelado? *Qualquer coisa*, querida - implorou Kay, afastando a franja da testa de Tink.

Os olhos da filha estavam marejados de lágrimas, mas ela conteve-as.

- Está bem, eu tento, mãe - cedeu finalmente. - Faz o que quiseres.

O noticiário acabou por ir e vir sem grandes acontecimentos. A comunicação social simplesmente não tinha nada para anunciar. De alguma forma, uma das televisões locais conseguira uma fotografia de cada uma das raparigas e estavam a mostrá-las durante a reportagem, com os nomes trocados: o nome de Julie por baixo da foto de Robin e o de Robin por baixo da de Julie. Era quase demasiado enfurecedor para comentar, mas Tink não quis deixar passar a oportunidade.

- Podiam pelo menos acertar nos nomes delas - disse. - Se insistem em invadir a nossa privacidade e importunar a

Jamie e tornar a nossa família um espetáculo público, podiam pelo menos acertar nos nomes da Julie e da Robin.

Tink tinha os dentes bem cerrados e ninguém a contrariou. A avó Polly estalou a língua num gesto de apoio e Kay afagou a parte de trás do cabelo de Tink.

O avô Art acrescentou:

- Isso é horrível. - E Kathy saiu para vomitar.

Skip, irmão de Kay e comediante da família, seguiu Kathy pelo corredor até à porta do quarto de banho. Esperou que os sons do vômito esmorecessem lá dentro e depois bateu com força, gritando através da porta fechada.

- Não vale a pena puxar o autoclismo, é só um desperdício de água. A tua mãe está a cozinhar, por isso vamos estar todos aí dentro depois do jantar, de qualquer maneira. Mais vale deixares ficar.

Aquilo resultou. Quando Kathy abriu a porta, tinha lágrimas de riso nos olhos e todos na sala de estar estavam também a rir, como bem precisavam.

- Vamos desligar esta porcaria? - disse Tink, num tom de voz mais normal do que tivera o dia todo.

O avô Art içou-se da sua cadeira e desligou a grande televisão.

- Sim, vamos jantar - concordou.

*

Quando Gene Cummins foi levado até à sala onde o filho estava sentado, a tremer, diante de mais uma mesa vazia, sentiu uma fugaz pontada de arrependimento por aceitar participar em tal fiasco. Mas endureceu-se para a tarefa. Sabia que Tom era incapaz de magoar alguém, muito menos Julie e Robin. Sim, ele tinha o historial de mentiras de um miúdo e as provas sugeriam que não estava a ser *completamente* verdadeiro nesse momento. Mas fosse qual fosse a verdade, Gene tinha a certeza absoluta de que não implicaria Tom de forma alguma. Estava

determinado a obter a verdade completa do filho de uma vez por todas, a provar a Jacobsmeyer e ao resto destes tipos que, embora Tom pudesse estar confuso ou envergonhado, sem dúvida que *não* era um assassino.

Gene sentou-se ao lado do filho e os dois fitaram-se calmamente. Foi um momento constrangedor, com todos os olhares inconstantes e o silêncio pesado dos inspetores na sala. Gene desejou poder estar sozinho com ele um minuto, poder simplesmente abraçar o filho. Os olhos de Tom estavam arregalados e a brilhar e as faces vermelhas e raiadas, mas tinha um ar composto. Estava claramente aliviado por ver o pai. Gene respirou fundo e proferiu as suas palavras rapidamente.

- Tom. Temos uma situação complicada aqui - começou.
- Sei que tivemos as nossas desavenças no passado, tu inventaste muitas histórias quando eras miúdo e eu fui muito duro contigo. Mas tudo isso mudou nos últimos anos. Isso eram coisas normais de criança e tu crescestes e deixaste-te disso como sempre soube que deixarias. Agora tens a tua vida organizada e estamos todos muito orgulhosos de ti: a tua mãe, a tua irmã e eu. É por isso que quero que saibas que seja o que for que tenha acontecido ontem à noite naquela ponte, podes dizer-me. Sei que não terias feito nada para magoar alguém de propósito.

Tom abandonara o olhar do pai algures a meio do pequeno discurso e a respiração saía-lhe em pequenos arquejos rápidos. Olhou em volta, do rosto de um inspetor para outro, e os seus olhos cerraram-se de novo, enquanto as suas faces se tingiam de um vermelho mais profundo do que antes. Os seus lábios apertaram-se num arco tenso e não conseguia falar. Sabia que ia vomitar, mas tinha o estômago vazio. O seu próprio pai não acreditava nele. A mente começou a fugir-lhe e o som que emanava de si era profundo e baixo, tão inumano que Gene e os inspetores não perceberam, de início, que vinha de Tom. Era um

gemido grave que começava no fundo do estômago e ganhava força à medida que subia e saía do corpo de Tom. Era o som de uma dor pura e desfez o coração de Gene ouvi-lo. Enlaçou os braços em volta do filho, mas não conseguiu parar o gemido.

- Filho, ouve-me - tentou Gene, falando direta e urgentemente para o ouvido de Tom, levantando a voz para ser ouvido por cima dos gritos. - Está tudo bem, seja o que for que tenha acontecido, está tudo bem. *Conta-me*, simplesmente. Não tens de ter vergonha.

Mas Tom estava histérico, agora, e, mesmo que tivesse tido outra verdade para contar, teria sido incapaz. Sentia a língua espessa e inalou uma torrente de lágrimas pelas narinas e boca quando o gemido se interrompeu por tempo suficiente para tomar um fôlego arquejante. O episódio durou alguns minutos e Tom lutou em vão para recuperar o controlo dos sentidos e do corpo. Quando finalmente a respiração acalmou e as lágrimas tinham abrandado para um fio constante, falou de forma errática. As mangas tapavam-lhe atabalhoadamente o nariz e a boca, mas toda a gente na sala ouviu as palavras pastosas.

- Já te disse a verdade. *Meu Deus*, porque é que ninguém acredita em mim?

A sua voz estava cheia de desespero e Tom tinha os braços apertados diante do estômago, como se para reprimir a náusea. Gene tentou em vão confortar o filho, que agora se balançava para trás e para a frente, com os braços do pai em seu redor. Houve silêncio por alguns momentos. Então Gene relatou rapidamente os factos como Jacobsmeyer lhos tinha contado, os principais motivos por que os inspetores estavam a duvidar da sua história.

- A queda daquela ponte era de trinta metros, filho. Tu não podias ter caído daquela altura. É simplesmente impossível. Provavelmente nem terias sobrevivido - disse Gene suavemente.

Tom abanou a cabeça em silêncio.

- Não sei que te dizer. Não sei que mais te dizer. Foi isso que aconteceu - disse, e perdeu de novo o controlo.

Segundo o manual de formação da polícia mencionado anteriormente, *Criminal Interrogations and Confessions*:

O logro e o engano são por vezes indispensáveis para o processo de interrogatório criminal. Como realçámos antes, estes não acarretam o risco de falsas confissões.

Este manual, o mesmo livro que é usado em todo o país para treinar os nossos agentes policiais sobre como fazer adequadamente um interrogatório, debate demoradamente o facto de o Supremo Tribunal dos Estados Unidos ter aprovado o uso de engano e logro em cenários de interrogatório. O texto também dá diversos exemplos de casos em que os suspeitos foram induzidos enganosamente a fazer confissões admissíveis. Além do mais, o manual *aconselha* os agentes policiais a usarem o logro e o engano para, sempre que necessário, extraírem confissões dentro dos limites daquilo a que chama «decência».

Na tarde do dia 5 de abril de 1991, Gene Cummins teria achado estes simples factos sobre o logro policial extremamente relevantes. Pois embora fosse um homem instruído e inteligente, um homem que possuía o que teria descrito como uma dose saudável de ceticismo sobre a polícia na sua presente situação, nunca lera *Criminal Interrogations and Confessions*. Não tinha de todo consciência de que a polícia iria recorrer a uma desonestidade ostensiva. E por causa disto, nunca esperou estar sentado no escritório de Jacobsmeyer a ouvir educadamente, com a vida do filho em suspenso ali ao

lado, enquanto o tenente o olhava nos olhos e lhe mentia abertamente.

Tom Cummins não caíra trinta metros da velha ponte Chain of Rocks. Caíra cerca de quinze.

CAPÍTULO 9

Para Tom, o pior momento de toda a experiência chegara quando o pai entrara naquela pequena sala e o encorajara a dizer a verdade. Antes daquele momento, fosse quem fosse que lhe gritasse ou lhe chamasse nomes, Tom tivera a certeza de que de alguma forma, com a ajuda da sua família, eles podiam resolver aquela confusão toda. Isto era obviamente um engano. Um mal-entendido de proporções gigantescas.

Mas com a revelação de que o seu próprio pai não acreditava nele, Tom pura e simplesmente perdeu a esperança. A certa altura durante a histeria que se seguiu, Gene foi afastado do filho e Tom ficou mais uma vez sozinho com Jacobsmeyer e Pappas. Já não lhe importava o que acontecesse. A situação não podia piorar. Não queria saber se o detivessem. Nem sequer se importava que o declarassem culpado. E quando Jacobsmeyer sugeriu que confessar era melhor do que apanhar a cadeira elétrica, Tom não conseguiu arranjar forças para se preocupar, fosse como fosse. A cadeira elétrica não o assustava – não podia ser pior do que isto. Só queria que o deixassem sozinho – para chorar e fazer o luto e dormir.

– Vamos tentar outra vez, está bem? – disse Jacobsmeyer, instalando-se numa cadeira em frente a Tom.
– Eis o que aconteceu.

Jacobsmeyer percorreu outra vez os seus diversos cenários com Tom, que ficou sentado a abanar a cabeça. Mas já não estava empenhado. As suas negações estavam

a ficar mais baixas e mais fracas a cada nova acusação e Jacobsmeyer pressentiu-o.

- Depois de a Robin saltar para tentar salvar a Julie, tu perdeste a cabeça, correste até à margem do rio e saltaste para as procurar. Quando não as conseguiste encontrar, foste procurar ajuda e foi então que mandaste parar o camionista para telefonar à polícia. Foi o que realmente aconteceu. Certo? - concluiu o tenente.

Tom olhou para o teto e soltou todo o fôlego que tinha antes de responder:

- Sabe - começou lentamente, com uma coragem que era fruto de puro desespero -, o senhor vai acreditar no que quiser. Eu já lhe disse a verdade. Portanto, se é nisso que quer acreditar, *está bem*. Claro. Porque não? Foi isso que aconteceu.

Confissão.

- Bingo - disse Jacobsmeyer, olhando para Pappas, que estava no seu lugar habitual por trás da cadeira de Tom. - Temos uma confissão.

Jacobsmeyer e Pappas saíram da sala rapidamente, determinados, e pela primeira vez naquele dia, Tom, deixado sozinho, não dormiu. Tentou pensar no que acabara de lhe acontecer, e a única reação emocional que conseguiu ter foi alívio. Já não tinha medo. Bateria no fundo. A palavra «confissão» também não o assustava. Não havia gravação. Não tinha assinado nada. E a expressão «confessional» fora cuspidada desdenhosamente durante um momento de frustração sarcástica. *Isto* é que era levar o sarcasmo a outro nível. Robin teria ficado orgulhosa, pensou, e riu para si mesmo. Ainda estava a rir com o pensamento quando a porta se abriu de rompante e Pappas enfiou a cabeça na sala.

- Anda - disse a Tom.

Pappas levou Tom até à cave da esquadra da polícia atravessando uma garagem de estacionamento mal iluminada. Uma hora antes, Tom teria ficado apavorado

com a ideia de estar sozinho num lugar destes com o brutalmente intimidante Pappas. Mas agora sentia-se confiante, seguro. O homem não estava a gritar nem a olhá-lo furiosamente. Caminhava a seu lado, quase como um ser humano civilizado.

- Para onde vamos? - perguntou Tom, com a voz cheia de uma nova ousadia.

- Para o estúdio de gravação de vídeo - respondeu Pappas, menos brusco do que Tom o ouvira falar o dia todo -, para podermos gravar a tua confissão.

Era quase como se a perspetiva de resolver o caso tivesse mitigado qualquer animosidade que o homem sentira antes em relação a Tom. Não o odiava tanto por ser um homicida como o odiara por ser um mentiroso. Tom não queria de forma alguma despertar a raiva do homem, por isso ergueu as sobrancelhas e acenou com a cabeça, ficando calado. Esperaria até a câmara de vídeo estar ligada antes de declarar de novo a sua inocência. Chegaram a uma porta ao fundo da garagem e Pappas abriu-a para Tom. Estavam em mais um corredor com chão de linóleo ladeado de portas fechadas. Pappas levou-o em direção a uma e estendeu a mão para a maçaneta. Estava trancada.

- Merda - disse. - O tipo do equipamento não está cá. Esperamos aqui dentro.

Virou-se e conduziu Tom até uma porta aberta ao fundo do corredor. Lá dentro, havia várias máquinas de bebida e comida e uma mesa com dois bancos compridos. Tom sentou-se enquanto Pappas enfiava moedas de vinte e cinco cêntimos numa das máquinas.

- Queres uma? - disse por cima do ombro para Tom.

- Pode ser.

Pappas pousou uma lata fria em frente a Tom e abriu a sua ao sentar-se.

- Cigarro? - perguntou.

- Pode ser.

Era o primeiro cigarro de Tom naquele dia e fez mais para o relaxar do que ele alguma vez sonhara ser possível. Segurou a Coca-Cola na mão que não fumava e deu uns goles nela entre passas. Pappas estava com um ar quase meditativo a seu lado, se é que o homem era capaz de meditação, pensou Tom.

- Que raio aconteceu lá em cima? - perguntou Pappas serenamente.

Tom ficou chocado com a calma absoluta da voz do inspetor. Era quase desinteressada. Tom abanou a cabeça e deu uma passa no cigarro, sorrindo ironicamente. Sentia-se mais confiante do que se sentira o dia todo.

- Sabe - disse Tom numa voz forte e clara -, quando este tipo do vídeo chegar, e a fita estiver a rolar, eu conto-lhe o que aconteceu.

- Conta-me agora - insistiu Pappas, como um adolescente à espera de uma intriga apetitosa. - O que aconteceu?

- Está bem - disse Tom, acenando e acabando o seu último gole de Coca-Cola. - Quer saber o que aconteceu? Eu conto-lhe o que aconteceu. Vocês fizeram asneira. Apanharam o tipo errado e há quatro assassinos à solta. Foi isso que aconteceu. Não vou fazer porra de gravação nenhuma e não vou responder a mais perguntas, porque me posso incriminar.

Tom esmagou a beata no pequeno cinzeiro de plástico verde que estava pousado na mesa à sua frente. Tentou não olhar para Pappas em busca de uma reação, mas sentia-se bem quanto ao que tinha dito. Era uma afirmação corajosa e dissera tudo o que queria dizer. Ao lado dele, Pappas fez um aceno de cabeça e ponderou as palavras de Tom.

- Está bem - respondeu o inspetor num tom aborrecido -, então não vale a pena esperar aqui em baixo. Vamos voltar lá para cima e já vemos o que fazer a seguir.

Depois de um telefonema de Gene durante o jantar sobre a notícia dos resultados desastrosos do polígrafo, Kay passou a meia hora seguinte a falar em voz baixa ao telefone no quarto dos pais. Tink e Kathy não conseguiram ouvir uma palavra, apesar de se esforçarem para escutar à porta. O avô Art enxotava-as a intervalos de minutos, mas elas voltavam, sorrateiras, repetidamente. O primeiro telefonema que fez foi para Sheila, que estava em casa de Ginna. Sheila parecia estar à espera junto ao telefone.

- Está tudo tratado - começou Sheila, muito eficiente. - Ele sabe que tu podes ligar, embora ainda não esteja a par dos pormenores. Chama-se Frank Fabbri.

Kay agradeceu-lhe, anotou o número do advogado e desligou. A seguir, ligou para Frank Fabbri, advogado de defesa criminal. Fabbri foi cordial com Kay, mas tal como Sheila, foi rápido, muito profissional. Depois de Kay se apresentar, começou quase de imediato a disparar perguntas. Kay respondeu o melhor que podia.

- Quer dizer que ele esteve o dia todo na esquadra a responder a perguntas sem um advogado presente? - perguntou, quase zangado.

- Hum-hum - respondeu Kay. - Ele insistiu em ajudar.

- Merda - respondeu Fabbri, e então, sem hesitar, começou uma lista detalhada de instruções. - Muito bem, eis o que preciso que faça. Telefone ao seu marido. Peça-lhe para ir direto ao sargento de serviço e dizer: «Isto já durou tempo que chegue, vou pegar no meu filho e vamos embora.» Diga-lhe para anotar exatamente o que o agente disser e depois lhe ligar imediatamente com a resposta. Depois volte a ligar-me.

Kay ouviu as instruções, cada vez mais assustada, mas o medo parecia dar-lhe determinação. Agora, finalmente tinha algo concreto para fazer. Agora podia ajudar. A única coisa que a impedira de perder a calma com a

polícia até então fora o seu instinto maternal de apoiar Tom. Ficara enojada com a forma como a tinham descartado, na ponte, naquela manhã. Tinham-na ignorado e tratado com condescendência, enquanto falavam num tom urgente e respeitoso com o seu marido. *Exibiam o seu sexismo tão orgulhosamente quanto os seus distintivos*, pensou. E agora que lhe tinham dado um motivo maternal para a raiva, agora que acusavam o seu filho, a sua fúria era rápida e motivadora. Tomou um fôlego brusco de determinação e marcou logo o número do telefone público que Gene lhe dera. A cortesia da secretária e o telefone de um inspetor na sala da brigada de homicídios fora-lhe retirada algum tempo antes. Ele atendeu o telefone público de parede ao fim de meio toque.

- Muito bem, tens de ir ao sargento de serviço e dizer-lhe muito claramente que tu e o Tom vão embora. Anota a resposta exata dele e volta a ligar-me - instruiu Kay.

Desligou e esperou. Sobressaltou-se quando o telefone tocou vários minutos mais tarde, e pegou nele. Gene parecia mais perturbado do que nunca.

- Estás preparada? - perguntou.

Kay posicionou a caneta sobre o caderninho pousado no seu joelho, e disse que estava.

- Ele disse: «O senhor é livre de ir quando quiser, mas o Tom não vai a lado nenhum.» Gene estava a ler de um caderno que tinha arranjado durante o dia. Havia um tremor audível na sua voz, que tentou vencer pigarreando.

- Era mais ou menos isto que estava à espera de que dissessem, mas mesmo assim não me agradou nada.

Kay mordeu o lábio inferior e respondeu ao marido com tanta determinação quanta conseguiu reunir.

- Não tem mal - disse. - Acho que é o que todos esperávamos. É melhor eu dizer ao Fabbri e depois volto a ligar-te.

Eles desligaram. Kay marcou o número de modo mais frenético desta vez. Não pôde deixar de reparar que a sua mão tremia enquanto carregava nos botões. Tentou incutir quietude e calma nas suas extremidades, mas todo o corpo lhe tremia de medo e adrenalina.

- Eles disseram que ele não pode ir embora. - Kay vomitou a informação a Fabbri sem sequer dizer olá.

- Está bem, vou para lá agora. Ligue outra vez ao seu marido e diga-lhe para voltar ao sargento de serviço e lhe dizer que vocês se asseguraram dos serviços de um advogado para o vosso filho e que o nome do advogado é Frank Fabbri. Diga-lhe para exigir que o interrogatório pare imediatamente e para anotar exatamente o que o agente disser outra vez. Kay, o seu filho está tão exausto nesta altura que nem ao papa seria capaz de dizer o que aconteceu - disse Fabbri.

Kay olhou para o relógio da mesinha de cabeceira do pai e fez rapidamente o cálculo de cabeça. Tom devia estar acordado há pelo menos trinta e seis horas, por esta altura.

- As próximas horas vão ser um bocado complicadas para vocês - continuou Fabbri. - A polícia não quer libertar o Tom, mas é evidente que não o podem reter mais tempo sem o deterem, por isso é muito provável que seja detido. Provavelmente vão fazer duas acusações de homicídio premeditado, mas parece-me que não têm a mínima justificação para isso. Na verdade, isto somos só nós a pressioná-los, para garantir que o interrogatório pare imediatamente. Por isso, não deixem que isto vos assuste. Eu tenho de ir lá imediatamente, por isso volto a ligar-lhe depois de ver o seu filho. Talvez queira avisar o seu marido sobre aquilo que eu lhe disse.

Kay acenou com a cabeça e sentiu a respiração a vir em pontadas agudas.

- Obrigada - foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

Telefonou a Gene com as novas instruções e pediu-lhe que lhe voltasse a ligar imediatamente. Quando ele o fez, parecia quase aliviado.

- Então, o que é que ele disse? - perguntou Kay.

- Eu disse-lhes exatamente o que tu disseste, que tínhamos assegurado os serviços de um advogado para o Tom e que o nome do advogado era Frank Fabbri, e as palavras exatas do sargento foram: «Oh, merda, é o Fabbri.» Acho que contratámos a pessoa certa. Ele já é conhecido por aqui - explicou Gene.

- Gene, tenho de te contar outra coisa que o Fabbri disse - disse Kay, interrompendo o marido. - Ele avisou-me sobre algumas coisas. Diz que ao obrigá-los a terminar o interrogatório, estamos a forçá-los a fazer uma detenção. O Fabbri disse que se o Tom for detido, provavelmente irão imputar-lhe duas acusações de homicídio.

Gene ficou calado. Algo do outro lado da linha telefónica estava a distraí-lo.

- Gene - disse Kay. - Gene?

Ele não respondeu, mas ela ouviu a interação de vozes que decorreu no corredor ecoante da esquadra da polícia. Passos aproximaram-se. A primeira voz era profunda e Kay não a reconheceu. Não conseguia distinguir as palavras abafadas, mas ouviu Gene dizer:

- Sim? - E então a voz respondeu, mais clara desta vez:

- O seu filho vai ser detido e ser-lhe-ão imputadas duas acusações de homicídio premeditado pelos homicídios de Julie e Robin Kerry.

Gene largou o telefone e Kay ficou agitada. Gritou o nome dele várias vezes, e Tink e Kathy perderam a paciência, abrindo de rompante a porta do quarto quando ouviram o terror na voz da mãe. Ficaram agarradas uma à outra, à porta, sem se chegarem perto de Kay, que pareceu não notar a sua chegada. Ela tinha uma expressão desvairada nos olhos e andava de um lado para

o outro com o telefone na mão, a gritar o nome do pai. Passados cerca de trinta segundos, a voz engasgada de Gene voltou, e ele soluçou-lhe pelo telefone.

- Já te volto a ligar - disse ele.

E antes de Kay poder responder, estava a ouvir um sinal de marcação.

*

Quando Fabbri entrou na pequena sala de interrogatório onde sabia que Tom Cummins estaria à espera, a visão que se lhe deparou era ainda pior do que esperara. Sabia como eram os interrogatórios, como podiam ser traumáticos para um suspeito, especialmente um suspeito inocente. Mas Tom Cummins parecia ter passado pelo Inferno. Os olhos do rapaz estavam tão inchados e vermelhos que mal conseguia abri-los, e não fez qualquer tentativa de falar com este novo homem que entrou vestido com o fato italiano chique. Os vários inspetores tinham estado vestidos com todo o tipo de indumentária naquele dia, tudo desde um estilo desleixado, a farda policial e *business casual*. E quando Fabbri entrou, Tom presumiu que fosse apenas mais um. Fabbri atravessou a pequena sala devagar e levantou a sua pasta pousando-a na mesa. Sentou-se e olhou silenciosamente para Tom por um momento. Ainda não sabia bem o que pensar do rapaz, mas uma coisa era evidente: ele estava extremamente infeliz.

- Acabou - disse Fabbri calmamente, olhando Tom nos olhos.

- O quê? - perguntou Tom.

- Acabou. O interrogatório acabou - disse Fabbri outra vez.

Tom piscou os olhos a Fabbri do outro lado da mesa. Não se permitia esperar que este homem estivesse a dizer a verdade. Abanou a cabeça. Fabbri levou lentamente a mão ao bolso de dentro do casaco do fato e sacou a

carteira. Tirou a carta de condução e o cartão da Associação de Advogados do Missouri e fê-los deslizar sobre a mesa em direção a Tom, fazendo-lhe sinal para que pegasse neles e os examinasse.

- Sou advogado - explicou devagar -, e amigo da tua família. A tua tia Sheila ligou-me e estou aqui para te dizer que este dia infernal acabou.

Tom estudou os dois cartões, virando-os, incrédulo, nas mãos e lendo todas as palavras que pudesse encontrar. Olhou para Fabbri e ficou calado.

- Então temos boas notícias e más notícias - continuou Fabbri. - Já te contei as boas notícias. Acabou-se o interrogatório. Acabaram-se as mentiras. Acabou-se a treta. Eu *não* sou polícia. E esta é a única coisa sobre a qual os polícias não podem mentir. É ilegal fazerem-se passar por um advogado. Eu sou o *teu* advogado. Percebes o que te estou a dizer? Acabou. Eu estou do *teu* lado. Ninguém te pode tocar agora. Eles não te podem fazer mais perguntas. Acabou tudo.

Tom deixou o cartão da Associação de Advogados do Missouri cair dos seus dedos e pousar, voltado para baixo, sobre a mesa. Inclinou a cabeça para trás e permitiu que lágrimas de alívio lhe corressem pela cara.

- Agora, a má notícia é que a polícia te vai deter. Eis o que vai acontecer. Vão levar-te para um sítio neste edifício. Vão fotografar-te e imputar-te duas acusações de homicídio premeditado.

Tom assentiu. Não parecia assustado - nem sequer parecia surpreendido. Só ouvia atentamente. Fabbri perguntou-se se o rapaz estaria em choque.

- Vai correr tudo bem. Eles *têm* de fazer isto, agora que eu estou aqui. Vão levar-te para uma cela, mais uma vez algures neste edifício, e tu vais ter de passar a noite aqui. Quero que saibas que isto é tudo normal. É bom. É o que tem de acontecer por enquanto e é o primeiro passo para te ilibar, está bem? Nós vamos ultrapassar isto, agora.

Toda a tua família está a apoiar-te – disse Fabbri no tom mais conciliador possível.

Fabbri estava a falar com Tom como um educador de infância poderia falar com uma criança, e Tom não se importava. De facto, aquilo era exatamente o que precisava de ouvir, e exatamente o tom no qual precisava de ouvi-lo. Teve vontade de desmaiar de alívio. A notícia de que a família o apoiava devolveu-lhe alguma esperança, tirou-o do fundo do poço, e por conseguinte, agora sentia-se mais assustado do que nunca. Há algum tempo que não usava a voz e não sabia que tipo de guincho ou tremor poderia sair quando abrisse a boca, mas as palavras de Fabbri deram-lhe coragem para tentar.

– Só quero saber que o senhor acredita em mim – disse Tom suavemente. – Preciso de saber que *alguém* acredita em mim.

Fabbri ficou inesperadamente comovido com as palavras do rapaz. O desespero dos suspeitos deixara de afetá-lo emocionalmente anos antes, mas este rapaz era diferente. A súplica dele era tão genuína, a voz tão puramente carregada de dor enquanto perscrutava o rosto deste perfeito desconhecido em busca de confirmação.

– Tom – respondeu Fabbri sem hesitação –, eu acredito em ti.

E com estas quatro simples palavras, Tom desabou em lágrimas sobre a mesa. Os dedos dele apertavam com força o cabelo da nuca enquanto chorava, e Fabbri observava, pesaroso. Deixou Tom chorar alguns minutos. Quando o rapaz se acalmou um bocado, Fabbri deu-lhe um lenço e explicou-lhe mais alguns pormenores sobre o que esperar nas próximas horas.

– Não deves falar com *ninguém* hoje à noite enquanto estiveres neste edifício. Depois de te registarem e te levarem para a tua cela, é possível que voltes a ser incomodado. Se vierem buscar-te e começarem a tentar

interrogar-te, não digas *nada*. Nem uma palavra. Nem lhes digas o teu nome. Eu venho buscar-te de manhã.

Fabbri levantou-se para ir embora e Tom teve vontade de se atirar ao homem. Queria gritar: «Não vá», e abraçar e beijar este homem de fato caro e gravata de seda. Mas não gritou nem se atirou a Fabbri. Em vez disso, levantou-se como um homem e estendeu a mão ao seu salvador.

– Obrigado – disse simplesmente.

Fabbri pegou na mão de Tom e apertou-lha com firmeza.

– Neste momento, não sei os pormenores e não preciso de saber – disse antes de sair –, mas acredito que estás a dizer a verdade. E nós vamos safar-te disto.

Tom acenou com a cabeça e engoliu em seco. Fabbri voltou a guardar a identificação na carteira, levantou levemente a pasta da mesa, dirigiu a Tom um sorriso de despedida e depois saiu.

Escassos momentos passaram antes de dois novos inspetores entrarem na sala para levarem Tom para cima, para o registarem. Tom ficou um pouco surpreendido, mas sobretudo aliviado, por eles não sacarem de algemas nem tentarem restringi-lo de forma alguma. Simplesmente abriram a porta e disseram: «Vamos.»

Tom estava ladeado pelos dois inspetores, junto ao já familiar elevador, à espera de que as portas se abrissem, quando Fabbri e Gene saíram da sala da brigada de homicídios. Gene vinha com um ar pálido e indisposto – quase enjoado, pensou Tom. E quando viu o filho, interrompeu a conversa sussurrada com o advogado e foi rapidamente ao seu encontro. Os dois inspetores não tentaram interferir quando Gene lançou os braços em volta do filho com o maior abandono, a ternura mais sentida, que alguma vez exibira. Pai e filho agarraram-se um ao outro e choraram pesadamente.

– Eu não fiz isto, pai – disse Tom entre soluços.

– Eu sei, filho – respondeu Gene. – Eu sei.

CAPÍTULO 10

Kay não sabia bem o que dizer a Tink e Kathy, mas até então, naquele dia, tinha sido dolorosamente franca com as filhas e elas tinham-se aguentado muito bem. Não sabia se isto se devia mais à maturidade ou à resiliência juvenil delas, mas fosse como fosse, sentia-se aliviada. Já tinha preocupações que chegassem, agora, para ainda ter de se preocupar com o risco de uma das suas filhas ter alguma espécie de esgotamento. Portanto, quando desligou o telefone e olhou para elas, agarradas uma à outra à porta do quarto da avó Polly com rostos ansiosos, soube que tinha de lhes contar toda a terrível verdade.

Passou por elas, avançou pelo corredor estreito e entrou na sala de estar. Elas seguiram-na, ainda de mãos dadas. As suas filhas *nunca* tinham dado as mãos, pensou Kay – eram arqui-inimigas, rivais declaradas. Era terrível que fosse preciso um momento destes para finalmente aprenderem a apoiar-se mutuamente.

Kathy e Tink avançaram em silêncio até ao sofá azul e sentaram-se juntas enquanto o avô Art desligava a televisão e a avó Polly vinha da cozinha, a limpar as mãos ao avental. Os dois irmãos de Kay também estavam ali, com os rostos cheios de preocupação. Toda a gente estava calada, à espera de que Kay falasse. Ela apoiou as mãos nas costas da cadeira do pai e pigarreou antes de começar. Tinha os olhos invulgarmente arregalados e parecia não conseguir fechá-los de todo, tal era o medo e descrença que os afligia. O irmão, Art Junior, levantou-se da cadeira para ir apoiá-la, mas depois pensou que a sua

aproximação podia deixá-la ainda mais emotiva, que ela podia não conseguir expressar o que tinha a dizer, por isso voltou a sentar-se de modo constrangido, pronto para se erguer quando fosse realmente necessário. Kay pigarreou outra vez e percebeu que o nó que ali tinha não se mexia: teria simplesmente de falar por cima dele. Portanto, assim fez.

- O Tom foi detido - começou.

Tink e Kathy correram ambas para o quarto de banho. Não queriam ouvir o resto. Não precisavam de ouvir o resto. Só precisavam de vomitar os poucos bocados de jantar que tinham conseguido engolir. Kay continuou.

- Contratámos um advogado, o Frank Fabbri, e ele foi lá para acabar com o interrogatório. Disse que o Tom estava demasiado cansado... demasiado cansado para poder ajudar e que tinham de parar o interrogatório. Portanto, eles... eles detiveram-no com duas acusações de homicídio premeditado e... - A mão de Kay estava em frente à boca, e as suas palavras estavam a tornar-se incompreensíveis.

Art Junior levantou-se do seu lugar e foi ter com Kay, cingindo a irmã mais nova nos seus braços grandes e fortes enquanto ela chorava. A avó Polly e o avô Art procuraram silenciosamente as mãos um do outro, sempre com os olhos fixos no rosto torturado da filha, diante de si, enquanto Skip se esgueirava da sala para ver como estavam as suas sobrinhas.

*

O escritório de Frank Fabbri ficava numa casa espaçosa e antiquada num bairro residencial tranquilo no centro de St. Louis, não muito longe da esquadra da polícia. Tinha um alpendre da frente comprido e uma grande porta de cerejeira que pendia pesadamente sobre as suas dobradiças. Gene seguiu até ao pequeno parque de estacionamento vazio e estacionou a carrinha ao acaso, de viés, a ocupar dois lugares. Se Fabbri conhecesse

minimamente Gene, teria reconhecido isto como um comportamento absurdamente precipitado, mas ele não conhecia Gene. Portanto, presumiu simplesmente que o homem não era muito bom condutor.

Gene ainda estava intensamente perturbado com os acontecimentos da noite anterior e o seu lenço, sempre a postos, já não podia ser mais castigado. Dentro do seu escritório, Fabbri ofereceu-lhe uma caixa de lenços de papel Kleenex e Gene agradeceu-lhe com uma buzina sonora e uma desobstrução dos seios nasais afetados. Apesar do charme rural do exterior da casa, por dentro o escritório era moderno, elegante e eficiente. Uma grande bandeira cubana na parede e um calendário de mesa de Che Guevara eram os únicos verdadeiros indicadores do carácter pessoal de Fabbri. Não se via um único grão de poeira ou folha solta, mas por toda a parte havia pilhas ordenadas de documentos jurídicos. Fabbri sentou-se atrás da secretária grande e organizada, pôs o telefone em alta-voz entre si e Gene e marcou o número dos pais de Kay em Fair Acres Road.

Gene Cummins era um homem de ordem, organização e prontidão. Durante a sua longa carreira naval, fora conhecido como um homem a quem recorrer, o tipo de pessoa que fazia as coisas. Em muito poucas situações na sua vida não tivera sido capaz de, de algum modo, escalar e conquistar – e a sua família dependia dele neste sentido. Quando os seus filhos eram novos, pensavam que o pai podia arranjar *tudo*. O gravador que fora deixado no alpendre de trás durante uma tempestade? Não te preocupes, o pai arranja-o. A boneca que levou um corte de cabelo no mesmo dia que Tink? Não te preocupes, o pai arranja-a. O pufe que estava a verter pequenas bolas de esferovite por toda a sala de brincar? Não te preocupes, o pai arranja-o. E arranjava. Consertava todas estas coisas e muitas mais pela noite dentro enquanto os filhos estavam aconchegados nas suas camas e a mulher sorria

suavemente, chamando-lhe Milagreiro ou Doutor Pai, consoante a tarefa.

Mas agora, enquanto estava ali sentado no escritório, decorado de couro e cromados, de Fabbri, Gene era confrontado com uma tragédia insuperável. Este tipo de destruição era completamente avassalador. A sua habitual determinação fora fútil: fora incapaz de assumir o controlo da situação. Gene simplesmente não era capaz de arranjar isto. E este sentimento de impotência absoluta era novo para si – não sabia como lidar com ele. Dava lugar ao terror e a uma frustração insuportável quando o observava muito de perto, pelo que em vez disso se concentrou em respirar fundo e responder às perguntas que Fabbri lhe fazia.

Nos momentos em que parava para examinar a situação, eis o que concluía: as suas sobrinhas tinham desaparecido, quase inegavelmente mortas, embora ainda não houvesse uma notícia definitiva a esse respeito. As suas próprias filhas, apavoradas, estavam em casa dos avós, à espera de que ele levasse o irmão para casa. E o filho acabara de lhe ser levado, levado para a prisão, sendo-lhe imputadas duas acusações de homicídio premeditado. Gene abanou a cabeça outra vez. Tudo aquilo era avassalador. Voltou à respiração profunda e às perguntas.

Kay estava em alta-voz, agora, no escritório de Fabbri. Ela quisera estar presente nesta reunião, mas não queria deixar Tink e Kathy sozinhas, portanto tinham recorrido a esta solução. A conversa a três durou mais de uma hora e nem Kay nem Gene se lembravam bem do que foi dito. Fabbri disse-lhes que Tom ia ser registado e posto num compartimento seguro durante a noite, e foi então que Kay o interrompeu urgentemente.

– Um *compartimento seguro*? Que raio é isso? Não me está a dizer que ele vai ser metido numa cela com um monte de criminosos, pois não? – perguntou.

- Só durante a noite, Mrs. Cummins. Depois da audiência, amanhã...

- Durante a noite! Tem de haver alguma forma de o tirar dali. Ele não aguenta. É só um miúdo, e nem sequer é um miúdo duro. Nunca se meteu numa briga, sequer. E se um destes tipos de ontem à noite é detido por drogas ou algo do género e o metem ali dentro com ele? Eles matavam-no. Tem de o tirar de lá!

Kay estava perto da histeria.

- Sabe que mais, Kay - disse Fabbri calmamente -, acho que tem razão. Eu telefono para a esquadra mal acabemos a reunião e digo-lhes para o porem sob vigilância por risco de suicídio. Assim, têm de lhe dar uma cela individual.

Isto serenou algumas das preocupações de Kay, e Gene concordou que era boa ideia. Fabbri explicou então o que esperava que acontecesse no dia seguinte. Desde o momento da detenção efetiva de Tom, a polícia tinha vinte e quatro horas para obter mandados contra Tom pelos alegados crimes. Se não conseguissem obter os mandados, teriam de libertá-lo. Mas se obtivessem os mandados, o que Fabbri achava mais provável, Tom provavelmente não teria a possibilidade de fiança, teria de ficar na prisão até à data do julgamento, que podia demorar seis a dezoito meses. Kay arquejou de forma audível quando ouviu *dezoito meses* e desta vez Fabbri não tinha palavras de conforto para ela.

- Podemos vê-lo? - perguntou. - As irmãs podem vê-lo?

- Por enquanto, não - respondeu ele. - Vamos atravessar aquela ponte amanhã, depois de o prazo de vinte e quatro horas passar. Teremos de ver então com que é que estamos a lidar.

Kay e Gene estavam em lados opostos de St. Louis, a acenar solenemente às palavras de Fabbri e a sentir a sua antiga vida em Gaithersburg, a vida que tinham na véspera, cair cada vez mais na irreabilidade.

*

O compartimento seguro não era assim tão mau, na verdade. Kay provavelmente teria ficado um pouco aliviada se o tivesse visto. Toda a divisão estava pintada de um verde-claro, institucional, e os bancos duros de metal estavam ocupados, mas não cheios. Tom olhou vagamente em volta para os outros suspeitos na sala de metal, mas não tinham nomes nem rostos nem vozes. Eram apenas manchas que se moviam e respiravam e ocupavam espaços em seu redor. Estava a dormir sentado quando os dois agentes que o detiveram vieram buscá-lo.

- Anda, levanta-te. Vais ser posto sob vigilância de suicídio - disse um dos agentes. - Ao que parece, vais matar-te hoje à noite. Ontem à noite, foi as tuas primas. Hoje, és tu. Estás lançado - troçou.

Tom arrastava-se, sonolento, ao lado do guarda a caminho da nova cela. Agora que a ideia de sono fora firmemente plantada na sua cabeça, parecia incapaz de ficar acordado. A maldade do agente deixara de o afetar. As suas pálpebras iam-se fechando enquanto caminhava automaticamente, seguindo o homem pelo som dos seus passos pesados, ressonantes, e o chocalhar das chaves no cinto.

Se a cela comum recebera um «nada má» na sonolenta escala de conforto de Tom, então a nova cela estava sem dúvida na classe do «maravilhoso». Era mais pequena, com duas camas de metal ao longo de cada parede para as pessoas dormirem, embora estivesse sozinho, e era mais escura e silenciosa. A Tom, parecia-lhe o Ritz-Carlton. Havia uma sanita sem assento nem tampa, junto a um lavatório de metal, a um canto. Tudo no quarto estava pintado com várias camadas lascadas do mesmo verde-menta industrial. A Sherwin-Williams devia ter uma promoção naquele dia, pensou Tom enquanto se deixava cair no banco mais próximo. Não ouviu o zumbido

ameaçador nem o ruído pesado da porta de metal da cela quando esta se fechou sobre si. Não sentiu os piolhos a saltarem e a morderem-lhe a pele enquanto dormia. E só estava vagamente consciente dos sons do seu vizinho, viciado em PCP², a atirar-se repetidamente contra as paredes na cela adjacente. Tom dormiu profundamente.

*

Em Petite Drive, a casa de Ginna parecia um túmulo vazio, apesar da constante atividade. Depois de Kay e as filhas partirem, ao fim daquela tarde, tinham deixado de receber qualquer informação. As pessoas andavam pela casa caladas e constrangidas, e o silêncio e a dor permeavam tudo. A televisão estava ligada, e havia bolsas de conversa pela casa, mas de certo modo o silêncio parecia adensar-se e endurecer como uma película sobre todos os suaves sons da espera.

Quando começou a escurecer, Sheila e Lisa beijaram a irmã Ginna, ofereceram abraços e orações, e depois foram para casa e para as respectivas famílias, que estariam sem dúvida curiosas e famintas, na ausência das suas mães. Ambas tinham mais de uma hora de viagem até chegar a casa, e crianças para reconfortar quando lá chegassem.

Kevin, o irmão de Ginna, também lá estava, mas sentia-se desconfortável e um empecilho. Para Kevin, a casa de Ginna sempre parecera um território feminino, uma vez que estava sempre cheia de mulheres. Mas agora, mais do que nunca, parecia um mundo feminino. Os quartos de Julie e Robin já começavam a parecer santuários. As pessoas entravam e sentavam-se em silêncio nas suas camas, a olhar em volta com reverência, a absorver memórias e a tentar não mexer em nada. Marianne, amiga de Ginna, também se encontrava ali, e todas as mulheres da casa cacarejavam e arrulhavam em volta da mãe atormentada, oferecendo-lhe o tipo de conforto que

apenas as mulheres parecem ser capazes de desencantar sem esforço.

Kevin, pela sua parte, estava a ter uma reação muito masculina que parecia deslocada ali: fervia de raiva. Os pensamentos do que acontecera às suas sobrinhas e o sofrimento do sobrinho naquele momento estavam a despertar a ira dentro dele. Queria encontrar aqueles quatro homens e arrancar-lhes a cabeça com os dentes. Andava pela casa a tentar pôr as ideias em ordem. Amanhã sentir-se-ia útil e prestável. Os pais deles e os restantes irmãos chegariam de avião e de carro de todo o país, e Kevin seria o motorista e guia de serviço. Iria apanhar avós, carregar malas, ajudar a organizar as dormidas. Estes pensamentos práticos acalmaram-no enquanto as mulheres se inquietavam e sussurravam entre si.

Quando a escuridão da noite caiu sobre os estores, também Kevin deu um beijo de despedida a Ginna e foi para sua casa em South County. Voltaria ao romper do dia para ajudar no que fosse preciso, prometeu-lhe. Toda a gente procurava um papel a cumprir.

*

As notícias das onze foram, infelizmente, mais férteis em acontecimentos do que a emissão anterior. Tink e Kathy estavam sentadas lado a lado no banco do órgão do avô, onde tinham a melhor vista da televisão e onde ainda na noite anterior tinham jantado. Os adultos enchiam as cadeiras circundantes.

«O caso da ponte Chain of Rocks», como a tragédia da família estava rapidamente a ficar conhecida, era uma das notícias principais, e a pivô tinha um semblante severo enquanto as fotos de Julie e Robin pairavam sobre o seu ombro direito. Numa voz clara, começou a ler os seus apontamentos.

- O alegado assassino, Thomas Cummins, está detido esta noite...

Até a primeira frase era insuportável para as meninas. Tink levantou-se em histeria, deitando por terra o banco do órgão e a sua irmã. Não conseguia falar, mas também já não conseguia ficar sentada em silêncio. Tapou os ouvidos com as mãos e começou a olhar em volta desvairadamente, com os olhos a girar da porta da frente para os rostos da sua família, e pelas paredes da sala. Percorriam tudo o que estava à vista exceto a televisão. Parecia um animal assustado a tentar fugir.

Num instante, Skip tinha-se levantado do seu lugar e posto à frente dela. Puxou-lhe a cabeça para o seu peito e tentou acalmá-la. Atrás dela, Kathy estava atordoada, com os olhos vidrados e uma expressão estupefacta. Skip caminhou alguns passos com Tink até ao corredor e afastou-a da irmã, caso a histeria se revelasse contagiosa. Murmurava-lhe calmamente ao ouvido, sempre a abraçá-la.

- Pronto, pronto, todos nós sabemos que aquilo não é verdade, querida, já passou, já passou - murmurou Skip.

Foi uma histeria momentânea, e em breve Tink e Skip estavam de volta à sala, onde Tink retomou o seu lugar ao lado de Kathy, cuja expressão não mudara, apesar das lágrimas que lhe corriam pelo rosto e caíam nas mãos abertas sobre o colo.

- Ora, se isto não é o maior monte de disparates que já vi - murmurou, zangado, o avô Art enquanto se levantava e desligava a televisão.

Tink e Kathy ficaram caladas a olhar para o ecrã negro. O avô Art virou-se para elas e foi até Tink, que ainda tremia depois da sua explosão. Curvou-se sobre a neta, agarrou-a com força pelos ombros e falou-lhe energicamente na cara, quase tremendo enquanto falava.

- Não acredites numa palavra disto. Nem uma palavra... ouviste? - Estava quase a gritar. - O teu irmão não fez

isto. Ele adorava aquelas meninas. Ele *não* é um assassino. Percebeste?

Tink acenou com a cabeça debilmente.

- Linda menina - acabou e soltou-lhe os ombros, afagando-lhe a cabeça antes de se virar para ir embora.

De súbito, todo aquele dia parecia um sonho. Ela sabia que Tom estava inocente, mas o choque de ouvir uma pivô mal encarada num fato fúcsia chamar-lhe «alegado assassino» revelara-se mais poderoso do que esperara. Por um único e terrível instante, pusera em causa o que *tinha* realmente acontecido, o que *era* exatamente a verdade. As palavras do avô eram mesmo a força de que precisava naquele instante, e tinham-lhe restituído a fé tão depressa quanto esta vacilara. Respirou fundo e limpou as restantes lágrimas soltas do rosto, cerrando de novo os dentes e resolvendo ser forte.

- Obrigada, avô - sussurrou para as costas dele.

*

Era sexta-feira à noite e nem toda a gente na zona de St. Louis estava angustiada. Em Wentzville, não muito longe de onde Lisa, irmã de Gene e Ginna, vivia com a sua família, estava a haver uma festa, dada por um amigo de Danny Winfrey. Winfrey e os seus três companheiros da noite anterior estavam todos presentes, juntamente com cerca de mais trinta jovens. O nível de ruído na casa era alto, enquanto as conversas concorriam com a música, a televisão e o riso.

Gray, como de costume, estava a entreter sozinho um grupo bastante grande. Quase não hesitou quando o rosto de Tom Cummins apareceu no noticiário das onze. O pânico que lhe passou momentaneamente pelo rosto depressa foi substituído por um sorriso. Apontou para a televisão, a rir, e disse:

- Pá, aquele branco balofo não era capaz de fazer uma coisa daquelas. Fui *eu*! Quem fez aquilo fui eu.

- Não, não foste, seu tarado - ripostou um dos seus amigos. - Fui *eu*.

- Não, fui *eu* - rebateu outra pessoa.

Mais três ou quatro intervieram, todos a declarar ser os assassinos das irmãs Kerry. Julie e Robin estavam mortas e isto era uma piada. A foto de Tom fitava-os severamente do ecrã de televisão. Ele não estava a rir. Finalmente, uma hesitante voz da razão levantou-se.

- Vocês não deviam dizer essas coisas - avisou alguém em voz baixa. - Alguém vai acreditar em vocês.

Danny Winfrey ouvira com alarme contido a torrente irónica de alegações, mas perante o tom de séria advertência, levantou-se abruptamente do seu lugar, derrubando a sua garrafa de cerveja ao fazê-lo. A sua namorada, Amanda Marshall, endireitou a garrafa quase vazia e saiu da sala atrás do namorado. Gray notou a partida brusca de Winfrey e em resposta continuou o seu espetáculo com mais energia ainda do que antes.

No quarto de banho do andar de cima, Winfrey estava sentado na borda da banheira a olhar para os seus ténis. Amanda estava sentada na tampa fechada da sanita, inclinada para a frente com os cotovelos pousados nos joelhos. O rosto dela era o espelho da preocupação.

- O que foi, Danny? - perguntou.

Winfrey mordeu o lábio inferior e estudou os seus ténis com mais atenção.

- Seja o que for, sabes que me podes dizer - incitou ela.

Então, Winfrey abriu as comportas. Contou-lhe tudo. Quando, poucos minutos mais tarde, a pesada pancada de Gray caiu na porta de madeira, Amanda ainda nem começara a digerir a história que o namorado acabara de lhe confidenciar. Não teve tempo para absorver nada antes de Danny abrir a porta e Gray entrar de rompante.

- Temos de conversar - berrou a Winfrey, e depois, virando-se para lançar um olhar furioso a Amanda, acrescentou:

- *Sozinhos*.

Amanda saiu apressada pela porta, passando pela figura intimidante de Gray, e voltou lá para baixo enquanto Winfrey se sentava de novo na borda da banheira. Gray fechou a porta com um pontapé e virou-se para encarar Winfrey.

- Tens de atinar - disse em voz baixa, debruçando-se sobre o rosto de quinze anos de Winfrey. - Não podias ser mais óbvio? Ouve, relaxa, vai correr tudo bem. Eles prenderam aquele miúdo rico. Pensam que foi *ele*. Nunca nos vão encontrar. Além disso, se alguém disser alguma coisa, eu mato-o.

Gray pôs o polegar debaixo do queixo de Winfrey.

- Estás a ouvir? - disse. - Não vamos ter problemas. Mantemo-nos unidos. Ficamos *calmos* e eles nunca nos vão apanhar. Percebeste?

Winfrey fitou os olhos de Gray, contorceu-se, e depois acenou em concordância.

- Sim, percebi - disse.

*

Depois de a comoção do noticiário ter passado, Kathy e Tink voltaram a instalar-se nos seus lugares gastos no sofá com um baralho de cartas - qualquer coisa que servisse para lhes manter a cabeça entorpecida e ocupada. Jogaram *gin rummy*, mas não estavam empenhadas. Kathy foi a primeira a ver os faróis através das cortinas da sala de estar. Fair Acres Road não era uma rua movimentada, e os faróis aproximaram-se e depois passaram pela casa, antes de as luzes dos travões se acenderem e Gene recuar a carrinha para o caminho de acesso dos sogros.

- O pai chegou - anunciou Kathy.

Gene demorou vários minutos a ganhar coragem para entrar em casa. Kay estava a pensar em ir ao encontro dele quando a porta da frente se abriu com um rangido. Os pais e irmãos de Kay tinham-se retirado, dando aos

outros alguma privacidade. A avó Polly inventara uma máquina de roupa urgente para lavar na cave e o avô Art lembrara-se de repente de uma pintura nova que queria mostrar aos filhos.

Portanto, apenas Kathy e Tink assistiram à lenta e hesitante abertura da porta da frente e à ansiedade da mãe no momento em que arremessou o seu corpo de um lado ao outro da divisão em direção ao pai delas. Para Kay, a chegada do marido a casa era o instante de libertação por que esperara o dia todo. A emoção que quase conseguira esconder das filhas estava agora à vista e os seus ombros palpitavam pesadamente, em silêncio, enquanto se deixava envolver nos braços abertos de Gene.

Tink e Kathy ficaram apavoradas com o rosto do pai. Nunca o tinham visto com um ar tão desesperado, tão assustado, tão impotente. Levantaram-se do sofá, mas tudo estava lento na sala, como se estivessem debaixo de água ou fossem personagens num pesadelo em câmara lenta. A alcatifa parecia areia movediça quando atravessaram a sala até ao sítio onde os pais se abraçavam.

- Desculpa - dizia Gene -, peço muito desculpa. Desculpa.

Kay limitava-se a abanar a cabeça e a agarrar-se a ele, ainda incapaz de falar.

- Tentei trazê-lo para casa. Desculpa por não ter conseguido trazê-lo para casa. Eles não me deixaram trazê-lo para casa.

Perscrutou os rostos da sua mulher e filhas em busca de perdão e apoio. Tink e Kathy enfiaram-se no meio do abraço dos pais. Os quatro membros da família Cummins que não estavam na prisão aconchegaram-se no espaço que na noite anterior estivera ocupado pela mesa articulada de jantar dos miúdos e seis alegres pratos de frango salteado, e choraram juntos.

Ginna chegou quase de imediato, pareceu a Gene. Não tivera tempo de fazer nada. Não tinha tomado um duche nem escovado os dentes ou mesmo feito a barba, e a barba de um dia em Gene bastava para provocar comentários sobre *Chia Pets* das duas filhas, mesmo no seu atual estado de aflição. A sua chegada a casa do escritório de Fabbri tinha sido emotiva, e acabara de se sentar à mesa da sala de jantar para se tentar concentrar quando a campainha tocou. Os irmãos de Kay tinham saído minutos antes, e Gene presumiu que um deles se tivesse esquecido de uma carteira ou algo do género e tivesse voltado para a apanhar. Ouviu Kathy gritar:

- Eu vou lá - e momentos mais tarde, apareceu em silêncio diante do pai e depois desviou-se para deixar Ginna entrar na sala. Jamie vinha atrás dela, com ar perdido, mas não completamente desesperado.

- Genie - sussurrou Ginna, estendendo as mãos para o irmão.

Kathy levou rapidamente Jamie para a cozinha enquanto Gene olhava para a sua irmã e desatava a chorar.

- Peço muita desculpa, Ginna - Kathy ouviu o pai dizer, e Ginna respondeu:

- Não, não. Nada disso. Não tens motivo para pedir desculpa. Só vim para vos dizer que nenhum de nós acredita nisto. Todos sabemos que o Tommy não fez isto.

As vozes de Gene e Ginna baixaram até aos tons sussurrados que Kathy se habituara a ouvir os adultos usarem ao longo de todo o dia.

- Que tal uma Coca-Cola? - disse a Jamie, que acenou afirmativamente em resposta.

Acima de tudo, a Coca-Cola era apenas um pretexto para fazer barulho. Kathy nem pensou no facto de que, até àquele dia, nunca se teria servido de uma Coca-Cola sem primeiro pedir aos pais. Era apenas uma das muitas

mudanças pequenas, mas de certo modo importantes, que tinham decorrido desde aquela manhã. Ela e a irmã tinham-se tornado adultas naquele dia, com regalias de adulto, como a possibilidade de dizer palavrões ou beber uma Coca-Cola sempre que quisessem, mas com responsabilidades de adulto, também, como tentar proteger a sua jovem prima das cenas mais feias, mais perturbantes, que rodeavam a morte violenta das suas irmãs. Kathy tirou dois copos do armário da cozinha da avó e deixou Jamie encher o seu próprio copo com gelo. Mal as raparigas se instalaram à mesa da cozinha, revigoradas pelas suas Coca-Colas, Gene e Ginna apareceram à porta e anunciaram uma espécie de reunião familiar improvisada.

- Porque é que vocês não usam a sala de jogos lá em baixo? - sugeriu a avó Polly. - Tem privacidade, há cadeiras que cheguem para todos e há um telefone, se precisarem.

Assim, passaram para o andar de baixo. Tink, Kathy e Jamie foram convidadas a juntar-se aos pais. Toda a gente parecia reconhecer nesta altura que, embora houvesse a ocasional necessidade de privacidade em momentos pessoais, não valia a pena tentar esconder nada das crianças. Teriam de se habituar a esta tragédia, e ocultar-lhes informação só ia confundi-las. E verdade seja dita, as meninas tinham-se mostrado fortes até então, tirando a sua incapacidade coletiva de aguentar muita comida no estômago. Tinham sido muito solidárias umas com as outras naquele dia - os pais sentiam-se orgulhosos da forma como elas estavam a lidar com toda a situação. Tink, Kathy e Jamie estavam sentadas à mesa de feltro verde onde tinham jogado póquer na noite anterior, a tentar não olhar para os lugares vazios onde Robin, Julie e Tom se haviam sentado. A pedido de Jamie, Tink deu as cartas para um jogo de pesca, mas todas prestaram mais atenção à conversa dos pais do que ao jogo.

Ginna, Gene e Kay conversavam em voz baixa sentados nos dois sofás de couro opostos, atrás das meninas. Falaram sobre como todos se estavam a aguentar, e discutiram a vinda iminente dos pais deles, que chegariam de avião da Florida de manhã. Gene fizera aquele telefonema difícil logo após a detenção de Tom. Gene sempre confiara na força do pai, mas mesmo assim ficara arrasado com a reação dele. Gene Sênior mostrara-se muito abalado com a notícia, de início. Anotara o número do telefone público de Gene na esquadra e terminara o telefonema para poder chorar. Mas quando voltou a telefonar, vinte minutos mais tarde, o seu tom era completamente diferente.

- Bem - dissera ao filho -, a tua mãe e eu podíamos ter apanhado um voo tardio hoje à noite, mas preciso de ir ao banco de manhã antes de irmos para aí. Vou levar a escritura da minha casa. Diz ao Tommy para não se preocupar com nada. Se precisar de fiança, está paga, e terá os melhores advogados que há. E não podes contar isto à tua mãe. Sabes que tenho dinheiro mais do que suficiente em ações para pagar tudo. Não quero incomodá-la com os pormenores.

Nunca houvera a mínima dúvida sobre culpa ou inocência na cabeça do avô Gene. E seguramente que Gene Júnior não iria falar nesta questão da escritura à mãe. De facto, nem sequer a mencionara a Tom, Kay ou Ginna. Em vez disso, tentou esquecer aquilo tudo. Era simplesmente demasiado importante para abordar, demasiado importante para assimilar. A generosidade e confiança do pai contrastavam tanto com o horror daquele dia que era emocionalmente avassalador.

Portanto, em vez disso, guardou segredo e falou num tom leve em questões logísticas - quem ia buscar os pais ao aeroporto de manhã e assim. Enquanto discutiam estes assuntos, o telefone tocou. Passava muito da meia-noite. Todos os olhos da sala saltaram para o telefone, e as

cartas das raparigas pairaram como uma natureza-morta sobre a mesa de feltro verde. Ouviram-se passos no andar de cima e o avô Art gritou cá para baixo.

- Ginna? O telefone é para ti.

Ginna levantou-se sem grande segurança e avançou cautelosamente em direção ao telefone, uma mãe que estava à espera de notícias terríveis. Ficou em pé de costas para a sala e levantou devagar o auscultador. Nos minutos seguintes, a sala ficou em silêncio, com exceção dos «hum-hum» ocasionais de Ginna. Quando pousou o telefone e se virou para trás para encarar o irmão, o rosto dela estava sulcado pelas rugas de dor. Estava a chorar.

- Tenho de ir... Nós temos de ir... Jamie, anda - disse.

- Espera - começou Gene, confuso. - O que se passa? O que...

- Era o Rick - respondeu Ginna. - Ele disse que não quer a filha aqui. Disse que não quer a Jamie na casa do homem que matou as nossas meninas.

Ginna estava a soluçar, enquanto falava, e as três raparigas abandonaram as suas cartas e aproximaram-se dos adultos.

- Desculpa, Genie - disse Ginna. - Ele não está a falar a sério, eu sei que não, mas está muito sensível neste momento.

Jamie aninhou-se debaixo do braço da mãe, enquanto esta chorava e a apertava contra si. Era um gesto tão infantil que quase sobressaltou Tink e Kathy, que ao longo do dia se tinham esquecido de como Jamie era nova. Ela era tão madura, tão esperta para a sua idade que era fácil esquecer que só tinha nove anos. O grupo, tolhido pela tristeza, subiu penosamente as escadas e Ginna parou junto à porta de entrada.

- Desculpem - disse outra vez.

Mas Gene aquietou-a e os dois abraçaram-se por um momento. Kay beijou Ginna na face e dobrou-se para abraçar Jamie também. Tink e Kathy esperaram

pacientemente, e quando chegou a sua vez, abraçaram a tia com mais emoção do que nunca, como se temessem nunca mais a ver. Ginna agarrou-se a elas e tocou-lhes no cabelo e no rosto.

– Vocês são tão boas meninas. Vamos todos ultrapassar isto, não vamos? – disse.

Ambas acenaram afirmativamente e ela sorriu por entre as lágrimas. Deu a mão a Jamie e partiram. Jamie olhou por cima do ombro enquanto Ginna a levava para o carro e acenou às primas, que estavam paradas com a cara encostada à porta de rede.

*

Na cama verde de metal, sem almofada nem cobertor ou sonhos, Tom continuava a dormir profundamente. O tinido, cada vez mais próximo, das chaves não o acordou, tal como o som da porta da sua cela a abrir, ou os guardas a chamá-lo para se levantar. O guarda noturno teve de entrar na cela e abanar fisicamente Tom para o acordar. Quando o fez, a realidade voltou de imediato. Tom não teve um único instante de confusão, ou o abalo da recordação. Sabia onde estava e sentia-se como se não tivesse estado de todo a dormir.

Mas o sono ainda lhe pesava nos olhos e membros quando se levantou para seguir o polícia até ao exterior da cela verde e sombria. Juntos, percorreram o que pareceu a Tom corredores infundáveis até chegarem a um pequeno escritório que servia de sala de espera. Havia uma janela de acrílico numa ponta da sala e atrás dela estava sentado um funcionário. Tom foi instruído a sentar-se num banco baixo ao longo de uma parede que já estava ocupado por outros dois rapazes. Depois de vários minutos a mexer em papéis, o funcionário chamou um nome e um dos companheiros de Tom levantou-se e caminhou até à pequena janela. Depois de obter o nome, idade e morada

do rapaz, o funcionário começou a explicar as acusações que lhe eram imputadas.

- Roubo de carro - declarou o funcionário em voz alta, olhando sobre a armação dos óculos antes de se lançar numa descrição jurídica da acusação.

- Sortudo - murmurou Tom em voz baixa.

O rapaz que estava sentado ao lado dele ouviu a pequena exclamação de Tom e olhou-o com nervosismo. Afastou-se ligeiramente no banco estreito, apesar de Tom tentar esboçar um sorriso reconfortante. O absurdo da situação não lhe escapou. Ali estava ele, um bombeiro e escoteiro condecorado de dezanove anos que nunca se metera em sarilhos graves na sua vida, a invejar um rufia que era acusado do roubo de um carro. Tom riu, o que fez com que o seu companheiro de banco se afastasse ainda mais, e então desistiu, encostando a cabeça à parede de tijolo.

Quando, cerca de meia hora mais tarde, chamaram o nome dele, Tom abriu os olhos e descobriu que ele e o funcionário da janela estavam sozinhos na sala. Havia guardas lá fora, tinha a certeza, mas os seus companheiros tinham desaparecido. Tom interrogou-se vagamente se iriam passar a noite na cadeia ou se já tinham sido libertados sob fiança. Sentou-se pesadamente ao balcão blindado, de frente para o funcionário, que o olhava com óbvia reprovação. O homem pigarreou e começou a sua lista de perguntas. Tom respondeu sem pensar e só em parte ouviu o homem explicar as duas acusações de homicídio premeditado, e a probabilidade de Tom não ter direito a fiança.

O guarda que veio buscar Tom ao escritório era o mesmo que o trouxera da cela, e não seria exagero dizer que Tom ficou encantado por o ver. Precisava de dormir, tanto pelo alívio como pelo resto, e estava ansioso por voltar à sua cela semitranquila e ao seu vizinho viciado em PCP. Quando chegaram ao posto dos guardas no centro do

edifício, Tom achou que tinha muita gente, especialmente para aquela hora da noite. Não se lembrava de ter passado ali a caminho do pequeno escritório, mas estava tão ensonado que podiam muito bem ter atravessado um campo minado sem que ele reparasse. O guarda que o acompanhava parou no posto, onde quatro ou cinco dos seus colegas estavam sentados a duas mesas redondas. Numa das mesas, havia um baralho de cartas, várias revistas e um jornal, mas, ainda assim, os agentes do turno da noite pareciam entediados.

- Vai encostar-te ali àquela parede - mandou o guarda de Tom.

Tom virou-se e caminhou em passos sonolentos em direção à parede, sentindo todos os olhos na sala a cravarem-se-lhe nas costas ao fazê-lo. Quando chegou ao tijolo pintado, encostou-se lá e pôs um calcanhar por baixo das nádegas para se apoiar. Cruzou os braços e, sem pensar, olhou para a sua sapatilha. Não se atrevia a encarar nenhum daqueles polícias, alimentar a sua hostilidade. Mas também não se atrevia a fechar os olhos, adormecer em pé e correr o risco de cair. Portanto, examinou o calçado, e quando isto se revelou inútil para o manter acordado, começou a contar ladrilhos no chão.

- Não és o rapaz da cidade grande que quase nos enganou a todos nós, velhos agricultores, com a tua história maluca? Aquele que se vai matar hoje à noite? - troçou um dos agentes sentados num tom ridiculamente provinciano.

Tom bocejou e continuou a contar.

- Que se passa, dorminhoco? - interveio um dos outros polícias. - Tiveste um pesadelo ou algo do género?

Tom sorriu ironicamente, contra vontade. *Um pesadelo*, pensou. *Não fazes a mínima ideia.*

Tom ficou assim apoiado à parede durante vários minutos enquanto os agentes o atormentavam, mas os seus insultos não o incomodaram verdadeiramente.

Lembrou-se de Fabbri lhe dizer para não proferir uma única palavra, nem sequer em própria defesa, e este pensamento deu a Tom força e dignidade. Foi fácil ficar calado, especialmente quando percebeu que o seu silêncio os fazia perder o interesse em atormentá-lo. Ainda assim, Tom já tinha contado todos os ladrilhos da sala e todos os tijolos da parede à sua frente, e tinha tirado cada pedaço de areia e lodo do rio de baixo das unhas quando o seu guarda começou a afastar-se pelo corredor sem ele. Virou-se e gritou por cima do ombro a Tom, batendo na coxa como se estivesse a chamar um cão.

- Anda cá - chamou. - Vamos. Lindo menino.

Os agentes reunidos às duas mesas riram-se com vontade deste último comentário e um deles desejou a Tom «boa sorte com a história do suicídio».

Tom quase lhe agradeceu, mas pensou melhor e ficou calado. Caminhou entre as duas mesas e passou pelos agentes da noite como se fossem invisíveis. Só chorou quando já estava fechado na sua cela, de novo sozinho, e a lâmpada ofuscante do teto foi baixada pela última vez naquela noite.

*

A meio da noite, enquanto Tom era assediado pelos guardas, Jamie estava sentada no sofá da sua sala de estar com as pernas dobradas por baixo do corpo, e os dedos enredados e ocupados com um novelo de lã cor-de-rosa. O silêncio que todo o dia fora crescendo dentro de casa tornara-se francamente sinistro ao cair da noite. Jacquie estava sentada ao lado da sua jovem sobrinha com o seu próprio novelo de lã cor-de-rosa enquanto Jamie ensinava, com paciência e perfeição, à tia as minúcias do «croché de dedos».

- Há alguma coisa que *não* saibas fazer? - perguntou Jacquie com admiração.

Jamie sorriu e encolheu os ombros.

Ginna e a sua amiga Marianne tinham estado a conversar à mesa da cozinha desde que Ginna e Jamie tinham voltado da breve visita a Gene e à família dele. Ginna abanava a cabeça. Tudo aquilo era tão surreal, tão bizarro, que ainda nem conseguia organizar os factos na sua cabeça. A alguns quarteirões dali, o seu irmão Gene encontrava-se numa casa imersa na obscuridade, muito semelhante àquela, sem o seu único filho. Tommy estava na cadeia. E ali estava ela na sua própria cozinha vazia, à luz do fogão, sem as suas filhas. Julie e Robin ainda não tinham voltado para casa.

A cada hora que passava, diferentes cenários se desenhavam. *Talvez elas tenham chegado à ilha de Mosenstein, no meio do rio, e não consigam nadar até à margem. Talvez tivessem demasiada vergonha para andar nuas à luz do dia e procurar ajuda. Agora que está escuro, talvez procurem um telefone.*

Mas estas possibilidades tornavam-se cada vez menos prováveis a cada movimento do relógio. *Talvez estejam inconscientes na margem do rio, algures, ou tenham amnésia. Talvez tenham partido as pernas na queda e não consigam andar para pedir ajuda.*

Qualquer coisa, por muito horrível ou rebuscada que fosse, era melhor do que a verdade iminente: Julie e Robin estavam mortas. Tinham sido brutalizadas e assassinadas e nunca mais iam voltar.

- Pelo menos estavam juntas - dizia Ginna constantemente. - Vão ficar bem porque estão juntas.

Ninguém em Petite Drive dormiu naquela noite. Por fim, Jamie adormeceu no sofá. De tempos a tempos, acordava e ocupava-se com um dos seus trabalhos manuais ou videojogos até se cansar e voltar a adormecer. Ginna e Marianne mal saíram da mesa da cozinha. A certa altura, a meio da noite, Jacquie retirou-se para a cave durante algum tempo e tentou dormir no colchão que servira de poiso aos muitos amigos a precisar de um sítio para ficar

que Robin habitualmente trazia para casa. Jacquie deu voltas e voltas ali durante uma hora ou duas e depois tornou a subir os degraus, nada surpreendida por ver Ginna ainda instalada à mesa da cozinha.

- Não consegues dormir, querida? - perguntou Ginna.

Jacquie abanou a cabeça. Ginna era a rapariga mais velha da família Cummins e Jacquie era a mais nova. Havia quase vinte anos de diferença entre elas, e Ginna era mais como um mãe para Jacquie do que uma irmã. Naquele momento, era exatamente o que ambas precisavam. Ginna precisava de mimar e apoiar alguém, de ser mãe. E Jacquie, que estava física e emocionalmente exausta, aceitava de bom grado a atenção.

- Leite e bolachas - anunciou Ginna. - A combinação de leite e açúcar dá-me sempre sono. É disso que precisas. Uma boa dose de leite e bolachas.

Levantou-se e pegou num pires, encheu-o de bolachas e pousou-o em frente à irmã mais nova com um copo alto de leite frio.

- Obrigada - disse Jacquie, e deu o seu melhor para esboçar um sorriso a Ginna.

*

A sala de Fair Acres Road estava cheia de vultos adormecidos, ou pelo menos vultos deitados e inquietos que tentavam dormir. O quarto das traseiras, onde Tink e Kathy tinham dormido a semana toda, transformara-se num lugar assustador para as duas raparigas. Para elas, aquele quarto fora o ponto de partida para toda esta situação, e nenhuma delas pensara sequer em tentar dormir ali naquela noite, ou mesmo no futuro. Portanto, os pais tinham tirado o colchão do sofá-cama para o chão e depois voltado a fechar o sofá. As duas irmãs deitaram-se em posições inversas no sofá enquanto os pais se estenderam no colchão por baixo delas, e *Blarney* farejou um corpo e outro, acabando por se aninhar num lugar

quente ao lado de Gene. Mas ninguém dormiu verdadeiramente. Claro que houve momentos de inconsciência, mas foram espaçados e interrompidos em ciclos. Todos tiveram o mesmo pesadelo e todos, à vez, acordaram com suores frios e se confortaram uns aos outros.

Perto da madrugada, Tink e Kathy acordaram e encontraram a mãe sentada de pernas cruzadas no meio do colchão, na sua fina camisa de noite de seda. As mãos tapavam-lhe a cara e ela balançava-se para a frente e para trás, devagar. O seu pranto era tão agudo e penetrante que era insonoro, mas mesmo assim o fôlego cortava o ar. O pai estava ajoelhado à frente da mãe com os braços em volta dos seus ombros, tentando em vão confortá-la. O tom rosa de uma aurora relutante insinuava-se nas janelas, e a sala estava carregada de angústia. A primeira noite da nova vida deles tinha acabado.

² Forma abreviada de *Phencyclidine*. A fenciclidina, também conhecida como pó de anjo, é uma droga desenvolvida como anestésico, muito semelhante à quetamina (ou cetamina), com poderosa ação alucinogénica. (*N. do T.*)

CAPÍTULO 11

Tom estava com sede quando acordou, e o homem que pairava sobre si, dobrado pela cintura a olhar de cima para o rosto dele, segurava um copo descartável com água.

- Pequeno-almoço - disse o homem, quase a sorrir.

Era um tipo mais velho e vestia-se como um empregado de limpeza, pensou Tom. Fosse ou não, parecia o avô de alguém e tinha uma cara simpática. Tom soergueu-se sobre os cotovelos e sentou-se lentamente, desdobrando as suas articulações da cama de metal e tentando avaliar as diversas dores.

O homem deu um passo atrás para dar a Tom algum espaço para se esticar antes de lhe passar o copo descartável e um pão de canela *Hostess*, ainda embrulhado em celofane. Tom agradeceu-lhe e desta vez o homem sorriu a sério. Acenou com a cabeça e saiu pela porta sem dizer nada, trancando-a depois de sair.

Tom não sabia que horas eram, mas sentia-se um pouco revigorado pelo sono. Era impossível ver as horas à escassa luz natural que entrava pela única janela, alta, da divisão, e o relógio dele tinha desaparecido - levado por um dos quatro rapazes que deveriam estar ali sentados, a comer um pão de canela *Hostess* e a empurrá-lo com um copo de água morna, da torneira. Calculava que se os quatro tipos não lhe tivessem roubado o relógio, a polícia ter-lho-ia tirado de qualquer modo, juntamente com o seu cinto e atacadores, na noite anterior, pelo que deste ponto de vista não era na verdade uma perda importante.

Tom acabou o pão e não tinha onde deitar o invólucro, por isso deixou-o amarrotado na cama, ao seu lado. Não havia brisa que o agitasse, pelo que ficou imóvel na cama como se tivesse criado raízes ali. Tom amarfanhou-o ainda mais e atirou-o para o chão.

Engoliu o resto da água morna, mas ainda tinha sede, por isso chamou, em vão, um guarda. Chamou a intervalos de segundos durante alguns minutos, mas mesmo assim ninguém apareceu.

Tom levantou-se da cama verde de metal e dirigiu-se ao lavatório verde de metal instalado na parede ao fundo da sua cela. Rodou o manípulo estridente da torneira e a água morna e amarelada saiu em jorro. Pousou o copo na beira do lavatório e voltou a fechar a torneira. *Nem para lavar as mãos usava esta água*, pensou.

Por isso, foi antes dar uso à sanita verde de metal. Quando acabou, voltou à sua cama verde de metal e depois decidiu mudar de poiso e passar para outra cama. Precisamente quando começava a questionar-se sobre como podia passar mais um segundo sozinho na cela sem perder o juízo, ouviu passos a aproximarem-se.

- O teu advogado está aqui para te ver - anunciou o guarda enquanto se aproximava da cela de Tom e levantava o seu pesado molho de chaves para abrir a porta.

O homem não era propriamente amistoso, mas também não parecia nutrir a hostilidade absoluta que Tom experimentara na noite anterior. Foi um alívio, e a disposição de Tom melhorou um pouco quando saiu da sua cela e seguiu o guarda não-violento pelo corredor iluminado por lâmpadas fluorescentes em direção a Fabbri. *Como as coisas podem mudar num dia e meio*, pensou Tom. *Meu Deus, as coisas por que agora me sinto agradecido.*

Em Fair Acres Road, o ambiente estava no seu ponto mais baixo até então. Não havia absolutamente nada que a família pudesse fazer. Só lhes restava esperar. Tink e Kathy precisavam as duas de tomar um duche, mas a perspectiva de passar qualquer tempo sozinhas com os seus pensamentos assustava-as a ambas a ponto de levar à procrastinação, portanto, em vez disso, retomaram os seus lugares no sofá com o seu baralho de cartas gasto. Gene e Kay andavam de um lado para o outro pela casa como animais selvagens enjaulados enquanto a avó Polly se atarefava na cozinha, na esperança de que alguém tivesse vontade de comer. O avô Art alternava repetidamente o olhar entre o seu relógio de pulso e o de parede, até que por fim, por volta das oito e meia, já não aguentou mais.

- Vou dar uma volta de carro - anunciou à mulher, antes de enfiar as chaves no bolso do casaco e sair, cambaleante, pela porta.

- Então aonde vais, Art? - perguntou a avó Polly à porta da cozinha com uma frigideira na mão.

Mas ele já partira e a porta já estava fechada. Quando voltou, cerca de uma hora mais tarde, trazia secretamente a escritura da sua própria casa. Tal como o avô Gene, estava determinado a prestar todo o apoio financeiro de que o seu neto precisasse.

*

O cabeçalho da primeira página do *St. Louis Post-Dispatch* da manhã de sábado, 6 de abril de 1991, dizia: «Duas irmãs desaparecidas em N. County: polícia detém primo depois de história de ataque». Julie e Robin estavam lindas, na primeira página, mas as suas fotos pareciam pequenas ao lado de uma fotografia enorme, em grande plano, de um dos poços de visita ferrugentos da ponte. A polícia era citada repetidamente no artigo, alegando que Tom Cummins feito uma abordagem sexual à sua prima

Julie, e que ela tinha caído da ponte durante a luta que se seguia. A sua irmã Robin também tinha caído, explicavam, ao tentar ajudá-la.

Na página oito, onde o artigo continuava, havia uma grande foto panorâmica da ponte e um instantâneo de uma das equipas de socorro no seu barco. O artigo descrevia brevemente os esforços de busca pelas raparigas da Guarda Costeira dos EUA, o Departamento de Polícia de St. Louis e diversas equipas de salvamento de ambas as margens. Dizia-se que Tom tinha «feito declarações incriminatórias sobre o incidente». E Julie e Robin eram descritas como «raparigas simpáticas e muito boas alunas». No fundo do artigo, também estava a foto de um dos inspetores, a segurar uma lanterna que tinha sido encontrada na ponte. A legenda dizia: «A polícia acredita que o dono desta lanterna pode ter sido testemunha do incidente. A lanterna tem a palavra HORN 1 gravada».

A polícia tinha a lanterna perdida de Antonio Richardson.

Do outro lado da cidade, em Edgewood Avenue, não muito longe do apartamento onde Richardson vivia, o dono original da misteriosa lanterna HORN 1 estava a ler o jornal, e estava estupefacto. Ron Whitehorn, motorista de autocarro e ex-agente da polícia, reconheceu a sua lanterna perdida como a prova central na investigação de homicídio.

A filha de Ron, Stephanie, e o irmão tinham convidado algumas pessoas para irem lá a casa uma noite em março enquanto os pais estavam fora. Antonio Richardson estava entre elas; Antonio Richardson tinha roubado a lanterna.

Ron Whitehorn telefonou imediatamente à polícia para transmitir esta informação e identificou Antonio Richardson como a potencial «testemunha» que procuravam desde sexta-feira.

Na esquadra, Tom Cummins, que ainda não se lavara, sentia bastante comichão enquanto olhava pelo vidro manchado e imundo para o seu advogado impecavelmente vestido. A sala era pequena e Tom estava sentado num banco giratório aparafusado ao chão como o de um velho restaurante barato de beira de estrada. Não havia aqueles telefones vistosos como tinham na série *Ação em Miami*, constatou Tom, e ficou secretamente aliviado. Já se sentia criminoso o suficiente ali dentro, para ainda ter de falar com pessoas no mundo real por um telefone quando estava a olhar para elas.

- Bom dia - disse Fabbri, e presenteou Tom com um sorriso.

- Bom dia. - Tom retribuiu o sorriso, mas o de Fabbri era mais genuíno.

Fabbri não se deu ao trabalho de perguntar ao rapaz como estava: era uma pergunta que só traria resultados desastrosos. Fabbri aprendera bem as regras da etiqueta da cadeia, e o que estava ali para contar a Tom certamente não iria fazer o jovem sentir-se melhor, por isso não valia a pena perder tempo com conversa de circunstância.

- Estou aqui para te explicar o procedimento de hoje - começou Fabbri. - Não quis falar disto tudo ontem à noite porque estavas exausto e precisavas de dormir. Mas agora que descansaste, está na hora de perceberes o que está a acontecer.

Tom assentiu do outro lado do vidro manchado.

- Sabe, eles vieram buscar-me ontem à noite, como o senhor disse que viriam - disse bruscamente.

- Queres dizer que estiveram a fazer perguntas, como os outros antes?

- Sim, e a fazer troça de mim e a comportar-se como idiotas - explicou ainda Tom.

- E tu não lhes disseste nada, pois não? - Os olhos azuis de Fabbri estavam arregalados, as sobrelanceiras altas, arqueadas numa expressão de preocupação.

- Não - respondeu Tom, quase com orgulho.

- Ótimo. - Fabbri sorriu, aliviado. - Bom trabalho.

A pequena revelação tinha sido a forma de Tom de agradecer a Fabbri. Ao dizer-lhe que as coisas tinham acontecido exatamente como previra, e que Tom seguira o seu conselho sábio, Tom tentava expressar a sua gratidão. Havia tanto mais que queria dizer antes de avançarem para todo o drama legal e o terrível futuro de Tom, mas ele estava desconcertado. Queria agradecer a Fabbri por acreditar em si, agradecer-lhe por o ter tirado daquele pesadelo na véspera, agradecer-lhe por o ter salvado. Queria dizer a Fabbri que faria tudo o que sugerisse, porque ele lhe tinha salvado a vida no dia anterior e Tom contaria que ele lhe salvasse a vida outra vez, a cada momento, dali em diante. Mas à luz limpa da manhã, Fabbri parecia um advogado de cinema num fato Armani e Tom estava sentado timidamente na sua roupa imunda, a remexer no canto da divisória de metal, diante de si.

Fabbri sorriu-lhe calorosamente e abanou a cabeça. *Pobre miúdo*, pensou.

- Bem, suponho que devíamos começar - começou Fabbri, olhando para Tom em busca de confirmação.

Tom assentiu e Fabbri começou a explicar as complicações jurídicas daquele dia. Segundo a lei estadual do Missouri, explicou, a polícia tinha vinte horas a partir do momento da detenção para obter mandados a imputar a Tom as duas acusações de homicídio premeditado. A polícia iria apresentar as suas provas ao procurador de St. Louis, Nels Moss, e este iria dizer-lhes se o caso era sólido o suficiente para emitir os mandados. Sendo um dos melhores procuradores da cidade, e o homem que normalmente ficava com os casos de homicídio mais notórios, Nels Moss era também o homem que iria acabar

por assumir este caso. Isto era má notícia para Tom, explicou Fabbri, porque ele iria obviamente querer um processo isento de falhas contra o suspeito.

- Não faço ideia do tipo de provas que a polícia vai apresentar, mas se eles tiverem alguma coisa importante, Mr. Moss vai querer que esses mandados sejam emitidos - explicou Fabbri.

- Está bem - disse Tom, a acenar com a cabeça. - Então o que acontece a seguir?

- Bem, depois de os mandados serem emitidos, ficas detido até segunda-feira para a tua comparência inicial perante o juiz. Como o homicídio premeditado é um crime capital, o mais provável é que *não* te seja oferecida fiança. Portanto, Tom, o que preciso que faças é que comeces a tentar habituar-te à ideia de que podes ficar aqui dentro algum tempo. O julgamento pode ser daqui a um ano ou mais e tu podes muito bem ficar na prisão até lá. Eu sei que isto é muita coisa para assimilar, mas esta é a tua tarefa de hoje. Preciso mesmo que comeces a habituar-te a esta ideia para podermos avançar e tornarmo-nos uma equipa produtiva. Não vai ser fácil.

Tom entrelaçou as mãos diante de si, e a calma que acompanhara o seu sono esvaiu-se. Ficou gelado enquanto a voz de Fabbri atravessava a tela de metal à sua frente. Imaginou que conseguia sentir a calma a escapar-lhe da cabeça, a deslizar pelo seu corpo abaixo, a infiltrar-ser-lhe humidamente nos sapatos e depois a afundar-se numa poça fluída no chão que iria abandoná-lo e fugir da prisão sem ele. Tinha as mãos geladas e a tremer, e sentia os dedos dos pés frios e rígidos nos sapatos, mas o resto do seu corpo estava quente e febril.

- Como vai a busca? - perguntou Tom abruptamente.

- Desculpa?

- As minhas primas? Encontraram algum vestígio da Julie ou da Robin? - perguntou Tom com crescente desespero.

- Lamento, Tom. - Fabbri abanou a cabeça.

- É só que... - disse Tom numa voz precipitada, e o seu rosto corou de vergonha com o puro egoísmo daquilo que estava prestes a dizer - só que... se eles as encontrassem. Se uma delas sobrevivesse, elas iriam dizer-lhes, eu...

A voz de Tom esmoreceu e ele levantou a mão para tapar a cara.

- Oh, meu Deus - disse em voz baixa e as primeiras lágrimas do dia escorreram-lhe pela cara.

*

Tink e Kathy queriam ir a casa de Ginna e não percebiam bem porque não lho permitiam. Não percebiam a tensão que contagiara a família delas mal Tom fora acusado de assassinar Julie e Robin. Gene e Kay concordavam que a presença delas em casa de Ginna podia ser problemática - para Rick e para todos os outros que não conhecessem bem Tom, que pudessem acreditar minimamente nas alegações. Então, para bem de Ginna, num esforço para serem atenciosas numa situação extremamente delicada, elas mantinham-se afastadas. Em vez disso, todas as tias e tios e primos vinham de visita a Fair Acres Road por turnos.

Mas Tink e Kathy não ficavam apaziguadas com as breves e constantes visitas. Queriam estar com Jamie e Ginna - queriam estar lá quando a notícia de uma descoberta chegasse. E com a luz crescente do dia, todos tinham esperança de que houvesse algum tipo de descoberta. Tinha havido um telefonema anónimo para um dos canais de notícias locais com a informação de que alguém tinha de facto visto duas mulheres na ilha Mosenthein, pouco a sul da ponte Chain of Rocks. A polícia disse à família para não ter muitas esperanças, que a informação fidedigna normalmente chegava à polícia e não através dos *media*. Mas por esta altura, a esperança era a única coisa que mantinha a família à tona, por isso,

agarraram-se ao rumor. Em privado, muita gente naquelas duas casas procurou recantos tranquilos para se ajoelhar, entrelaçar as mãos diante de si e sussurrar orações fervorosas acerca destes rumores.

As horas escoavam-se como uma espécie de xarope repulsivo, tiquetaqueando. Rostos e vozes passavam para dentro e para fora, para trás e para a frente, entre as duas casas, mas em geral, eles não se ouviam nem viam uns aos outros. Simplesmente esperavam. De Petite Drive para Fair Acres Road e vice-versa. De jogo de cartas na mesa de centro a vômito no quarto de banho e vice-versa. Da Nintendo às notícias, de hora a hora, que não traziam notícias e vice-versa.

E toda a gente tentava desesperadamente não reparar na ausência das duas vozes vivas e alegres – aquelas duas vozes que normalmente riam e brincavam e pregavam sermões e ralhavam e, de alguma forma, tornavam tudo leve e certo.

*

Do outro lado da cidade, na esquadra da polícia, Nels Moss estava sentado com as pernas cruzadas pelo joelho, a ler atentamente a pasta aberta diante de si. Moss tinha um ar jovem para a idade, apesar do cabelo branco e do cachimbo que lhe pendia muitas vezes do canto da boca. Aos quarenta e oito anos, estava em boa forma física e mantinha a barba e o bigode brancos bem aparados. Parecia um académico e, de facto, tinha uma reputação a condizer. A Associação de Advogados do Missouri classificava a capacidade jurídica de Moss como muito alta a notável e atribuía-lhe níveis morais muito elevados. Dentro do Departamento de Polícia de St. Louis, conquistara o maior respeito possível, juntamente com a alcunha de «Boss Moss». O sargento Nichols e o inspetor Richard Trevor estavam calados à mesa, diante de si, à espera de que falasse. Estavam seguros de que ele

concordaria com os mandados que queriam, mas sabiam que não deviam apressá-lo.

- Muito bem, então o que é que têm, na verdade? - perguntou Moss, olhando Nichols nos olhos enquanto falava.

- Bem - começou Nichols -, não temos propriamente nenhuma prova física, mas conseguimos uma confissão.

- Muito bem, isso deve bastar - disse Moss. - Escrita ou filmada?

- Bem, nem uma nem outra, na realidade.

- Então *têm* uma gravação sonora - sugeriu Moss.

Nichols abanou a cabeça e olhou para o carrancudo Trevor.

- Hum. Não propriamente - disse.

- Bom, então não têm uma confissão - disse Moss bruscamente. - Qual foi, exatamente, a natureza do depoimento?

- Bem... - Nichols baixou a cabeça um pouco como uma criança repreendida enquanto relatava fielmente o cenário que tinham designado como a «confissão de Tom». - Ele disse: «Se dizem que fui eu, então está bem, fui eu.»

Moss cruzou severamente os braços diante de si enquanto ouvia, e quando Nichols acabou de falar, o procurador fez deslizar a pasta de cartolina fechada para o outro lado da mesa e levantou-se para se ir embora.

- Não têm provas - disse. - Confissão, cadáveres, testemunhas... *Provas*. Soltem o miúdo. Entretanto, sugiro que intensifiquem a vossa busca daquelas duas miúdas. Venham falar comigo quando tiverem alguma coisa com que eu possa trabalhar.

*

Tink ainda tinha o lenço vermelho de Julie atado à volta do pulso direito. Estava deitada na poltrona reclinável do avô, a ouvir Simon & Garfunkel no seu Walkman e a tentar não se sentir vazia. «Bridge over Troubled Water» estava

a tocar e Tink estava mesmo a pensar em desligar a música, por a ironia ser demasiado pesada para o momento³, quando o telefone tocou. Mal o telefone tocou, a casa parou tão completamente que parecia ter estado a girar até àquele momento. Lá fora, todos os pássaros de todas as árvores de Fair Acres Road fecharam o bico e tomaram fôlego, à espera. Rodas de carretas de criança detiveram-se em plena curva e a água do aspersor da casa ao lado pairava suspensa no ar enquanto o mundo parava.

Tink fez rolar o seu corpo sobre o braço da poltrona reclinável e cambaleou em direção ao telefone, mas quando dobrou a esquina, o pai já se encontrava ali à sua frente com o auscultador no ouvido. Não havia som. Os lábios do pai moviam-se, mas não se ouvia nada. Kathy e Kay também estavam ali, agora, e todos se abraçaram. As orações que se levantaram daquela cozinha naquele momento pareceram as orações mais rápidas, mais ardentes e mais frenéticas que alguma vez haviam sido rezadas.

O primeiro som foi o clique em câmara lenta quando Gene voltou a pousar o auscultador no descanso. A expressão dele era impossível, indecifrável. Tinha um ar maldisposto, assustado e atordoado ao mesmo tempo. E então falou.

- Ele saiu! - gritou Gene, e as lágrimas que se soltaram dos seus olhos eram lágrimas de alegria e alívio. Abanou a cabeça, incapaz de acreditar nas palavras, mesmo enquanto estas saíam da sua própria boca.

- Vão libertá-lo. O procurador examinou os mandados, disse que eles não têm provas.

Gene segurava o rosto da mulher nas suas mãos, agora, e Kay não conseguia falar, enquanto os lábios e o rosto lhe tremiam de alívio. Tink cobriu a cabeça com as mãos e chorou, a olhar para o teto e a gritar:

- Obrigada, obrigada - até que Kathy a agarrou e as duas irmãs desabaram no chão, felizes e soluçantes.

Tom foi o último a saber da sua própria liberdade, e o que pensava ser a primeira de muitas tardes na cadeia já parecia uma eternidade. Nunca tinha sido claustrofóbico, mas a sala de metal verde há muito que começara a parecer uma pequena caixa de lata, e ele uma sardinha enfiada ali dentro. Tinha estado a andar de um lado para o outro desvairadamente, a lutar com a ideia de ficar naquele lugar e claramente a perder o combate. Respirava o mais fundo que podia e esticava os braços e as pernas constantemente, como que para se assegurar de que ainda tinha espaço suficiente para fazer essas coisas. Mas não ajudava.

À hora de almoço, estava tão longe de aceitar o seu destino quanto estivera quando Fabbri lhe sugerira a ideia naquela manhã. Quando o guarda mal-encarado lhe veio trazer o almoço de salsicha com feijão e o obrigatório copo descartável de água morna para o empurrar, Tom desejou que fosse o empregado de limpeza daquela manhã. Pelo menos aquele homem parecera alguém com quem podia ter uma conversa. Tom olhou com aversão para o copo descartável enquanto o guarda o passava cuidadosamente pelas grades e o pousava no chão de pedra dentro da cela.

- Alguma hipótese de me darem uma Coca-Cola, ou pelo menos um copo de gelo?

Tom não estava habituado a começar um dia sem cafeína, e a cabeça dele começava a latejar.

- Não é permitido vidro: vigilância de suicídio - explicou o guarda rudemente.

O homem parecia não ter nenhuma desculpa em relação aos pedidos de Coca-Cola ou gelo, mas fosse como fosse, Tom esgotara toda a sua paciência para conversar. Levantou o flácido prato descartável e começou a mastigar silenciosamente a sua salsicha com feijão. O

guarda partiu sem mais uma palavra. Tom acabou a comida numa questão de minutos e quando terminou, desejou ter prolongado o processo de comer um pouco mais. Comer era alguma coisa para fazer e gastava tempo. Agora que a refeição tinha terminado, Tom estava mais uma vez sozinho com os seus pensamentos.

Dormitava esporadicamente na cama de metal verde sem qualquer noção de quão rápido ou devagar o tempo estava a passar. De cada vez que adormecia e voltava a acordar, parecia-lhe que uma noite inteira havia passado. Acordava com um sobressalto, sentava-se abruptamente e balançava as pernas sobre a beira da cama, meio à espera de encontrar a seu lado o empregado de limpeza simpático.

Porém, no pequeno recanto da sua mente que mantinha contacto com a realidade, Tom sabia que ainda devia ser início da tarde. Não lhe tinham trazido o jantar, pensou. Os pais de Tom sempre haviam tido o hábito de equiparar a passagem do tempo à ingestão estritamente planeada de alimentos, um hábito que sempre o irritara a ele e às irmãs. Que estranho, pensou, que agora essa mesma rotina fosse como uma tábua de salvação para si. Mas além disso, Tom também tinha consciência de que, antes de lhe trazerem o jantar, lhe iam trazer outra coisa: a notícia sobre os seus mandados. O medo que naquela manhã se alastrara por ele numa vaga de pânico alojava-se agora profundamente nos seus ossos. E embora estivesse mais assustado do que nunca, quase ansiava pela notícia. Precisava da finalidade do anúncio e queria que acabassem com aquilo. O seu estômago dava voltas quando pensava nisso, portanto tentou focar o pensamento noutras coisas.

Passados momentos, estava a dormir outra vez e a sonhar em andar no Abelhão com Julie, só que nos sonhos o carro era um descapotável e não havia tiras de tecido esfiado a pender sobre si. O carro também não tinha chão,

e Tom e Julie tinham de usar os pés, à Flintstone, para conseguir que o carro parasse e andasse. Não havia rádio, mas não importava porque Robin ia a cantar alto no banco de trás e estavam os três a rir enquanto o vento lhes sacudia o cabelo e circulavam alegremente no seu carro trepidante sobre a vazia e soalheira velha ponte Chain of Rocks...

O som áspero de chaves e passos despertou Tom desta vez, deixando-o momentaneamente confuso com o sonho. Levantou-se e esticou-se enquanto os passos se aproximavam, e quando o guarda apareceu na cela, abriu a porta sem uma palavra. Sacudiu a cabeça a Tom num gesto de «vem atrás de mim», e Tom alinhou o seu passo com o dele. O sonho nebuloso e feliz esvaíra-se da sua consciência ao acordar, e, em contraste, o medo que o substituiu era mais forte do que nunca. Tom seguiu o guarda em silêncio por alguns momentos antes de arriscar algumas palavras de cautelosa inquirição.

- O meu advogado veio visitar-me? - perguntou.

- Não - respondeu o guarda, lacónico.

- Bem, o que está a acontecer, então? Isto tem alguma coisa que ver com os mandados?

- De certa forma, sim - respondeu o guarda. - O procurador decidiu examinar os mandados.

Tom não percebia o que isto queria dizer. Esperou que o guarda explicasse mais.

- Vais ser libertado - disse o guarda, sem tentar disfarçar a sua aversão.

Tom gelou.

- Libertado? - disse, incrédulo.

- Sim - respondeu o guarda. - Libertado.

O rosto de Tom quebrou-se num sorriso contorcido e a sua respiração falhou. O rosto corou enquanto a sua respiração vacilava, e quando finalmente ofegou, escapou-lhe um arquejo gigantesco. A cabeça girou-lhe e sentia o corpo leve e torcido, como se estivesse a crescer e a

esticar visivelmente ali ao lado do guarda na luz fluorescente do corredor. Tom pensou que ia cair de joelhos e rachar os ladrilhos de linóleo por baixo de si com a tremenda queda. Quase estendeu as mãos para o guarda para se apoiar fisicamente, mas deteve-se a tempo e, em vez disso, encostou-se ao tijolo pintado da parede do corredor. Estava a rir e chorar ao mesmo tempo, e as suas mãos tapavam-lhe a cara enquanto tentava manter-se direito.

- Meu Deus - gritou. - Obrigado obrigado obrigado.

- Não me agradeças *a mim* - cuspiu o guarda enojado.

Tom deu o seu melhor para se recompor e endireitar o corpo completamente.

- Não estava a agradecer-lhe - respondeu, com toda a falsa animosidade que conseguiu reunir. - Ergueu o queixo mais alto do que alguma vez o erguera, tinha a certeza, mas permitiu que as lágrimas ficassem nos sulcos que tinham aberto nas suas faces. Agora não ia pedir desculpa. Tinha direito a estas lágrimas.

- Tire-me daqui - foi a única coisa que disse.

*

Tom foi libertado da prisão sem alarido. O guarda levou-o por inúmeros corredores idênticos até outra pequena janela de acrílico onde lhe foram dados alguns papéis para preencher. Quando acabou, trocaram-lhe os papéis pelos atacadores e o cinto dele e depois abriram o portão que separava a ala da cadeia do resto do edifício. Tom atravessou o portão sozinho e o guarda tornou a fechar-se lá dentro, deu meia-volta e afastou-se pelo longo corredor.

Tom deteve-se por breves momentos junto ao portão fechado e pesou as suas opções. Presumira que ou Frank Fabbri ou os seus pais, ou talvez até um grupo inteiro de familiares, estariam ali para o receber no momento da libertação. Porém, em vez disso, deu por si sozinho junto a um portão trancado, no que parecia ser uma espécie de

pequena sala de estar, sem saber sequer que caminho o levaria até ao exterior do edifício. Os escassos assentos na sala encontravam-se quase todos vazios, mas um estava ocupado por um velho negro que parecia estar à espera de alguém. O homem tinha as rugas de um sorriso marcadas profundamente no rosto e segurava um maço de cigarros de mentol nas mãos, que girava uma vez e outra, irrequieto. Tom abordou-o.

- Desculpe, importa-se que fume um desses? - perguntou Tom, apontando para o maço.

O homem levantou a cabeça e sorriu a Tom, exibindo todas as rugas do seu sorriso na sua forma mais profunda e majestosa.

- Rapaz - respondeu ele -, tu estás com cara de quem precisa do maço inteiro.

Ele riu um riso profundo e arranhado de fumador e passou o maço meio cheio de cigarros a Tom, e depois estendeu a mão para o cumprimentar.

- Obrigado - gaguejou Tom.

Ele apertou-lhe a mão estendida e virou-se rapidamente numa tentativa de poupar o homem a um espetáculo de lágrimas de gratidão. Aquele homem nunca saberia a fé que ajudara a restaurar naquele breve momento. *Depois de tudo, ainda posso esperar ser surpreendido pela bondade de um perfeito desconhecido*, pensou Tom, reconhecendo na ideia uma ingenuidade reconfortante e muito própria de Julie.

Quando Tom saiu da pequena sala de estar, uma sensação de urgência começou a crescer dentro de si. Aquele edifício estava cheio de pessoas que se tinham claramente definido como suas inimigas, e tinha a certeza de que essas pessoas não ficariam muito contentes quando soubessem da sua libertação. Tom não queria ficar ali e dar-lhes mais oportunidades de expressarem a sua raiva despropositada. Pensou brevemente nos quatro agressores, dois dos quais tinham estado naquele edifício,

a examiná-lo de trás daquele espelho ainda no dia anterior. Tom ainda não sabia a que ponto a polícia tinha mentido – não sabia que aqueles dois homens nunca tinham entrado no edifício. Por isso, o pânico dele perante a ideia de os encontrar era muito real e assustador.

Tinha de sair dali e tinha de sair rápido. Percorreu corredor atrás de corredor em direção ao que pensava ser a frente do edifício até ver luz natural a jorrar por uma porta de vidro. Dirigiu-se à porta, rompendo num passo rápido ao fazê-lo e olhando nervosamente por cima do ombro para ver se estava a ser seguido. Havia algumas pessoas a andar por ali ou a falar em voz baixa umas com as outras, mas ninguém parecia estar a prestar-lhe atenção. Ficou aliviado, mas não parou de andar depressa quando chegou à porta. Em vez disso, abriu-a de par em par e começou a correr abertamente, ignorando a pontada aguda na anca e as dores persistentes no resto do corpo. Não tinha reparado nas dores tão vividamente antes, quando estava fechado e todos os seus movimentos eram lentos e limitados.

Saltou pelos degraus abaixo e atravessou a rua sem olhar para o trânsito, com sorte por ser uma tarde de fim de semana e não haver muitos carros na rua. Só parou quando chegou ao outro passeio. Olhou para trás, para o lado oposto da rua, para confirmar que ninguém o tinha seguido, e depois baixou-se na beira do passeio para pensar por alguns momentos, apercebendo-se da dor aguda na anca direita pela primeira vez. Estremeceu, mas a dor passou assim que se sentou e se concentrou em tentar analisar cuidadosamente a situação.

Estava algures na baixa de St. Louis. Estava na zona de negócios e não havia muitas pessoas por ali. Imaginou pela luz da tarde que fosse qualquer coisa entre as três e as quatro. Não tinha um único tostão e ninguém estivera à espera para o vir buscar quando o tinham libertado da prisão. Fabbri mostrara-se tão seguro de que a família

estava do seu lado, a apoiá-lo. E o pai abraçara-o com tanta ternura no elevador na noite anterior. Mas não tivera qualquer contacto direto com nenhum deles desde então. Certamente que não o tinham abandonado. A vida de Tom mudara tão completamente nos últimos dois dias que já não podia ter a certeza de nada. Talvez pensassem que era um assassino. Talvez os pais tivessem decidido que, afinal, seria melhor não se enterrarem mais e deixá-lo safar-se sozinho da situação para a qual os tinha arrastado a todos. Só havia uma maneira de descobrir. Tinha de chegar a um telefone.

Olhou em volta e percebeu que estava na orla de um parque de estacionamento e que havia um telefone público não muito longe. Foi a coxear em direção ao telefone, com a dor na anca a pedir um movimento mais delicado, nesse momento. Não pensou no facto de não ter moedas até estar parado em frente ao telefone a olhar para ele, mas esse problema foi facilmente resolvido: faria uma chamada paga pelo destinatário. O problema mais urgente, claramente, era para que *número* telefonar. Sabia a morada dos avós de cor, mas o número de telefone nunca parecera tão importante. Normalmente telefonava de lá, e não o contrário. Além disso, Julie sabia o número, pelo que, quando precisara de telefonar para dizer aos pais que ia chegar a casa tarde, ela tinha marcado o número por ele. Apoiou o auscultador no ombro e marcou 411 com um indicador visivelmente trémulo.

No espaço de um minuto, a telefonista tinha ligado a chamada de Tom ao nome e morada que ele dera. A avó Polly atendeu ao segundo toque.

- Avó? - disse ele, mas a telefonista estava a falar por cima.

- Aceita uma chamada do Tom, a cobrar no destinatário? - disse numa voz aguda e nasalada.

- Claro! - respondeu a avó Polly, e o coração de Tom derreteu-se mais uma vez de alívio com o som da voz dela.

- Avó? - disse. - Consegui sair. Eles deixaram-me sair e eu não sei para onde ir. Ninguém estava aqui para me apanhar e não tenho dinheiro para um táxi... nem sei onde apanharia um táxi e tenho medo de voltar à esquadra, caso eles decidam voltar a prender-me ou algo do género...

As palavras de Tom saíram à pressa e se não fosse a crueza das suas emoções, ter-se-ia sentido bastante parvo pela torrente de palavras temerosas.

- Ouve-me, querido, vai correr tudo bem - apaziguou-o a avó Polly. - A tua mãe e o teu pai estão a caminho daí agora mesmo. Só receberam o telefonema há certa de um quarto de hora e saíram daqui como um furacão. Devem chegar em breve. Fica onde estás, ouviste? Não te preocupes com voltar lá dentro. Se tens medo, então tens razão para ter medo e basta que sigas os teus velhos instintos. Não saias daí, eles encontram-te.

Tom tentou arrancar um autocolante que estava a descascar-se do canto da cabine telefónica e as lágrimas correram-lhe pelo rosto enquanto a avó falava. Era tão bom ouvir a voz dela. E a avó era tão carinhosa e encorajadora que todos os seus medos anteriores foram aliviados. Sabia que devia desligar em breve, que este telefonema lhe ia custar uma fortuna.

- Está bem, avó, eu espero aqui. Acho que é melhor ir, eu telefonei a cobrar no destinatário - disse. Mas apesar dos seus melhores esforços para parecer forte, o tremor na sua voz era inconfundível.

- Vais desligar assim o telefone? - brincou a avó Polly. - Tu foges e tens todas estas aventuras sem nós, e agora nem queres falar comigo ao telefone. Vais encontrar-te com alguma miúda ou algo do género? Alguma coisa mais importante do que pôr a tua velha avó a par dos acontecimentos?

Tom riu-se, claramente aliviado por ela não estar a deixá-lo ir embora. Pressentira o seu medo e não se

importava se este telefonema acabasse por lhe custar metade das suas poupanças. Ela não ia desligar aquele telefone.

- Tommy, não sei se te contei isto, mas tenho andado a aprender aquela dança do *electric slide*? Estou a ficar mesmo boa nisto, sabes? Estive a mostrar ao avô no outro dia, fiz-lhe uma demonstração completa ali na sala de estar. Estava sentado na cadeira preferida dele, por isso obriguei-o a pousar o jornal, pus música *country* e dancei o *electric slide* para ele. Adoro dançar. Conheces a dança do *electric slide*?

- Hum, não, avó, não posso dizer que conheça - respondeu Tom.

Sabia o que ela estava a fazer, a tentar distraí-lo daquela situação, mas foi de tal modo surpreendido pela imagem da sua avó a divertir-se pela casa ao som de Garth Brooks que a tática estava a funcionar. Ria-se, em vez de pensar no facto de estar sozinho num parque de estacionamento quase abandonado com uma anca partida, uma vida desfeita e duas primas mortas.

- Bem, então fica combinado. Mal chegues a casa, vou ensinar-te o *electric slide*. Assim, quando um dos teus filhos estiver pronto para se casar e nós dermos uma grande festa para o casamento, tu e eu podemos dançar juntos. Que achas desta ideia?

- Parece-me muito bem, avó - respondeu Tom. E estava a falar a sério.

*

Os pais de Gene e Ginna, o avô Gene e a avó Maria, tinham chegado a St. Louis da Florida no início daquela manhã, para grande alívio dos irmãos que ali se juntavam. O avô Gene sempre fora um homem forte. Em jovem, estudara para o sacerdócio católico durante sete anos antes de conhecer a mulher e se apaixonar. Casou com Maria depois de um namoro relâmpago e, em vez de se

tornar um padre católico, tornou-se um vendedor católico, para a John Fabick Trator Company. Mas a sua fé e devoção a Deus nunca tinham falhado ao longo dos anos, mesmo quando escolhera a vocação matrimonial em vez da eclesiástica, e criara todos os seus filhos estritamente na tradição católica. Mesmo agora, apesar da sua idade e artrite, todos os seus oito filhos o consideravam um dos homens mais poderosos, mais dedicados e mais inteligentes que alguma vez tinham conhecido. E os seus amigos e colegas concordavam. Portanto, havia uma sensação tácita entre os irmãos de que a chegada dele a St. Louis marcaria o princípio do fim desta tragédia. Em certa medida, tinham mantido o seu próprio mantra de infância: «Não te preocupes, o papá arranja.»

A honestidade impecável, a ética profissional sólida e o tremendo sucesso do avô Gene tinham-lhe valido uma reputação notável na comunidade empresarial de St. Louis. As pessoas conheciam o nome dele e respeitavam-no. Mas era a sua personalidade que mais admiravam. O avô Gene adorava uma boa história, e era conhecido por empregar todos os adereços ao seu alcance quando relatava uma das suas narrativas. À mesa do jantar, por exemplo, usava uma faca para representar a rua que estava a descrever e depois pegava no saleiro e no pimenteiro para fazer de edifícios. Por vezes, ficava tão absorvido na construção da sua cena que se esquecia de onde a história ia. Mas conseguia sempre encontrar o caminho de volta para o remate cómico da história e arrancar algumas risadas aos seus ouvintes. O sorriso rápido e o brilho nos seus vivos olhos azuis não se desvanecera nada ao longo dos anos, e ainda os usava para namorar Maria, o amor da sua vida.

Kevin tinha ido buscar o avô Gene e a avó Maria ao aeroporto ao início daquela manhã e fizera o registo deles no Marriott local antes de os levar a casa de Ginna. Primeiro, o avô Gene parou para dizer em privado

algumas palavras de conforto à sua filha e partilhar algumas lágrimas. Depois foi direto ao telefone e começou a marcar números, a cobrar favores. Passou a hora seguinte a telefonar a todos os contactos que lhe ocorriam em St. Louis – e a lista não era pequena. O avô Gene tinha amigos na Guarda Costeira, amigos na polícia, amigos no governo. Até tinha amigos na direção dos St. Louis Cardinals, embora não lhe ocorresse nenhuma forma de o ajudarem de momento. Telefonou a toda a gente de que se lembrou, e antes de a hora se esgotar, deixara no seu rasto um frenesim de recolha de informação, controlo de danos e vontade de ajudar. Iria garantir que todos os esforços humanos possíveis eram feitos para encontrar as suas netas.

*

Ao chegarem ao parque de estacionamento meio vazio, Kay e Gene ficaram surpreendidos por encontrarem o filho a coxear para se aproximar da carrinha antes de conseguirem sequer estacionar. Tinham presumido que Tom ficaria retido lá dentro até eles chegarem para o levar. Depois de um breve e choroso reencontro, o trio foi direto para o escritório de Frank Fabbri. Tom queria saber como estava a família a aguentar-se, e Gene pô-lo a par enquanto conduziam.

– Quero ir ver a Ginna mal acabemos aqui – disse Tom quando chegavam ao caminho de acesso que era o parque de estacionamento de Fabbri.

Gene pensou por um momento antes de responder. Ele sabia que a decisão não era sua.

– Está bem – respondeu.

Fabbri instalou Kay e Gene confortavelmente numa sala separada, mas semelhante na decoração, do outro lado do corredor do seu escritório pessoal. Deu-lhes blocos de apontamentos amarelos e uma variedade de canetas, sugerindo que passassem algum tempo a tomar notas

sobre as suas experiências nas últimas quarenta e oito horas. Tudo o que conseguissem recordar sobre qualquer interação com a polícia seria útil, explicou, desde o primeiro momento da experiência, até ao presente. Ofereceu-lhes o uso de um telefone, se precisassem. Depois atravessou o corredor espaçoso e fechou a grande porta de madeira, fechando-se a si próprio e a Tom dentro do seu escritório cromado e preto onde podiam falar em privado e detalhadamente sobre as suas circunstâncias. Kay começou logo a escrever os seus apontamentos, enquanto Gene se sentava e marcava o número de Ginna. Foi o pai dele quem atendeu.

Tinha quarenta e seis anos e ainda tratava o pai por «senhor». O avô Gene ouviu atentamente enquanto o Gene mais novo explicava o que esperava que acontecesse nas próximas horas. Fabbri insistira em ver Tom de imediato, antes de ser levado para casa, explicou. E Tom estava ansioso por ver Ginna, por isso iam levá-lo lá a caminho de casa.

- Eu trato de fazer com que a Tink e a Kathy venham cá também, então - disse o avô Gene.

Gene pensou em discutir, em explicar o desconforto de Rick com a situação, mas deteve-se antes de começar. De qualquer modo, não valia a pena discutir com o avô Gene. O homem tinha quase sempre razão, e o jovem Gene estava relativamente seguro de que esta vez não era exceção. A decisão fora tomada e era definitiva. Quando os dois Gene desligaram, já alguém estava a caminho para ir buscar as duas irmãs a Fair Acres Road.

*

O sol voltara a pôr-se e o crepúsculo caía sobre as caleiras da pequena casa de Ginna em Petite Drive. Tink e a sua prima Danni Thess estavam estacionadas no sofá da sala de estar, atentas à chegada de Tom. Na noite anterior, tinham-lhes dito que ele estava a caminho de casa, e de

repente tinha sido detido. O alívio que todos tinham sentido com a notícia da libertação de Tom fora substituído por uma sensação crescente de mal-estar à medida que o dia dava lugar à noite e Tom continuava a não aparecer em casa.

Quando a grande carrinha azul finalmente dobrou a esquina e se aproximou da casa sob o dossel de árvores, Tink bateu na perna da prima e ambas se levantaram, encostando os rostos ao vidro ensombrecido. O avô Gene reparou nisso, e num instante tinha feito sinal a Tink e Kathy para que fossem sozinhas até ao degrau da frente e tinha reunido o resto da grande família na cozinha, para lhes dar privacidade.

Tink enlaçou nervosamente o braço no da irmã e os seus dois estômagos reviraram-se em uníssono à medida que a carrinha se aproximava do caminho e virava. O pai ia a conduzir e a mãe estava sentada a seu lado. As cortinas azuis de poliéster estavam bem corridas sobre as janelas de trás, pelo que não se via quem ia ali sentado. Kathy agarrou na mão de Tink enquanto esperavam que a carrinha parasse. Esperavam que a porta de trás se abrisse e revelasse que o irmão viera para casa.

Tink e Kathy viram a carrinha a parar e os seus pais a desapertar os cintos de segurança. Ninguém mexia os lábios dentro da carrinha. Estavam calados. Mas num instante, a porta de trás da carrinha abriu-se com um rangido e o rosto de Tom apareceu sobre a ombreira da porta, e os seus olhos procuraram as irmãs antes de ele fazer sequer menção de descer da carrinha. Quando as viu, fez um sorriso corajoso e desceu cuidadosamente do degrau alto. Tom desceu da carrinha como um velho. Pousou tremulamente um pé e depois o outro no asfalto do caminho de Ginna antes de se virar para se dirigir à casa. Deixou a porta da carrinha escancarada atrás de si e coxeou pelo caminho de acesso em direção ao ponto onde as irmãs o esperavam. Quando Tom se aproximou, elas

viram que tinha os lábios brancos da desidratação, o cabelo imundo espetado em ângulos bizarros, cimentado com água do rio e sedimentos, e os seus ombros estavam carregados de piolhos da noite passada na prisão. Coxeou em direção a elas e tentou sorrir, mas tinha o rosto contorcido pelo esforço e estendeu os braços para elas enquanto se aproximava. Tink e Kathy envolveram-no num abraço e todos eles se entregaram a lágrimas de desespero. Os três irmãos ficaram simplesmente parados a abraçar-se e a soluçar.

- Adoro-te, Tom - disseram ambas as raparigas repetidamente. - Graças a Deus que estás em casa.

- Eu também vos adoro - respondeu ele, enterrando o rosto entre os seus ombros.

³ Literalmente, «ponte sobre água agitada». (*N. do T.*)

CAPÍTULO 12

O reencontro de Tom com Ginna foi breve e carregado de emoção. Esteve sentado ao lado dela menos de quinze minutos no sofá da sala de estar, com as quatro mãos entrelaçadas numa almofada sobre o colo de ambos, os rostos franzidos de lágrimas. Gene e Kay estavam ansiosos por que o filho tomasse um banho e se deitasse numa cama confortável, mas saíram da sala, dando a Ginna e Tom algum tempo sozinhos primeiro. Ginna ofereceu-lhe o conforto de que tanto precisava.

- Claro que não fizeste nada de mal. Vamos ultrapassar isto - disse-lhe ela.

E, lá no fundo, por detrás do seu alívio e gratidão, Tom maravilhava-se com a capacidade dela para o reconfortar. Quando se levantou para ir embora, debruçou-se sobre a sua figura trémula e Ginna segurou-lhe o rosto entre as mãos. Ele sussurrou-lhe ao ouvido palavras que só a ela eram destinadas, e beijou-lhe o rosto antes de sair a coxear de casa e voltar à carrinha.

Era o princípio de mais uma longa noite - o segundo pôr do sol sem Julie e Robin. E embora a esperança de as encontrar vivas diminuísse a cada hora que passava, ninguém parecia ser capaz de albergar qualquer sentimento definitivo sem a notícia de uma descoberta. As horas estenderam-se no limbo. Mais uma vez, ninguém dormiu muito naquela noite exceto Tom. Mas ele dormiu um sono profundo o suficiente para a família inteira retirar força do seu descanso.

Quando a família Cummins acordou no domingo de manhã, dia 7 de abril de 1991, o cabeçalho de primeira página que os esperava gerou um novo desespero. O *St. Louis Post-Dispatch* escreveu: «Suspeito das mortes de duas mulheres libertado durante busca por cadáveres». O nome de Tom estava mais manchado do que nunca.

Tom estava sentado à mesa da cozinha da avó, a saborear a sua primeira chávena de café matinal com uma nova gratidão. Folheou cuidadosamente o jornal enquanto bebia. Depois de ler o cabeçalho, encolheu-se ao virar cada página, como se as palavras e imagens que continham lhe causassem dor física. No fim, descobriu que não causavam. Nem se deu ao trabalho de ler o resto do artigo que o rotulava de «suspeito». Ao saltá-lo, não viu as poucas frases que diziam: «A polícia tinha estado à procura na sexta-feira à noite do dono de uma lanterna grande, com a inscrição “HORN 1”, que foi encontrada na ponte. O sargento Dan Nichols, da brigada de homicídios, disse no sábado que a polícia sabia a identidade do dono da lanterna. Contudo, recusou-se a confirmar se esta pessoa tinha falado com a polícia.»

Em vez disso, Tom foi atraído por um pequeno artigo sobre a poesia de Julie. A fotografia dela sorria-lhe de baixo do cabeçalho: «Rapariga que caiu da ponte é recordada como poeta promissora». Um arrepio percorreu-lhe a espinha enquanto Tom tentava esquecer a imagem descrita no cabeçalho, de Julie a cair da ponte. Um dos professores de inglês dela na UMSL era citado no artigo, dizendo que Julie era «a poeta mais promissora a quem alguma vez dei aulas». *Ora, eu podia ter-vos dito isso*, pensou Tom. O jornal tinha publicado um excerto de um dos seus poemas:

A viver de manuscritos cansados

*E velhas cartas de amor,
Vimo-lo chegar
Costumávamos esperar por ele
Em cafés confortáveis,
E profetizar com as nossas canetas
Em guardanapos de papel
Colori-lo com giz
Em passeios da cidade.*

Tom leu-o uma e outra vez, até a sua chávena de café ficar vazia. Era exatamente o mesmo poema que Julie lhe enviara numa das suas cartas. Claro que estava tipografado, em vez de escrito na cuidadosa letra de imprensa de Julie, mas o sentimento era o mesmo. Quando o salpico das suas lágrimas ameaçou transformar o poema de Julie numa amálgama cinzenta, Tom fechou o jornal e afastou o artigo. Chorou em silêncio durante alguns minutos, mas a dor misturava-se com o medo. Ele ainda era um suspeito e estava apavorado.

*

Os inspetores Trevor e Brauer não tiveram de procurar muito por Richardson. Chegaram ao bairro dele de manhã cedo, quando as pessoas começavam a sair de suas casas, algumas de roupão, a pegar nos jornais matinais. Outras envergavam a sua melhor roupa de domingo, encaminhando-se com as suas famílias para a igreja. O carro-patrulha não identificado avançou silenciosamente por Northwoods, falhando na sua tentativa de parecer discreto. Os inspetores estacionaram no cruzamento de Barken e Edgewood e confirmaram a morada da sua testemunha antes de saírem do carro.

As pancadas duraram alguns minutos antes de um sonolento Richardson abrir a porta e olhar para os dois inspetores de trás da corrente de segurança do apartamento.

- Antonio Richardson? - perguntou o inspetor Trevor.

- Sim - respondeu Richardson sem dizer mais.

Trevor abriu o seu distintivo e apresentou-o ao olho que se semicerrava detrás da porta.

- Polícia de St. Louis. Precisamos de falar contigo. Temos motivos para acreditar que podes ser uma testemunha importante num caso no qual estamos a trabalhar. Importas-te de abrir a porta, por favor?

Richardson bocejou de modo bem audível e fechou a porta. Trevor e Brauer trocaram olhares breves e constrangidos, mas, um momento mais tarde, ouviram o estalido revelador da corrente de segurança a soltar-se, e Richardson abriu-lhes a porta de par em par. Não os convidou a entrar; em vez disso, virou-se e voltou ao sofá, onde parecia ter passado a noite. A sua *T-shirt* e calções estavam amarrotados, e a manta no sofá enroscou-se preguiçosamente em volta das suas pernas quando ele se afundou numa posição reclinada. Espreguiçou-se e bocejou outra vez - um típico rapaz de dezasseis anos sonolento e maldispuesto, pouco impressionado por ser acordado do seu sono de domingo de manhã pela polícia. Os dois inspetores entraram na sala e fecharam a porta. Não tencionavam pôr-se à vontade, mas deixaram que Richardson se estendesse diante deles enquanto falavam.

- Sabes alguma coisa sobre uma lanterna com a inscrição HORN 1, Antonio?

Um fugaz momento de pânico trespassou Richardson, despertando-o mais do que as pancadas inesperadas. Endireitou-se um grau ou dois no sofá. A sua cabeça acelerou. *Eles devem saber alguma coisa sobre aquilo, senão não estavam aqui*, pensou. Sabia que tinha de admitir pelo menos alguma ligação.

- Sim - começou timidamente -, essa lanterna era minha. Perdi-a na ponte há uns dias.

- É por isso que estamos aqui, Antonio. Não vai haver problemas por teres roubado aquela lanterna a Mr.

Whitehorn. Mas nós sabemos que foste testemunha do que se passou na ponte Chain of Rocks na quinta-feira à noite, e precisamos da tua cooperação nesse assunto.

Antonio mudou desconfortavelmente de posição no sofá, usando um braço para se içar e adotar uma postura mais direita. Mordeu o lábio inferior e pensou naquilo por um instante, puxando um fio solto na manta multicolor enquanto pensava. Os dois inspetores esperaram em silêncio pela sua resposta.

- Sim, está bem - disse Richardson por fim. Olhou para os rostos dos dois homens antes de continuar. Tenho informação importante sobre isso, na verdade. Eu sei o que aconteceu. Posso ajudar-vos.

- Estás disposto a depor? - perguntou Brauer.

Richardson disse que sim com a cabeça. Alguns minutos mais tarde, estava vestido com uma *T-shirt* e um par de *jeans*, visivelmente menos encorilhados do que o seu conjunto anterior, e pronto para se dirigir à esquadra com Trevor e Brauer. Richardson ia calado quando saíram do apartamento dele, e tinha a cabeça baixa enquanto Brauer destrancava o carro-patrulha e lhe abria a porta de trás. Entrou rapidamente e logo se afundou no assento. Trevor e Brauer não sabiam se o rapaz teria apenas uma postura tão má quanto a sua atitude ou se estava a tentar esconder-se dos vizinhos. Com uma potencial testemunha de homicídio, quase tudo era possível.

No banco de trás, Richardson continuava a olhar sombriamente pela janela. Já sabia o que ia dizer, só estava a trabalhar nos pormenores na sua cabeça. Diria a verdade, mais ou menos, mas só sobre Marlin Gray e o seu primo, Reggie Clemons. Contava-lhes o que Marlin e Reggie tinham feito e deitava as culpas todas para eles. Diria que estava assustado, que tinham ameaçado matá-lo se os denunciasse. Diria que tinha sido um espectador silencioso, incapaz de impedir os crimes por ser tão novo e estar tão amedrontado. E nem falaria em Danny, Danny

era o que mais facilmente quebraria. Sabia que se eles detivessem Danny Winfrey, iam arrancar-lhe a verdade toda e seria o fim da história.

Vai correr tudo bem, disse para consigo. *Vou safar-me disto*.

*

Pela primeira vez na história, Tink e Kathy não lutaram com o irmão pelo tempo no quarto de banho. Tom ficou ali dentro muito mais de uma hora, a esfregar e a lavar e a pôr champô e a fazer a barba e a preparar-se. O RID que Kay lhe comprara no supermercado fora largamente bem-sucedido em expulsar os piolhos bastante persistentes que se tinham alojado nele durante o tempo na prisão, mas Tom ainda se sentia pouco apresentável na sua roupa de cerimónia para a missa. Quando se olhava ao espelho, ainda via um desastre. O cabelo, zangado por ficar tanto tempo sem ser lavado, recusava-se a ficar espalmado na cabeça e, em vez disso, espetava-se em três ou quatro tufo impróprios. Os olhos estavam injetados, a face barbeada tinha um ar irritado e Tom ainda sentia a pele suja, embora na verdade estivesse imaculado. Abanou a cabeça e apagou a luz.

Estavam todos prontos e à espera dele no andar de cima: as irmãs, os pais e os avós. Mas ninguém se queixou de ele os ter feito esperar.

- Pronto, filho? - Gene olhou para Tom, que se endureceu e acenou com a cabeça afirmativamente.

A avó Polly e o avô Art entraram na igreja primeiro. Eram sempre tão atenciosos, pensou Tom. Que bondosos e corajosos estavam a ser agora. Ele seguiu-os, a coxear visivelmente e ladeado por Kathy e Tink. Tinha a certeza de que nenhuma das suas irmãs alguma vez tinha erguido a cabeça tão alto como naquela manhã, mas mesmo assim, vislumbrou-lhes o vestígio inconfundível de água nos olhos quando elas o ajudavam a caminhar pelo corredor da

igreja, atrás dos seus avós, e a sentar-se no banco da frente. Kay e Gene vinham em último lugar. Os sete ajoelharam-se e rezaram. Passados alguns momentos, Kay tirou os lenços de papel da sua malinha e estava a passá-los pelo banco. Tom benzeu-se e recostou-se, e as irmãs fizeram o mesmo.

Tink e Kathy nunca tinham sido tão protetoras em relação a Tom, e embora isto o comovesse, também o deixava um pouco preocupado. A verdade era que se sentia bastante desconfortável por estar em público pela primeira vez. Desde a sua libertação no dia anterior, vira a sua própria imagem na televisão inúmeras vezes, ao lado de expressões como «alegado assassino» e «suspeito». Tinha a certeza de que todos os que ali estavam na igreja também haviam visto estas imagens, e observavam-no agora, apreensivos e enojados. Mas eles *estavam* na igreja, afinal, pensou. Talvez estivesse simplesmente a ser paranoico. Talvez as pessoas lhe dessem o benefício da dúvida. Viu alguns paroquianos a desviarem os olhos quando olhou para eles, e não conseguiu distinguir a paranoia da realidade. Respirou fundo e tentou concentrar-se.

O padre falava num relaxante sotaque do Midwest e em breve Tom sentiu que estava a ficar com sono outra vez. Ainda não recuperara toda a sua energia. Não sabia como ia aguentar a hora inteira sem desgraçar ainda mais a sua família adormecendo. Teria de encontrar alguma coisa para se manter alerta. Nesse preciso instante, Tink deu-lhe uma cotovelada nas costelas e mostrou-lhe as mãos. Estava a fazer o jogo «*Here's the church, here's the steeple, open it up...*» Normalmente acabava-o com um beliscão, ou um manguito ou um *uppercut* no queixo, em vez do mais tradicional «... *and see all the people*⁴». Tom olhou para a cara da irmã, rosa-clara e azul e verde à luz do vitral, e espetou-lhe a língua e sorriu. Tom riu suavemente e se o padre reparou, do ponto onde estava a

discursar a cerca de um metro de distância, não o mostrou. A avó Polly inclinou-se para a frente no banco e piscou-lhes o olho. Tom ficou um pouco mais animado.

*

Depois de várias horas de interrogatório e um par de depoimentos gravados de Richardson, a brigada de homicídios de St. Louis preparava-se para virar a sua investigação para um rumo completamente novo. Começavam a perceber que Tom Cummins podia, de facto, estar a dizer a verdade. E Richardson tinha algo a acrescentar à história aparentemente inacreditável de Tom: nomes e moradas. Só conhecia dois dos atacantes: Marlin Gray, de Wentzville, e Reginald Clemons, de Northwoods. Richardson não conhecia o outro atacante que Tom descrevera. Admitia tê-lo visto, mas dizia repetidamente que não era importante. Clemons e Gray eram os cabecilhas. Clemons e Gray eram os violadores e assassinos.

- Com certeza que viste este caso nas notícias nos últimos dois dias. Sabias que aquelas duas raparigas ainda estavam desaparecidas, provavelmente mortas. E aquele miúdo, o Cummins, sofreu horrores. Se viste isto tudo acontecer e sabias quem era o culpado, porque é que não te apresentaste? - perguntou-lhe Brauer depois de desligarem o gravador.

Richardson encolheu os ombros.

- Estava assustado - respondeu.

A mim não me pareces assustado, pensou Brauer, abanando a cabeça.

- Antonio, gostávamos que nos acompanhasses até à ponte esta tarde, se não te importares. Vamos fazer um vídeo, e tu podes descrever-nos os acontecimentos do ponto de vista logístico. Que te parece?

- Está bem - respondeu Richardson.

Quando os inspetores o deixaram sozinho na sala de interrogatório, Richardson espreguiçou-se e entrelaçou as mãos por trás da cabeça. Até arriscou um pequeno sorriso. Fizera uma atuação memorável, tinha a certeza. Dera-lhes exatamente aquilo de que precisavam, e não desconfiavam de nada em relação a si. Claro que ia com eles à ponte e lhes reconstituía o crime. De facto, estava a habituar-se rapidamente à ideia de ver tudo do lado de fora. Estava a afeiçoar-se ao seu papel de espectador assustado. Ia conseguir fazer isto sem problemas.

Quando a polícia chegou a Northwoods para prender Reginald Clemons, Richardson já estava de volta ao seu apartamento, com as meias sobre a mesa de centro, a ver televisão de final de tarde. *Seis horas, só dá notícias*. Enquanto mudava de canal, apanhou um breve relance do rosto sisudo de Tom Cummins. Era demasiado cedo para os *media* terem sabido dos novos acontecimentos, e por isso Tom ainda estava a ser rotulado de «alegado assassino». Mas Richardson não estava interessado. Mudou de canal outra vez, na esperança de apanhar um concurso ou algo do género.

*

A tarde fora mais uma vez longa e tensa para as famílias Cummins e Kerry. Toda a gente tinha ido à igreja, e todas as igrejas na zona de St. Louis estavam a pedir que as pessoas rezassem pelas duas irmãs desaparecidas, Julie e Robin Kerry. Quando Tom e os pais tinham deixado o escritório de Fabbri na noite anterior, a palavra final do advogado para eles fora de cautela.

– Sei que agora estão aliviados e isso é ótimo – dissera Fabbri –, mas aviso-vos de que isto está longe de acabar. Tu ainda és o principal suspeito, e a polícia ainda está determinada a obter provas contra ti. Assim que encontrarem um cadáver ou qualquer outra coisa, é provável que voltes a ser detido.

Tom dissera que sim com a cabeça, mas por dentro tinha empalidecido com a ideia. E pensar que apenas uma semana antes o seu pior medo tinha sido de alturas... Agora, estava apavorado com a ideia de ir para a prisão por matar as primas. Portanto, enquanto o resto da família passava o domingo a esperar e rezar por notícias de alguma descoberta, Tom estava dividido. Nesta altura, as famílias sabiam que havia muito pouca probabilidade de encontrar qualquer das raparigas viva, e as suas esperanças tinham derivado, gradualmente, para encontrar os seus cadáveres. Ginna precisava de uma conclusão. Tom, pela sua parte, tinha de esperar o impossível. Ele queria paz para Ginna, mas tinha a certeza de que a descoberta de um cadáver faria com que o voltassem a deter. Não sabia o que queria. Portanto, limitava-se a persistir e acalantar a esperança. Mal se atrevia a respirar.

Quando o telefone tocou ao fim daquela tarde, toda a gente se sobressaltou, como se tornara seu hábito. Mais tarde, os psiquiatras iriam identificar este fenómeno como «reação de sobressalto excessiva». Naquele momento, porém, a única coisa que os Cummins sabiam era que o telefone traria notícias, e com elas angústia, esperança, terror.

- Gene - disse a avó Polly da cozinha -, a polícia está ao telefone. Precisam de falar contigo.

Era o telefonema que todos temiam. Tom tinha a certeza. Tinham encontrado alguma coisa. O rosto de Gene assumiu uma palidez doentia enquanto ele se içava do sofá e cambaleava vertiginosamente em direção ao telefone da cozinha. Ao fazê-lo, não olhou Tom nos olhos. Tink e Kathy agarraram-se e brotaram-lhes lágrimas dos olhos enquanto esperavam. Tom olhou desvairadamente para as suas irmãs e para a mãe e tremeu. Apenas Kay enfrentou o seu olhar.

- Eu não volto para lá - disse suavemente. - Não volto. Eu fujo. Faça o que fizer, não posso voltar para lá. Mãe, não me podes pedir para voltar. Eu não posso voltar, não sou culpado.

A voz dele estava a subir em tom e volume a cada palavra, e quando Kay atravessou a sala e pousou as mãos nos ombros do filho, ele já estava perto da histeria. Sentou-se ao lado dele e olhou-o calmamente nos olhos.

- Não te estamos a pedir para voltares, querido. Vamos esperar e ver o que eles têm a dizer, está bem? Tenta ficar calmo.

Tom abanou a cabeça e saltou do sofá para andar de um lado para o outro pela sala. A dor que lhe trespassou a anca lembrou-o para ter cuidado ao fazê-lo. Nos dias decorridos desde a queda de Tom da ponte, ele ainda não tinha sido visto por um médico, ainda não sabia que a anca lhe doía por estar partida. O desconforto estava no fundo da sua lista de prioridades.

Gene não esteve mais do que dois minutos ao telefone e, quando voltou, o seu rosto ostentava a sugestão de um sorriso. Abriu a boca para falar, mas hesitou momentaneamente. Precisou de mais uns segundos para transformar os seus pensamentos em palavras. Tom estava em agonia, à espera de que ele falasse.

- Prenderam um tipo - começou Gene simplesmente. - Não sei como o encontraram, mas prenderam um dos quatro rapazes esta tarde e ele... parece que ele confessou. Basicamente corroborou a tua história toda.

O olhar de Tom deixou o rosto do pai e ele sentou-se ao lado da mãe, com um ruído surdo, no sofá de veludo azul. Cruzou as mãos sobre o colo e olhou para o vazio, esforçando-se para digerir esta notícia. Nem sabia que a polícia estava a investigar outras pistas. Até agora, a sua esperança cingira-se a limpar o seu próprio nome. Que tivessem de facto encontrado um dos quatro monstros que tinham feito aquilo parecera uma possibilidade demasiado

boa para sequer acalantar. Kay estava agora a lançar os braços em seu redor, e ele observou, num silêncio atordado, as irmãs a saltarem dos seus assentos e a correrem na sua direção. Tom simplesmente não era capaz de assimilar aquilo. Havia um zumbido intenso nos seus ouvidos e tudo parecia lento e distorcido. Até que de repente, os sons jubilosos da sua família lhe irromperam nos ouvidos e ele foi-se abaixo, chorando, enquanto as irmãs o agarravam.

Gene desapareceu por instantes da sala e, quando regressou, pousou duas garrafas de Budweiser frias na mesa de centro, descolou Tink e Kathy, sorridentes e chorosas, do irmão e passou ao filho uma cerveja. Tink e Kathy fitaram-se de olhos arregalados, mas Kay atirou-lhes um olhar de advertência antes de elas poderem comentar o facto de o pai ter acabado de dar ao irmão uma cerveja. Era inédito. Mais uma vez, Gene abriu a boca para tentar falar, mas viu-se incapaz. Havia simplesmente demasiado para dizer. Tom, na altura um rapaz de dezanove anos, levantou-se e abraçou o pai.

- Eu sei, pai - disse.

Não tardou muito até a euforia amainar, à medida que o alívio absoluto de todos era substituído pela culpa, por sentir alegria quando ainda não havia notícias de Julie e Robin. Ainda assim, os telefonemas que aconteceram na hora seguinte foram, sem dúvida, mais fáceis do que quaisquer outros que Gene fizera nos últimos dois dias. Telefonou a Ginna primeiro, depois ao pai e aos irmãos. A reação foi a mesma de cada vez.

- Graças a Deus - disseram todos.

Quando as notícias das seis começaram, ficou perfeitamente claro que, embora a polícia tivesse desviado a sua atenção de Tom, os meios de comunicação ainda não. O caso ainda surgia no início de todos os noticiários. Um jornalista interrogara Jacobsmeyer naquele dia e o Channel Four transmitiu a entrevista: «A polícia diz que

Cummins tentou abusar sexualmente de uma das suas primas. Uma das raparigas caiu da ponte; a outra caiu ao tentar ajudá-la. Ainda é isto que a polícia acredita neste momento?»

«Sim, é», foi a resposta de Jacobsmeyer.

«Amanhã de manhã, as equipas de salvamento e a família continuarão a sua espera dolorosa por que os cadáveres venham à tona», concluía a jornalista. «Entretanto, a polícia diz que Cummins é livre de voltar a Maryland.»

A família Cummins assistiu à reportagem com rostos impassíveis. O seu conhecimento de que a verdade viria à luz, provavelmente já nas notícias das onze, pouco fez para mitigar a sua dor e raiva.

*

Resolver as coisas com Eva não tinha sido tão fácil como Gray esperara, mas, como de costume, o charme dele acabara por vencer. Gray não era do género de perder muito tempo a pedir desculpa ou fazer as pazes. Calculou que ou Eva o perdoava, ou não, e ponto final. De facto, passados dois dias, todo o incidente parecia ter sido esquecido, e no domingo à noite o casal foi de carro até casa de Mike e Chrissy para passar uma noite muito semelhante àquela que Gray passara ali com os seus amigos na noite em que tinham matado Julie e Robin.

Ninguém prestou muita atenção quando alguém bateu à porta, pouco depois das nove. A casa de Mike e Chrissy era uma casa aberta, onde os amigos apareciam constantemente, sem avisar. Mike passou a sua bebida à mulher antes de se levantar. Quando Mike abriu a porta, os inspetores Walsh e Trevor já tinham sacado os seus distintivos.

- Polícia de St. Louis - anunciou Trevor. - Estamos à procura de Marlin Gray.

Mike, atordado, recuou vários passos da porta quando os dois inspetores à paisana, ladeados por vários agentes fardados de armas em riste, invadiram a casa sem esperar por um convite.

- Hum - gaguejou Mike. - Ele está... ele está no quarto de banho.

Mike indicou a direção para o quarto de banho sacudindo a cabeça. Não tivera muito contacto com a polícia, mas sabia o suficiente para não fazer movimentos súbitos na presença de tantas armas em riste.

Por esta altura, Eva e os outros já estavam de pé na sala de estar, a olhar boquiabertos enquanto a meia dúzia de polícias avançava pela pequena casa, em direção ao quarto de banho. Gray ainda estava lá dentro, alheio ao facto de que tinha visitas. Quando os agentes se postaram à porta do quarto de banho e bateram, já alguém tinha desligado a televisão e a casa estava em silêncio. Gray deu uma resposta incompreensível à pancada, mas não fez qualquer menção de sair.

- É a polícia - gritou Walsh. - Tens cinco segundos para sair de mãos ao alto.

Gray mantinha-se em silêncio lá dentro. Quando Walsh terminou a contagem decrescente e acenou com a cabeça, o agente mais perto da maçaneta rodou-a e abriu a porta. Três deles entraram na pequena divisão e agarraram em Gray antes que ele pudesse sequer reagir. Revistaram e algemaram-no imediatamente.

- Que raio é isto? Que se passa? - perguntou Gray.

- Estás preso por duas acusações de homicídio em primeiro grau - explicou Trevor.

Iam a acompanhar Gray em direção à porta da frente, ainda aberta, e Eva seguia o grupo de agentes o mais perto que podia. Gray rodou o pescoço para olhar para ela enquanto o levavam.

- Eva, querida, não sei o que se está a passar, mas tens de ligar à minha mãe por mim. Diz-lhe que preciso de um

advogado – pediu.

Eva acenou em concordância, incapaz de falar. Seguiu o grupo pela porta até à relva, onde ficou, de olhar vazio, a vê-los enfiar o seu namorado no banco de trás do carro-patrulha que os aguardava. O seu rosto, normalmente pálido, esvaíra-se completamente de cor, e até os seus lábios pareciam marmóreos ao luar. Gray não olhou para ela pela janela do carro quando arrancaram.

*

Tom odiava intensamente a ideia de sair de casa para ir jantar, mas o avô Gene insistira. Qualquer alívio que Tom tivesse sentido anteriormente com o anúncio de que a polícia tinha um suspeito detido afundara-se a pique durante as notícias das seis. Era muito difícil saber quem estava a dizer a verdade. Os jornalistas diziam uma coisa, a polícia outra, e ambas estas fontes se tinham revelado pouco fidedignas nas últimas quarenta e oito horas.

Tom estava fora de si. Não queria ir ao Red Lobster. Nem sequer queria ir até ao caminho de acesso da casa. Não se queria preocupar com a polícia, nem com a prisão, nem se as pessoas achavam que ele era um assassino e um perverso. Queria sentir a falta de Julie. Queria chorar por Julie e Robin. Queria enroscar-se por baixo de algumas das colchas feitas à mão pela avó Polly no chão da saleta e chorar até adormecer. Foi a habitual diplomacia altruísta do avô Art que acabou por o convencer, depois de a insistência do pai ter falhado.

– Sabes, Tom – disse o avô Art –, os teus avós vieram da Florida até aqui para estarem presentes e te apoiarem. Nós passámos a semana inteira contigo, e acho que eles merecem que lhes dediques uma ou duas horas. Eu sei que não é o que te apetece fazer. Provavelmente também não é o que lhes apetece. O problema é esse, ninguém tem vontade de fazer nada. Mas, seja como for, tu tens de

comer, e levar-te a jantar fora é a maneira do teu avô te mostrar que gosta de ti e acredita em ti. Devias mesmo ir.

Então, ele foi, ainda que um pouco contrariado e nervoso. Não estava propriamente a contar poder esconder-se – uma mesa para sete não se esconde facilmente num canto escuro. Mas Tom também não estava à espera de que o sentassem, com as irmãs, pais e avós na longa mesa do centro da grande sala. Coxeou, acanhado, pelo restaurante, antecedido pela empregada que os acompanhava à mesa e seguido pela sua família, e tentou não reparar nos vários clientes que se detiveram a meio de uma frase ou largaram os talheres quando o viram e reconheceram. Tom desviou os olhos, enfiou-se na sua cadeira e abriu timidamente a ementa para tapar a cara.

O avô Gene pendurou a bengala nas costas de uma cadeira antes de se sentar ao lado do neto. Pousou a sua grande mão artrítica no antebraço de Tom e apontou os olhos azuis penetrantes ao rosto do neto. Tom deixou a ementa descair uns centímetros para enfrentar o olhar do avô. Eles não falaram, mas de algum modo Tom retirou força do rosto do seu avô.

Tink ainda não comera nada e não tinha qualquer intenção de começar nessa noite, o que era provavelmente o motivo por que não contestara a escolha de restaurante. Era o único membro do clã Cummins que não gostava de peixe e marisco. Enquanto o resto da família pedia patas de caranguejo, *cocktail* de camarão, vieiras e peixe, Tink pediu um hambúrguer e tentou não vomitar com o forte cheiro a peixe que a rodeava. Conversaram em voz baixa enquanto esperavam pela comida, mas ninguém tinha muito para dizer e a conversa era forçada. Quando dois cestos fumegantes de pão de queijo chegaram à mesa, ficaram vazios no espaço de momentos; Tink só apanhou um porque Kay lho intercetou. Pousou-o no meio do pequeno pires da filha.

- Porque é que não experimentas um? - disse. - Acho que vais gostar.

Tink estudou o pão dourado que tinha no prato com desconfiança. Mal engolira uma garfada de comida desde quinta à noite. Tinha um ar abatido e Kay estava preocupada com ela. Tink tinha de admitir, porém, que pela primeira vez desde que o seu mundo se virara do avesso, *estava* com alguma fome. Arrancou um canto do pequeno pão e meteu-o lentamente na boca. Era delicioso. No espaço de um minuto, tinha-o comido todo. Kay olhou para o prato vazio com espanto.

- Queres outro? - perguntou.

Tink disse que sim com a cabeça, por isso Kay procurou em ambos os cestos, mas não encontrou nada. Não se deixou desencorajar. A filha tinha voltado a comer. Tink queria pão de queijo? Então teria pão de queijo. Kay virou-se na cadeira e procurou a inconstante empregada deles. Não a viu em lado nenhum. Mas a empregada da mesa ao lado apareceu com uma travessa de pão de queijo acabado de fazer. Kay esperou por um momento em que ela não estivesse a ver e roubou um do canto da travessa. Largou-o no prato de Tink com um som triunfante. Tink riu-se para a mãe.

- Obrigada, mãe - disse.

- Ei, onde está o meu? - perguntou Kathy, mirando o pão de queijo da irmã com inveja.

- Também queres um? - perguntou Kay.

Kathy assentiu e Tom interveio.

- Eu também, mãe - disse.

Kay sorriu e seguiu a empregada do pão de queijo com os olhos. A mesa dela estava pronta para pedir; teria de pousar a travessa para anotar o pedido. De facto, um momento mais tarde, a empregada virou-se e pousou a travessa de pão de queijo num suporte ali ao lado, perto da cadeira de Kay. Ela não perdeu tempo e foi logo até lá e levantou a travessa toda como se fosse ela própria uma

empregada. Distribuiu o pão até toda a família ficar satisfeita e depois devolveu a travessa vazia ao seu suporte. Todos os miúdos riram quando a empregada, confusa, se virou para a travessa vazia. Foi um momento de alegria genuína.

- Mãe, és tão rebelde - brincou Kathy quando a empregada já não conseguia ouvi-los.

- Sim - concordou Tink, enquanto comia o seu terceiro pão de queijo. - A família Cummins tornou-se um foco de atividade criminosa.

- Cuidado, mãe, a seguir vêm atrás de ti. E a mãe rouba pão! - disse Tom com horror fingido. - Não admira que o filho tenha saído assim.

Era estranho estarem todos a rir e a brincar e a comer no Red Lobster enquanto Julie e Robin ainda estavam algures no escuro, desaparecidas. Portanto, o momento de leveza, apesar de muito necessário, foi breve. E em breve, estavam a pagar pelo seu riso com os terríveis e pesados sentimentos de culpa que sempre acometem os sobreviventes. Todos os rostos à mesa perderam os seus sorrisos momentâneos e ficaram sérios. As migalhas no pires de Tink estavam a ficar molhadas com lágrimas, e o apetite dela desapareceu outra vez.

⁴ Rima infantil que é acompanhada de figuras feitas com as mãos e os dedos. (N. do T.)

CAPÍTULO 13

Gray estava sentado no lugar desocupado por Tom na sala de interrogatório número dois, a olhar sem expressão para o mesmo pequeno gravador ronronante na mesa diante de si. Tinha sido uma longa noite. A voz do inspetor Pappas era a primeira na gravação, a anunciar que pouco passava das cinco da manhã do dia 8 de abril de 1991. Pappas leu a Gray os seus direitos e questionou-o sobre o seu envolvimento no roubo, violação e homicídio das irmãs Kerry e na agressão a Tom Cummins. A voz de Gray era cansada, grave e monótona, completamente desprovida de emoção, enquanto começava a contar a sua história.

Brauer mal podia esconder a sua aversão enquanto via Gray a recitar friamente o que tinha feito às irmãs Kerry nas últimas horas delas. Continuava a não confessar o homicídio. Confessou as violações, mas jurou solenemente que não sabia como é que as duas raparigas tinham ido parar ao rio. Ninguém acreditava nele por um minuto que fosse, mas uma confissão de violação era melhor do que confissão nenhuma, por isso tinham decidido avançar com a gravação. A confissão durou cerca de quarenta minutos e terminou às 5h50 de segunda-feira de manhã.

Depois de um começo completamente falhado, um começo em que maus palpites e uma testemunha emocionalmente tolhida haviam sido as suas únicas pistas, a brigada de homicídios de St. Louis estava finalmente de volta ao bom caminho. Tinham obtido duas confissões gravadas: uma de Clemons e outra de Gray. Aquele seria

outro dia importante: tinham mais dois suspeitos para deter. Quando Gray e Clemons descobriram que tinha sido Richardson a denunciá-los, ambos haviam retribuído o favor. Richardson fora promovido de testemunha a suspeito.

*

No momento em que Pappas e Brauer terminavam o interrogatório de Gray, Gene Cummins estava a meter as malas na carrinha da família pela segunda vez naquela semana. Desta vez, não haveria despedidas sarcasticamente chorosas de Julie e Robin, percebeu, e interrompeu a sua tarefa para pensar nisso. Tinha as mãos pousadas na mala de Kathy, que estivera a encaixar entre as outras antes de as lágrimas lhe turvarem a visão. Virou-se e sentou-se no para-choques traseiro da carrinha por um momento para se recompor.

Estava uma manhã fresca, e a madrugada começava a iluminar Fair Acres Road com um tom lilás quando Gene voltou à sua tarefa. Tom saiu de casa atrás dele, carregando a sua mala e acenando aos polícias do carro-patrulha estacionado do outro lado da rua. Tinham sido destacados para proteger a família Cummins até esta partir de St. Louis. Os polícias ainda não sabiam bem o que enfrentavam neste caso bizarro, mas uma coisa era evidente: os *media* tinham transformado Tom numa figura pouco acarinhada. A polícia estava preocupada com a sua segurança.

Tom e o pai trabalhavam juntos em silêncio enquanto *Blarney* farejava a relva em busca de um lugar adequado às suas atividades matinais. Quando acabaram a tarefa, regressaram a casa. Lá dentro, Gene sentou-se, abatido, à pequena mesa de pequeno-almoço da avó Polly e bebeu o seu café espesso. Estava na altura de levar a família para casa; ele sabia-o. As filhas precisavam de voltar à escola, e Gene estava ansioso por levar Tom para longe da

jurisdição deste departamento de polícia. Tom tinha toda a intenção de cooperar com a investigação em curso, mas Gene percebeu que o filho precisava de uma pausa emocional antes de o fazer. Tom precisava de tempo para chorar as suas primas. No Vietname, Gene aprendera que o tempo de luto era um luxo que, quando negado, fazia muita falta. Era uma lição que esperava que os seus filhos nunca tivessem de aprender. Mas tudo mudara naquela semana. As vidas deles nunca mais seriam iguais, Gene sabia-o, e a expressão do rosto do filho mostrava quanto amadurecera nos últimos dias. Ainda assim, todos se sentiam relutantes em deixar St. Louis, como se pensassem que assim que fossem embora podiam, de certo modo, ser banidos para sempre.

Gene foi despertado dos seus devaneios pela campainha. Segundo o seu relógio digital, passava pouco das seis da manhã – um pouco cedo para visitas, pensou, enquanto se levantava nervosamente para ir abrir a porta. O resto da família andava atarefado pela casa a preparar-se para a viagem, mas toda a gente estacou quando a campainha tocou. Tink e Kathy espreitaram pelas cortinas da frente e reconheceram o carro de Ginna enquanto o pai abria a porta. Ginna estava imóvel, envolta numa sombra púrpura, no degrau à frente dele. Enrolava um lenço de papel nos dedos e os lábios tremiam-lhe quando Gene abriu a porta de rede e a levou para dentro, para a luz quente da casa.

– Vim dizer adeus – começou, e as lágrimas juntaram-se às suas palavras, correndo-lhe livremente pelo rosto.

Os três irmãos juntaram-se ao redor dela e abraçaram-na e beijaram-na à vez. Ela tomou as mãos deles nas suas e olhou cada um nos olhos enquanto lhes falava.

– Vamos ter um funeral – anunciou. – Ainda não, claro, mas quando encontrarmos as meninas. E sei que vocês provavelmente não conseguirão voltar cá para isso, mas quero a vossa opinião. Vocês conheciam-nas tão bem, e

vamos ter música lá, as canções e os músicos favoritos das meninas. Podem ajudar-me a escolher alguma coisa?

Os três filhos dos Cummins baixaram a cabeça seriamente e em silêncio, com os seus rostos húmidos a brilhar à luz do candeeiro. Sentiram-se honrados e, mais uma vez, assombrados por Ginna, no momento da sua mágoa mais profunda, poder ser uma força regenerativa para eles.

- A Robin disse-me uma vez o tipo de funeral que queria - continuou Ginna. - E sempre achei que estava a ser mórbida, mas agora... agora sinto-me tão abençoada por saber o que ela quer...

Quando Robin tinha cerca de nove anos, um dia a turma dela da St. Jerome's Elementary School tinha falado sobre a morte e a ideia de morrer. Embora a maior parte das crianças tivesse mostrado algum medo ou desconforto inicial com o tema, Robin abraçara-o. Mesmo naquela tenra idade, estava em paz com a ideia da sua própria morte. Naquela tarde, tinha ido para casa ter com Ginna e dito, num tom prosaico:

- Mãe, eu vou morrer jovem. Quando acontecer, quero que saibas o que fazer.

Na altura, Ginna ficara verdadeiramente atordoadada.

- Robin, não sejas tão mórbida! - exclamara. Tinha agarrado e abraçado a sua menina de nove anos, lutando contra o tipo de lágrimas que só uma mãe pode verdadeiramente compreender: lágrimas de terror.

- Não chores, mamã - dissera Robin. - Não vou falar sobre isto outra vez.

E durante anos, Robin não falou nisso. Mas quando tinha catorze anos, voltou ao tema.

- Mãe, eu não te quero incomodar - começou Robin -, mas tenho de falar contigo sobre uma coisa que é mesmo importante para mim. Por favor, não me contraries. Vai ser difícil para ti ouvir isto, mas ouve-me só desta vez e prometo que nunca mais falo no assunto.

As palavras que mãe e filha trocaram nos minutos seguintes tinham horrorizado Ginna, deixando-a arrepiada. Mas ela aguentou-as pela filha. Não fazia ideia de como seriam importantes poucos anos mais tarde.

Durante aquela conversa, Ginna descobrira que Robin tinha um pressentimento – não, mais do que um pressentimento, uma *sensação* – de que ia morrer jovem. E estava confortável com isso. Sentia-se descontraída e não tinha medo de morrer. Esperava deixar a sua marca no mundo antes de partir e esperava ser lembrada com ternura, e muitas vezes. Além disso, não sentia nada de formidável em relação ao seu destino, certamente nada de assustador.

Pediu a Ginna para proibir as pessoas de se vestirem de preto no seu funeral. Queria cores vivas e balões. Queria música alegre, músicos que cantassem sobre as coisas que Robin defendia e que lhe interessavam. Queria que os seus amigos viessem e partilhassem memórias felizes sobre ela e soprassem bolas de sabão. Não queria que ninguém chorasse.

Quando Robin acabou de falar, abraçou a mãe e beijou-lhe o rosto, agradecendo-lhe por ouvir. Agora, cinco anos mais tarde, Ginna tomava parte num círculo com a família do irmão e tentava aceitar o facto de as suas queridas filhas terem partido. Estavam desaparecidas há três dias, mas Ginna ainda não o aceitara realmente. Afinal, aquela conversa com Robin parecia ter acontecido ontem. Ainda sentia o abraço de Robin, conseguia ver a expressão de satisfação e alívio no rosto jovem da sua filha depois de finalmente se aliviar daqueles pensamentos.

Tink e Kathy reprimiram as lágrimas enquanto a tia falava, mas acabaram por soluçar enquanto Ginna descrevia os desejos de Robin. Ginna envolveu as sobrinhas nos seus braços, apertando-as e dando-lhes palmadinhas no cabelo enquanto choravam todas juntas.

Quando acalmaram, Ginna despediu-se de Kay e Gene. Por fim, virou-se para Tom, que lhe deu um longo abraço.

Depois mostrou a todos um sorriso ténue e corajoso antes de Gene a acompanhar até lá fora. Cinco minutos mais tarde, a família entrou em silêncio na grande carrinha azul. Todos acenaram em despedida à avó Polly e ao avô Art, que se abraçavam em frente à sua casa, agora vazia. Gene fez sinal ao carro-patrulha, que embalou o motor e depois arrancou à frente, determinado a cumprir a sua missão de escoltar a família Cummins em segurança até ao limite de St. Louis pela nova ponte Chain of Rocks.

Os miúdos iam sentados na parte de trás da carrinha, Tink e Kathy nos assentos individuais e Tom a ocupar o longo banco de trás. Todas as cortinas estavam abertas, e a luz crescente da manhã continuava a brilhar. Chegaram à nova ponte Chain of Rocks em menos de quinze minutos, e atravessaram-na ao lado da velha estrutura gigante de aço, que agora parecia negra e monstruosa.

Tink inclinou-se para a janela, enevoando o vidro com o seu fôlego enquanto atravessavam.

*

Robert Troncalli, amigo de Gray, estava empregado como recetor de armazém noturno no Wal-Mart local, e trabalhava duramente a descarregar camiões enquanto a zona rural circundante dormia. Estava habituado a dormir até tarde, e quando a campainha tocou por volta das dez e meia de segunda-feira de manhã, foi abrir a porta de mau humor.

O inspetor Walsh apresentou-se a si e ao seu parceiro Stuart a Troncalli e explicou que Marlin Gray fora *detido* por homicídio, e esperavam poder revistar a casa para procurar uma prova crucial. Enquanto dava aos inspetores a sua autorização para a busca, Troncalli sentiu-se, de repente, completamente desperto. A sua cabeça fervilhava e mal podia acreditar que Marlin Gray tinha mesmo sido

detido pelos homicídios que com tanta ligeireza reivindicara naquela mesma sala escassos dias antes. Troncalli estava pasmado.

O inspetor Stuart abriu o seu caderno e começou a fazer-lhe algumas perguntas simples sobre a sua relação com o suspeito enquanto Walsh tratava de procurar o Swatch verde que Gray escondera na poltrona reclinável de Troncalli. Troncalli observou, perplexo, enquanto Walsh tirava as almofadas de toda a mobília da sala de estar. O inspetor estava de joelhos, com os cotovelos enterrados nas almofadas, mas depressa voltou de mãos a abanar. Tornou a pôr cuidadosamente cada almofada no sítio quando acabou, mas depois levantou os móveis para procurar por baixo deles, também.

Troncalli tentou concentrar-se nas perguntas que Stuart lhe fazia, mas deu por si distraído pelas atividades de Walsh. A busca não deu frutos e, passados alguns minutos, os inspetores saíram tão abruptamente como tinham aparecido. Troncalli afundou-se atabalhoadamente na sua poltrona favorita e estudou o cartão que eles lhe haviam dado. Tinha um número de telefone e os inspetores tinham-no encorajado a ligar se encontrasse alguma coisa invulgar. Ficou sentado sozinho durante alguns minutos na sua casinha tranquila e olhou em volta da sala, como se estivesse ele próprio à procura de pistas. Do outro lado da sala de estar, agora silenciosa, o Swatch verde de Tom Cummins ainda estava bem enterrado na poltrona reclinável, depois de Walsh quase lhe tocar durante a sua busca.

Troncalli relatou todo o estranho episódio à sua mulher Kendra quando esta chegou a casa, mais tarde naquele dia. Ainda estava algo perplexo com a visita dos inspetores, e Kendra ficou igualmente chocada quando ouviu a notícia da detenção de Gray.

- E o que é que eles queriam aqui? De nós? - perguntou Kendra.

- Estavam à procura de provas - explicou Troncalli. - Supostamente, o Marlin roubou um relógio a este tal Cummins na ponte. Se conseguirem encontrar o relógio, podem ligá-lo fisicamente ao crime. Não sei porque acharam que podia estar aqui. Eu nem quero acreditar em nada disto.

Kendra abanou a cabeça e levantou-se da mesa, depositando um beijo na face do marido ao fazê-lo. Também não sabia o que pensar de tudo aquilo. Era muita coisa para absorver. Mas ela tinha demasiado que fazer para ficar parada a pensar naquilo o dia todo. Começou a esvaziar sacos do supermercado enquanto o marido permanecia sentado, imóvel, à mesa da cozinha, a olhar distraidamente para os cartões de visita que os inspetores lhe tinham deixado.

Quando Kendra acabou de arrumar as compras e se preparava para passar à tarefa seguinte na sua lista, já Troncalli despertara e estava lá fora a tratar do jardim. Kendra tirou o aspirador do seu lugar habitual e arrastou-o para o meio da sala de estar. Enquanto avançava com o seu trabalho de rotina, a sua cabeça andava à roda com a notícia que o marido acabara de partilhar. Mordeu distraidamente o lábio inferior enquanto se esticava por trás do sofá para ligar o aspirador à tomada. Quando o ligou, o zumbido rítmico expulsou os pensamentos menos agradáveis que lhe cruzavam a cabeça. Inclinou-se para empurrar a pesada poltrona reclinável para o lado e limpar por baixo dela. Mas quando se debruçou, apoiando o seu peso na poltrona, reparou num objeto que pendia de uma almofada baixa e estacou.

Levantou-se e desligou o aspirador, deixando que o ronronar parasse antes de se voltar a mexer. Quando enfiou a mão por baixo da almofada e puxou o misterioso objeto, este caiu, plenamente visível, na alcatifa da sala de estar: o Swatch verde de Tom Cummins ficou aos pés de Kendra por uns momentos e ela olhou-o com frieza.

Odiava o que aquilo implicava – odiava o facto de este relógio no chão da sua sala revelar a culpa de Marlin Gray. Mas sabia o que tinha de fazer.

Kendra e Troncalli estavam sentados lado a lado enquanto ele marcava o número do inspetor que estava no cartão.

– Inspetor Stuart – disse Troncalli, respirando fundo para conseguir proferir a frase seguinte. – Acho que eu e a minha mulher encontrámos aquela prova de que andava à procura.

*

O título principal do *St. Louis Post-Dispatch* na segunda-feira de manhã era «Dois suspeitos detidos em mortes de irmãs: polícia iliba primo após nova reviravolta no caso». O artigo descrevia de forma breve os dois novos suspeitos, mas não referia os nomes de Reginald Clemons nem de Marlin Gray.

O jornalista que escreveu o artigo perguntava a Jacobsmeyer porque é que Tom Cummins tinha feito anteriormente declarações que o incriminavam. Jacobsmeyer respondia que Tom estava «obviamente traumatizado e baralhado com todo o episódio». Marlin Gray só estava detido há algumas horas quando o jornal foi enviado para impressão, portanto, embora o nome de Tom estivesse a ser oficialmente ilibado, a informação disponível sobre o motivo era escassa e pouco convincente. A opinião pública de St. Louis seguramente ainda *não* começara a apoiá-lo.

*

À semelhança da sua prima Tink, Danni Thess tinha dezasseis anos, pelo que andava no décimo primeiro ano da escola secundária de Wentzville. Com cabelo loiro comprido, olhos azul-vivos e um lugar de titular na equipa de futebol da escola, era uma rapariga popular. Lisa, a sua

mãe, era irmã de Gene e Ginna, e tinha muito orgulho nos seus três filhos, todos eles inteligentes, atléticos e bem-educados. Danni tinha pensado em opor-se à mãe quando ela insistira em que voltassem à escola na segunda-feira, mas sabia que perderia a batalha. Passara a maior parte do fim de semana ora a esperar ora a chorar, e não dormira muito. Tal como o resto da família, Danni ficara absolutamente aliviada quando Tom fora libertado no sábado, e ainda mais reconfortada com as duas detenções do dia anterior. Mas o coração ainda lhe pesava com dor e preocupação, e certamente que não estava com disposição para as aulas. Chegou à escola naquela manhã a sentir-se cansada, paranoica e infeliz.

Desta vez, exceccionalmente, Daniel Winfrey até estava contente por chegar à escola na segunda-feira de manhã. Tinha sido um fim de semana longo e lancinante, e as suas aulas do décimo ano na escola secundária de Wentzville eram uma distração bem-vinda. Amanda, a sua namorada, ainda não sabia bem o que pensar da história que ele lhe confidenciara, mas percebia que o namorado estava muito tenso. Ela reagia tentando comportar-se normalmente, padecendo de um caso clássico de «Se ignorar o problema, talvez ele desapareça».

Wentzville era uma comunidade tranquila, portanto a notícia da detenção noturna de Marlin Gray já circulava pelos corredores da escola ao início daquela manhã. Danni Thess sentia-se desconfortável. Sabia que os amigos só estavam a tentar ser delicados, mas na verdade, achava que até a franqueza teria sido melhor do que os sussurros e olhares desviados que encontrava para onde quer que se virasse. Estava determinada a ultrapassar aquele dia. Não ia deixar que a nova notoriedade da sua família lhe tomasse conta da vida, e começava a ficar irritada. Sinceramente, porque é que as pessoas não percebiam que a dor da sua família era mais importante do que todo o falatório e sensacionalismo circundantes? Bateu

sombriamente com a porta do seu cacifo, soprou a franja da frente dos olhos e encaminhou-se, determinada, para a quarta aula do dia.

O inspetor Walsh protegeu os olhos do sol intenso do meio-dia quando ele e Stuart pararam o carro num lugar do parque de estacionamento da escola secundária de Wentzville. Outro carro chegou logo atrás deles e dois agentes da brigada de delinquência juvenil do condado de St. Charles abriram as portas e saíram. Os quatro homens dirigiram-se juntos à escola.

Alguns minutos mais tarde, Danni Thess juntou-se a alguns dos seus colegas de turma à janela para ver a polícia a levar da escola, algemado, o rapaz novo, loiro, do nono ano. Tinha a cabeça baixa, de vergonha, enquanto caminhava entre os dois agentes fardados. Mas Danni não sabia que o nome do rapaz era Daniel Winfrey. E sem dúvida que não fazia ideia de que ele estava a ser detido pela violação e homicídio das suas primas.

Os nomes de Gray e Clemons foram transmitidos à imprensa ainda durante aquele dia. Ao fim da tarde, já os jornalistas estavam a entrar em direto, inundando os respetivos bairros dos suspeitos. Jacquie e Sheila assistiam juntas ao noticiário da NBC na sala de estar de Ginna, sentindo-se algo vingadas por ver que os *media* estavam finalmente a bater à porta certa. Vários vizinhos de Clemons foram entrevistados, e todos expressavam o seu choque por o filho sossegado do padre ter sido detido por um crime tão brutal.

Buffie Garnett, uma vizinha, era especialmente franca. «Era um rapaz simpático. Sabe, muito sossegado. Gostava de estar perto das pessoas, mas era muito sossegado. Eu vi-o no outro dia e ele disse-me que tinha um emprego e tudo, e não acredito que ele pudesse fazer uma coisa destas. Era doce e compreensivo... nunca pensei que pudesse fazer uma coisa destas», dizia.

Outra vizinha, Patricia Gully, conhecera Clemons desde que ele tinha cerca de quatro anos e descrevia-o como «uma criança atenciosa e amigável». Nunca o vira discutir com outras crianças, ser ordinário, nem responder torto a adultos. De facto, dizia, tinha sido sempre um perfeito cavalheiro.

Ainda outra vizinha, Mardelle Meckfessel, ecoava este sentimento nas suas histórias sobre as muitas vezes que Clemons a tinha ajudado a cortar a relva ou a carregar folhas. «E nunca me cobrou nada», dizia.

Nas imagens, os vizinhos juntavam-se solenemente à entrada das suas casas e abanavam a cabeça enquanto as crianças andavam de bicicleta na rua e os adultos trocavam boas recordações dos suspeitos.

A reportagem passou então para uma imagem de Eva, com um ar exausto, sentada no degrau da frente de casa, de *jeans* e camisola larga. O seu sorriso era obviamente mais uma reação nervosa do que qualquer outra coisa. Sandra Hughes, a jornalista que se encontrava sentada a seu lado, estava impecável num elegante fato cinzento, e nenhuma das duas mulheres parecia confortável na companhia da outra. Apenas a destruição do mundo de Eva e a compulsão da jornalista para satisfazer a curiosidade do público as juntava.

- Não gosto do que ele fez - disse Eva para a esponja do microfone enquanto Hughes lho estendia -, mas eu gostava mesmo dele e suponho que estava simplesmente a passar por um momento mais difícil do que eu pensava.

Hughes interrompeu-a, após uma breve tentativa de conter a sua surpresa com a reação de Eva. Esperava os protestos de inocência que este tipo de entrevistas normalmente provocavam. Eva não lhe parecia convincente, ou mesmo ela própria convencida, em relação à inocência do seu namorado.

- Então acha que ele fez mesmo isto ou acha que não? - insistiu Hughes.

Eva hesitou momentaneamente, a debater-se com o seu sorriso nervoso e a torcer uma madeixa de cabelo em volta do dedo enquanto respondia.

- Sinceramente, sabendo o que sei do Marlin, diria que não, não é a personalidade dele, não *está* na personalidade dele fazer uma coisa destas, mas sabendo os factos todos, hum... eles dizem... hum, eles dizem que foi ele.

Quando Hughes terminou a entrevista e passou de novo a emissão para o estúdio, um dos pivôs abanou a cabeça e comentou:

- Sabes, Sandra, a polícia diz que este caso sofreu mais reviravoltas num período de tempo tão curto do que qualquer caso de que se lembrem.

- Tens toda a razão - respondeu Hughes. - É absolutamente incrível.

*

Tom e a família não estavam em St. Louis para assistir à liberação pública do seu nome, e ainda bem que assim era, provavelmente. Estavam de volta a Gaithersburg quando o *St. Louis Post-Dispatch* de quinta-feira publicou uma declaração do comandante do departamento de polícia da cidade de St. Louis em resposta a uma pergunta sobre o motivo pelo qual uma pessoa inocente poderia confessar-se culpada.

- Em geral, teria de ser uma pessoa com uma personalidade ou carácter fraco a fazer uma coisa destas. Algumas pessoas seriam muito facilmente intimidadas pela polícia e outras não - explicou o comandante, tentando ferozmente defender a conduta dos seus agentes, mesmo que esta defesa viesse à custa de Tom.

Em Gaithersburg, a família Cummins tinha uma almofada de mil e quatrocentos quilómetros deste tipo de comentários insensíveis e, de qualquer modo, estavam ocupados a chorar as suas perdas e a tentar recompor as

suas vidas. Os seus amigos mostraram-se inequivocamente solidários. As vizinhas revezavam-se a trazer-lhes refeições e bolachas. As amigas de Kay não a deixavam cozinhar, e um dia três delas até apareceram com material de limpeza e limpavam a casa freneticamente. Não precisava de muito trabalho, mas elas queriam muito mostrar o seu apoio à família enlutada.

- Nós sabíamos que não foi ele. Nunca duvidámos dele - disseram os amigos de Gene da igreja. - Sabíamos que era um erro terrível.

E no quartel de bombeiros, os colegas de turno de Tom lidaram com a tragédia com o humor negro e a lealdade constante que apenas os bombeiros conseguem mostrar.

- Merda, já voltaste? - brincou o tenente de Tom perante o seu estranho e surreal regresso à companhia de salvação 2. - Pensávamos que nos tínhamos livrado de ti.

Tink e Kathy tiveram um pouco mais de dificuldade em reabilitar-se a estar perto de outras pessoas. Embora os amigos mais próximos se juntassem em seu redor e as apoiassem, nenhuma delas era imune aos rumores sussurrados que corriam pela escola. Por mais de uma vez, foram sujeitas a sorrisos solidários e condolências, logo seguidos de comentários desagradáveis ouvidos por acaso nos corredores movimentados da escola.

- Sim, o irmão delas molestou e matou as duas primas deles - sussurravam aqueles que só tinham visto a cobertura sensacionalista inicial do caso e tinham perdido a notícia posterior sobre a inocência de Tom. A cobertura mediática parecia ter sido ainda mais desequilibrada em Gaithersburg do que noutros sítios, pois ali a notícia de um bombeiro local ter matado as suas duas primas era notícia de primeira página, mas a verdade menos espetacular de, na verdade, terem sido quatro canalhas a assassinar as duas raparigas merecia apenas cabeçalhos menores.

Nas suas mochilas, tanto Tink como Kathy levavam declarações preparadas que Gene lhes redigira caso algum dos sempre persistentes meios de comunicação tentasse assediá-las na escola ou no treino de futebol. Kathy procurava o apoio de alguns bons amigos de infância, ao passo que Kathy se fechava em si e lia o seu diário. Ambas tinham dificuldade em nutrir qualquer interesse pelo mundo banal dos seus estudos, e iam a correr para casa todos os dias depois do treino de futebol, à espera de notícias das suas primas, em vez de ficarem a conversar com os amigos, como antes era seu hábito. Os interesses dos seus amigos pareciam-lhes agora mesquinhos. Um dia, Tink até deu por si a ser rude com uma amiga que se queixou de estar a ter o «pior dia da vida dela» depois de uma nota decepcionante num teste, uma unha partida e uma amolgadela no carro. Tink olhou furiosa para a amiga e respondeu:

- Se este é o pior dia da tua vidinha mimada, devias considerar-te afortunada.

As semanas passavam lentamente e a família Cummins começou a sentir-se mais isolada do que reconfortada pelos mil e quatrocentos quilómetros que agora os separavam de St. Louis. A avó Polly recolhia todos os recortes de jornal que encontrava e enviava-os semanalmente a Kay. Todos os factos deturpados e a desinformação que lera sobre a sua própria família ao longo das duas últimas semanas tinham ensinado Kay a tornar-se uma leitora muito exigente. Ainda assim, quando se sentou com a sua primeira leva mensal de artigos, sentiu-se reconfortada por ver Julie e Robin caracterizadas como «raparigas preocupadas com a paz mundial e em lutar contra o ódio racial» num artigo do *Post-Dispatch*. E ficou mais irritada do que perturbada quando leu o artigo de 12 de abril com o cabeçalho «Dois suspeitos de violação queixam-se de violência policial». *De violência percebem eles*, pensou amargamente.

No entanto, Kay deu por si a ficar cada vez mais irritada com a extensa cobertura de fim de semana do *Post-Dispatch* das acusações de violência policial. O cabeçalho de sábado dizia «Advogado e mãe dizem que suspeitos foram espancados: dois jovens acusam polícia de violência». No domingo, o cabeçalho já era «Amigos defendem suspeitos do homicídio de irmãs: 'Há alguma coisa que não bate certo', diz o padrasto de um dos dois acusados». Ambos os longos artigos estavam salpicados de descrições de Gray e Clemons, dos seus passatempos e personalidades, e cada um dedicava apenas um breve parágrafo a Julie e Robin.

«A canção de Marlin Gray ecoava no ar noturno enquanto ele estava na velha ponte Chain of Rocks, bem acima do rio Mississípi», começava o artigo de domingo. «Ele adorava cantar e dançar ali, dizem os amigos. O eco era um grande atrativo, e dançar ali era a sua paixão. Há anos, em St. Louis, ganhou um concurso de dança de sócias de Michael Jackson.»

Clemons era descrito pelo seu amigo Harold Whitener como «um bom rapaz a tentar encontrar o seu lugar neste mundo louco».

Um bom rapaz?, pensou Kay, enquanto tentava digerir o artigo. Tinha duas sobrinhas mortas e um filho destroçado, uma filha que ainda mal comia ou falava, e outra que quase apanhava um susto de morte sempre que tocava o telefone ou a campainha. Ela própria se estava a debater com imagens horríveis que a assaltavam a toda a hora do dia. E estes tipos tinham a lata de se queixar de violência? *Ponham-nos sozinhos comigo numa sala*, pensou. *Eu mostro-lhes o que é violência.*

Mas o artigo mais perturbador até então era o que tinha como título «Busca por duas irmãs pode demorar semanas». Kay passou-o para o fundo da pilha antes de voltar a guardar a coleção inteira no seu volumoso envelope. Já tinham passado quase duas semanas desde o

desaparecimento das suas sobrinhas, e a esperança de alguma vez encontrarem as raparigas desvanecia-se rapidamente. Ela temia o momento em que Tink e Kathy chegavam a casa da escola com a inevitável pergunta diária: «Alguma novidade, mãe?» A resposta era não, não havia novidades. E talvez não houvesse durante muito tempo. Na verdade, talvez nunca houvesse.

Kay sentia-se mais bem preparada para o lote seguinte de artigos, quando chegaram, e de qualquer modo estes eram mais fáceis de ler. Na primeira página do *Post-Dispatch* de segunda-feira, dia 15 de abril, uma grande fotografia a cores mostrava um grupo de amigos de Julie e Robin a abraçarem-se na velha ponte Chain of Rocks. O cabeçalho dizia: «Ponte era lugar especial para as irmãs: elas partilhavam um interesse por poesia e pessoas». O artigo era um belo elogio às raparigas, e citava várias vezes a poesia de Julie. Focava-se em grande parte no seu ativismo social e altruísmo. Ginna também era entrevistada, contando algumas das suas histórias favoritas sobre as filhas e a sua energia inesgotável. O artigo até citava o mantra de Julie: «Quem disse que não podemos mudar o mundo?»

«Robin, que adorava roupa *vintage*, teria dado uma bela modelo para a Coco Chanel», declarava o artigo. E isto podia ter sido verdade – Robin, com as suas maçãs do rosto salientes, figura esguia e olhos ardentes, provavelmente teria sido uma ótima modelo da Chanel. Mas se estivesse viva para ouvir este elogio, provavelmente teria revirado os olhos e fingido que vomitava, com o horror sarcástico que era sua imagem de marca.

Enquanto Kay folheava artigos de jornal em Gaithersburg, Ginna estava sentada no silêncio excessivo de sua casa, em St. Louis, a examinar a poesia de Julie. Embora sempre tivesse sido a maior fã da filha, agora Ginna ganhara uma admiração ainda maior pelo talento

de Julie, e o peso das palavras da filha envolvia-a como um pesado manto. Os poemas dela pareciam quase misteriosamente proféticos:

*somos quase santos agora
e o rio está ainda mais largo
e metade do rio à nossa frente.
o rio não quer saber dos nossos problemas
o rio - frio, ameaçador, indiferente, perigoso
a própria água - vida, batismo/renascimento,
uma força em movimento,
uma presença em mutação
dilui os outros líquidos, consome-nos mas é a nós;
nós somos feitos dele
quando observamos a água enquanto
estamos nela, deixa-nos muito tontos.
os rios são fronteiras
atravessar um significa terra estrangeira,
gente estrangeira
florestas escuras a encontrar
mas é também uma fuga
de medos físicos e psicológicos,
culpa, vergonha - sentimentos que acalento.
portanto, as pontes são uma coisa boa? se assim é,
então
porque não atravessamos o rio pela ponte?
atravessar uma ponte significa uma vida nova dentro
e fora, significa também resolver problemas,
subir no mundo da maturidade

atravessar a pé significa que talvez alguém nos esteja a
perseguir, talvez estejamos isolados e não
consigamos
encontrar uma ponte, talvez não soubéssemos
no que nos estávamos a meter.*

Quando finalmente chegou, a notícia de que tinham encontrado um cadáver foi recebida com sentimentos muito contraditórios em todos os quadrantes. Três semanas depois dos homicídios, um pescador em Caruthersville, Missouri – quase trezentos quilómetros a jusante de St. Louis – içou o cadáver de uma rapariga com um relógio Seiko dourado do traiçoeiro Mississípi. No dia seguinte, o Dr. Michael Graham, patologista forense e médico-legista da cidade de St. Louis, usou os registos dentários para identificar Julie.

A família, que estivera à espera de pelo menos algum grau de conforto com a notícia de uma descoberta, encontrou poucos motivos para se sentir aliviada. Ginna deu voz ao que todos estavam a sentir. «Não sei porquê, mas estava mesmo à espera de que fossem encontradas juntas», disse. «Nunca me ocorreu que uma fosse encontrada antes da outra.»

Quase ficou zangada quando um jornalista lhe perguntou pelos preparativos para o funeral.

– Eu perdi duas filhas – respondeu. – Nós esperamos pela Robin.

E esperaram. Mas quando mais três semanas passaram e a busca de Robin continuava a não dar resultados, Ginna tomou a decisão dilacerante de avançar com uma missa fúnebre.

O funeral e a missa foram marcados para segunda-feira, dia 20 de maio, na igreja católica de St. Jerome.

Ginna estava determinada a honrar os desejos expressos de Robin ao planear o funeral, e o resultado foi uma missa de que ambas as raparigas se teriam orgulhado – uma celebração das suas vidas. A igreja estava cheia a ponto de não haver mais lugares sentados, com muitos dos presentes a usar as cores vivas pedidas, em vez dos castanhos e pretos que eram mais comuns em eventos tristes como aquele. Todos os amigos de Julie e Robin receberam bolas de sabão e foram encorajados a soprá-las

durante a missa. O reverendo Gene Robertson, que tinha sido professor de Julie no secundário, fez um discurso.

- Talvez o mundo não fosse capaz de lidar com as irmãs Kerry - disse ele. - Talvez o mundo não estivesse preparado para elas.

Terminou o seu discurso com um apelo à ação social, encorajando os presentes a «empunhar a tocha da justiça que elas empunhavam, a trabalhar contra a guerra e a violência, a trabalhar pelos sem-abrigo».

Antes de a missa acabar, muitas pessoas abriram os rolos de uma página, em tons pastel, que lhes tinham sido dados como lembranças das raparigas. Eis o que encontraram:

JULIE E ROBIN KERRY

20 de maio de 1991

Estas palavras foram retiradas das paredes dos seus quartos.

*Isto é aquilo em que acreditavam.
Era assim que viviam.*

Dá ao mundo o melhor que tens e
o melhor voltará a ti.

DEEM-ME UM PONTO DE APOIO E LEVANTAREI O MUNDO.

Só aqueles que arriscam ir demasiado longe podem
descobrir quão longe podem ir.

Uma modesta proposta de paz:
Deixem os cristãos do mundo concordar que
não se vão matar uns aos outros.

Será um grande dia quando as nossas escolas conseguirem
todo o dinheiro
de que precisam e a força aérea tiver de fazer
uma venda de bolos para comprar um bombardeiro.

Se o amor vem do coração, de onde vem o ódio?
As crianças não nascem a saber como odiar. Têm de ser
ensinadas. Portanto, a lição é simples. Não ensinemos às
crianças ódio e preconceito, porque o que elas não sabem
não as vai magoar – nem aos outros.

A PAZ É PATRIÓTICA.

A paz sem compreensão é apenas ódio silencioso, e uma
guerra silenciosa é interminável, porque mata a partir do
interior.

Silêncio = Morte.

DÁ UMA OPORTUNIDADE À PAZ.

O futuro não é uma coisa em que entramos.

O futuro é uma coisa que criamos.

QUEM DISSE QUE NÃO PODEMOS MUDAR O MUNDO?

Julie foi sepultada num caixão branco brilhante no
cemitério de Calvary, no norte do condado de St. Louis, ao
fim daquela tarde. A procissão até ao cemitério tinha bem
mais de cem carros de comprimento e por toda a fila se
viam as bolas de sabão a flutuar das janelas abertas. No

cemitério, Ginna e Rick atiraram rosas vermelhas para o caixão branco enquanto este mergulhava na terra. A lápide que seria erigida dizia simplesmente: KERRY. JULIE, 16 DE DEZEMBRO DE 1970 - 5 DE ABRIL DE 1991. ROBIN, 27 DE JANEIRO DE 1972 - 5 DE ABRIL DE 1991. ESTIMADAS FILHAS, IRMÃS, AMIGAS. AMAMOS-VOS MUITO.

O corpo de Robin nunca foi encontrado.

*

O cabeçalho do *St. Louis Post-Dispatch* de terça-feira, dia 21 de maio, dizia: «Irmãs Kerry recordadas como defensoras da justiça: duas raparigas cujas vidas terminaram violentamente são choradas». Depois disto, a frequência dos cabeçalhos sobre os homicídios de Julie e Robin, ou «os homicídios da ponte Chain of Rocks» começou a diminuir. Foi um fenómeno agridoce para as famílias. A intensidade da dor delas não baixou a par do barulho e do sensacionalismo. Embora Ginna se sentisse absolutamente aliviada com a trégua da abominável atenção pública, também começava a temer que agora as suas filhas fossem esquecidas.

No dia 23 de junho de 1991, mais de onze semanas depois das mortes de Julie e Robin, o *Post-Dispatch* publicou um breve artigo sobre a acusação de Gray, Clemons, Richardson e Winfrey. Afirmava que os quatro homens eram todos acusados de homicídio, violação e roubo, e que os dois menores tinham ambos sido atestados para serem julgados como adultos. O artigo identificava-os como «os quatro suspeitos anteriormente acusados dos homicídios de Julie e Robin Kerry, que foram violadas e atiradas da velha ponte Chain of Rocks para o rio Mississípi». Pela primeira vez num jornal, as violações e homicídios de Julie e Robin não eram rotuladas como «alegadas». St. Louis, através dos seus *media*, finalmente tinha aceitado a verdade de Tom.

CAPÍTULO 14

Mais de um ano depois, em setembro de 1992, Nels Moss estava sentado numa suíte de hotel em Gaithersburg, Maryland, num sofá florido, com os seus ténis apoiados na mesa de centro cheia que tinha à sua frente. A sala estava atulhada de pastas de cartolina, cada uma com diversos factos e documentos relacionados com o caso intrigante no qual estava ali para trabalhar. No seu colo, uma das pastas encontrava-se aberta, exibindo fotos da velha ponte Chain of Rocks. Moss abanou a cabeça enquanto folheava as fotos.

- Simplesmente não faz sentido - murmurou, fechando a pasta e atirando-a para uma pilha de ainda mais pastas para ir ver quem estava a bater à porta do seu quarto de hotel.

Tom Cummins e o pai, Gene, defrontavam-no no estreito corredor de hotel, e Moss acolheu cada um com o seu sorriso profissional e um forte aperto de mão. A relação de Gene com o filho evoluíra radicalmente no último ano; tinham desenvolvido um maior sentimento de igualdade entre eles. Apesar deste facto, Gene ainda possuía um instinto de proteção em relação ao filho. Tom estava claramente confortável com Moss e ansioso por começar a trabalhar, mas Gene hesitava em deixar o filho sozinho com qualquer pessoa que estivesse na mesma folha de pagamentos que o departamento de polícia de St. Louis. Só depois de vários gestos pouco subtis de Tom é que Gene se despediu, dizendo a Tom para lhe ligar quando estivesse pronto para uma boleia até casa.

Depois de Gene sair, Moss ficou calado durante uns momentos, a vasculhar as pastas e a organizar-se para a conversa. O assunto oficial de que iam tratar chamava-se «preparação de testemunha». O propósito da visita de Moss a Gaithersburg era encontrar-se com Tom, explorar as memórias dele a fundo e instruí-lo sobre o que esperar no julgamento iminente. Moss encontrara-se pela primeira vez com Tom no final de abril de 1991, mais de um ano antes, e menos de um mês depois das mortes das irmãs Kerry. Tom tinha ido de avião para St. Louis assistir a quatro sessões de reconhecimento criminal e acertara na identificação de cada suspeito sem a mínima hesitação. Portanto, Moss não sabia explicar por que motivo não acreditava totalmente no rapaz.

Depois das suas detenções, Winfrey, Clemons, Richardson e Gray tinham todos falado e feito acusações suficientes para se implicarem a si próprios e uns aos outros. E em cada um dos seus casos havia provas suficientes para corroborar a maior parte da história de Tom. Mas havia muitos pormenores, muitos pequenos factos, que não encaixavam bem. Moss tinha uma tarefa difícil pela frente.

Depois de começar a sua conversa com Tom, tomou apontamentos minuciosos e parou muitas vezes para pedir esclarecimentos, enquanto Tom relatava os detalhes íntimos da sua terrível história. Quando Tom começou a descrever o poço pelo qual foi obrigado a descer, e a barra de ferro que usara como degrau na descida, Moss deteve-o.

- Espera aí um segundo - disse, atirando o bloco de apontamentos e a esferográfica para o sofá ao seu lado. Abriu a pasta que tinha as fotos da ponte. - Descreve-me outra vez essa parte.

- Bem, havia uma barra, uma espécie de barra de ferro, algumas dezenas de centímetros abaixo do poço, na qual podíamos apoiar o pé para descer. Era inclinada, mais ou

menos na diagonal em relação ao buraco – explicou Tom, algo perplexo com o interesse do advogado num pormenor aparentemente tão pequeno. – E depois, quando saltei, vi as minhas primas ali deitadas e fiquei ali parado um segundo até os tipos me dizerem para me deitar ao lado delas.

– Ora, quando dizes que ficaste ali *parado*, estavas mais ou menos agachado ou estavas completamente de pé? – perguntou Moss.

– Não, estava de pé. De pé e com as costas direitas – respondeu Tom.

Moss abanou a cabeça e escreveu furiosamente no bloco de notas.

– O que se passa? – perguntou Tom.

– Quanto medes? – perguntou então Moss.

– Não sei. Um e setenta e cinco, um e setenta e oito – disse Tom. – Porquê?

Moss largou a sua caneta outra vez.

– Eu estive no poço, ainda há umas semanas estive lá. A barra não está na posição que tu dizes e eu não consegui pôr-me completamente de pé na galeria. O tabuleiro da ponte era demasiado baixo, por cima da minha cabeça. Tive de me agachar bastante. Tens a certeza de que te estás a lembrar bem destes factos? Há alguma coisa que seja um bocado nebulosa?

Tom abanou a cabeça com ênfase.

– Não, há certos momentos, ou certos factos que podem estar confusos na minha memória, mas este não é um deles. A barra estava na diagonal: no mostrador de um relógio, o ângulo ficaria talvez entre as oito e as duas horas, ou por aí. Assim – Tom fez uma diagonal acentuada com o braço. – E não tenho dúvida de que estava de pé. Os dois rapazes também estavam de pé quando nos passaram a todos da galeria para o pilar. Sem dúvida: havia montes de espaço.

Moss abanou a cabeça outra vez e passou as mãos pelo rosto num gesto de cansaço.

- Olha - disse, passando uma das fotos a Tom. - Isto sou eu em pé na galeria por baixo do poço.

Tom fitou com perplexidade a foto de Nels, de pé com os ombros curvados sob o teto baixo do tabuleiro da ponte.

- É impossível teres estado de pé ali em baixo. Há alguma coisa, seja o que for, que não me estejas a contar? Ou de que talvez não te lembres bem?

Tom abanou a cabeça outra vez, e examinou a foto. Estava desconcertado. - Hum - disse, constrangido. - Estranho.

- E vês, aqui está o poço fotografado de cima. Podes ver que a barra de ferro não está claramente no ângulo que tu descreves. Está na horizontal.

Tom aceitou a segunda foto do advogado e estudou-a por um momento, notando o ângulo errado da barra, e abanando a cabeça de novo. Moss passou-lhe outra foto do poço, esta tirada de mais longe e a mostrar mais do tabuleiro da ponte. Tom detetou logo o problema.

- É o poço errado - disse.

Moss ergueu os olhos da sua pasta.

- O quê?

- É o poço errado, o senhor foi ao poço errado. Aquele que atravessámos tinha um jogo da macaca em *graffiti* por cima.

Moss estava com um ar cético, mas de qualquer maneira pegou na sua caneta e começou a escrever.

- Não vejo como isso seja possível. Este é o poço no qual a polícia tem estado a focar a investigação desde o início. É o que o Richardson indicou durante a sua cooperação inicial enquanto testemunha. Não é o mesmo que indicaste aos inspetores naquela primeira manhã? Quando lá foste na manhã do dia 5 de abril?

- Não - respondeu Tom. - Sem dúvida que é o poço errado.

Moss tinha menos de um mês antes da data marcada para o início do julgamento de Marlin Gray. A sua principal testemunha era um miúdo que fora o primeiro suspeito no caso e que anteriormente fizera aquilo a que agora a polícia chamava «depoimentos autoincriminatórios». E agora, para cúmulo de tudo o resto, aquela testemunha estava a dizer-lhe que a investigação policial na qual se estivera a fiar não era, na verdade, de confiança. Moss não sabia em que acreditar. Os únicos factos aparentemente incontestáveis no caso eram que as irmãs Kerry, que, segundo diziam, haviam sido raparigas notáveis, tinham sido brutalmente assassinadas no dia 5 de abril de 1991. E agora cabia-lhe a ele julgar os seus assassinos.

Antes de Moss terminar a conversa naquela tarde, pediu a Tom opinião sobre a ideia de oferecer um acordo a um dos quatro suspeitos. Tom mostrou-se hesitante.

- Bem, é o seguinte - explicou Moss. - Temos bons argumentos, argumentos fortes. Mas eu gostava que fossem ainda mais fortes. Um júri podia achar o teu testemunho questionável porque foste o primeiro suspeito neste caso. E além disso, eu tenho de fazer mais investigação sobre aquilo de que falámos hoje. Se não conseguirmos conciliar as tuas informações com as nossas provas, isso vai ser um problema. Portanto, para garantir que nada falha, acho que devíamos oferecer a um destes tipos um acordo. Agora, um facto que tem sido constante em todas as versões dos acontecimentos daquela noite é que o Daniel Winfrey, o réu mais jovem, não participou nas violações. Eu gostava de lhe oferecer prisão perpétua e pô-lo a testemunhar contra os seus cúmplices. Acho que ele podia ser a nossa peça decisiva. Sei que o miúdo não era um anjo. Mas tinha quinze anos, e só tinha conhecido dois dos outros rapazes *naquele dia*. Não era

necessariamente o patife de carreira que os outros podiam ter sido.

Tirando os seus nomes e caras, Tom não sabia nada sobre os quatro rapazes que tinham assassinado Julie e Robin. Não estava interessado nas suas personalidades ou currículos, e sem dúvida que não gostava da ideia de fazer um acordo com qualquer um deles. Mas depois de conversar com Moss, acabou por aceitar que, se fosse absolutamente necessário, devia ser Winfrey a conseguir o acordo. Moss deixou Gaithersburg para regressar a St. Louis no dia seguinte com muito que fazer até o julgamento começar.

Quando, uns dias mais tarde, telefonou a Tom para lhe contar que voltara à ponte, Tom não ficou surpreendido por descobrir que Moss tinha confirmado todos os seus pormenores sobre o poço. Ficou, porém, surpreendido com a súbita franqueza do sempre profissional Moss.

- Tenho de te dizer, Tom - disse Moss. - Eu tinha as minhas dúvidas sobre ti. Muito sinceramente, estava mesmo hesitante quando falámos na semana passada e isto não estava a bater certo. Tive medo de que pudesses estar a esconder alguma coisa. E este caso sempre foi tão bizarro que nunca soube bem no que acreditar. Mas quero que saibas que agora acredito em ti, completamente, e confio em ti. Desculpa ter duvidado de ti. Agora vamos apanhar estes sacanas.

*

O julgamento de Marlin Gray estava marcado para começar na segunda-feira, 5 de outubro de 1992. Por causa da extensa cobertura mediática do caso e da simpatia do público por Julie e Robin, os procuradores e advogados de defesa demoraram quatro dias a selecionar um júri. Kay, Gene e Tom, na altura muito nervoso, voaram para St. Louis naquela quinta-feira. Kay iria ficar em casa dos pais até ao fim do julgamento. Tom e Gene, que

tinham ambos sido citados, ficariam num hotel no centro de St. Louis, não muito longe do tribunal. Isto não era uma visita social e Tom não queria passar tempo com a sua família de St. Louis enquanto ali estivesse. Estava ansioso e desconfortável, e tinha medo de que estar com a família o pudesse distrair da difícil tarefa que o esperava. Mas também não estava preparado para a solidão e tédio de passar o julgamento inteiro enfiado num quarto de hotel com a companhia do pai como única distração.

Tom só poderia entrar na sala de audiências durante o seu próprio testemunho, portanto ele e o pai não estavam presentes na sexta-feira de manhã, dia 9 de outubro, quando o julgamento começou. Mas Kay estava sentada na sala de audiências cheia, perto de Jacquie, Ginna e Sheila, e tomou notas meticulosas durante o depoimento inicial de Moss. Ficou impressionada com o aspeto de Marlin Gray. Não esperava que fosse tão atraente. Com um metro e noventa de elegância e músculo, estava imaculadamente arranjado e fazia uma bela figura no seu fato de corte requintado. Sorria, encantador e confiante, a cada um dos jurados à medida que estes entravam. Kay ficou enojada só de vê-lo. E ficou quase igualmente enojada ao ver a advogada de defesa, Dorothy Hirzy, que Kay descrevia nos seus extensos apontamentos como «a cara chapada da Cruella De Vil».

Depois das alegações iniciais, Ginna foi a primeira testemunha a ser chamada a depor. Mostrou-se digna e falou suavemente, e evitou o contacto ocular com o assassino das suas filhas. Falou sobre o tempo que passara com Julie e Robin na noite dos homicídios. Falou naquilo que levavam vestido naquela noite e no carro de Julie. Não falou sobre o doloroso buraco que há um ano e meio ia crescendo no seu coração. Não falou da solidão e perplexidade da sua filha Jamie. Não falou do facto de adormecer a chorar todas as noites, nem do seu terror muito pessoal: de como o seu trauma parecia piorar de dia

para dia enquanto o resto do mundo continuava a avançar sem ela e de algum modo esperava que ela acabasse por recuperar.

A melhor amiga de Julie, Hollee McClain, subiu à barra do tribunal nessa tarde para falar um pouco sobre a sua amizade com Julie e Robin. A voz falhou-lhe momentaneamente enquanto lia com orgulho o poema pintado na ponte, «Faz o que deves», em voz alta da barra. Para aqueles que não conheciam o poema, a ironia era espantosa:

FAZ O QUE DEVES

*A União Faz a Força
A Divisão Leva à Queda
Não é uma Questão de Negros e Brancos
Nós enquanto Nova Geração
Temos de Tomar uma Posição Firme
Unir-nos como Um Só
Temos de
PARAR
De nos Matar Uns aos Outros
Não tens de ser Negro ou Branco
Para Sentir Preconceito
Para te Apaixonares
Sentir Dor
Criar Vida
Matar
Morrer
Só tens de ser Humano
Faz o que Deves*

Enquanto Hollee lia aquele simples poema, a sala de audiências repleta foi coletivamente às suas malas e bolsos buscar lenços de papel ou tecido. Os familiares

deram a mão uns aos outros e ergueram a cabeça enquanto as palavras de Julie ecoavam pela sala ofegante, e todos os seus pensamentos voltaram a um tempo em que as raparigas estavam vivas, à noite em que Julie e Robin e Hollee tinham pintado aquele poema na ponte. Na memória de Ginna, as raparigas ainda estavam vivas: jovens e vibrantes e idealistas. Na imagem que tinha na sua cabeça, via-as, a respirar fundo, a inalar o fresco ar noturno do rio enquanto viam as estrelas a brilhar cada vez mais por cima delas. Eram defensoras da juventude, e as suas vidas pareciam infinitas como os céus sob os quais estavam, na sua querida ponte, a pintar.

Entre as testemunhas naquele primeiro dia também estava Sam Brooks, um dos dois agentes fardados que tinham sido os primeiros a chegar ao local naquela noite e tinham encontrado Tom agachado por baixo do sinal de STOP na St. Louis Waterworks. Também chamaram à barra o Dr. Michael Graham, o médico-legista que tinha identificado o cadáver de Julie. Um desenhador da polícia e um técnico de provas que tinham trabalhado extensivamente no caso também estavam na lista do dia. O testemunho era muitas vezes duro, mas Ginna ouvia resolutamente, absorvendo cada palavra.

*

Na manhã do dia seguinte, sábado, 10 de outubro, o cabeçalho do *Post-Dispatch* dizia: «Pena de morte pedida em homicídios de ‘Duas crianças lindas’».

«Embora [Cummins] fosse por um breve período um suspeito no caso», explicava o artigo, «estava agendado que testemunhasse como uma das duas principais testemunhas do estado. O testemunho dele estava marcado para hoje [...]. A outra testemunha de acusação principal será Daniel Winfrey, que era o réu mais jovem. Num acordo com os procuradores, Winfrey, de 17 anos, de St. Charles, confessou-se culpado de duas acusações de

homicídio não premeditado. Winfrey também se confessou culpado de violação, roubo, agressão e sequestro.»

Graças ao acordo que tinha feito, Winfrey não seria submetido a julgamento. Em vez disso, a sua confissão de culpa valer-lhe-ia uma pena de prisão de trinta anos. A família de Winfrey ficou justamente horrorizada com a ideia de o seu filho passar trinta anos na prisão, mas ficaram ainda mais horrorizados com a participação dele nos homicídios. Pareciam reconhecer que o castigo era inevitável e certo, e tinham-no encorajado a aceitar o acordo de colaboração.

Os pais de Winfrey tinham-se divorciado quando ele era criança e, embora lhe dessem todo o carinho e orientação possíveis, ele passou grande parte da infância a saltar para trás e para a frente entre as suas casas. Estava no quinto ano quando começou a experimentar álcool e marijuana. Mas foi um acidente terrível, a 22 de abril de 1988, que realmente lançou Winfrey no tortuoso caminho da delinquência. Nesse dia, Winfrey estava numa excursão dos escoteiros, com o grupo de St. Charles n.º 392, a Fort Leonard Wood, um campo de treino das forças armadas e da polícia militar, quando a tragédia aconteceu. Winfrey e dois dos seus amigos estavam a brincar com um cano de irrigação em alumínio e, quando puseram o cano de pé, este roçou um fio de alta tensão. O choque de sete mil e duzentos volts matou um dos rapazes e queimou gravemente o outro.

Na altura, Winfrey foi considerado o mais sortudo porque escapou sem ferimentos físicos graves. Mas emocionalmente, a experiência de quase-morte foi demasiado intensa para o rapaz e marcou-o. Se aquele acontecimento o deixou com um grave sentimento de culpa por ter sobrevivido, ou um arrebatador sentimento de invencibilidade, é impossível dizer, mas uma coisa era certa: o comportamento e a psique dele deterioraram-se rapidamente. Pouco depois do acidente, arranjou um novo

grupo de amigos, e começou resolutamente a tentar façanhas estúpidas e perigosas. Parecia encontrar prazer em tudo o que fosse sinistro. Também começou a faltar às aulas e as suas experiências com drogas tornaram-se uma verdadeira dependência.

Apesar dos seus problemas cada vez maiores, à superfície Winfrey mantivera-se tão educado e agradável como sempre. Ambos os seus pais trabalhavam e eram boas pessoas, com valores sólidos. Viam o filho como um rapaz simpático e inteligente que apenas tinha alguns problemas afetivos. Vigiam-no, mas de uma maneira geral confiavam nele. Os adultos na vida dele prestavam atenção aos seus problemas, mas os sinais preocupantes não eram assim tão preocupantes. Ninguém reconhecia as profundezas nas quais Winfrey se estava a afundar. O vice-diretor da escola disse que, apesar da sua pouca assiduidade e más notas, era inteligente e mostrava muito potencial. Na verdade, quando o departamento da educação local descobriu que nunca tinha completado oficialmente o oitavo ano, reviram o caso dele e deixaram-no ficar na escola secundária, devido em grande parte ao seu alto nível de maturidade. Durante os meses anteriores aos homicídios de Julie e Robin (os primeiros meses de 1991), a mãe de Winfrey, Susan Crump, pensou em pô-lo num programa de reabilitação de toxicodependência, mas adiou a decisão, na esperança de que o filho se emendasse. Não podia saber que, dentro de dois anos, estaria a sentir-se afortunada por o filho ter a oportunidade de aceitar trinta anos na prisão em vez de ir a julgamento pela sua vida.

Tom sabia que Winfrey aceitara avidamente a oferta de Moss e, à semelhança do resto dos membros das famílias Cummins e Kerry, tinha sentimentos muito contraditórios a esse respeito. Sabia que o testemunho de Winfrey os ajudaria, mas odiava a ideia de que este miúdo estivesse a ser pelo menos parcialmente desculpado pelas suas ações.

Tom também sabia que, para um júri aceitar Winfrey como uma testemunha credível, Moss teria de o fazer parecer arrependido e um pouco menos culpado do que os outros, quer realmente o fosse ou não. De qualquer modo, Tom sabia que a sua opinião sobre o assunto não importava no sentido prático: ele não podia mudar nada. Portanto, naquele segundo dia do julgamento, Tom já saltara da cama antes de o seu despertador se desligar, e tomou um duche e fez a barba rapidamente. Estava vestido com o seu melhor fato e gravata e pronto para sair muito antes de o investigador do gabinete do procurador aparecer para o levar para o tribunal.

Tom tinha pedido que ninguém da sua família estivesse presente na sala de audiências durante o seu testemunho. Já estava nervoso o suficiente para ainda ter de enfrentar as expressões de sofrimento de Rick e Ginna e os outros. O ano e meio que passara em psicoterapia desde os homicídios não tinha sido muito eficaz a convencê-lo de que estava inteiramente inocente nas mortes das suas primas. Ainda enfrentava perguntas torturantes diariamente: *O que me fez pensar que eles nos deixariam viver se colaborássemos? Porque é que não fiz alguma coisa para lutar contra eles? E se... E se... E se?* Tom não estava preparado para enfrentar a possibilidade de ver estas mesmas perguntas, reais ou imaginadas, escritas com aversão nos rostos daqueles que eram próximos de Julie e Robin.

Portanto, a sala de audiências estava mais silenciosa, mais vazia, do que estivera no dia anterior. A manhã estava cinzenta e encoberta quando Tom seguiu o investigador até ao tribunal e pelos longos e ecoantes corredores até à sala das testemunhas, onde teria de esperar para ser chamado à barra. O investigador disse a Tom para se pôr à vontade e deixou-o sozinho na sala. Tom foi direto ao cinzeiro verde de plástico que estava pousado no centro de uma das mesas redondas cobertas de linóleo.

O seu primeiro cigarro do dia era muito necessário e ele desesperou ao ver as mãos a tremer quando o acendeu. A hora passou como um ano e já ia no seu décimo primeiro cigarro quando o oficial de justiça bateu à porta e a abriu. Estava na hora.

Tom apagou o cigarro com as mãos ainda trémulas e seguiu o oficial de justiça até ao exterior da sala. Tinha o coração nas mãos. Olhava para as pesadas botas negras do oficial de justiça enquanto estas avançavam ruidosamente pelo corredor abandonado. Num instante, chegaram à pesada porta dupla de madeira e o oficial de justiça abriu a da direita a Tom, que entrou com as pernas a tremer. Focou o olhar nos seus próprios sapatos muito polidos enquanto se dirigia ao banco das testemunhas. A sua língua estava pesada e sabia a alcatrão quando jurou por Deus dizer a verdade. *Por Deus*, repetiu na sua cabeça enquanto entrava no reluzente banco das testemunhas em carvalho, a desejar não ter fumado tantos cigarros naquela manhã. Quando finalmente levantou a cabeça, as únicas caras que reconheceu foram as de Nels Moss e Marlin Gray.

Gray era exatamente como Tom o recordava, só que estava vestido com o que parecia ser um fato caro. Ainda tinha o ar arrogante de um homem que esperava ser o centro das atenções, um homem que conquistava sempre as pessoas com um sorriso ou uma história. Gray olhou de relance e sem interesse para Tom, como se nunca o tivesse visto, e depois devolveu o seu olhar indiferente a uns papéis pousados na mesa à sua frente. Parecia quase aborrecido, pensou Tom. Quase como se todo este processo fosse apenas um desperdício do seu precioso tempo. Tom percebeu que qualquer medo, qualquer ansiedade que tivesse sentido em relação a enfrentar este momento tinha desaparecido, substituído, absolutamente, por um ódio fervilhante a este homem. O queixo de Tom projetava-se e o seu estômago andava às voltas enquanto

ele se esforçava por controlar as suas emoções. Pousou firmemente as mãos nos joelhos para controlar o súbito desejo de correr até à mesa da defesa e dar uma valente sova ao sorridente Marlin Gray. A sala andou um pouco à roda e num instante Nels Moss estava diante de Tom, com os seus olhos azuis a trespassá-lo, a prendê-lo ao seu lugar, a firmá-lo. Os olhos de Tom fixaram-se na cara de Moss como a uma âncora, uma tábua de salvação, e ele concentrou-se ali.

- Importa-se de dizer o seu nome para que fique registado, por favor? - começou Moss.

- Thomas Patrick Cummins.

O testemunho de Tom durou quatro horas e meia. O pior momento, como Tom esperava, veio quando Moss lhe perguntou pelo tempo que passara no rio.

- Ela [Julie] chegou perto de si em algum momento? - perguntou Moss.

Tom parou por um longo momento quando um nó na garganta lhe restringiu a voz e as lágrimas lhe vieram aos olhos. Não ia chorar. Não ia deixar que este animal o visse chorar.

- Sim - respondeu, com uma falha audível na sua voz. - Depois de me afundar pela primeira vez e ao voltar à tona. Quando subi, a Julie estava mesmo ao meu lado e agarrou-se a mim e eu entrei em pânico. Eu... eu sacudi-a. Afastei-a.

As narinas dele fremiam enquanto proferia estas palavras, e sentiu-se muito grato por a sua família, por Ginna e Rick, não estarem no tribunal para ouvir esta confissão. Não se permitiria explicar aquele momento com mais pormenor. Não queria descrever como os dois se tinham agarrado e afundado, como estivera a um instante de encher os pulmões de água e morrer ali mesmo com Julie, a abraçarem-se um ao outro até ao fim. Não conseguiu arranjar coragem para descrever este momento de pânico e consciência, que tinha afastado Julie de si

mesmo a tempo, empurrando-a para a superfície e depois içando-se atrás dela. Naquele terrível instante em que se libertara das mãos de Julie, estivera enganado na sua convicção de que ela se safaria, de que eles sobreviveriam àquela experiência juntos. E agora não queria dar explicações. Julie morrera, e ele tinha sobrevivido. Era esta a realidade. Irreversível.

O resto do tempo dele na barra foi fácil, em comparação. Hirzy, apesar dos seus melhores esforços para perturbar Tom, não conseguiu abalar-lhe o espírito. *Se soubesses aquilo por que passei, pensou. Achas que, depois disto tudo, me consegues assustar?* Portanto, as perguntas hostis de Hirzy não surtiram o efeito desejado em Tom, que lhe respondeu num tom calmo e direto em todos os casos.

- Quando conheceu a Julie na Florida, em 1990, passou muito tempo com ela, não passou? - perguntou.

- Sim, passei.

- Afeiçoou-se muito a ela, não foi?

- Tornámo-nos amigos próximos.

- Queria fazer sexo com ela, não queria?

- Não, não queria.

Estas mesmas perguntas, que tinham parecido tão chocantes, tão intrusivas e acusadoras quando feitas pelos inspetores da brigada de homicídios de St. Louis um ano e meio antes, assumiam um ar ridículo aqui na sala de audiências cheia e luminosa. Tom nem conseguiu sentir-se chocado com elas. Abanava a cabeça enquanto respondia.

Ainda assim, estava emocionalmente esgotado quando o dispensaram naquela tarde. Tom leu o jornal na manhã seguinte, em que o *Post-Dispatch* publicou o seguinte cabeçalho: «Visita transformou-se em noite de horror: depoimento descreve mortes das irmãs Kerry».

A citação de Tom como testemunha pô-lo a andar de um lado para o outro dos corredores do Drury's Hotel durante quase três semanas inteiras. Tinha memorizado a ementa

do restaurante do hotel e as horas a que estava aberto. Demorava-se nas suas refeições diárias, as únicas quebras na monotonia. Todos os dias ansiava pelos cumprimentos simples e amistosos dos empregados do bar e das mesas.

Na quarta-feira, 14 de outubro, enquanto Tom fumava compulsivamente e assistia a *talk-shows* estupidificantes no seu quarto de hotel, Winfrey entrava no tribunal de St. Louis com os pés e as mãos algemados. Podia não ser agradável, mas pelo menos era credível. Os jurados ouviam atentamente as suas palavras enquanto ele descrevia a noite dos ataques, incluindo a sua própria participação, em solene pormenor. Gray continuava a parecer despreocupado e concentrava a sua atenção num bloco de notas que tinha à sua frente.

Dos quatro atacantes, Winfrey era o único que tinha pedido publicamente desculpa às suas vítimas e, verdade seja dita, o rapaz parecera genuinamente arrependido. Mas quando subiu ao banco das testemunhas naquela manhã e Moss começou a interrogá-lo sobre os ataques, qualquer perdão que pudesse estar a crescer nos corações daqueles que eram próximos de Julie e Robin ficou ali congelado.

- Eu deitei-a de costas com o casaco dela por cima da cara - declarou Winfrey, embora não fosse capaz de identificar se se tratava de Julie ou Robin. Para ele, as raparigas não passavam de vítimas sem nome e sem rosto. - O cabelo dela era mais ou menos curto. Pus-me em cima dela e tapei-lhe a cara com o casaco. O Tony e o Reggie disseram-lhes para se calarem, senão matavam-nas. Eu disse-lhes para se descontraírem.

Do seu lugar na primeira fila da sala de audiências, Ginna estremeceu.

*

Cinco dias mais tarde, foi a vez de o próprio Gray depor. O seu interrogatório acabou por ser tranquilo, ele portou-

se bem. Os jurados viram um jovem atraente, eloquente e de voz suave que negou categoricamente qualquer envolvimento nas violações e homicídios das irmãs Kerry. Quando Hirzy o interrogou sobre a sua detenção, Gray até sucumbiu às lágrimas enquanto descrevia os maus-tratos que a polícia lhe infligira.

Só quando Moss começou o contrainterrogatório é que as coisas ficaram mesmo feias na sala de audiências. Gray era demasiado confiante, e não conseguiu evitar armar-se em espertinho na barra. Desafiou todas as declarações que Moss fez, disse que toda a gente, desde Tom a Eva e Winfrey, estava a mentir, e declarou que estava a brincar quando disse às pessoas que tinha assassinado as raparigas. Quando Moss começou uma frase sobre as raparigas serem empurradas da ponte, Gray interrompeu-o.

- Quando elas foram *alegadamente* empurradas da ponte - corrigiu com um sorriso.

Mas se Gray era rápido, Moss era mais rápido. Com a conclusão do contrainterrogatório, Moss quis mais esclarecimentos sobre alguns pormenores que tinham sido discutidos antes, e Gray ficou irritado e expressou a sua impaciência.

- Estou prestes a perder a minha vida e estou aqui a discutir consigo sobre as mesmas questões estúpidas repetidamente - queixou-se da barra.

- Pelo menos tem hipótese de discutir - respondeu Moss. - A Julie e a Robin não tiveram.

*

Dois dias mais tarde, a 21 de outubro, alguém identificado apenas como um frequentador habitual do tribunal foi mencionado no *Post-Dispatch*, com a declaração: «Mesmo se separarmos o pecado e o pecador, [Gray] deu a ideia de ser uma pessoa horrível.»

Tom ia seguindo o caso nos jornais sem grande atenção. Desenvolvera uma forte desconfiança dos *media* ao longo do último ano e meio, e embora estivesse ansioso pelo fim do julgamento, preferia esperar por notícias de Moss em vez de ler uma versão dos acontecimentos registada por uma pessoa de fora. Estar enfiado no hotel começava mesmo a atormentá-lo, mas tinha medo de ser abordado em público, por isso sofria dentro de portas em vez de arriscar quaisquer aparições em público. Assim, quando Moss lhe telefonou na tarde a seguir ao depoimento de Gray para lhe dizer que era livre de regressar a Maryland, em menos de uma hora Tom tinha as malas feitas e ia a caminho do aeroporto.

Gene e Kay planeavam ficar para a conclusão do julgamento e transmitir o resultado a Tom assim que o veredicto fosse pronunciado. No dia seguinte, 20 de outubro, Moss e Hirzy fizeram as suas alegações finais.

- Ele era o líder deles - proclamou Moss, apontando um dedo a Marlin Gray. - A assinatura dele está nos cadáveres delas.

O júri deliberou durante apenas quatro horas e um quarto antes de proferir o seu veredicto. Gray tinha um ar tão presunçoso como sempre quando se levantou para ouvir a sentença. O sorriso dele foi rapidamente substituído por uma expressão de choque, e depois lágrimas, quando o presidente dos jurados leu a lista de veredictos. Marlin Gray foi considerado culpado de todas as acusações.

*

Para as famílias envolvidas, o momento da sentença, no julgamento, foi horrível de uma forma surreal. Houve jurados que choraram quando Moss tocou uma gravação de Julie a cantar uma canção que escrevera, chamada «Trouble in America». As famílias Kerry e Cummins, juntamente com muitos dos amigos e pessoas próximas de

Julie e Robin, foram convidadas a fazer declarações como vítimas indiretas do crime, e expressar a devastação causada pelos homicídios. Era uma tarefa impossível. Julie e Robin tinham morrido, e nenhum discurso podia descrever este tipo de perda. Ainda assim, escreveram cartas, leram poemas, fizeram o que podiam.

Enquanto os testemunhos continuavam, ao longo de todo o dia, os jurados souberam da ligação de Julie e Robin a organizações como a Greenpeace e a Amnistia Internacional. Cada declaração desencadeava uma torrente de memórias para aqueles que eram próximos de Julie e Robin. Quando mencionaram a Amnistia Internacional, Jacquie lembrou-se da forma como as raparigas tinham festejado ativamente a libertação de Nelson Mandela de uma prisão sul-africana no ano anterior, numa altura em que, para a maioria dos adolescentes americanos, «*apartheid*», era pouco mais do que uma palavra nas notícias da noite. E embora o júri fosse informado sobre o extenso trabalho de voluntariado de Julie e Robin e o dinheiro que ambas tinham juntado para doar às suas causas favoritas, Sheila decidiu recordar as suas qualidades mais humanas, menos abnegadas: a forma como Robin gostava de arrelhar os seus filhos, por exemplo, e a impaciência de Julie.

Libby Hodge, uma afro-americana e uma das melhores amigas de Julie, subiu ao banco das testemunhas para declarar que sentia que «toda a raça negra tinha sido traída» pelos homicídios. «Sinto que tudo aquilo em que acredito foi violado», disse.

Várias semanas antes, à secretária, no quarto da sua residência universitária em Towson, Maryland, Tink sentara-se para tentar expressar no papel o que Julie e Robin significavam para si. Passou várias horas a pensar no altruísmo das suas primas, mas nada do que escrevesse parecia captar o que ela queria dizer. Enquanto as bolas de papel amarfanhadas se iam amontoando no chão, Tink

pensou no frigorífico de Ginna, ao qual Julie colara uma lista de como criar um lar amigo do ambiente. Ela e Robin tinham desenvolvido um rigoroso plano de reciclagem para a família; guardavam rótulos de sopa Campbell para que escolas de bairros degradados da cidade pudessem comprar computadores e trocavam jornais antigos por árvores jovens para ajudar no problema do ozono. Nada que tivesse aerossóis era permitido em casa dos Kerry, bem como pratos e guardanapos de papel ou papel de cozinha. Julie e Robin pregavam e praticavam.

Mas estes pormenores não podem resumir um ser humano. E por muito que escrevesse, roesse a caneta, rabiscasse ou chorasse, Tink não era capaz de produzir uma declaração que a satisfizesse. Finalmente, pousou a caneta, enfiou-se na cama, puxou o lençol e a coberta sobre a cabeça e chorou.

*

Quando chegou a vez de Gray, Hirzy apresentou um desfile de testemunhas abonatórias, todas a elogiá-lo e a pedir clemência na sua sentença. A mãe, o padrasto e a avó testemunharam para declarar o seu apoio a Gray.

- Eu não acredito que o meu filho seja culpado - declarou a mãe de Gray. - Se achasse que o meu filho era culpado, não o apoiaria. Nós, enquanto cristãos, acreditamos que, se pecamos, devemos ser castigados.

Vários amigos testemunharam a favor dele também, descrevendo Gray como o eterno animador, sempre a cantar e a dançar e a contar histórias e piadas. Mas foi Eva quem inadvertidamente poderá ter decidido o destino do seu namorado.

- Eu adoro-o - disse. - Ainda gosto dele. Os meus sentimentos não mudaram.

Foi então que Nels Moss se aproximou da barra das testemunhas.

- O Marlin Gray alguma vez lhe bateu? - perguntou.

- Sim - respondeu Eva. - Mas nunca na cara.

*

Tom atendeu o telefone ao segundo toque. A voz distante do pai crepitou pela linha até si.

- Bem, o veredicto foi pronunciado - disse Gene ao filho, de um telefone público no tribunal de St. Louis - e a sentença é morte.

Tom ficou sem palavras, mas Gene achou que conseguiu ouvir o filho a soltar um suspiro profundo do outro lado.

- Filho?

- Sim, está bem - respondeu Tom numa voz lenta, atordoada.

- Estás bem, rapaz? - perguntou Gene.

Tom ficou calado por mais um momento. O ímpeto de emoção que esperara não chegou. Não se sentia exultante, vingado ou mesmo especialmente aliviado. Sentia-se, sim, entorpecido.

- Só estou contente por ter acabado, pai - disse.

*

Três meses mais tarde, na quarta-feira, 3 de fevereiro de 1993, Tom testemunhou no julgamento de Reginald Clemons. O julgamento decorreu na mesma sala de audiências, e ele sentou-se no mesmo banco de testemunhas. Provavelmente até pousou a mão na mesma Bíblia quando foi ajuramentado.

Nels Moss foi o procurador do caso, e o testemunho de Tom foi quase idêntico ao do primeiro julgamento. Claro que alguns dos rostos circundantes eram diferentes, e sem dúvida que Clemons tinha um ar menos arrogante, mais assustado, do que Gray.

Mas a única diferença importante nos dois casos foi a estratégia do advogado de defesa. O advogado de Clemons, Robert Constantinou, parecia determinado a criar dúvida ao questionar todos os factos do caso. Pôs em

dúvida se o cadáver que tinha sido encontrado e identificado como Julie era *realmente* Julie. Culpou a imprensa por exagerar o caso. E até acusou Julie e Robin de «viverem a vida sem limites» e saltarem voluntariamente da ponte.

A única coisa que conseguiu fazer foi enfurecer o júri. Moss fechou o julgamento com estas simples palavras: «Estas raparigas, tão promissoras, tão cheias de esperança, desapareceram. Estas raparigas estão mortas para sempre.»

Desta vez, o júri só demorou três horas a pronunciar um veredicto de culpado de todas as acusações.

Apesar da abrasiva estratégia legal de Constantinou, a simpatia do público pelo cliente dele era muito maior do que fora pelo efervescente Gray, e este facto devia-se em grande parte à família dele. Os pais foram muito eloquentes e francos em relação ao seu apoio resolutivo ao filho. Tinham a certeza de que Clemons estava inocente, de que era incapaz destas atrocidades.

Reynolds, o padraсто, contou uma história sobre uma ocasião em que Clemons se tinha metido em sarilhos em criança. Como castigo, Reynolds dissera ao jovem Clemons que não lhe seria permitido participar numa visita da família à casa da avó. Ao ver a aflição da criança, Reynolds tivera pena dele, mas não quisera ser incoerente, ser um pai mole. Por isso, tinha feito um acordo com o filho: se Clemons conseguisse decorar os Dez Mandamentos nos quarenta e cinco minutos que faltavam para a família sair, podia vir. Uma hora mais tarde, o jovem Clemons estava sentado, sorridente, no banco de trás do carro da família a caminho de casa da avó. Tinha decorado os Dez Mandamentos e, pensava Reynolds, também aprendera uma lição valiosa sobre cedência e perdão.

Estas memórias calorosas da educação afetuosa e cristã de Clemons despertaram alguma compaixão pela família

dele nos *media*. Numa coluna editorial que apareceu no *St. Louis Post-Dispatch*, Bill McClellan descrevia a sua própria solidariedade com a família. Dizia que Clemons «parecia um bom rapaz que tinha sido influenciado por Gray, quatro anos mais velho. O pesadelo de todos os pais, pensei. Doe-me o coração pela mãe de Clemons.»

Mas esta empatia não bastou para compensar o choque dos jurados com os crimes bárbaros de Clemons. Menos de uma semana após o fim do julgamento, os doze jurados concordaram todos que o crime de Clemons era «gratuitamente perverso» e «despropositadamente brutal». Aconselharam a sua execução.

*

Um mês antes da data marcada para o início do julgamento de Richardson, a acusação decidiu oferecer-lhe um acordo. Apesar das condenações de Gray e Clemons, Moss estava hesitante em tentar obter a pena de morte para Richardson por causa da sua idade na altura do crime. Assim, depois de muita deliberação, o estado abordou os advogados de Richardson. Richardson podia confessar-se culpado de duas acusações de homicídio premeditado em troca de uma pena de prisão perpétua. O defensor oficioso de Richardson, Kris Kerr, disse-lhe que, tendo em conta as circunstâncias, seria do seu interesse aceitar o acordo. Richardson concordou.

Na manhã de 19 de fevereiro de 1993, no mesmo dia em que Richardson se preparava para aceitar o acordo, um homem chamado Bob Williams foi visitá-lo à prisão. Williams representava um grupo que se apelidava Coalition for Justice. Este grupo estava a promover a ideia de que Gray, Clemons e Richardson eram todos vítimas inocentes de um sistema jurídico racista e injusto. Williams mencionava o facto de Winfrey - o único agressor branco acusado - se ter safado com um acordo mais favorável do que aquele que estavam a oferecer a

Richardson. Ele ignorou o facto de Winfrey não ter participado nas violações, e convenceu Richardson de que a diferença entre as duas ofertas tinha uma motivação racial. Williams também concentrou muita energia em direccionar a culpa para Tom Cummins. Richardson gostou dos argumentos de Bob Williams, e em tribunal, naquela tarde, rejeitou o acordo.

Um mês mais tarde, começou o julgamento de Richardson, e Williams estava nos degraus do tribunal munido de folhetos que diziam SEM LUTA NÃO HÁ PROGRESSO em letras maiúsculas. O folheto tinha um desenho que mostrava um gigante com o nome «Sistema Judiciário» a brandir um chicote sobre as massas, que se encolhiam de medo. Referia-se aos homicídios de Julie e Robin como o «Misterioso caso da ponte Chain of Rocks». O texto, salpicado de gralhas, dizia:

O julgamento de Antonio Richardson, como os outros, é um julgamento político em que as regras da prova não se aplicam. Em que os júris foram alegadamente controlados; em que os factos sobre o julgamento não foram noticiados nos jornais nem na televisão, para esconder a verdade do público.

Antonio Richardson, o último dos réus, que está a lutar contra os julgamentos maquinados da classe governante destes jovens da classe operária: três que são afro-americanos, e um é branco.

Eles são todos inocentes... Thomas Cummins, o primo direito das duas irmãs que desapareceram, não consegue caminhar sobre a água. Ele não podia ter sobrevivido a uma queda de vinte ou trinta metros na água a doze graus do rio Mississípi, nadar durante trinta minutos e não sofrer mazelas.

O folheto serviria para marcar o tom do julgamento e enfurecer toda a gente que conheceria Julie ou Robin. Tom, que por esta altura já se tornara bastante insensível, só se riu destes acontecimentos ridículos. No fundo, sabia que ele, Julie e Robin, mais do que ninguém, encarnavam os ideais da «classe operária», e não ia deixar que um idiota como Bob Williams lhe roubasse esta noção.

Na manhã de segunda-feira, dia 22 de março, Tom estava sentado a encher o seu cinzeiro habitual na sala das testemunhas e a fazer conversa com Ron Whitehorn, o dono da infame lanterna. A filha de Ron, Stephanie, estava na barra do tribunal, a depor, enquanto Tom e o pai conversavam. Ron acabara de dizer a Tom que estava contente por este ser o último julgamento e a sua filha poder pôr tudo isto para trás das costas depois daquele dia, quando a porta se abriu e um oficial de justiça trouxe a trémula Stephanie Whitehorn para dentro da sala.

Mal o oficial de justiça saiu, Stephanie curvou-se para sussurrar algo furtivamente ao ouvido do pai. Tom desviou o olhar e deu uma longa passa no seu cigarro. A rapariga estava obviamente perturbada com alguma coisa e queria ter uma conversa privada com o pai. Ele não queria ouvir à socapa. Mas foi impossível não ouvir o comentário seguinte de Ron.

- Eu mato aquele cabrãozinho - gritou.

Tom olhou e apanhou a expressão de raiva desvairada no rosto de Ron Whitehorn. Stephanie parecia mais assustada do que nunca, mas Ron puxou-a para si e abraçou-a.

- Vais ficar bem, querida - disse numa voz muito mais serena. - Não te preocupes com nada, eu não deixo que nada te aconteça. Nós vamos resolver isto.

Stephanie limitou-se a acenar com a cabeça e a fungar no ombro do pai.

- Importas-te de ir chamar o oficial de justiça? - disse Ron a Tom, então.

Quando, cerca de um minuto depois, Tom e o oficial de justiça voltaram à sala das testemunhas, Stephanie ainda parecia abalada, mas estava bem mais calma.

- O que se passa? - perguntou o oficial de justiça ao entrar na sala.

- Aquele monstro ali dentro ameaçou a minha filha na barra do tribunal - respondeu Ron.

O oficial de justiça olhou para Stephanie.

- O que aconteceu?

- Ele disse com os lábios: «vou apanhar-te» - explicou ela.

- Vou chamar o procurador - disse o oficial de justiça, e abriu de rompante a porta e saiu.

Depois de um aviso severo do juiz, o resto do julgamento de Richardson decorreu sem mais interrupções. O julgamento foi o mais curto dos três, com os depoimentos a durarem apenas três dias. Na quinta-feira, 25 de março de 1993, menos de duas semanas antes do segundo aniversário das mortes de Robin e Julie, o último dos seus assassinos foi condenado. Antonio Richardson iria juntar-se a Clemons e Gray no corredor da morte do Missouri.

CAPÍTULO 15

Tom não estava propriamente a contar que a sua vida voltasse ao normal depois do último julgamento. Não podia haver um normal para si, nem agora nem nunca mais. Estivera inscrito num programa intensivo de acompanhamento psicológico desde 1991 com uma terapeuta maravilhosa pela qual começara a nutrir confiança e admiração. A especialidade dela era lidar com os sobreviventes de crimes violentos e suas famílias, e Tom tornara-se muito dependente da sua sabedoria e palavras. Quando mencionou a ideia de voltar a estudar, ela encorajou-o. E cerca de um ano mais tarde, Tom inscreveu-se no curso de justiça criminal da Universidade de Maryland. Queria ser como Nels Moss. Julie ficaria orgulhosa, pensou.

No início de abril de 1995, quatro anos depois da semana dos homicídios de Julie e Robin, Tom chegou a um acordo num processo civil contra a cidade de St. Louis por uma quantia de dinheiro não divulgada. A polícia, que era acusada de tentar obrigar Tom a confessar, chegou a um acordo extrajudicial quando soube que Nels Moss tencionava testemunhar a favor de Tom. O acordo, tal como as sentenças de morte, pouco fez para satisfazer Tom. Para ele, o dano era irreversível e o acordo não passava de uma sangrenta compensação monetária. Mas Tom conseguiu algo muito mais valioso do que dinheiro do processo: uma amizade com os seus advogados, Pete Bastian e Frank Carlson.

Tom conhecera os dois advogados em 1992, durante os longos dias do seu confinamento no Drury's Hotel para o julgamento de Marlin Gray. Tinha alguma vergonha de admitir quanto gostara da companhia deles – não só porque lhe proporcionavam um agradável alívio do tédio, mas também porque, quando Tom lhes contou a sua história naquela primeira noite, Pete e Frank pareceram compreender aquilo por que tinha passado. Tom nunca alcançou o título de «vítima» nos *media*, e, na verdade, há muito que desistira de o querer. Mas o que Pete e Frank tinham de diferente era que o olhavam não só como uma vítima, mas também como um sobrevivente de circunstâncias extraordinárias.

– Tom, tens de deixar de te castigar em relação a isto – disse-lhe Frank enquanto ambos comiam um bife. – A verdade é que tu sobreviveste. E ainda bem que assim foi, senão nunca ninguém saberia o que aconteceu à Julie ou à Robin. Estes quatro monstros ainda estariam à solta. Tu sobreviveste naquele rio. Sobreviveste à polícia. Sobreviveste aos *media*. E é o *teu* testemunho que vai mandar aqueles quatro tipos para onde merecem. Devias estar orgulhoso.

Eram palavras de encorajamento que Tom precisava muito de ouvir. Tinha a certeza de que nem Frank nem Pete faziam ideia de como o seu apoio o ajudou a sarar as feridas. Mas ao longo dos anos, sempre que Tom ia a St. Louis, fazia questão de lhes telefonar. A companhia e a amizade deles tornaram-se tão importantes para si quanto o seu aconselhamento jurídico. Na noite em que chegaram a um acordo no processo civil, eles levaram-no ao seu bar local favorito e encharcaram-no de *Guinness* para tentar tornar o ambiente festivo. Tom engoliu a *stout* e as suas lágrimas e sentiu-se grato pelo apoio dos seus dois advogados, os seus amigos.

Depois disto, as novidades no campo jurídico abrandaram muito. Os advogados de Clemons, Gray e

Richardson interpuseram recurso atrás de recurso em nome dos seus clientes, mas pouco mudaria durante anos a fio. Tom trabalhava no quartel dos bombeiros e ia às suas aulas de direito penal. Comprou uma casa perto da dos pais. Passados quatro anos, terminou o curso.

Então, em maio de 1998, Tom recebeu um há muito temido telefonema de St. Louis. Daniel Winfrey tinha a possibilidade de sair em liberdade condicional. Como se tornara seu hábito sempre que algo desconcertante acontecia na sua vida, Tom pegou no telefone e ligou a ambas as irmãs e, em seguida, aos pais. Depois de pôr toda a família a par da novidade, ficou decidido: Tom e Tink seriam os representantes da família a voar para o Missouri e fazer um depoimento ao juiz.

Enquanto Tom tinha ido e vindo de St. Louis de avião inúmeras vezes nos últimos sete anos, para Tink seria a primeira viagem de regresso. Tinha agora vinte e três anos e nunca vira a campa das primas. Foi um regresso emotivo, no mínimo. A primeira escala deles foi a velha ponte Chain of Rocks. Os últimos anos tinham sido benéficos para a velha ponte e Tom mal a reconheceu quando chegaram. Havia uma rulote na orla de uma pequena zona de estacionamento e um letreiro que dizia CENTRO DE ACOLHIMENTO. A ponte fora transformada num parque estadual – um caminho pedonal e ciclável para famílias. Não havia sinal da densa vegetação que Tom, Julie e Robin tinham atravessado tantos anos antes. Toda a estrutura fora reparada e pintada. Os poços na estrada estavam agora tapados e a superfície da ponte tinha sido pavimentada. Tom ficou desalentado.

– Não vamos conseguir ver o poema – disse suavemente quando ele e a irmã davam os primeiros passos hesitantes na ponte.

O par estava calado e sério enquanto andava pela ponte, passando por mães a empurrar carrinhos de bebé e pais com crianças aos ombros. Algumas crianças riam e

corriam por ali ao sol, mas Tom e Tink estavam mais tristes enquanto avançavam pela velha estrutura, de olhos baixos. Quando chegaram ao lugar onde Tom achava que o poema estivera, pararam junto ao parapeito por alguns momentos. Não havia muito a dizer. Mas então algo chamou a atenção a Tom.

- Raios partam, olha para aquilo! - disse ele.

Os olhos de Tink voltaram-se para o ponto que o irmão indicava, a algumas dezenas de centímetros no tabuleiro da ponte. Ela conseguia distinguir o mais leve vestígio de um *J* a brilhar inconfundivelmente através da nova camada de pavimento. Era o *J* de Julie. Ao lado, o símbolo da paz dela também estava quase intacto. Em geral, o resto do poema era ilegível, mas conseguiam distinguir partes de palavras aqui e ali. Ambos se sentiram reconfortados por uma parte do poema, um pedaço de Julie e Robin, ainda estar visível na sua querida e velha ponte.

Dali, Tink e Tom foram diretos para o cemitério de Calvary, parando numa florista pelo caminho. Quando saíram do carro e encontraram a lápide das primas, as lágrimas que tinham guardado o dia todo finalmente brotaram. Tink ajoelhou-se e pôs duas rosas vermelhas junto aos nomes de Julie e Robin Kerry. O irmão ajoelhou-se ao lado dela para fazer a sua própria oferenda: deixou-lhes dois Marlboro Lights. Ambos disseram algumas palavras privadas, sufocadas de lágrimas, às suas primas, no sossego do velho cemitério e, antes de partirem, curvaram-se para beijar a lápide.

*

A reunião de Tom e Tink com o juiz em Jefferson City, Missouri, estava agendada para o dia seguinte. A tia Jacquie e a prima Gabbi foram com eles. O juiz foi muito amável. As famílias não poderiam depor na audiência de liberdade condicional, explicou, porque Winfrey fora

transferido para um local secreto. O perfil demográfico e os crimes de que era acusado tinham tornado Winfrey o alvo perfeito para a tortura prisional. Até agora, os seus sete anos na prisão haviam sido muito duros, e as autoridades tinham tido de o mudar mais de uma vez por causa do tratamento que recebera dos outros reclusos. Tink e Tom não conseguiram sentir muita pena dele.

- O ponto principal que quero expressar - disse Tom, começando o seu apelo ao juiz - é o facto de que, apesar da colaboração dele com a investigação, apesar do testemunho dele no julgamento, apesar da sua menor culpabilidade, Winfrey é um duplo homicida e só cumpriu sete anos. Ele *não* era apenas um bom rapaz que acidentalmente se viu numa situação assustadora. Compreendo que tenha dado essa ideia no julgamento, tinha de dar. Mas ele fez comentários durante o crime que indicaram que estava entusiasmado e que gostou do que estava a acontecer. Para ele, aquilo não passou de um momento excitante. Enquanto aqueles animais estavam a violar a Julie e a Robin, este rapaz estava sentado nas minhas costas, a rir-se e a dizer-me que era bom os amigos não serem *gays*, senão provavelmente também me violavam.

A boca de Tink ficou aberta, sem palavras, enquanto o irmão falava. Nunca tinha sido exposta aos pormenores do caso. Nunca o quisera - e estava visivelmente devastada com as palavras do irmão. O juiz levantou-se de trás da sua grande mesa de mogno e estendeu-lhe um lenço de papel. Ela aceitou com gratidão, notando pela primeira vez que lágrimas silenciosas lhe corriam pelas faces.

- E o que é que a menina tem a acrescentar a isto? - perguntou-lhe o juiz enquanto ela limpava o rosto húmido.

- Bem, como é óbvio, eu não estava lá naquela noite - começou, pigarreando para se acalmar -, portanto, tudo o que tenha a dizer será mais sobre o impacto que isto teve em mim.

Depois das suas várias tentativas fracassadas de escrever declarações sobre aquele tema durante os três julgamentos, Tink estava finalmente a ter o seu momento.

- Acho que, acima de tudo, só quero deixar claro que as minhas primas eram pessoas maravilhosas que influenciaram profundamente a minha vida. Agora sou escritora, hum, aspirante a escritora, e acho mesmo que devo isso à Julie. Ela foi a primeira a encorajar-me e inspirar-me. Sempre quis escrever, mas ela estava a fazê-lo, de facto, sabe? Estava a estudar inglês na universidade e tinha sido publicada. Foi a primeira pessoa que me disse: «Não lighes aos aspetos práticos, faz aquilo de que gostas. Queres ser escritora? Então escreve.» Portanto, é isso que estou a fazer. Acho que só quero que saiba que há muitas pessoas, muitas vidas, que foram tocadas por aquelas duas raparigas e destruídas pelas suas mortes. O Daniel Winfrey só cumpriu três anos e meio por assassinar cada uma das minhas primas. Não me parece que isto seja, de todo, tempo suficiente. A Julie e a Robin não vão voltar.

Gabbi e Jacquie fizeram declarações semelhantes em nome das raparigas e da família. Jacquie falou um pouco sobre a sua irmã Ginna e quão desesperada e isolada a sua vida se tornara depois da morte das filhas. Para Ginna, a montanha-russa nunca parara nos anos seguintes. Enquanto Tom tinha, de certo modo, reconstruído a sua vida, a dor de Ginna continuava a ser um monstro quotidiano, sempre presente, na sua vida. Os ciclos de raiva, culpa, negação e aceitação pareciam ter-se tornado um carrossel emocional interminável para ela. Sempre que pensava que estava prestes a alcançar algum tipo de paz, a viagem recomeçava e a dor surgia diante de si, tão fresca e insuperável como no dia em que as filhas tinham sido assassinadas. Jacquie também falou um pouco sobre os laços familiares que tinham sido fortalecidos pela perda coletiva; falou das dificuldades que Jamie

enfrentava ao crescer num ambiente que era constantemente ensombrado pela perda. Mas não ousou falar em nome de qualquer parte da família Kerry, pois o sofrimento deles era único e inconcebível. Mesmo uma pessoa próxima, mas de fora, não podia expressar a angústia deles.

O juiz ouviu com respeito e paciência o tempo todo, com as mãos entrelaçadas diante de si sobre a grande secretária e uma máscara de preocupação a vincar-lhe o rosto. Quando o pequeno grupo acabou de falar, havia uma boa quantidade de lenços de papel molhados amarfanhados em punhos, e todos se sentiam coletivamente esgotados. O juiz levantou-se para os levar até lá fora.

- Muito obrigado por virem - disse, apertando a mão a cada um à vez. - Sem dúvida que vou ter as vossas declarações em consideração. Só o facto de terem tirado tempo e feito esta viagem toda diz muito sobre estas duas raparigas e quanto vocês gostavam delas.

As palavras do juiz provocaram um novo acesso de lágrimas que Tink conseguiu a custo conter até as portas do elevador se abrirem e os quatro se despedirem com um aceno do juiz e entrarem. Quando as portas se fecharam, desataram os quatro a chorar. Deram todos as mãos ao sair para o soalheiro parque de estacionamento e, ali, ficaram a abraçar-se em silêncio por muito tempo.

Alguns dias depois de Tom e Tink regressarem à Costa Leste, receberam a notícia: o pedido de liberdade condicional de Daniel Winfrey tinha sido rejeitado. O caso dele seria reavaliado em 2004. As famílias suspiraram de alívio. Durante algum tempo, as coisas ficaram novamente tranquilas.

*

Então, no Natal de 2000, dois produtores que trabalhavam num documentário sobre Richardson para a

Court TV contactaram Tom e pediram-lhe que participasse no projeto. Tom ficou naturalmente desconfiado, mas aceitou encontrar-se com eles. Viajou até Nova Iorque, onde Tink agora vivia, para se encontrar com os produtores, e convidou a irmã para lhe dar apoio moral e o aconselhar. A intenção do programa, explicaram, era explorar o impacto geral, ou aquilo a que chamavam o «efeito dominó» que uma noite de violência pode ter.

- Os efeitos de um ato violento podem atingir as vidas de dezenas de seres humanos e durar décadas - disseram os produtores. - É isso que queremos expor, que as consequências vão mais longe do que os criminosos e as suas vítimas.

Quando os Cummins perguntaram aos produtores por que motivo tinham escolhido focar-se em Richardson em vez de qualquer dos outros criminosos, as respostas foram dúbias.

- Bem, decidimos concentrar-nos no Antonio porque ele é um adolescente no corredor da morte. É só mais uma dimensão no...

- Ele não é adolescente - interrompeu Tom. - Tem vinte e seis anos.

Os produtores entreolharam-se.

- Sim, nós percebemos isso - começou um deles diplomaticamente. - Mas o facto de ser adolescente quando cometeu o crime, é a isso que nos referimos. E não tencionamos tornar isto uma perspetiva fanática e parcial da pena de morte. Por isso é que o teu envolvimento é tão importante para nós. Precisamos de mostrar a quantidade de danos pelos quais este rapaz é responsável. Não queremos simplesmente criar um manto de solidariedade cega em relação a ele.

- Então não vai ser um programa contra a pena de morte? - perguntou Tom sem rodeios.

- Eu não quero que pareça a favor *nem* contra. - Desta vez, foi o segundo produtor quem lhe respondeu. - Quero

que seja estritamente baseado em factos, para que o público tire as suas próprias conclusões. Mas para conseguir isso, precisamos de envolver todas as partes afetadas, toda a gente cuja vida foi devastada por este crime. E isso inclui-te a ti. Não sei se vocês sabem que a Ricki Lake vai fazer um programa sobre o Antonio?

Pelos olhares vagos nos rostos dos Cummins, era evidente que eles *não* sabiam do programa de Ricki Lake.

- Bem, a equipa deles tem andado a pedir-nos os vossos contactos - continuou o produtor, sem esperar por uma resposta verbal dos dois irmãos estupefactos. - Não se preocupem, nós não lhos vamos dar. O programa deles vai ser muito parcial. Ela não é jornalista e não tem qualquer intenção de ser justa. É a sua tentativa anual de abordar um tema sério. As pessoas não o vão levar a sério. Mas a verdade é que este tipo *está* a obter atenção mediática e isso vai suscitar um certo grau de compaixão. Portanto, o que vos estamos a oferecer é uma oportunidade de contrabalançar isto com a vossa própria história. Nós queremos toda a verdade, não apenas um lado.

A conversa continuou nesta linha durante quase uma hora. Depois de algumas bebidas e muitas garantias, Tom e Tink aceitaram aparecer no documentário. Alguns meses depois, uma equipa de filmagem viajou até Maryland e passou um dia a filmar a família Cummins naquela que seria a primeira colaboração deles com os *media* desde o dia dos homicídios.

*

Em fevereiro de 2001, Tom ainda trabalhava como bombeiro a tempo inteiro, mas também tinha usado o seu curso de direito para arranjar um emprego em *part-time* no FBI, de que estava a gostar muito. Uma tarde, chegou a casa depois de um dia difícil de trabalho no FBI e foi calorosamente recebido pelos seus dois gatos, *Guinness* e *Cider*. Estava muito frio lá fora, mesmo para um dia de

inverno, pelo que, assim que tirou o casaco, pegou em *Cider* para aquecer as mãos. Acendeu a luz da cozinha, atirou o correio para a mesa e foi ao frigorífico. Pelo caminho, tocou na luz intermitente do atendedor de chamadas e ouviu-o apitar enquanto espreitava para o frigorífico, na esperança de se lhe deparar uma ideia milagrosa para o jantar.

A voz que encheu a cozinha fez com que Tom se endireitasse e fechasse a porta do frigorífico. Kay Crockett era a coordenadora do serviço de apoio à vítima no estado do Missouri, e tinha sido uma grande ajuda para Tom ao longo dos anos, uma fonte aparentemente incansável de energia e informação. Ele voltou ao balcão onde o atendedor ainda crepitava e zunia, e tocou no botão de rebobinar enquanto *Cider* se contorcia nos seus braços. Pousou-a no balcão e apoiou-se nos cotovelos, não só para se firmar como para se concentrar. Crockett repetiu a sua mensagem. Sim, Tom tinha ouvido bem. Tinha sido marcada uma data de execução para Antonio Richardson. E faltava menos de um mês.

Tom sentou-se à reluzente mesa de madeira da cozinha e ouviu os dois gatos a miar pelo seu jantar. Acendeu um cigarro que não tencionava fumar e tentou assimilar a enormidade daquilo que acabara de ouvir. Antonio Richardson seria executado dentro de exatamente quatro semanas. *Suponho que tenho muita coisa para preparar*, pensou, sacudindo-se do seu sonho e levantando-se da mesa. O cigarro desfizera-se em cinza nos seus dedos – mal lhe dera três passas, percebia agora ao apagar o resto. Voltou ao balcão, levantou o auscultador do telefone e carregou na tecla três de marcação rápida.

– Pai? – disse. – Vou voltar a St. Louis outra vez.

A notícia da execução de Richardson espalhou-se por todos os cantos das famílias Cummins e Kerry, e deixou toda a gente em choque. Em Nova Iorque, Tink pousou o telefone e afundou-se como um *zombie* no sofá, ainda

demasiado atordoada para transmitir a notícia a quem quer que fosse. Em Gaithersburg, Kathy e Tom foram beber a sua cerveja semanal no bar local, o Mrs. O'Leary's. Não havia muito a dizer nesta noite em particular. Nem o seu empregado favorito, Mac, foi capaz de os animar: estavam ambos demasiado confusos com a surpreendente torrente de emoções que estavam a experimentar. No Missouri, Ginna, Rick e Jamie, agora com dezanove anos, prepararam-se para a inevitável torrente de atenção mediática indesejada que sabiam que se seguiria ao anúncio. Tinham quatro semanas para se prepararem. A execução estava marcada para 7 de março de 2001, à meia-noite e um. Aconteceria na noite do aniversário de Ginna.

Durante a década que passara desde os homicídios de Julie e Robin, todos os membros das famílias Kerry e Cummins tinham sido redefinidos, tanto internamente como aos olhos daqueles que os rodeavam. Não havia um único elemento das duas famílias que fosse a mesma pessoa que era a 4 de abril de 1991. Cada um era agora aquilo a que o estado chamaria um «sobrevivente de homicídio», embora o título fosse insuficiente; não havia graus distintos dentro desta definição para retratar uma mãe, uma irmã, uma prima, um amigo. Ainda assim, cada uma das suas personalidades tinha sido drástica e permanentemente alterada pela perda de Julie e Robin.

Poucas destas transformações tinham sido tão dramáticas como a de Kay. Para Kay, a impotência absoluta e a raiva subsequente que experimentara durante o rescaldo imediato das mortes das suas sobrinhas tinha acendido um fogo em si que nunca seria apagado. Quando regressara a Gaithersburg dos horrores de St. Louis todos aqueles anos antes, os seus sentimentos iniciais de ineficácia foram imediatamente substituídos por uma impaciência anelante, enérgica, completamente motivadora, para *fazer* alguma coisa. Portanto, seguiu o

exemplo de vida das sobrinhas e, aos quarenta e quatro, Kay – dona de casa, enfermeira, mãe de três – transformou-se numa ativista. Quando uma amiga a encaminhou para o programa de apoio à vítima do condado para receber acompanhamento psicológico, Kay não tardou a tornar-se uma presença constante nos escritórios. No espaço de alguns meses, ela e alguns membros do seu grupo de apoio tinham fundado a *newsletter Wings of Hope* para vítimas de crime e suas famílias. Em menos de três anos, a *newsletter* recebeu o prémio do governador por «contributos notáveis no campo dos direitos ou serviços das vítimas, em reconhecimento por um apoio humanitário exemplar, lealdade, devoção e cuidado em prol das vítimas de crimes.»

Mas Kay não estava satisfeita. No ano seguinte, dirigiu uma petição à sua cidade e recebeu uma proclamação oficial do *mayor* e do conselho municipal de que a semana de 21 a 27 de abril seria agora designada «Semana Nacional dos Direitos das Vítimas de Crimes». Ainda nesse ano, foi convidada pelo Capitólio dos EUA para assistir a uma conferência de imprensa sobre uma proposta de revisão constitucional para uma declaração dos direitos das vítimas. Aí, encontrou-se com John Walsh do programa *America's Most Wanted* e teve uma conversa filmada com ele que foi transmitida mais tarde no programa dele. Os filhos finalmente repararam nas suas ambiciosas atividades. Ao longo dos anos seguintes, Tom, Tink e Kathy viram, com orgulho e perplexidade, a sua mãe de meia-idade transportar a sua recém-descoberta competência para o contexto legislativo. Em 1999, já ela tivera um papel determinante na criação de leis tanto ao nível estadual como do condado para prestar ajuda a vítimas de crimes com fardos financeiros como despesas de funerais, apoio psicológico e salários perdidos.

Mas apesar dos seus sucessos crescentes, Kay era insaciável. Porque de cada vez que vencida uma pequena

batalha pública pelos direitos das vítimas, Kay sentia uma vitória profunda e privada, algures, pela Ginna de outra pessoa.

*

Três semanas após o anúncio da execução iminente de Richardson, Tink saiu do seu emprego numa editora na baixa de Manhattan umas horas mais cedo. Sentia-se um pouco maldisposta. Anoitecia quando chegou ao seu apartamento em Queens, e foi acendendo as luzes pela casa enquanto a percorria. *O que preciso é de uma chávena de chá*, pensou. *Isso vai fazer-me sentir melhor*. Ligou a televisão no quarto e dirigiu-se à cozinha para pôr a chaleira a aquecer. O chá ficou pronto em escassos minutos e ela voltou ao quarto, a segurar a caneca fumegante com ambas as mãos. Deu dois passos dentro do quarto antes de o rosto na televisão a fazer parar de repente. Antonio Richardson estava no quarto dela, no *Ricki Lake Show*.

Sabia, no fundo, que este dia podia chegar, mas não tivera mais notícias sobre o assunto desde o aviso inicial dos produtores da Court TV uns meses antes. A realidade daquilo, nesse momento, era absolutamente chocante, e ela guinchou antes de pousar ruidosamente a caneca, entornando um pouco do chá a ferver ao fazê-lo. Precipitou-se para a televisão, batendo no botão para a desligar. Agora o ecrã negro fitava-a com ar trocista.

- Sai! Sai do meu quarto! - gritou desvairadamente para a televisão, desintegrando-se em lágrimas. - Meu Deus, porque é que vim para casa mais cedo?

Só se permitiu uns breves momentos de autocomiseração antes de se acalmar. Olhou para o relógio e percebeu que a esta hora a sua irmã Kathy já podia ter chegado a casa do trabalho. Aventou-se na sala de estar e marcou o número da irmã antes de ligar cautelosamente a televisão ali. Apesar da sua repulsa

inicial por ver Richardson, percebeu que algo a impelia a assistir.

- Kath? - disse quando a irmã atendeu o telefone. - Hum. Põe no canal cinco.

A irmã ficou calada uns momentos e depois respondeu-lhe:

- *OK... Family Feud*. Há alguma coisa de especial neste episódio específico?

- Merda - respondeu Tink. - Eu tenho o *Ricki Lake* no meu canal cinco neste momento.

- Ah - respondeu Kathy com reconhecimento sarcástico. - Bela escolha de programa.

- Não - disse Tink -, é o Antonio Richardson. Ele está no *Ricki Lake*.

Tink ouviu a irmã respirar fundo pelo telefone.

- Não quero vê-lo sozinha. Mas não consigo desligá-lo.

- Sim, eu percebo - respondeu Kathy. - Queres que fique ao telefone de qualquer modo?

- Não - respondeu Tink. - Obrigada. Eu... hum... seja como for, a Nikki deve chegar a casa daqui a pouco. Ou eu ligo ao Joe.

- Está bem... se tens a certeza - disse Kathy. - Mas ligue-me outra vez se precisares de alguma coisa. Vou tentar descobrir quando é que dá aqui e gravar. Também vou precisar de companhia quando o vir, tenho a certeza.

As irmãs desligaram e Tink ligou imediatamente para o telemóvel do namorado, Joe. Era mestre de obras e estava a trabalhar no centro da cidade. Quando atendeu o telefone, ao quarto toque, Tink já estava outra vez mal. A parte introdutória do programa tinha acabado e a entrevista estava a começar. Ricki Lake estava em pé para apertar a mão a Richardson. Ouviu-se a sua voz *off* a dizer:

- Antes de começarmos, [o Antonio] tinha de fazer um desabafo. - A imagem passou então para um grande plano de Richardson, com um ar animado e não totalmente

capaz de esconder o sorriso altamente impróprio que lhe parecia brincar nos lábios. Talvez fossem nervos, mas destruía completamente qualquer credibilidade que as suas palavras pudessem ter tido.

- Antes de fazer esta entrevista consigo, gostava de, hum, sabe, pedir desculpa à família Kerry, a família das vítimas, por toda esta situação. Gostava de pedir desculpa à minha família por tudo o que eles têm passado desde que fui preso.

- Quando foste para a prisão, não passavas de um miúdo numa prisão de adultos. - Ricki Lake começou a entrevista, inclinando a cabeça para um lado, de modo pensativo, enquanto falava. - Como é que foi para ti, sendo tão novo?

Richardson relatou os horrores que vira na prisão. Disse que tinha visto pessoas a serem espancadas e violadas. Tink ouvia a voz de Joe ao telefone, a incitá-la a falar, mas de início não conseguia. Finalmente, conseguiu:

- Joe? O Antonio Richardson está na televisão. O Antonio Richardson está no *Ricki Lake Show*. Neste preciso momento. Estou a olhar para a cara dele agora - disse, rapidamente.

- Oh, não - respondeu Joe. - Estás bem?

Tink disse que sim com a cabeça, mas a voz falhou-lhe outra vez. Só conseguiu soltar uma fungadela enorme.

- Vou já para aí - disse Joe. - Vou sair do trabalho agora, assim que conseguir estou aí.

Tink tentou argumentar que estava bem, que ele não precisava de sair do trabalho, mas Joe foi intransigente. E quando desligou, ficou contente por ele estar a caminho. O programa piorou antes de acabar. Richardson acusou Tom de perjúrio e chamou-lhe mentiroso. E completou o seu «pedido de desculpa» à família com uma negação terminante de qualquer envolvimento no crime. Admitiu estar na ponte Chain of Rocks naquela noite, mas disse

que, tal como Winfrey, tinha sido um observador assustado.

Depois veio a cereja no cimo do bolo. Ricki inclinou-se para a frente e perguntou-lhe o que tinha pensado quando o juiz anunciou a pena de morte. Tink nem conseguiu ouvir a resposta. Levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro pelo quarto e pelo corredor.

- Porque é que não lhe perguntas o que as vítimas pensaram antes de ele as matar? - murmurou amargamente enquanto andava.

A raiva dela foi veloz e inesperada. Nem se considerava uma defensora da pena de morte. Na verdade, tinha sentimentos contraditórios quanto ao assunto. Mas algo no tom compreensivo da voz de Ricki Lake, nas tentativas de Richardson de parecer patético e ao mesmo tempo negar toda a responsabilidade pelo que fizera, a enfureceu. Voltou em passos largos ao sofá e sentou-se a tempo de o ouvir dizer:

- Fiz muitas coisas no meu passado, mas não sou um violador e não sou um assassino - disse ele.

- Então por que raio acabaste de pedir desculpa, seu idiota? - gritou Tink para a televisão.

Mas Richardson não a ouviu.

- Neste momento, a minha vida é um inferno - dizia ele.

E então o programa passou para a publicidade e Tink ficou sentada, muda, com o comando na mão e a boca aberta. A voz *off* de Ricki surgiu e perguntou:

- Conhece duas pessoas que tenham tido um encontro romântico horrível? Se quer que uma delas ganhe uma mudança de visual para poder ter uma segunda oportunidade, pode ser nosso convidado. Ligue para o 1-800-GO-RICKI.

Atirou o comando para o outro lado da sala, ergueu os joelhos para o peito e entregou-se a um novo acesso de lágrimas. Ainda estava a chorar quando a sua

companheira de casa, Nikki, chegou alguns minutos mais tarde.

- O que se passa... estás bem? - perguntou Nikki, pousando as chaves e aproximando-se da amiga no sofá.

Tink acenou que sim e limpou a cara nos joelhos.

- Sim, só um bocado atordoada - respondeu. - O Antonio Richardson está na televisão.

Nikki olhou para a televisão e depois de novo para Tink.

- No *Ricki Lake*? - perguntou, incrédula. - O que é que ela vai fazer: dar-lhe uma mudança de visual antes de o executarem?

Tink riu-se, contra vontade.

*

A semana seguinte foi uma espiral descendente de frenética atividade mediática e caos emocional para todos os Cummins e Kerry. Passados dez anos, o caso dele estava de volta às primeiras páginas. Nos dias anteriores à execução, o advogado atual de Richardson, Gino Battisti, começou uma campanha mediática intensiva para suscitar apoio público ao seu cliente. Funcionou. A 26 de fevereiro, o *Post-Dispatch* publicou o cabeçalho: «Grupo contra a pena de morte pede a Holden para travar execução».

Um grupo chamado Missurianos pela Abolição da Pena de Morte declarava no artigo que o QI de Richardson era de «cerca de 70», o que roçava o atraso mental. Na verdade, o QI de Richardson era mais alto do que isso e ele não cumpria outros critérios para ser legalmente considerado atrasado mental. Com certeza que a sua eloquente entrevista no *Ricki Lake Show* era prova suficiente de que não tinha problema nenhum com a comunicação verbal.

Battisti, por sua vez, declarava: «Temos um rapaz de dezasseis anos que, essencialmente, era apenas um rapaz de sete anos na altura do crime.» Os factos declarados no jornal eram no mínimo enganadores e, para piorar as

coisas, Julie e Robin só eram mencionadas pelo seu nome ao sétimo parágrafo.

Ao longo dos dias seguintes, as pessoas começaram a escrever para os jornais locais, a pedir clemência para Richardson. Estudantes no *campus* da Universidade do Missouri, em St. Louis, onde Julie e Robin tinham estudado e Jamie era agora aluno, organizaram manifestações em nome de Richardson. Grupos como a União Americana pelas Liberdades Cíveis e a União Europeia começaram a escrever cartas de protesto ao governador do Missouri. Mas a manifestação mais perturbadora, para as famílias Cummins e Kerry, foi a de alguns membros da estimada *alma mater* de Julie e Robin, a Amnistia Internacional.

Sessenta e dois estudantes da filial da organização na Universidade do Missouri, em Columbia, planejaram uma greve de fome de três dias em nome de Richardson. O evento não foi aprovado pela Amnistia Internacional, mas isso não impediu os *media* de classificar os participantes como membros da organização. Outros voluntários no *campus* de Columbia organizaram «*die-ins*», protestos em que estudantes de todo o *campus* se faziam de mortos, a intervalos, durante o dia.

Jacquie, que trabalhava há vários anos na universidade como *designer* gráfica, evitou o *campus* e ficou em casa naquele dia. Não sabia se seria emocionalmente capaz de ver jovens fervorosos de dezoito anos que nem conheciam Julie ou Robin fazer-se de mortos em nome dos assassinos delas.

Quando Tink leu o artigo no *Columbia Missourian online* a descrever estas manifestações, imaginou a vela envolta em arame farpado da Amnistia Internacional – a mesma que para ela simbolizava Bobby Sands, e justiça, e Julie e Robin – e pensou em Antonio Richardson a usar aquela vela, a dobrá-la, a distorcê-la e a pervertê-la para si. A traição afetou-a mais profundamente do que julgava ser

possível e fê-la chorar com o seu peso. E depois fez o que fazia sempre que se sentia impotente ou enojada: sentou-se para escrever uma carta. Quando acabou, enviou-a ao presidente da filial, o presidente regional e o presidente nacional da Amnistia Internacional. Eis uma parte daquilo que dizia:

... Mr. Noah Jennings declarou ao Digital Missourian: «Nós achámos que este era um caso excecional, um caso em que podíamos aumentar a pressão.» Ele tinha razão. Este caso é excecional.

Pergunto-me se Mr. Jennings sabe os nomes das duas vítimas de violação e homicídio do Antonio. Eu sei. Eram a Julie e a Robin Kerry e eram minhas primas. Eram membros da Amnistia Internacional e jovens estudantes universitárias solidárias, tal como a maioria destes manifestantes.

Eu acredito nos princípios corajosos da Amnistia Internacional e louvo os esforços dos seus muitos membros incansáveis. Mas também acredito que, no vosso zelo para fazer uma diferença positiva na nossa sociedade, às vezes apoiam a causa errada. Eu acho que esta é uma dessas vezes.

Aqui, Tink explicou algumas das muitas imprecisões que tinham sido vigorosamente adotadas e depois regurgitadas como factos pelos *media*. Mas não perdeu muito tempo com estes argumentos baseados em factos porque esta carta não era sobre factos. Concluiu assim:

A Amnistia Internacional é uma organização poderosa e respeitada e, como tal, o vosso papel de responsabilidade social é pesado. Peço-vos respeitosamente que sejam cautelosos ao escolher as vossas batalhas. As coisas nem sempre são como parecem nas manchetes.

A Julie e a Robin Kerry ainda têm muitos amigos e familiares nas zonas de St. Louis e Columbia, muitos dos quais estão ativos na vida do *campus*. São, na sua maioria, pessoas que apoiam a Amnistia Internacional e se lembram com carinho das meninas como membros da vossa organização. Por elas, peço-vos que exerçam a vossa maior sensibilidade em relação a este caso. Por favor, não nos façam sentir ainda mais ostracizados. Se tencionam persistir no vosso apoio ao Antonio, peço-vos que pelo menos reconsiderem os vossos métodos. «*Die-ins*» e manifestações semelhantes em nome do homem que assassinou as minhas primas são realmente difíceis de digerir. Este homem continua a exhibir um desprezo flagrante pela vida humana; as suas vítimas passaram o seu breve tempo neste

planeta a lutar pelos direitos humanos, até ele lhes roubar essa batalha. Desta vez, vocês estão do lado errado.

A carta dizia tudo o que Tink queria que dissesse, e quando naquela tarde pôs os selos nos envelopes, teve uma enorme sensação de alívio. Não esperava que as suas palavras conseguissem nada, na realidade, mas sentia-se melhor por as ter escrito.

Algumas semanas mais tarde, ficou muito surpreendida quando recebeu respostas pessoais, compreensivas, dos três destinatários da sua carta. Sentia que tinha, com um pequeno gesto, devolvido a Amnistia Internacional às suas legítimas proprietárias.

*

No dia 5 de março, o *The New York Times* emprestou a sua voz ao crescente ruído público, ao publicar um editorial com o título «Ciclo de Morte» que argumentava que «ao matar [Richardson] só vamos conseguir diminuir-nos». O artigo também repetia muitos dos factoides erróneos, concebidos por Battisti, que tinham começado a permear todos os artigos sobre o tema. Aqueles que eram próximos de Julie e Robin viram num silêncio angustiado a onda de apoio a Richardson inundar os *media*.

Aparentemente, ninguém reparou na extensa documentação jurídica, incluindo o pedido de clemência do próprio Richardson, que negava muitos dos «factos» noticiados na comunicação social. A história contada nos documentos jurídicos revelava não a alma perdida amável, mentalmente incapacitada, que os *media* tinham criado, mas sim o verdadeiro Richardson: um jovem muito perturbado e zangado que tivera uma vida miserável desde o dia do seu nascimento.

Segundo o seu próprio pedido de clemência, o pai de Richardson, Archie Richardson, nunca fora casado com a sua mãe, Gwendolyn, e não estivera ativo na vida dos seus

três filhos. Mas enquanto Archie reconhecia a paternidade dos dois irmãos de Richardson, ele recusava persistentemente reconhecer que Antonio Richardson era seu filho. Ele e Gwendolyn estavam desavindos no período em que Richardson fora concebido e nascera. Por isso, Archie estava convencido de que a criança era fruto da infidelidade de Gwendolyn. Assim, mesmo nas raras ocasiões em que passava tempo com os rapazes, rejeitava abertamente o filho do meio, permitindo que os outros dois lhe chamassem «pai» enquanto desprezava Richardson. O rapaz não compreendia o rancor entre os pais, mas compreendia a rejeição absoluta.

Quando Richardson tinha seis anos, Archie casou com outra mulher e desapareceu quase por completo da vida dos filhos. Para Richardson, o mal já estava feito. Quando entrou no primeiro ano, já exibia graves problemas de comportamento. Um relatório da secção do Missouri do serviço de apoio à família em 1981 indicava que Gwendolyn estava a «ter dificuldades» com Richardson, e que o seu «progresso académico era fraco: as suas notas do primeiro ano eram quase todas medíocres e tinha uma má classificação em termos de comportamento social». O seu professor daquele mesmo ano dizia que a criança não ficava quieta no lugar, estava sempre a mexer-se, a envolver-se em lutas, a atirar lápis de cera e a roubar coisas aos colegas.

Quando Richardson tinha sete anos, a mãe foi diagnosticada com graves problemas de rins e ele e os dois irmãos começaram uma mudança constante da casa de um familiar para outra. Gwendolyn passava semanas a fio no hospital e, entre as suas dificuldades médicas, a jovem mãe desenvolveu uma grave dependência de drogas e álcool. Abandonava os filhos durante largas semanas quando entrava num período de consumo excessivo. Muitas vezes, os rapazes não sabiam onde a mãe estava, nem se ou quando viria para casa. Gastava os apoios da

segurança social em drogas para si e para os namorados e, por isso, Richardson e os irmãos passavam muitas vezes fome.

Outros documentos do tribunal indicavam que foi «a gravidade, frequência e coerência dos problemas comportamentais do aluno» e não qualquer tipo de atraso mental que resultou na colocação de Richardson numa escola especial para alunos com graves dificuldades académicas. Os problemas educacionais de Richardson não tinham nada que ver com o seu pretenso atraso mental. Era simplesmente um rapaz negligenciado, zangado, inculto e violento que, sem amor e orientação suficiente na vida, se tornou um homem zangado, inculto e violento.

*

Na manhã de 5 de março, a edição *online* do *Post-Dispatch* publicou um artigo com uma gralha imperdoável: Ginna Kerry foi erroneamente identificada como «Ginny Richardson». Da sua secretária em Nova Iorque, Tink enviou logo um *voice mail* contundente ao autor do artigo, Paul Hampel, e começou a trabalhar noutra carta, desta vez para o editor do *Post-Dispatch*. Em St. Louis, James Kerry – um tio de Julie e Robin – fez o mesmo. Nels Moss já estava a dar os retoques finais na sua.

Tink ficou muito surpreendida quando Paul Hampel, do *Post-Dispatch*, lhe telefonou cerca de quinze minutos depois de ela ter enviado a sua carta ao editor. Sentia-se mal em relação à gralha condenável no jornal da manhã e perguntava se ela estaria disposta a dar uma entrevista. Disse que gostava muito de escrever um artigo a apoiar as famílias das vítimas. Tink ficou desconfiada: a sua família já tinha sido queimada pelos *media* muitas vezes, e quando não estavam a ser queimados, estavam a ser resolutamente ignorados, enquanto Antonio se comprazia sob a luz dos holofotes, a desempenhar o seu já bem

firmado papel como vítima do sistema. Tink disse a Hampel que teria de pensar e depois lhe ligava.

Desligou e abriu imediatamente a sua lista telefónica. Tom era o primeiro na lista, mas duas horas mais tarde, Tink já tinha falado com pelo menos meia dúzia de familiares, que concordavam todos que ela devia dar a entrevista a Hampel. Afinal, eles não podiam continuar a queixar-se da parcialidade da cobertura mediática se ninguém no lado deles estava disposto a dar uma entrevista. Assim, após muitas dúvidas e unhas roídas, Tink ligou a Hampel e aceitou nervosamente dar a entrevista naquela tarde. Apesar da sua desconfiança inicial, Tink afeiçãoou-se a Hampel e passaram quase duas horas ao telefone nessa tarde. No fim da conversa, ele agradeceu-lhe.

- Hoje aprendi muito sobre como tratar as pessoas, como tratar as vítimas de crimes e as suas famílias, e só quero agradecer-lhe por me dar uma segunda oportunidade. O meu *e-mail* esteve entupido o dia todo com mensagens de amigos e família da Julie e da Robin. Aquelas duas raparigas eram realmente pessoas incríveis e a história delas foi ignorada nas últimas semanas. Tem a minha palavra de que amanhã vou dar o meu melhor para corrigir esse erro.

A manchete de Hampel no *Post-Dispatch* da manhã seguinte, dia 6 de março, dizia «Presença de assassino na televisão enfurece familiar das vítimas». Tink era extensamente citada no artigo, desmistificando muitos dos mitos que, de certo modo, se tinham transformado em «factos» na recente cobertura mediática. Era o primeiro artigo que o jornal publicava em anos que se focava nas vítimas em vez dos seus assassinos.

Nesse mesmo dia, o *Post-Dispatch* publicou em lugar de destaque as três cartas ao editor enviadas por James Kerry, Tink Cummins e Nels Moss.

A carta de James Kerry era muito bem pensada e apaixonada nos seus argumentos.

Primeiro, não há dúvidas quanto à culpa dele. Além disso, contrariamente à falsa insinuação do título do editorial de 2 de março, o estado não estaria a executar um menor. Ele tem vinte e seis anos. Tinha dezasseis quando cometeu uma dupla violação e homicídio: crimes muito adultos cometidos de uma forma muito deliberada, muito cruel, muito violenta, muito determinada e muito adulta.

A carta de Moss era igualmente apaixonada.

Este caso foi provavelmente o homicídio de dois jovens mais insensível e desumano que alguma vez vi. Que não reste a mínima dúvida: foram Richardson e Clemons que violaram e empurraram as suas vítimas nuas para que se afogassem nas águas frias do rio Mississípi.

Eu tenho bastante experiência em defesas baseadas em insanidade mental, incluindo o atraso, e Richardson não é atrasado mental no verdadeiro sentido do diagnóstico. Má pontuação em testes de QI ou problemas de leitura não equivalem a atraso mental.

Richardson tem excelentes competências verbais, senso comum e experiência de rua muito acima das de uma pessoa com atraso mental. Ele fez uma declaração filmada a dizer que tinham sido outros a cometer o homicídio, e foi eloquente e lógico na sua tentativa de logro. Tomou uma decisão ponderada de ir a tribunal.

A revolta estava finalmente em curso.

*

O que Tink não percebeu quando deu a entrevista a Handel foi que a sua participação iria marcá-la como a porta-voz de pelo menos o lado Cummins da família. Era um papel para o qual não se sentia nem qualificada nem autorizada, mas apesar da sua relutância, a meio da manhã já estava inundada de telefonemas.

Os motivos pelos quais as famílias Cummins e Kerry tinham ficado, de modo geral, em silêncio durante dez anos, desde os homicídios de Julie e Robin, eram diversos.

Para Tom, era tão simples quanto isto: não confiava nos *media*. Uma e outra vez, tinha visto insinuações, meias-verdades e erros publicados sobre o caso, e simplesmente não queria estar envolvido naquilo. Para a família Kerry, talvez a dor fosse demasiado grande para expressar. Para os outros, as grandes famílias alargadas – as tias, tios, primos – bem, cada um tinha os seus motivos pessoais. Alguns sentiam que estas mortes eram privadas – que a dor deles não dizia respeito a ninguém. E aqueles na família que estavam, de facto, zangados com a parcialidade dos *media* e queriam falar tinham medo de perturbar os outros. Ninguém sentia que lhe competisse intervir e começar a falar com a imprensa. Afinal, numa família tão grande, era natural que houvesse um sem-número de opiniões divergentes sobre temas como a pena de morte. E ninguém queria a responsabilidade de ser rotulado como a «voz da família».

Portanto, quando Tink deu por si, aparentemente, no cimo da lista de «coisas a fazer» de todos os jornalistas do país, sentiu-se muito desconfortável. Mas depois de muita discussão e o encorajamento de vários familiares, aceitou falar com alguns jornalistas. No começo de cada conversa com os meios de comunicação, ela explicava que só estava a falar por si, não por toda a família. E foi inflexível na recusa em dizer o que pensava da pena de morte. A única ideia que queria mesmo transmitir era esta: *Não nos esquecemos de uma coisa? E as vítimas?*

Mas por muito que Tink se sentisse sufocada enquanto tentava conciliar os telefonemas dos jornalistas com os que ela própria fazia a pedir conselhos à sua família, isto não era nada comparado com o que a família de St. Louis estava a enfrentar. À medida que a data da execução se aproximava, todos os familiares foram apanhados de surpresa pela intensidade emotiva que rodeava o acontecimento iminente. O advento de outra morte

resultante, em última análise, daquela noite horrível de abril de 1991 abriu todas as cicatrizes das feridas do luto.

Para Ginna, não havia cicatrizes: as feridas nunca tinham sarado. E para o resto da sua família, a 6 de março de 2001, enquanto os *media* fervilhavam e os manifestantes entravam num frenesim digno de se filmar e fotografar, as memórias e a angústia eram tão pungentes como tinham sido dez anos antes.

*

Tom virou o carro alugado para o caminho de acesso dos avós - o mesmo caminho do qual saíra furtivamente tantos anos antes naquela noite terrível -, puxou o travão de mão e olhou para a tia Jacquie no lugar ao seu lado. Respirou fundo, mas antes de ter oportunidade de dizer alguma coisa, a sua mãe surgira à porta da frente e estava a chamá-los para dentro. Kay apanhara um voo anterior para passar mais uma noite com os pais. Restavam-lhes algumas horas antes de os três - Tom, Jacquie e Kay - se dirigirem à penitenciária estadual de Potosi, onde, à meia-noite e um, estava marcado assistirem à execução de Antonio Richardson por injeção letal.

Os três não tinham falado muito sobre o motivo por que iam. Na verdade, Kay e Jacquie só iam para fazer companhia a Tom. Nenhuma delas tinha qualquer vontade de assistir à execução sozinha; sentiam simplesmente que Tom precisava do seu apoio. Ginna nunca tivera qualquer intenção de assistir à execução, e embora Rick tivesse pensado nisso, acabou por decidir também não ir.

Tom passou o resto da tarde em casa dos avós. Até deixou que a avó Polly o mimasse mais do que o habitual e o alimentasse, embora tivesse o estômago tão sensível e revoltado que quase tinha medo de comer.

Pouco antes das quatro, o telemóvel de Jacquie tocou e Kay Crockett deu a notícia de que o Tribunal do Oitavo Distrito tinha emitido uma prorrogação temporária para

Richardson. A execução estava cancelada. Tom ficou tão atordoado que nem conseguiu reagir.

Crockett informou Tom de que o estado ia recorrer da decisão ao Supremo Tribunal dos EUA, e que era muito provável que esta fosse revertida antes da meia-noite. Portanto, depois de verem a entrevista de Tink no *Catherine Crier Live*, em Nova Iorque, Tom, Kay e Jacquie enfiaram-se no carro alugado para irem até Potosi. Mal tinham feito o *check-in* no Holiday Inn onde iam passar a noite quando o telemóvel de Jacquie tocou com a última novidade: o juiz Clarence Thomas, do Supremo Tribunal, tinha anulado a prorrogação. A execução de Richardson estava novamente marcada para a meia-noite e um.

Tom teve a sensação de estar num episódio bizarro e desvairado dos *Apanhados*. Os altos e baixos emocionais eram quase insuportáveis e, por esta altura, estava a fazer a si próprio as mesmas perguntas que inúmeras pessoas lhe tinham feito quando tomara a decisão de vir até ali, de ser testemunha da execução. *O que é que eu espero retirar disto? O que raio estou a fazer aqui?*

Por volta das 22h15, Tom parou no parque de estacionamento de uma bomba de gasolina a alguns quilómetros da penitenciária. Foi ao telefone público e marcou o número de Crockett com um dedo que já estava dormente devido ao frio quando chegou ao terceiro dígito. Só queria confirmar uma última vez com ela antes de chegarem para ter a certeza de que estava tudo encaminhado. Estava escuro lá fora, muito mais escuro do que alguma vez ficava na cidade e, entre isto e o tempo frio, Tom começava a interrogar-se se as pessoas que planeavam estas coisas não estavam a conspirar para tornar a atmosfera o mais assustadora possível. Rechaçou o pensamento mal este lhe entrou na cabeça. Não conseguia de todo pôr-se na pele das pessoas que planeavam estas execuções.

Quando Crockett atendeu o telefone, parecia incharacteristicamente cansada.

- Não vais acreditar nisto, Tom - começou. - A execução foi adiada outra vez. Explico-te todos os pormenores o melhor que puder quando cá chegares. Mas, basicamente, o Supremo Tribunal aceitou adiar temporariamente a execução consoante o desfecho de um julgamento que envolve um homem com atraso mental na Carolina do Norte.

- Mas... - começou Tom.

- Sim, eu sei - interrompeu-o Crockett. - O Richardson não tem nenhum atraso mental. Aparentemente não importa. Os advogados dele estão basicamente a dizer que se houver uma *possibilidade* de o cliente deles ter sequer um *leve* atraso mental, então existe uma *possibilidade* de o desfecho do caso o afetar. É o suficiente para uma prorrogação. Em última análise, não se vai aguentar.

Tom acenou em concordância.

- Está bem, estamos a poucos quilómetros daí. O que achas que devemos fazer?

- Porque é que não vêm cá e conversam um bocado com a Dora Schriro? É a diretora dos serviços prisionais do estado do Missouri. Ela deve ser capaz de responder a todas as perguntas que possas ter. Também temos alguns psiquiatras disponíveis, se quiseres falar com algum deles.

Mesmo com a prisão em confinamento completo e a segurança no seu grau mais apertado, Tom, a mãe e a tia entraram e saíram de Potosi em menos de uma hora. As câmaras e a imprensa não o viram a entrar, mas cercaram-no à saída. Os guardas rodearam-no e acompanharam-no até ao carro alugado, com Kay e Jacquie atrás. Tom ficou calado - nem sequer lhes deu o «sem comentários» que lhe teria valido um lugar no noticiário da noite.

No Holiday Inn, Kay, exausta e emocionalmente esgotada, foi dormir assim que passaram a porta. Tom e

Jacquie acenderam cigarros e ficaram a pé a noite toda a recordar Julie e Robin.

Dois dias mais tarde, Tom esforçou-se ao máximo por se acomodar no seu lugar enquanto o avião deslizava sobre a pista de St. Louis para a descolagem. Para ele, os acontecimentos da última semana tinham posto fim a muitas perguntas sem resposta. Há um mês, quando planeava a sua viagem, as pessoas tinham começado a perguntar-lhe: «O que esperas conseguir ao ir lá, ao assistir à execução?» E Tom não soubera o que responder à pergunta. Sentira vontade, simplesmente. Nunca lhe ocorrera *não* ir. Mas quando a pergunta surgiu, começou a questionar e torturar-se com isso. Porque é que queria ir? Só queria mesmo ver aquele homem morrer? Não. Sem dúvida que não era isso. Não tinha sede de sangue. Na verdade, a ideia de assistir fisicamente à execução não o atraía de forma alguma. Enojava-o. E também não estava à espera de uma conclusão, ou fim, nem nenhum daqueles confortos que os sobreviventes por vezes se convencem de que podem obter ao ver os seus agressores morrer. Ele sabia que não ia sair da penitenciária depois de assistir a *mais uma* morte e pensar para consigo: *Uau, agora sinto-me melhor*.

Então, o que esperava? Enquanto o avião acelerava e embalava o motor para a subida, Tom finalmente reconheceu o seu único desejo, o seu motivo para ir até ali naquela semana. Estava à espera de um pedido de desculpa. Um pequeno canto esquecido da sua mente guardava uma nesga de esperança de que Antonio Richardson, quando confrontado com a sua própria mortalidade, dissesse a verdade. Que percebesse nos últimos instantes antes da sua morte que não ia chegar a lado nenhum neste mundo, e que o melhor que podia esperar seria reconciliar-se com o seu Criador antes de passar para o seguinte. Era *isto* que Tom esperava ver. No caso pouco provável de Richardson se arrepender e

procurar o perdão no último instante – caso decidisse que após todos estes anos, *estava* realmente arrependido –, Tom queria estar por perto. Tom queria perdoá-lo.

Quando o avião alcançou a altitude de voo e Tom deixou St. Louis para trás, tomou uma decisão: deixar para trás, também, as esperanças irrealistas que levava até ali.

A nova paz de Tom permitiu-lhe ignorar o «documentário» quando, mais tarde naquele ano, este foi para o ar na Court TV. O resto da sua família não ficou tão indiferente. Em vez disso, ficaram furiosos. O programa de noventa minutos não incluía nenhuma das imagens que tinham filmado da família Cummins. Todas as cenas de Tom no quartel de bombeiros, juntamente com as imagens da família a contar histórias divertidas e a partilhar memórias sobre Julie e Robin, tinham sido omitidas do programa. O produto final focava-se inteiramente na família de Richardson e no advogado dele.

Uma equipa de filmagem filmara a família e o seu advogado, Gino Battisti, durante as últimas semanas e momentos anteriores à noite marcada para a execução de Richardson. Tinham apanhado todas as lágrimas, todas as conversas desoladoras, todas as expressões faciais atroztes que podiam durante o terrível suplício da família Richardson.

As famílias Cummins e Kerry não apareciam em lado nenhum. Aparentemente, os produtores do documentário tinham decidido que a tortura *delas* não tinha importância para a história.

Mas o pior insulto veio perto do fim da peça de noventa minutos. As imagens mostravam Battisti, com um ar extenuado, a andar pelo seu escritório e a passar as mãos pelo cabelo, à espera de que o telefone tocasse. Quando finalmente tocou, atirou-se a ele e as câmaras fizeram um *zoom* sobre a conversa unilateral. A alegria foi imediatamente visível nas feições do advogado enquanto ele se afundava na cadeira, a rir de alívio. Era a notícia

que mal se atrevera a esperar: a execução de Richardson tinha sido adiada. Quando desligou, olhou para a câmara e, a sorrir, disse:

- Parece que a história vai mesmo ter um final feliz!

Na sala de estar da casa dos Cummins, todos estavam mudos e boquiabertos.

*

Por volta da mesma hora, enquanto Battisti festejava o seu «final feliz», as famílias Cummins e Kerry preparavam-se para assinalar o décimo aniversário das mortes de Julie e Robin. Tom e Kathy planearam a sua cerveja semanal para coincidir com o aniversário, e Tom também convidou a sua nova namorada. Só andava com ela há umas semanas, mas depositava grandes esperanças nesta, e sabia que mais cedo ou mais tarde teria de lhe explicar a sua história. Afinal, os factos da história eram os legos da sua vida - os blocos que tinham, nos últimos dez anos, sido largamente responsáveis por construir a pessoa que Tom Cummins se tornara. E a nova namorada, Whitney, não podia conhecer ou compreender Tom enquanto não soubesse a sua história terrível, enquanto não soubesse da perda de Julie e Robin.

Portanto, ele levou-a ao Mrs. O'Leary's naquela noite, uma hora antes do encontro marcado com Kathy e o marido. Tom segurou as mãos dela nas suas e contou-lhe o que para ele se tornara a sua história de vida. Estava nervoso, e gaguejou e parou a meio, dando goles durante os intervalos mais longos para preencher o silêncio. Afinal, contara estas verdades inúmeras vezes num período de dez anos, e as reações que recebera variavam de hiperventilação a descrença ou completa indiferença. Tom só recentemente começara a compreender que este momento, o momento em que partilhava a sua história, era o momento mais importante e revelador por que passava em *todas* as novas relações. A reação da ouvinte à

sua história seria uma espécie de lente para a alma dela, um microcosmo de tudo o que era enquanto pessoa.

Quando Tom acabou a sua história, Whitney fitou-o com os olhos arregalados, marejados de lágrimas.

- Tudo o que precisares, se precisares de alguma coisa, eu compreendo - disse ela.

E Tom percebeu que os seus anos de psicoterapia o tinham finalmente levado a transpor um limiar muito importante. Pela primeira vez numa década, Tom estava mesmo, verdadeiramente, a começar de novo. Esperava que um dia Ginna pudesse fazer o mesmo, mas ao mesmo tempo que o desejava, reconhecia quão diferente, quão devoradora, era a dor dela. Tom estava finalmente a reconciliar-se com a sua sorte na vida. O seu terapeuta tinha razão, raios: isto não era culpa dele. Não importava o que os outros pensavam. Não importava que os *media* ainda se referissem a si simplesmente como «o primo das vítimas». Sabia que era uma vítima por direito próprio. Ele sabia, a família sabia, e agora a sua nova namorada também o sabia.

Pela primeira vez desde 5 de abril de 1991, Tom sentiu-se livre de culpa, de autorrecreinação, de ansiedade em relação ao que os outros pensavam de si. E em lugar de todos estes demónios, os pequenos rebentos do luto estavam a brotar dentro de si. Mas eram as sementes de um luto puro, não permeado de raiva ou distorcido pelo medo. Ele era finalmente livre de sentir simplesmente falta das suas primas sem qualquer outra bagagem a perturbar esse sentimento. E quase sabia bem. Sentia mesmo a falta de Robin. E Deus sabe quanto sentia a falta de Julie.

Quando Kathy e o marido apareceram, uns minutos mais tarde, Tom pediu bebidas para eles e depois marcou o número de telemóvel de Tink em Nova Iorque. Disse a Tink que fosse buscar uma bebida, e todos esperaram

enquanto Tink abria a rolha de uma garrafa de vinho tinto no seu apartamento.

- Estás pronta? - perguntou Tom, para o telefone.

Então ele levantou o seu copo brilhante, brindou com o da irmã no ar e deixou que uma única lágrima lhe corresse pela face.

- À Julie e à Robin - disse.

EPÍLOGO

Nós esquecemo-nos das nossas vítimas.

Enquanto sociedade, temos um certo fascínio pelo homicídio e a violência. Não é necessariamente doentio, somos um povo curioso. Queremos saber porque é que as atrocidades acontecem; queremos compreender as causas da maldade. Vamos à procura de respostas em livros, na psicoterapia, nos nossos *media*. Infelizmente para quem procura respostas, os cadáveres não falam. Os mortos não podem contar as suas próprias histórias.

Portanto, em vez disso, como Doug Magee explica de modo tão eloquente na introdução do seu livro *What Murder Leaves Behind*:

No rescaldo de um homicídio, voltamos a nossa atenção para o assassino. Aí, claro, é onde está a ação. A perseguição, a detenção e o julgamento são-nos servidos como a história, e raramente protestamos [...].

No período logo a seguir ao homicídio podemos apanhar um minuto ou dois de um marido ou uma mulher ou um pai, a piscar os olhos nas luzes quentes da televisão, a fazer uma pausa para chorar e depois a tentar traduzir em palavras alguns dos piores sentimentos imagináveis. Mas normalmente só vislumbramos estas famílias e só o fazemos quando elas encaixam na história maior; as famílias ocupam um lugar secundário em relação à atividade que rodeia o homicídio.

É verdade. Mas a maior injustiça social não é que as famílias das vítimas ocupem um lugar secundário na nossa atenção. O mal maior é que, por causa do silêncio que a morte lhes impõe, nos esqueçamos das próprias vítimas.

A 5 de abril de 1991, a Julie e a Robin Kerry morreram. Este é o facto singular e monumental desta história. Como tal, deve ocupar um lugar central em todas as discussões pertinentes. Porém, durante os anos seguintes, a minha família assistiu impotente enquanto a imprensa relegava a Julie e a Robin a pouco mais de detalhes secundários. Entretanto, os seus assassinos tornavam-se coqueluches dos *media*.

Escrevi este livro porque me sentia irritada. Escrevi-o porque queria fazer *alguma coisa* para tentar mudar o facto de o lugar legítimo da Julie e da Robin na nossa memória coletiva estar a ser usurpado pelos mesmos rufias que as mataram. Isto é uma injustiça enorme na nossa sociedade, e uma injustiça na qual só reparei porque aconteceu à *minha* família, a pessoas que amo e de quem tenho saudades.

Tentar dar voz a esta mensagem ao escrever este livro é uma das coisas mais assustadoras que já fiz, e questionei-me em cada momento. Questionei a minha capacidade de expressar adequadamente estas questões e, mais importante, questionei o meu *direito* de o fazer. Sei que, pela própria natureza daquilo que está escrito nestas páginas, este livro é inerentemente perturbador para algumas das pessoas que melhor conheciam e mais gostavam da Julie e da Robin, e a última coisa que queria fazer era causar mais dor a quem já sofreu tanto.

Mas no fim de contas, fui impelida pela minha sensação de que a Julie e a Robin tinham sido reduzidas a nada mais do que «vítimas» nos *media*, de que, tirando as pessoas que as conheciam e gostavam delas, a única coisa de que as pessoas se lembram sobre elas é que foram violadas e que foram assassinadas. Eu senti que, ao

escrever isto, talvez conseguisse retratar o amor delas e a dignidade com que suportaram aquele horror. Mas mais importante ainda, pensei que, de uma forma muito pequena, talvez pudesse devolver-lhes alguns dos pormenores dos quais tanto se orgulhavam nas suas vidas. Talvez este seja mais um dos meus sonhos irreais e pomposos, mas eu ainda acredito. Eu queria que as pessoas ouvissem os nomes Julie Kerry e Robin Kerry, e descobrissem um pouco sobre elas, mesmo que esse pouco fosse apenas uma sombra da Julie e da Robin verdadeiras. Portanto, espero que, de certo modo, aqueles que eram próximos da Julie e da Robin compreendam que estes são os motivos pelos quais me senti impelida a falar, os motivos por que *tinha* de escrever este livro. Entretanto, preciso de deixar muito claro que esta é a *minha* versão dos acontecimentos; esta é a *minha* homenagem muito pessoal às minhas primas. Nem por um momento pretendo falar em nome de outra pessoa.

*

A pena de morte é uma questão gigante e aterradora. As suas ramificações são verdadeiramente incognoscíveis, e portanto, envolta na escuridão, paira sobre a nossa consciência nacional como a Morte. Embora eu nunca tenha tido oportunidade de discutir a pena de morte com a Julie ou a Robin, sei que elas eram ambas contra ela. O que nunca ninguém poderá saber é se aquela noite terrível teria alterado as suas opiniões ou não. Não vale a pena pensar nisso.

O que sei, porém, é como a questão afeta aqueles de nós que ainda cá estão. Eu própria me debati com ela ao longo dos anos. Tive muitos momentos em que a única coisa que queria no mundo era cinco minutos sozinha num quarto com uma faca de talhante e os violadores das minhas primas. Mas também encarei o momento, pior ainda do que aqueles momentos vingativos, em que a

execução de Richardson estava prestes a acontecer. Para mim, não havia paz naquela morte iminente. Eu estava horrorizada com a ideia de ele morrer. Mas quando a execução foi adiada, fiquei outra vez furiosa: queria-o morto. E depois, momentos mais tarde, odiei-me pela minha própria maldade. A montanha-russa de emoções é indescritível.

A pior coisa que um opressor pode fazer a uma vítima é inspirar tamanho ódio dentro da vítima que ela se torna capaz do mesmo tipo de monstruosidades que a oprimem. Esta ameaça de uma alteração na alma da vítima é muito mais assustadora para mim do que qualquer potencial brutalidade física. Se eu deixar que a minha repulsa pelos assassinos das minhas primas me imponha uma sede de sangue, então os rufias deste mundo venceram. E todas as Julies e Robins perderam.

Portanto, não desejo a execução de Richardson, Gray ou Clemons – eu não quero ver aqueles homens morrer –, mas não é um sentimento de compaixão por *eles* que me mantém deste lado da questão. No que diz respeito à minha preocupação por eles, contentar-me-ia em saber que eles tinham sido presos e que nunca de lá sairiam, que nunca violariam nem matariam mais ninguém. Ficaria igualmente satisfeita se descobrisse que tinham morrido todos nas suas celas. Não me importa o que lhes acontece. A Julie e a Robin não vão voltar.

Mas o triste facto é que o corredor da morte mantém estes homens presentes nas nossas vidas. Se o Antonio Richardson estivesse a cumprir uma pena de prisão perpétua sem *nenhuma* possibilidade de fiança, a Ricki Lake não queria entrevistá-lo. A Court TV não teria motivo nenhum para fazer um programa de noventa minutos sobre ele. *Ninguém* teria pena dele, e ele não poderia pôr-se no papel de vítima como fez.

Não posso argumentar contra a pena de morte por compaixão em relação àqueles homens porque, na

verdade, ainda não consegui encontrar nenhuma compaixão por eles. Talvez a encontrasse se pensasse que estavam arrependidos – se eles expressassem remorsos genuínos por aquilo que fizeram. Só posso dizer que a pena de morte não resolveu nada em mim. Não me ajudou a sarar e não conto que o faça.

No entanto, a retórica tradicional deixa-me frustrada. Ainda estamos a centrar a atenção no lugar errado. Talvez a pena de morte esteja errada, não só por causa da questão humanitária, mas também porque aliena ainda mais as famílias que já tanto sofreram. Porque inflama ainda mais as feridas do luto. Porque banaliza as pessoas que deviam ser as mais importantes. Porque permite que os assassinos ostentem um emblema que não merecem: o emblema da vítima.

*

Não quero acabar este livro num tom zangado. Já não estou assim tão zangada. Escrever este livro permitiu-me ultrapassar muita coisa. Agora lanço-o ao mundo, na esperança de que seja recebido como eu pretendia: como uma carta de amor às minhas primas, como uma voz para o meu irmão. Pelo caminho, se ajudar a mudar um pouco a forma como um leitor pensa nas vítimas, quero acreditar que a Julie e a Robin ficariam orgulhosas. Afinal, quem disse que não podemos mudar o mundo?

Beijos e Revolução.

AGRADECIMENTOS

Há uma série de pessoas sem as quais, não é exagero dizer, este livro talvez nunca tivesse acontecido. Às seguintes pessoas, quero exprimir o meu mais sincero agradecimento:

*

A todos os meus amigos, colegas, *mos*, *pokeys* e família alargada de Nova Iorque – por manterem a minha vida quotidiana divertida e (por vezes) sã.

Ao Dan Slater – pela tua sabedoria precoce. A tua sensibilidade e encorajamento ajudaram-me mais do que imaginas. À Kara e à Claire – por verem o potencial num rascunho muito, muito imperfeito.

E à Laura – pela incrível capacidade de transformar essa imperfeição numa elegância da qual me posso sentir verdadeiramente orgulhosa; tu fizeste-me ver coisas que eu nunca teria aceitado sem a tua lucidez.

Ao Frank Carlson, Frank Fabbri e Nels Moss – por terem o cuidado de ler o manuscrito e partilhar os vossos conselhos inestimáveis (tanto jurídicos como pessoais) comigo. E, mais importante, pelas coisas que fizeram pelo meu irmão.

À Nikki – por seres a melhor psicóloga doméstica que alguma vez tive. (E ao Noel por a tirar de casa entre as nossas sessões para eu poder *escrever*).

À Evelyne – por me serenares repetidas vezes, apesar do oceano que normalmente nos separa.

Ao Joe – por expulsares a própria ideia de complacência da minha vida. Tu és, simplesmente, a minha espinha dorsal.

Aos Cromos da Távola Redonda, Anton e Carolyn – por me ensinarem a ser humilde e orgulhosa ao mesmo tempo. Vocês são quase tão responsáveis por este livro como eu. (OK, talvez mais do que «quase».) Eu muito seriamente não poderia ter feito isto sem vocês.

À melhor equipa de vendas do ramo – vocês mostraram muita confiança e entusiasmo desde o princípio, e não imagino mais ninguém a apoiar-me. Sou a autora mais sortuda de sempre. Ao Norman e à Trish – por se tornarem meus mentores e por me ensinarem que o que realmente importa nos negócios são as pessoas que nos rodeiam. Norman, tu acreditaste em mim, e por isso, os meus sonhos estão a acontecer. Obrigada.

À minha família (demasiados para mencionar aqui: todos os Cummins, Matthews e variações casadas destes) – parece lamechas, mas é verdade: eu venho de boa cepa. A força e o amor que testemunhei no seio da nossa família ao longo dos anos deixa-me sem fôlego. Tenho orgulho em ser uma de vocês.

À Jamie – és a rapariga mais digna e corajosa que conheço. Tens uma disponibilidade incrível para estar plenamente empenhada na vida, e é verdadeiramente uma honra poder dizer que és minha prima e minha amiga.

À Ginna – não há palavras para exprimir o que fizeste por mim. As tuas filhas incutiram a ação em mim, mas foram a tua fé e força que me fizeram perder o medo. Nem em sonhos poderia imaginar uma alma mais compassiva ou generosa do que tu tens sido para mim.

Aos meus pais – por me darem um amor e apoio incondicionais (mesmo quando eu decido viver em «territórios estrangeiros hostis»). Por me ensinarem a manter os pés assentes na terra e a cabeça nas nuvens. E por acreditarem sempre em mim, e me lembrarem disso

quando eu tropecei. Espero que se sintam orgulhosos de mim.

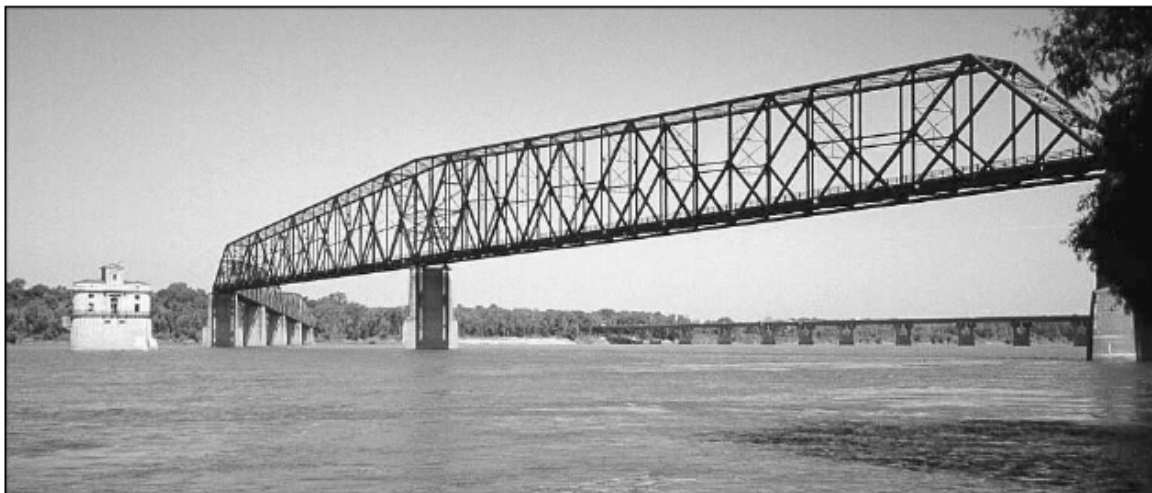
À Kathy – o que posso dizer? Serás sempre a minha parceira afetiva na vida. Nós crescemos no mesmo dia, e nunca ninguém perceberá quem eu sou tão bem como tu. *Eres la mejor hermanita en todo el mundo.*

E ao Tom – tem sido uma viagem do caraças, e em geral tu tens sido um chato. Mas gosto ainda mais de ti agora do que gostava quando começámos este sonho no alpendre das traseiras dos avós há tantos anos. Tom, és o meu herói.

EXTRATEXTO



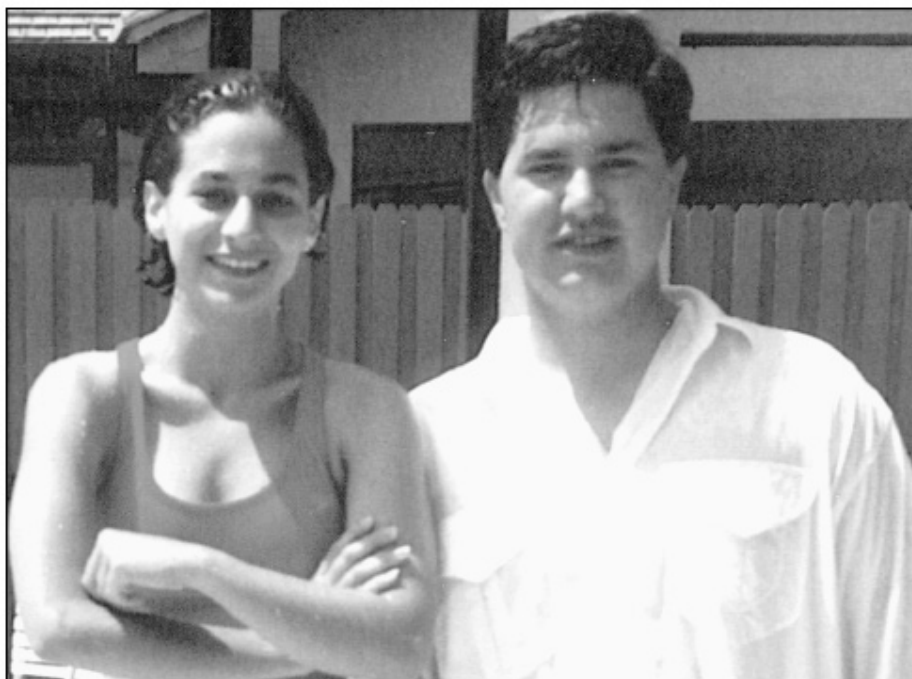
Vista aérea das duas pontes Chain of Rocks sobre o rio Mississípi e da St. Louis Waterworks a sudoeste. (Dados disponíveis no U.S. Geological Survey, EROS Data Center, Sioux Falls, Dakota do Sul)



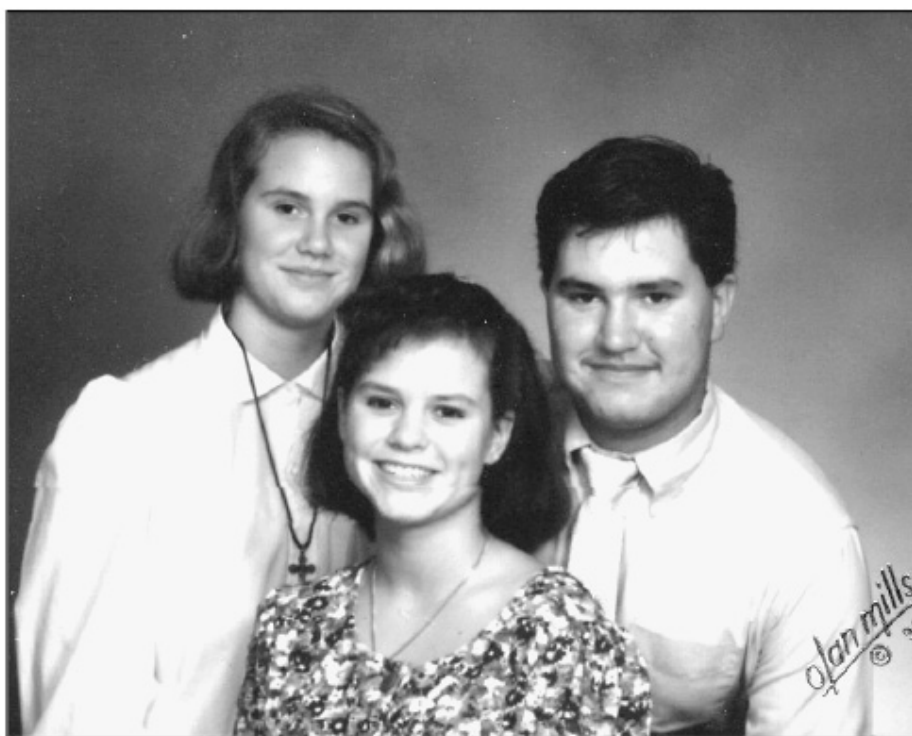
Toda a extensão da velha ponte Chain of Rocks, tirada da margem do Illinois, com vista para ocidente, na direção do Missouri. A nova ponte Chain of Rocks é visível ao fundo. (© 1997, Dr. Frank P. Maloney)



Um dos poços de visita abertos na superfície da velha ponte,
abril de 1991. (*St. Louis Post-Dispatch*)



Julie e Tom em Clearwater, Florida. Verão de 1990.
(Brandon Justice)



Kathy, Tink e Tom Cummins, 1991.
(Olan Mills Portrait Studios)



Os netos Cummins, outono de 1983. Fila de cima, da esquerda para a direita: Kelly Thess, Tom Cummins. Fila do meio, da esquerda para a direita (todos em pé): Danni Thess, Buddy Thess, Kathy Cummins, Robin Kerry, Tink Cummins, Christie Southerland. Terceira fila, da esquerda para a direita (todos sentados): Kathy Kerry, Jacob Southerland, Julie Kerry. Fila da frente, da esquerda para a direita (todos sentados): Carrie Southerland, Daniel Southerland, Jamie Kerry.
(Olan Mills Portrait Studios)



Robin Kerry, 1989. (Prestige)



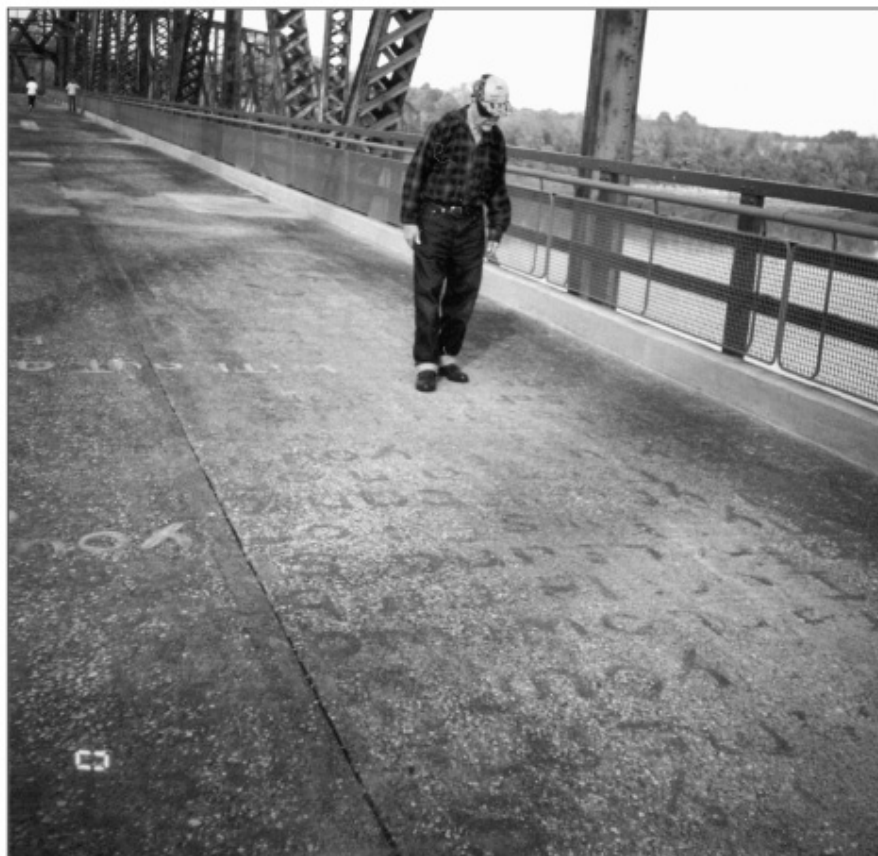
Julie Kerry, 1989. (Prestige)



Robin e Jamie Kerry, 2 de abril de 1991. (Ginna Kerry)



Tink e Tom Cummins. (Kathleen E. Lopez)



O avô Art Matthews a examinar os restos do poema de Julie
na ponte restaurada. (Kay Cummins)



Os quadrados dedicados a Julie e Robin que Kay e Kathy fizeram para uma colcha em homenagem a vítimas de homicídio. (Kay Cummins)